

- encadernação térmica -

Nota: lombada (nome, título, ano)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

**A presença meso-assíria no Médio Eufrates: o contributo
da cerâmica de Tall Qabr Abū al-'Atīq
(Deir ez-Zor, Síria)**

Miguel Filipe Grandão Valério

Julho de 2011

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Francisco Gomes Caramelo e Professor Doutor Juan Luis Montero Fenollós

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de dirigir a minha gratidão ao Professor Doutor Francisco Caramelo e ao Professor Doutor Juan Luis Montero Fenollós pela sua orientação e, acima de tudo, pelo encorajamento e confiança que motivaram esta dissertação.

A todos os membros da equipa do PAMES, nomeadamente aos fotógrafos (Eloy Taboada, Patricia Mora e Victor Rivera), aos topógrafos (Dra. Ana Bermejo San Buenaventura e Dr. Jon Uranga Aizpurua) e às arqueólogas desenhadoras (Dra. Ana García e Dra. Eva Celdrán Beltrán), autores de material gráfico que ilustra este trabalho.

Ao Professor Doutor Robert Whitting, ao Dr. Ignacio Márquez Rowe, ao Dr. Yaarub al-Abdallah, à Dra. Lourdes Andúgar e ao Dr. Carlos Velasco Felipe pelo seu auxílio em diversas questões práticas, sugestões ou referências.

À Dra. Joana Bruno, responsável pelas reconstituições infográficas e leitora de alguns esboços do texto, e ao Dr. Edgar Fernandes, incansável leitor e autor de inúmeras observações e sugestões que ajudaram a moldar esta dissertação.

Finalmente, um agradecimento muito especial à Dra. Eva Celdrán Beltrán, cujo contributo para este trabalho foi muito além da elaboração de elementos gráficos (desenho arqueológico de materiais e planimetrias), alguns dos quais produzidos especificamente para ilustrar o presente texto. É difícil expressar com palavras a nossa gratidão quando dificilmente haverá uma página desta dissertação não influenciada por si.

RESUMO

A presença meso-assíria no Médio Eufrates: o contributo da cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq (Deir ez-Zor, Síria)

Miguel Valério

A presente dissertação materializa o estudo de um conjunto cerâmico proveniente de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, sítio arqueológico localizado na região do Médio Eufrates, na actual província de Deir ez-Zor (Síria). A amostra analisada é o resultado de três campanhas de escavação (2008, 2009 e 2010) ali realizadas, até ao presente, pelo Projecto Arqueológico Médio Eufrates Sírio (PAMES). As escavações na colina principal do *tell* trouxeram à luz os vestígios de um edifício com ocupação meso-assíria, datando do fim da Idade do Bronze Final (finais do século XIII a.C.). Este assentamento assírio estaria situado no limite ocidental do território governado pela Assíria, servindo o rio Eufrates de fronteira.

O espólio cerâmico recuperado na fase meso-assíria de Tall Qabr Abū al-‘Atīq corresponde à denominada cerâmica «administrativa» ou estandardizada meso-assíria (segunda metade do século XIII e século XII a.C.). Trata-se de fabricos tipológica e tecnologicamente homogêneos, por norma associados a arqueossítios meso-assírios com carácter ou componente administrativa – esta comprovada por textos cuneiformes. A missão do PAMES logrou, pela primeira vez, identificar esta cerâmica num sítio do Médio Eufrates. A cerâmica meso-assíria de Tall Qabr Abū al-‘Atīq é, pois, de grande importância para o conhecimento da natureza do edifício ali encontrado, da presença assíria na região e, de modo mais geral, da dinâmica expansionista e administrativa da Assíria no período em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Cerâmica administrativa meso-assíria, Médio Eufrates, Tall Qabr Abū al-‘Atīq, período meso-assírio, Idade do Bronze Final, Assíria, expansão meso-assíria, fronteira

ABSTRACT

The Middle-Assyrian presence in the Middle Euphrates: the contribution of the pottery from Tall Qabr Abū al-‘Atīq (Deir ez-Zor, Syria)

Miguel Valério

This dissertation embraces the study of a pottery assemblage from Tall Qabr Abū al-‘Atīq, an archaeological site located in the Middle Euphrates area, in the modern-day province of Deir ez-Zor, Syria. The analyzed sample is the result of three excavation campaigns (2008, 2009, and 2010) conducted there so far by the "Syrian Middle Euphrates Archaeological Project" (PAMES). The excavations at the main hill of the *tell* have brought to light the remains of a Middle-Assyrian building, dating back to the end of the Late Bronze Age (late 13th century BCE). This settlement was probably located in the western limit of the territory ruled by Assyria, with the Euphrates as its border.

The pottery recovered from the Middle-Assyrian level of Tall Qabr Abū al-‘Atīq corresponds to the so-called Middle Assyrian “administrative” or standardized pottery (second half of the 13th and 12th century BCE). These are highly homogeneous productions, with regard to both typology and technology, and, as a rule, they appear in association with Middle Assyrian administrative sites – as shown by the presence of cuneiform texts. The team of PAMES identified this pottery in a Middle-Euphratean site for the first time. The Middle-Assyrian pottery of Tall Qabr Abū al-‘Atīq is thus of great importance to our knowledge on the nature of the building found there, on the Assyrian presence in the region and, from a more general viewpoint, on the expansionist and administrative dynamics of Assyria in the period in question.

KEYWORDS: Middle-Assyrian pottery, Middle Euphrates, Tall Qabr Abū al-‘Atīq, Middle Assyrian period, Late Bronze Age, Assyria, Middle-Assyrian expansion, border

ÍNDICE

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	1
I. 1. O Projecto Arqueológico Médio Eufrates Sírio: a prospecção em Khānuqāh	1
I. 2. O sítio de Tall Qabr Abū al-‘Atīq	3
<i>I. 2.1. Localização e ambiente natural</i>	3
<i>I. 2.2. Trabalhos prévios</i>	4
<i>I. 2.3. A missão do PAMES</i>	7
CAPÍTULO II: QUADRO HISTÓRICO – A OCUPAÇÃO MESO-ASSÍRIA EM CONTEXTO	8
II. 1. Os antecedentes: a «renovação» assíria do século XIV a.C.	8
II. 2. A presença meso-assíria no vale do Médio Eufrates: o século XIII a.C.	10
CAPÍTULO III: O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	15
III. 1. Metodologia de escavação	15
III. 2. Estratigrafia	16
CAPÍTULO IV: A CERÂMICA ESTANDARDIZADA MESO-ASSÍRIA – O ESTADO DA QUESTÃO E PROBLEMÁTICAS	28
IV. 1. O estado da questão	28
IV. 2. Problemáticas e problemáticas	36
<i>IV. 2.1. Porquê estudar cerâmica?</i>	36
<i>IV. 2.2. A cerâmica meso-assíria de Tall Qabr Abū al-‘Atīq: problemáticas</i>	37
CAPÍTULO V: METODOLOGIA	39
V. 1. Inventariação e descrição da cerâmica	39
V. 2. Selecção da amostra	43

V.3. Parâmetros de análise.....	43
CAPÍTULO VI: <i>CORPUS</i> E TIPOLOGIA FORMAL.....	45
VI.1. Introdução	45
VI.2. Grupos morfológicos.....	47
CAPÍTULO VII: CRONOLOGIA RELATIVA TIPOLÓGICA	75
VII.1. Introdução conceptual e metodológica	75
VII.2. Comparação formal.....	77
VII.3. Resultados.....	83
VII.4. Conclusões	85
CAPÍTULO VIII: FUNCIONALIDADE E USOS DA CERÂMICA.....	87
VIII.1. Introdução.....	87
VIII.2. Aspectos considerados	87
VIII.3. Funcionalidade por forma	89
VIII.4. A funcionalidade da cerâmica nos espaços	98
CAPÍTULO IX: AS MARCAS EM CERÂMICA E A ADMINISTRAÇÃO MESO-ASSÍRIA	99
IX.1. Introdução terminológica.....	99
IX.2. <i>Corpus</i> das marcas e paralelos.....	100
IX.3. Extensão espacial e temporal do fenómeno.....	103
IX.4. Função e significado.....	104
CONCLUSÃO.....	108
1. A presença assíria em Khānuqāh: fundação e função do edifício de Tall Qabr Abū al-‘Atīq.....	108
2. A Assíria em Tall Qabr Abū al-‘Atīq à luz da cerâmica.....	109
3. O fim da ocupação	111
4. Perspectivas futuras de investigação	112

BIBLIOGRAFIA	114
LISTA DE FIGURAS	126
LISTA DE TABELAS	127
APÊNDICES	128
APÊNDICE A: INVENTÁRIO TEXTUAL	129
APÊNDICE B: PARALELOS FORMAIS	164
APÊNDICE C: ILUSTRAÇÃO DE CONTEXTOS	
ARQUEOLÓGICOS	176
APÊNDICE D: MAPAS	184
APÊNDICE E: LISTAS DE REINADOS	191

LISTA DE ABREVIATURAS

CAD = GELB, Ignace J. *et al.*

(1956-2010). *The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago*, vols. A-Z, Chicago: Oriental Institute; Glückstadt: J. J. Augustin Verlagsbuchhandlung.

RIMA 1 = GRAYSON, A. Kirk

1987. *The Royal Inscriptions of the Mesopotamia Assyrian Periods. Vol. I. Assyrian Rulers of the Third and Second Millennia BC (to 1115 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

RIMA 2 = GRAYSON, A. Kirk

1991. *The Royal Inscriptions of the Mesopotamia Assyrian Periods. Vol. 2. Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC (1114-859 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

I.1. Projecto Arqueológico Médio Eufrates Sírio: a prospecção em Khānūqah

A presente dissertação é possível no quadro da nossa participação no Projecto Arqueológico Médio Eufrates Sírio (PAMES), razão pela qual nos cabe principiá-la com um breve relato da história do mesmo e com o respectivo esclarecimento da sua relação directa com o sítio arqueológico e temática que aqui nos ocupa. O PAMES é um projecto de investigação arqueológica coordenado pela Universidade da Corunha e pela Direcção Geral de Antiguidades e Museus (DGAM) da Síria. Tem igualmente colaboração de outras entidades, como o Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) e o Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores (CHAM). Em 2004, as entidades coordenadoras assinaram o acordo que fez nascer o projecto, o qual tinha por objectivo estudar um sector do vale do Médio Eufrates¹, no actual território sírio.

Até à data do nascimento do projecto, este sector do rio fora alvo de várias prospecções arqueológicas, realizadas a partir dos anos de 1970. Dessas, destacam-se quatro, realizadas de forma sistemática por diferentes missões:

- 1976-1977: região entre Deir ez-Zor e Meyadin (vd. J. J. Roodenberg, 1979-1980);
- 1978-1979: região de Terqa/Tall Ashara (vd. K. Simpson, 1984);
- 1982-1985: região entre Deir ez-Zor e Abu Kemal (vd. B. Geyer e J.-Y. Monchambert, 2003);
- 1983-1984: região entre Tabqa (ar-Raqqa) e Halabiyah (vd. K. Kohlmeyer, 1984 e 1986).

¹ Seguimos aqui a proposta de divisão do curso do rio em três segmentos, segundo a geografia política moderna: Alto Eufrates (Turquia), Médio Eufrates (Síria) e Baixo Eufrates (Irake).

Assim, em 2004, permanecia largamente inexplorado o sector entre Halabiyah, à saída de Khānūqah, e a cidade de Deir ez-Zor. O mesmo não tinha ainda sido prospectado, com excepção do estudo arqueo-contextual de Halabiyah-Zanubiyah, realizado por Lauffray (1951: 41-58), e dos trabalhos de prospecção arqueológica, cartografia e detecção remota conduzidos pela missão finlandesa da Universidade de Helsínquia na cadeia montanhosa de Jabal Bišri (Lönnqvist *et al.*, 2007), não muito a sul de Halabiyah. Assinale-se, também, o trabalho dos investigadores Einwig e Oates em conjunto com Kohlmeyer (1995), que referiremos adiante.

Este sector «desconhecido» resulta de grande importância histórico-arqueológica. Navegável ao longo da maior parte do seu curso, a jusante da antiga Karkemiš (actual Jarablus), o Eufrates constituía, na Antiguidade, uma via fluvio-terrestre de importância vital, a qual era todavia mais patente na região média do rio, onde os afluentes Khabur e Balikh ligam o vale sírio do rio à região anatoliana do sopé do Tauro (Sanlaville, 1985: 21-25). Já a passagem basáltica de Khānūqah (em árabe, «Garganta»)² era um ponto estratégico para o controlo da circulação de embarcações. Este acidente geográfico, pode ter operado como fronteira setentrional do antigo reino de Mari (c. 2900-2400/1900-1760 a.C.), segundo a hipótese que o PAMES investiga (Montero Fenollós *et al.*, 2005: 111-112). Estes aspectos conferiam ao Médio Eufrates e concretamente à zona de Khānūqah grande importância geoestratégica e isso reflectiu-se, evidentemente, no povoamento humano da região, não só durante o período pré-clássico, como também na Antiguidade Clássica e Tardia, quando uma via romana atravessava o vale do Médio Eufrates, ligando as cidades de *Kallinikos* (actual ar-Raqqa) e *Doura-Europos* (Montero Fenollós *et al.*, 2006: 110-111).

Tudo isto sugeria a necessidade de novas prospecções arqueológicas e investigação nesta secção do vale e, como vimos, em 2004, firma-se um acordo entre a DGAM de Damasco e a Universidade da Corunha para a criação de uma missão arqueológica siro-espanhola, com a intenção de intervir numa área de cerca de 70 km de extensão, entre a garganta de Khānūqah, a norte, e o sítio de Tall as-Sin, a sul.

Na primeira campanha (2005), a missão operou em dois sectores: na zona sul, realizaram-se trabalhos de prospecção de superfície à entrada e à saída do desfiladeiro

² A primeira menção a este acidente geográfico atesta-se, aparentemente, em inscrições do rei assírio Aššurnasirpal II, que mencionam a passagem do monarca pelo *hinqi ša Puratti*, ou seja, «o estreito/desfiladeiro do Eufrates» (cf. Astour, 2002: 113, n. 357).

de Khānūqah, ao passo que, a norte, efectuaram-se várias sondagens no sítio bizantino de Tall as-Sin. A prospecção em Khānūqah decorreu nos seguintes sítios: na margem direita do Eufrates, Tall Qasbi e Tall at-Tibni; na margem esquerda, Tall Abu Fahd, Zalabiyah, o chamado «canal de Semíramis» (a jusante do sítio anterior), e Tall Qabr Abū al-‘Atīq.

Neste último sítio, durante as campanhas de 2006 e 2007, foram levadas a cabo tarefas de prospecção de superfície, com recolha e desenho de fragmentos cerâmicos, e realizaram-se um plano topográfico e planimetrias dos vestígios arquitectónicos. O material cerâmico permitiria a datação relativa das fases ocupacionais de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, sítio no qual o PAMES decidiu investir, dando início aos trabalhos de escavação em 2008.

1.2. O sítio de Tall Qabr Abū al-‘Atīq

1.2.1. Localização e ambiente natural

Tall Qabr Abū al-‘Atīq (em árabe, «A Colina do Túmulo do Pai Antigo³») situa-se na margem esquerda do Eufrates, à entrada de Khānūqah e a oeste da aldeia de Jazirat aš-Šati – o topónimo refere-se apenas à colina. As coordenadas geodésicas de um ponto central são N 35° 45’ 58’’ – E 39° 46’ 42’’. A altitude é de 238,33 m. O sítio delimita-se, a sudeste, pela aldeia de Abu Shams, a nor-noroeste, pela ferrovia Aleppo-Deir ez-Zor, e, a sul, por um antigo meandro do rio – que recebe, actualmente, o nome de Surat al-Qabr («O Meandro do Túmulo»).

A colina principal do *tell* apresenta uma área relativamente pequena ($\approx 2733,87 \text{ m}^2$) e localiza-se no limite ocidental do sítio, configurando uma espécie de «acrópole» que se impõe sobre uma extensa zona baixa (Apêndice D: Mapas D.2 e D.3). O relevo desta última é bastante irregular, devido à erosão sofrida pelo terraço quaternário sobre o qual assenta. A situação do *tell* confere-lhe um excelente controlo visual sobre o vale que acede ao estreito de Khānūqah. Segundo as hipóteses em investigação, esta terá sido a motivação para que potências políticas da Antiguidade Pré-Clássica, como o antigo reino de Mari e a Assíria, tenham utilizado este ponto como fronteira operacional. Em

³ Abū al-‘Atīq, «Pai Antigo» é uma referência ao nome da tribo beduína que, no século XIX se fixou neste local (vd. Capítulo III).

qualquer dos casos, a importância geoestratégica desta passagem motivou seguramente a ocupação de Tall Qabr Abū al-‘Atīq.

1.2.2. Trabalhos prévios

A primeira referência literária moderna ao local foi, ao que se sabe, a do alemão Eduard Sachau, em finais do século XIX. Na sua obra *Reise in Syrien und Mesopotamien*, publicada em Leipzig, o autor menciona um sítio a que os Beduínos chamavam «Gabr Abū ‘Atič» ou «Gabr El-Abū ‘Atič» (Sachau, 1883: 255-256), descrevendo-o como uma cidade com casas e uma muralha construída de grandes blocos quadrangulares de basalto e gesso, para além de quartzo branco-azulado. Acrescenta ainda que, na muralha, não se descobriram caracteres, iconografia ou qualquer tipo de ornamentação. Eram, segundo ele, ruínas de uma cidade muito antiga.

No início do século passado, a obra *La frontière de l'Euphrate de Pompée à conquête arabe*, de Victor Chapot (1907), menciona brevemente o sítio de «Gabr’el-Abou Atic» (p. 293) e cita Sachau. Pouco depois, os alemães Friedrich Sarre e Ernst Herzfeld elaboram um mapa da zona no qual designam de «Abou al-‘Atīq» um local situado no interior do desfiladeiro de Khānūqah. Os dois autores alemães referem ainda, nesse mesmo mapa e no texto da sua obra, uma colina contendo ruínas com o mesmo nome que a garganta, ou seja, Khānūqah, mencionada por geógrafos árabes. Sarre e Herzfeld identificam este sítio com a fortaleza bizantina de *Annoukas*, mencionada por Procópio (*De Aedif.* II, 68) (Sarre e Herzfeld, 1911: 165).

Posteriormente, Gertrude Bell (1911: 66-68) descreve as ruínas de «Abu Atīk» como vestígios de uma importante cidade situada sobre um terraço próximo de um antigo meandro do rio Eufrates. A autora (Bell, 1911: 66) relata o seguinte:

«They lie upon high rocky ground that drops steeply into an old bed of the Euphrates, from which the river has retreated into a new bed a few hundred yards away. The whole area is covered with stone and brick foundations, some of them built of great blocks of hewn basalt, and the site must represent a city of no small importance. Below it the river is forced into a narrow defile where it flows between steep hills.»

A esta descrição, Bell acrescenta a tese de que a antiga *Annoukas* bizantina não estaria situada em Zalabiyah (outro local em Khānūqah), mas sim em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, onde, sempre segundo ela, as ruínas são mais imponentes e estão em harmonia com a descrição de Procópio, autor do século VI d.C.. Finalmente, Bell menciona a existência de duas fases ocupacionais: uma correspondente à cidade bizantina de *Annoukas* e, sob esta, outra mais antiga.

Em 1917, a Divisão de Informação do Gabinete de Guerra do Reino Unido publica a obra *A Handbook of Mesopotamia: Prepared on Behalf of the Admiralty and the War Office*, em cujo terceiro volume se lista «Qabr el-Abu Atīq, ruínas de uma vila num alto, com vestígios de um dique ao longo do rio, no vale, em baixo» (a tradução é nossa). Note-se que, seguidamente, temos uma entrada distinta para a «aldeia de Khānūqah».

Mais próximo da actualidade, o arquitecto francês Jean Lauffray (1983: 72-73, 81) contribui para a questão da identidade arqueológica do nosso sítio. Na sua opinião, é possível que Sarre e Herzfeld tenham transplantado o nome do desfiladeiro para as ruínas de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, situado à entrada daquele – embora, de facto, os alemães assinalem dois pontos distintos no mapa. Lauffray refere que os nómadas da região chamam ao nosso lugar «Abou al-‘Atīq» e questiona também a identificação do mesmo com a bizantina *Annoukas*, do século VI d.C. Este autor baseia as suas dúvidas no contraste entre o imponente recinto amuralhado da vizinha Halabiyah/Zanubiyah, fortaleza bizantina do mesmo período, com os vestígios arquitectónicos encontrados na superfície de Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Estes materializavam-se em fundações de muros de basalto, gesso e adobe e não correspondiam à técnica construtiva bizantina na região. A proposta final de Lauffray é identificar *Annoukas* com a fortaleza bizantina de Zalabiyah, situada em frente a Halabiyah. Podemos depreender que *Annoukas*/Zalabiyah corresponderia, então, à Khānūqah documentada pela geografia árabe posterior⁴.

⁴ Os dados sobre a Khānūqah árabe medieval estão coligidos na obra *The Middle Euphrates, a topographical itinerary* (1927), de Alois Musil. Segundo Procópio (*De aedif.* II.6.12), *Annoukas* foi o produto da restauração de ruínas de uma fortaleza anterior por ordem do imperador bizantino Justiniano I. Este topónimo, que contém etimologicamente o fonema /x/ (transcrito *h*, *h* ou *kh* nas grafias latinizantes) ocorre em grego, de forma algo inesperada, sem a letra *χ* (correspondendo precisamente à fricativa /x/, em período bizantino). Astour (2002: 113, n. 357) explica, de forma satisfatória, que *Annoukas* segue a pronúncia do dialecto ocidental da língua síriaca (amplamente falada na região durante Antiguidade Tardia), que fundiu os fonemas /x/ e /h/ num único, /h/, o qual não tinha representação nas transcrições gregas (veja-se *Aborras*, a forma bizantina do hidrónimo Khabur).

Em 1983 e 1984, o arqueólogo alemão Kay Kohlmeyer conduz trabalhos de prospecção entre Tabqa e Halabiyah. O seu relatório fala de uma ocupação da Idade do Bronze Antigo em «Tall Gabr Abu ‘Atiq», para além de referir que uma abertura, escavada por saqueadores na encosta ocidental do *tell*, revelou cerâmica do período Uruk Tardio (Kohlmeyer, 1986: 54). Posteriormente, Kohlmeyer e outros dois investigadores, membros da equipa responsável pelos trabalhos arqueológicos em Tall Bazi, publicam resultados de prospecções efectuadas a jusante de Tell Meskene/*Emar* (Einwag *et al.*, 1995: 102). Nesse trabalho, documenta-se a presença de cerâmica meso-assíria na colina principal do *tell* e na «cidade baixa» de Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Estes três investigadores, referindo que a cerâmica do Bronze Antigo se encontrava imediatamente abaixo dos níveis meso-assírios do *tell*, sugeriram relacionar esta última ocupação com a consolidação do sistema provincial assírio sob a égide de Šalmanašar I. Assim, Tall Qabr Abū al-‘Atīq combinaria funções de guarnição militar, entreposto comercial e «área de serviços» (Einwag *et al.*, 1995: 102, *apud* Tenu, 2009: 210). Sublinhe-se, contudo, o carácter de hipótese de trabalho que reveste esta proposta, bem como o facto de que o material cerâmico resultante desta prospecção não foi publicado.

Recentemente, numa secção publicada no quarto volume da série *Eblaítica: Essays on the Ebla Archives and Eblaite Language* (2002), Michael C. Astour escreveu também sobre Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Na tentativa de localizar *Mane*, antiga cidade do reino de Ebla, Astour apresenta o nosso sítio como forte candidato (pp. 111-115). Apesar de fazer corresponder o sítio e o topónimo no mapa que apresenta (p. 97), o autor conclui que «não há segurança, apesar da falta de melhor candidato, em que Qabr Abū ‘Atīq corresponda efectivamente a Mane» (p. 113). Com efeito, Astour aponta que Kohlmeyer não substantia a sua asserção de que o local teve uma ocupação do Bronze Inicial e minimiza a identificação de cerâmica aí encontrada como meso-assíria, em virtude de desconhecer os critérios utilizados pelo arqueólogo alemão. Em contraste, o mesmo investigador releva a atribuição bizantina de Gertrude Bell e a incapacidade dos Assírios (segundo a sua interpretação dos textos cuneiformes) de ocupar efectivamente este território, face à ameaça dos nómadas Arameus. A sua análise encerra com a seguinte afirmação (Astour, 2002: 115):

«The site of Qabr Abū ‘Atīq merits being briefly explored by a team that includes a specialist in Byzantine and Islamic architecture and an archaeologist familiar with preclassical

periods, which should draw a plan of the site, check the bricks for possible stamps, and make a deep sounding or two to ascertain its stratigraphy.»

Na sua tese doutoral, defendida em 2003 na Universidade de Paris I e publicada em 2009 (pp. 210, 213, 267), a investigadora francesa Aline Tenu refere o trabalho anterior dos investigadores alemães e coloca «Qabar Abu al ‘Atīq» ao lado de Tall Šiyūḥ Fawqānī e Tall Ahmar para demonstrar a presença meso-assíria – confirmada, mas de natureza ainda obscura – no vale do Eufrates.

II.2.3. A missão do PAMES

Finalmente, os trabalhos de prospecção efectuados pela missão siro-espanhola na região de Deir ez-Zor, entre 2005 e 2007, determinaram a ausência de cultura material bizantina ou islâmica na superfície do *tell*, ao contrário do referido por Lauffray (1951: 50) e outros autores. Por outro lado, confirmou-se a identificação de duas fases ocupacionais distintas, datáveis do Bronze Antigo e do Bronze Final, respectivamente. A existência de uma fase correspondente ao período Uruk IV ou Tardio, sugerida pela referência de Kohlmeyer e pelo achado de um fragmento cerâmico da dita cronologia em local próximo da ferrovia (a norte do *tell*), durante os trabalhos de prospecção do PAMES, está ainda por confirmar. A cerâmica datável do Bronze Antigo tem como paralelos os materiais encontrados nos primeiros níveis da cidade de Mari (c. 2900-2550 a.C.), designadamente no *chantier* B e entre o espólio funerário do túmulo nº 300. Também a presença de fragmentos de cerâmica dita «metálica» (*Metallic Ware*) e «de Nínive V» (*Niniveh V*) sugere uma datação no segundo quartel do III milénio a.C. Finalmente, a cerâmica identificada como meso-assíria, que constitui o foco do presente trabalho, tinha como paralelos destacáveis os exemplares da fase MA I do sítio de Tell Šēḥ Ḥamad, correspondente aos reinados de Šalmānašar I (c. 1273-1244/1263-1234 a.C.) e Tukultī-Ninurta I (c. 1243-1207/1233-1197 a.C.). Os resultados dos trabalhos arqueológicos conduzidos pelo PAMES serão detalhados no Capítulo III.

CAPÍTULO II: QUADRO HISTÓRICO – A OCUPAÇÃO MESO-ASSÍRIA EM CONTEXTO

II.1. Os antecedentes: a «renovação» assíria do século XIV a.C.

A datação relativa (vd. Capítulo VII) do edificado na colina principal Tall Qabr Abū al-‘Atīq nos finais do século XIII e inícios do século XII a.C. reporta aquele ao chamado período meso-assírio. Como tal, compreender o sítio significa enquadrá-lo no contexto histórico mais alargado da região siro-mesopotâmica na Idade do Bronze Final.

O período meso-assírio pode ser definido, segundo a proposta de Tenu (2009: 18-19), como o intervalo cronológico entre os reinados de Puzur-Aššur III (c. 1521-1498 a.C.) e Aššur-rābi II (c. 1013-973 a.C.), ou seja, sensivelmente a segunda metade do II milénio a.C. Trata-se de um longo período ainda mal conhecido – devido à escassez, na própria região, de fontes escritas e à ainda insuficiente investigação arqueológica – que, até décadas recentes, recebeu atenção menor por parte dos assiriólogos. Como tal, apresenta grande potencial investigatório.

O reino hurrita do Mitanni, cuja ascensão pode remontar aos meados do século XVI a.C. (Kühne, 1999: 210) ou mesmo ao final do período paleo-babilónico, isto é, aos meados do século XVII a.C. (Novák, 2007: 389), domina a região siro-mesopotâmica nos séculos XV e XIV a.C.⁵. Este reino, cuja estrutura política é mal conhecida, estendia-se sensivelmente do rio Tigre à região de Aleppo. Os seus dois centros de governo conhecidos pelas fontes escritas, Tai’du e Waššukanni, carecem de identificação arqueológica segura⁶. Não dispomos, até ao momento, de qualquer documentação cuneiforme mitaniana e é esta, precisamente, a causa do nosso profundo desconhecimento dos eventos históricos no norte da Mesopotâmia até ao século XIV

⁵ Entre o século XVIII a.C. e o início do período meso-assírio, o pouco que sabemos da história política da região resume-se a fragmentos de listas reais e breves alusões em fontes textuais de outros países (Tenu, 2009: 16).

⁶ Vários autores (Eichler *et al.*, 1985: 53-70; Wäfler, 1995; e Oates *et al.*, 1997: 152) sugeriram situar esta cidade no sítio de Tall Hamidiyah, mas tal identificação carece ainda de provas. Röllig (1997: 282) observa simplesmente a grande probabilidade de Tai’du estar localizada na zona nordeste do triângulo de Khabur. Szchuman (2007: 49-50) considera a possibilidade de haver duas cidades homónimas, uma a identificar-se com Üçtepe (no sudeste da actual Turquia) e, outra, situada no Alto Khabur, junto ao rio Jağjağ. Quanto a Waššukanni, poderia corresponder, segundo a proposta de Průš e Bagdo (2002: 313), a Tall Fakhariyah.

a.C. Até este momento, a cidade de Aššur era, segundo as fontes, «vassala» do reino de Hanigalbat (nome assírio do Mitanni), ao qual devia tributo.

A reviravolta política inicia-se com a ascensão de Aššur-uballiṭ (c. 1363-1328/1353-1318 a.C.) ao trono assírio. Este monarca pôde aproveitar-se de divisões do seio do reino do Mitanni para livrar a Assíria do jugo hurrita. Para este período, dispomos de textos cuneiformes assírios, complementados por fontes hititas, siro-palestinas e egípcias. O declínio mitaniano inicia-se com o conflito entre o seu rei, Tušratta, e o soberano hitita Suppiluliuma I (c. 1370-1330/1344-1322 a.C.), que teve o Alto Eufrates e a zona superior do Médio Eufrates como principal cenário. O enfraquecimento do Mitanni após derrota frente às forças do Hatti permite maior autonomia à Assíria e Aššur-uballiṭ procura igualar-se em estatuto aos monarcas das grandes potências próximo-orientais de então. As cartas de Tell el-Amarna, no Egito, dão-nos conta disso. Num primeiro momento (carta EA 15), Aššur-uballiṭ, «rei Aššur» inicia correspondência com o faraó (não nomeado) do Egito, algo que os seus antecessores não haviam logrado fazer, e envia-lhe presentes diplomáticos; numa outra carta (EA 16), o soberano declara-se já «Grande Rei» e solicita ao faraó Naphururiya (ou seja, Neferkheperura Akhenaton, c. 1350-1334 a.C.) o envio de ouro para a decoração do seu novo palácio⁷, a troco de tudo o que o seu homólogo necessitar (textos em Knudtzon, 1915; vd. também Artzi, 1978).

Como consequência destes eventos, o reino de Mitanni/Hanigalbat viu-se fragilizado. Bryce (2005: 184) refere que a parte norte do seu território lhe foi subtraída e dividida entre Assíria e o país de Alše (ou Alzi). Entretanto, Šattiwaza sucede a seu pai, Tušratta, no trono deste reino dilapidado que, por outro lado, experimentava um conflito endêmico. Até aqui, Suppiluliuma apoiara Artatama, um pretendente ao trono mitaniano e opositor de Tušratta. Porém, o filho de Artatama, Šuttarna, usurpa o trono e não só entrega riquezas a Alše como devolve à Assíria uma porta de ouro e prata espoliada por um monarca mitaniano anterior. Isto permite pensar que a facção de Artatama e Šuttarna teria alcançado o poder com o apoio assírio, mais proveitoso, então, que o amparo hitita. Muito provavelmente devido à ingerência da Assíria, o monarca hitita passa a apoiar o filho do seu falecido inimigo, acolhendo-o no Hatti quando este se vê destronado e obrigado a abandonar o Mitanni. Segue-se uma intervenção militar

⁷ Este novo palácio, construído na capital, Aššur, é igualmente mencionado nas fontes assírias, nomeadamente no texto *RIMA* 1, A.0.73.1-2, pp. 109-111).

hitita, comandada por Piyassili, filho de Suppiluliuma, e destinada a reconduzir Šattiwaza no trono do Mitanni. O rei assírio (à época, Aššur-uballiṭ) envia um número, aparentemente reduzido, de tropas assírias que tentam intervir e tomar a capital mitaniana, mas acabam por retirar. Šattiwaza é reposto com sucesso. No processo, as tropas hititas conquistam territórios (quicá leais ao Mitanni de Šuttarna) do chamado país de Aštata, na margem ocidental do Eufrates. Estes, aparentemente, incluem Terqa, cidade localizada poucos quilómetros a sul da confluência entre o Khabur e o Eufrates (vd. discussão à frente). Segue-se um tratado de aliança entre Suppiluliuma e Šattiwaza, traduzido por Beckman (1996: 37-50), que constitui a principal fonte histórica sobre estes eventos. Eles são confirmados por outro texto histórico hitita, *Os Actos de Suppiluliuma*, que menciona adicionalmente que, no mesmo momento, Aššur-uballiṭ marcha sobre Ta'idu (Tenu, 2009: 195, citando Harraḳ, 1998: 240). Entretanto, o monarca assírio passa a interferir na guerra civil que despoletara em Babilónia e a sua atenção é afastada do Mitanni.

II.2. A presença meso-assíria no vale do Médio Eufrates: o século XIII a.C.

É apenas no reinado de Adad-nērārī I (c. 1305-1274/1295-1264 a.C.), bisneto de Aššur-uballiṭ, que a Assíria começa a ocupar de forma efectiva território mitaniano. Segundo os textos (vd. *RIMA* 1: A.0.76.3: 4-14), a investida assíria foi despoletada por um ataque de Šattuara I, filho e sucessor de Šattiwaza (desconhecemos se este último foi provocado pelos Assírios ou não). Šattuara saiu derrotado e foi conduzido para a capital assíria, Aššur, apenas para ser reconduzido no trono do Hanigalbat, agora como vassalo. Uma segunda revolta, desta vez encabeçada por Wasašatta, filho de Šattuara, levou Adad-nērārī I a efectuar uma campanha incisiva sobre o Mitanni, em consequência da qual ocupou oito cidades mitanianas, incluindo Ta'idu e Waššukanni.

Tomemos como ponto de partida a afirmação de Tenu (2009: 190) de que, até meados do século XIV a.C., a Babilónia cassita dominava a região do Médio Eufrates até ao Jabal Bišrī, mas que, nos inícios do século seguinte, Adad-nērārī I declarava, após a vitória sobre o Mitanni, governar sobre território que se chegava ao Eufrates, desde Karkemiš até ao país de Rapiqu (*RIMA* 1: A.0.76.1: 1-17). Precisamente em torno dos meados do século XIV a.C., o *Tratado entre Suppiluliuma e Šattiwaza* menciona a conquista hitita de *Tirga* do país de Aštata (ou seja, Terqa; vd. adiante), quando aquele rei hitita estava em conflito com o Mitanni de Tušratta. A ser factual, isto sugere que, no

momento da incursão de Suppiluliuma, a fronteira cassita havia já recuado e as áreas mais setentrionais do vale médio do Eufrates estariam sob domínio mitaniano. Após a vitória hitita, aquele soberano anatóliano entrega o controlo do país de Aštata a seu filho, Piyassili, e instala Šattiwaza no trono do Mitanni, marcando o rio Eufrates a fronteira entre esses dois territórios.

Quanto às conquistas de Adad-nērārī I, as suas inscrições fornecem-nos informação crucial quanto à extensão do território controlado pela Assíria no reinado deste monarca: por um lado, ele incluía o país de Rapiqu; por outro lado, estendia-se *a-di URU kar-ga-mis šá a-ah ÍD pu-ra-ti*, ou seja, «até à cidade de Karkemiš, que está na margem do Eufrates». O país de Rapiqu, sempre segundo os dados epigráficos, parece ter-se situado no segmento mais a sul do Médio Eufrates, uma zona de disputas de fronteira com os Cassitas – segundo a hipótese apresentada por Tenu (2009: 347, mapa 1), próximo da actual cidade iraquiana de ar-Rahmadi. A menção, em inscrições reais, de uma campanha militar vitoriosa de Adad-nērārī I contra o rei cassita de Babilónia, Nazi-Maruttaš (1307-1282 a.C.), pode confirmar a localização relativa de Rapiqu (*RIMA* 1: A.0.76.21). Quanto à passagem supracitada, ela indica claramente a ocupação efectiva assíria do espaço até ao curso superior do Eufrates, à altura de Karkemiš, mas não é, por si, informativa quanto a eventual ocupação do vale médio daquele rio. Ainda assim, a referência ao Rapiqu sugere que o Médio Eufrates teria passado, pelo menos, a área de influência assíria durante o reinado de Adad-nērārī I.

No início do governo de Šalmānašar I (c. 1273-1244/1263-1234 a.C.), filho de Adad-nērārī, o rei do Mitanni, Šattuara II, tenta retomar o controlo dos territórios ocupados pelo defunto monarca assírio, assistido pelos Hititas e pelos nómadas *Ahlamu* (Arameus). Šalmanašar I reage e derrota a coligação hitito-mitaniana. As suas inscrições reais referem que conduz os seus exércitos até à margem do Eufrates em Karkemiš, ao avançar sobre o Mitanni. Por outro lado, é sugerido pela documentação que o vale do Khabur, com *Ṭābētu e Dūr-Katlimmu*, estava sob influência assíria já no seu tempo (cf. Shibata, 2007: 65). Contudo, nada evidencia de forma clara que Šalmānašar I exercia controlo do território até à margem esquerda do Médio Eufrates. Segundo Harrak (1987, citado por Duistermaat, 2008: 24), Šalmānašar I foi provavelmente o primeiro rei meso-assírio a estabelecer controlo administrativo sobre o território do Mitanni/Hanigalbat. Contrariamente, Heinhold-Krahmer (1988, citado por Duistermaat, 2008: 24) discute a

perenidade desta vitória e sugere que, durante o reinado daquele monarca assírio, o controlo da área a ocidente do Khabur não era estável.

Tukultī-Ninurta I (c. 1243-1207/1233-1197 a.C.), sucessor de Šalmānašar I, proclama nas suas inscrições ter unido sob «um único comando os países de Māri, Hana e Rapiqu; e as montanhas dos *Ahlamu*», entre outros territórios siro-mesopotâmicos (*RIMA* 1, A.0.78.23, 69-84). Vimos já a provável localização de Rapiqu, no actual território iraquiano. As «montanhas dos *Ahlamu*» correspondem provavelmente ao Jabal Bišrī (vd. Tenu, 2009: 154, n. 2086⁸), na margem direita do Médio Eufrates. O «país de Māri» (KUR *Māri*) aqui referido corresponde não à antiga Mari, mas seguramente ao «país de Māri» (*māt Māri*) com capital em Tall Taʿbān/*Tābētu*, no Alto Khabur. Sabemos, pelos textos cuneiformes aí encontrados, que foi uma espécie de reino vassalo da Assíria pelo menos entre os reinados de Šalmānašar I e Ninurta-apli-Ekur (c. 1191-1179 / 1181-1169 a.C.) (Shibata, 2007: 63, 66). Finalmente, o país de Hana corresponde a um território conhecido textualmente desde o período paleo-babilónico e localizável no Médio Eufrates⁹, a sul ou sudoeste do país de Māri e a norte do país de Rapiqu. Por outro lado, vimos que a mesma Terqa aparece referida no *Tratado entre Suppiluliuma e Šattiwaza* como *Tirga* do «país de Aštata»¹⁰. As fontes hititas e acádias parecem, combinadas, sugerir que Aštata é o nome dado pelos Hititas ao Hana e que este corresponderia sensivelmente ao território da margem ocidental do Eufrates compreendido entre Karkemiš/Emar, a norte, e Terqa, a sul¹¹.

Como vimos, o avanço assírio até à margem esquerda do Eufrates, no curso médio do rio, teve seguramente lugar entre os reinados de Adad-nērārī I e Tukultī-

⁸ Esta equação assenta, fundamentalmente, num texto real assírio (*RIMA* 2:A.0.87.1: 44–63) que menciona a conquista de seis cidades dos *Ahlamu*, situadas no «Monte Bešri», no decurso do quarto ano do reinado de Tiglat-Pilešar I (c. 1111 a.C.).

⁹ Uma inscrição proveniente do templo de Šamaš, em Sippar, e datável do século XI a.C. documenta um rei de Hana, Tukultī-Mēr, que parece haver reinado próximo de Terqa ou na cidade propriamente dita (vd. Tenu, 2009: 193).

¹⁰ Esta equação parece segura, inclusivamente, à luz dos dados linguísticos. *Tirga* e *Terqa* contrastam apenas pelas oposições gráficas de <i> hitita vs <e> acádio e <g> hitita vs. <q> acádio. Quanto à primeira, note-se que o nome assírio posterior de Terqa é *Sirqu*, mostrando a consistência da vogal /i/ da forma hitita. Adicionalmente, o <q> acádio corresponde à consoante semítica enfática /k/ a qual em língua hitita é neutralizada, primeiro, para /k/ e, depois, vozeada para /g/ na vizinhança da soante /r/ (vd. Valério, no prelo).

¹¹ O Hana listado por Tukultī-Ninurta I deverá, tal como sugerem as cartas de Tell Šēḫ Ḥamad, distinguir-se de KUR *Hanu* AN.TA ou «país de Hanu Superior» (Röllig, 1997: 290-291). É possível que este último território possa ser identificado com o Hanigalbat, ou Mitanni assírio, dado que *Hani-Rabbat* («Grande Hana», em acádio) é a leitura fonética possível da ortografia *Ha-ni-GAL-bat* (onde GAL é um sumerograma equivalente ao termo acádio *rabûm*, «grande»). Estes dados sugerem uma conceptualização geográfica marcada pela oposição entre Hana/Aštata e Grande Hana/Mitanni, com o Eufrates como eixo divisor (vd. Valério, no prelo).

Ninurta I. Embora seja difícil, perante os actuais dados, datar esse avanço com mais exactidão, é possível, como aponta já Tenu (2009: 194), que tenha sido Tukultī-Ninurta I o primeiro a ocupar efectivamente este território, feito que se poderia relacionar com a sua investida sobre a Babilónia cassita. Seja como for, ao proclamar-se rei sobre os países de Māri, Hana e Rapiqu e sobre as «Montanhas dos *Ahlamu*», este monarca afirma o domínio de um conjunto de territórios localizados nas duas margens do Médio Eufrates. Por tudo isto, há que ponderar a construção das instalações meso-assírias em Tall Qabr Abū al-‘Atīq durante o longo reinado de Tukultī-Ninurta I.

Por outro lado, segundo nos informa o epigrafista da missão, Ignacio Márquez Rowe, uma das duas tabuinhas cuneiformes recuperadas nas escavações do nosso arqueossítio, e ainda, sublinhe-se, em processo de estudo, poderá conter menção a um epónimo¹² que a dataria do reinado de Tukultī-Ninurta I – pese, no entanto, a carência de confirmação deste dado, que terá necessariamente de aguardar a publicação dos documentos. Posto que as tabuinhas foram não foram deliberadamente cozidas mas conservadas acidentalmente pelo incêndio que destruiu o edifício, a sua data corresponderá, pelo menos aproximadamente, à desse evento. Neste ponto, o contributo a dar pela cerâmica ali recuperada em matéria cronológica é de grande importância (vd. Capítulos VII e X). Dado o progressivo enfraquecimento do Hatti, consumado, inclusivamente, pela derrota de Tuthaliya IV às mãos do mesmo Tukultī-Ninurta I (vd. Bryce, 1998: 316-319)¹³, afigura-se mais verosímil atribuir a responsabilidade da destruição de Tall Qabr Abū al-‘Atīq aos nómadas da região, fossem eles os *Ahlamu*/Arameus ou outro grupo étnico. Mas saliente-se que o território montanhoso de Jabal Bišri, ou seja, as prováveis «Montanhas dos *Ahlamu*» (vd. nota 3), dista uns escassos 30 km de Khānūqah. Podemos, inclusive, à guisa de hipótese de trabalho, relacionar a destruição do edifício de Tall Qabr Abū al-‘Atīq com a ascensão dos Arameus e os eventos que levaram à destruição de Emar pelo fogo no segundo ano de Melik-šipak, rei da Babilónia – isto é, por volta de 1184 a.C., se situarmos, com os investigadores, o reinado deste monarca em c. 1186-1172 a.C. (vd. Drews, 1993: 15; Lipiński, 2000: 44). Este episódio é, por sua vez, habitualmente relacionado pelos especialistas com a profunda crise que afecta todo o Mediterrâneo Oriental em finais do

¹² Epónimo ou *īmū* é um elemento datante que corresponde ao uso do nome pessoal de um alto-funcionário ou monarca, na prática mesopotâmica antiga, para designar cada ano.

¹³ As tropas hititas e assírias, sob comando destes reis, enfrentaram-se algures nas proximidades do território de Nihriya, no sudeste da Anatólia. Se Tukultī-Ninurta saiu vencedor e efectivou a conquista do país hurrita de Nairi (= Nihriya?), a situação de Tuthaliya IV e do Hatti fragilizou-se bastante.

século XIII e inícios do século XII a.C. (em ligação, pelo menos parcial, com o fenómeno das invasões dos «Povos do Mar»), caracterizada por graves conflitos bélicos, movimentos démicos e fome. É neste contexto, aliás, que os nómadas Arameus surgem pela primeira vez como potência capaz de ameaçar os poderes mesopotâmicos vigentes até então (Lipiński, 2000: 50). Tanto Drews (1993: 221) como Lipiński (*loc. cit.*) concordam que os Arameus são os melhores candidatos a flageladores de Emar. No final da presente dissertação, revisitaremos esta questão.

CAPÍTULO III: O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

III.1. Metodologia de escavação

Após os trabalhos de prospecção referidos no Capítulo I, o PAMES decidiu centrar os seus esforços na escavação de um sítio em concreto, Tall Qabr Abū al-‘Atīq. A primeira intervenção consistiu na realização de dois planos topográficos do sítio, um bidimensional à escala 1:3500 (vd. Apêndice D: Mapa D.1) e outro em três dimensões (3D) para reconhecimento da natureza da orografia sobre a qual assentaram as populações passadas e a sua relação com o paleo-meandro do Eufrates. De modo a proceder a uma escavação sistemática do sítio, foi traçada, através de estação total (com coordenadas UTM), uma malha formada por quadrículas de 10 x 10 m que cobriu a totalidade do sítio. Cada quadrado foi designado em função de dois eixos de coordenadas: o eixo Oeste-Este ou seja, o das abcissas (ou x), seguiu uma sequência alfabética, ao passo que o eixo Norte-Sul, ou seja, o das ordenadas (ou y), se regia por uma numérica. Como tal, as quadrículas receberam uma denominação alfanumérica resultante do encontro entre estes dois eixos (por exemplo: A18).

O método de escavação utilizado foi, sucintamente, o de Barker-Harris, adaptado à realidade do sítio, procedendo-se à desmontagem sequencial de estratos arqueológicos e ao registo, em matriz, de unidades estratigráficas (UE) e construtivas (UC). Cabe-nos aqui definir estes dois conceitos. Entendeu-se como «unidade estratigráfica» (termo decalcado do inglês *unit of stratification*) todo e qualquer estrato não estrutural, de formação natural ou antrópica, por oposição a «unidade construtiva», referente a estruturas de criação humana. Contudo, a todas as sepulturas foram atribuídas UE's, independentemente do seu tipo construtivo.

A primeira campanha do PAMES em Tall Qabr Abū al-‘Atīq (2008), a quarta do projecto, consistiu na realização de três sondagens. A primeira implantou-se na colina principal do *tell* (sondagem A) e as duas restantes na zona baixa (sondagens B e C). Esta divisão bipartida derivou de um duplo objectivo: por um lado, pretendia-se confirmar a existência de uma ocupação meso-assíria na colina principal; por outro lado, procurava-se averiguar a existência de um assentamento do Bronze Inicial na chamada «cidade baixa».

A temática da nossa dissertação leva-nos, naturalmente, a centrar-nos sobre os trabalhos na sondagem A e subseqüentes intervenções na colina principal do *tell*, que correspondem a uma área escavada total de $\approx 153,67 \text{ m}^2$ (Apêndice C: fig. C.3). A sondagem A (7 x 3 m) implantou-se no limite ocidental do topo da colina, coincidindo fundamentalmente com a área configurada pela quadrícula X23. Como veremos adiante, esta intervenção determinou a existência de duas fases de ocupação: um cemitério islâmico de cronologia imprecisa estabelecido sobre e rompendo parcialmente os níveis de um assentamento de época meso-assíria.

A metodologia de escavação é também produto da realidade arqueológica que se foi desvelando, dado que teve de adaptar-se a esta. Ao atingir-se os níveis de uso do edifício meso-assírio, o objectivo passou a ser o de escavar esse complexo em extensão, projecto que se levou a cabo nas três campanhas efectuadas até ao presente.

Efectuou-se registo gráfico planimétrico, altimétrico e de perfis estratigráficos, referenciado topograficamente, à escala 1:20. Desenharam-se, primeiro, em campo, as estruturas verticais em separado e, posteriormente, com o auxílio da estação total, tomaram-se duas coordenadas de cada um desses desenhos individuais para proceder à montagem geral da planta. Este método garante maior precisão da localização espacial do desenho. Consequentemente, em laboratório, procedeu-se à digitalização dos desenhos de campo com o *software* informático AutoCAD. O uso desta ferramenta permite o registo por níveis estratigráficos e, portanto, uma melhor percepção da sequência estratigráfica do sítio. O registo gráfico complementa-se ainda com fotografia (zenital e frontal), a qual recolhe não apenas os elementos arqueológicos, senão também todo o processo de trabalho. Refira-se, ainda, que todos os estratos arqueológicos são devidamente documentados.

III.2. Estratigrafia

Fase 2 – Bronze Final IIB

As três campanhas até agora efectuadas trouxeram à luz seis salas e um sétimo espaço, possivelmente aberto. Dessas seis salas, uma foi escavada na totalidade (Sala 1) e outra praticamente por completo (Sala 3). Os restantes espaços foram expostos apenas parcialmente (Salas 2, 4, 5 e 6 e Espaço 7). Trata-se de divisões de um edifício que pôde

ser datado, com segurança, da Idade do Bronze Final e, através da cultura material, associado a uma ocupação do meso-assíria.

Sala 1

Este espaço fechado é delimitado por quatro muros de adobe (UC 102, 104, 110 e 111) que definem uma área rectangular de $\approx 18,13 \text{ m}^2$. A sala foi detectada aquando da primeira sondagem (A) de 2008 e a sua escavação foi concluída na campanha de 2010. Segue-se uma descrição pormenorizada dos quatro muros que configuram este espaço:

UC 102 – Orientação NO-SE. Comprimento máximo exposto: $\approx 8,11 \text{ m}$; largura máxima: $\approx 1,56 \text{ m}$, mínima: $\approx 0,63 \text{ m}$; altura máxima preservada: $0,66 \text{ m}$; formatos de adobe mais comuns: $\approx 40 \times 40 \text{ cm}$ e $\approx 20 \times 40 \text{ cm}$ ¹⁴. Técnica construtiva: construído com uma fundação de pedra e aparelho com alternância de adobes e «semi-adobes» (isto é, adobes correspondendo à metade dos primeiros). Apresenta uma pilastra ($0,83 \text{ m}$ de comprimento, $0,17 \text{ m}$ de largura e $0,60 \text{ m}$ de altura). A face interior do muro preserva, ainda, vestígios de estuque e sinais evidentes do fogo que destruiu a sala. Foi afectado, *a posteriori*, pela fossa de uma sepultura islâmica, a qual provocou um pequeno nicho de 30 cm de profundidade.

UC 104 – Orientação SO-NE. Comprimento máximo preservado: $\approx 1,85 \text{ m}$; largura máxima exposta: $\approx 0,90 \text{ m}$; altura máxima preservada: $\approx 0,66 \text{ m}$; formatos de adobe mais comuns: $\approx 30 \times 30 \text{ cm}$ e $\approx 30 \times 60 \text{ cm}$. Construído com uma fundação de pedra e aparelho alternando fiadas de adobes e «semi-adobes». À semelhança do muro UC 102, a sua face interior preserva, ainda, vestígios de estuque e sinais do fogo que assolou o edifício.

UC 110 – Orientação NO-SE. Comprimento máximo exposto: $\approx 5,95 \text{ m}$; largura máxima: $\approx 1,13 \text{ m}$, mínima: $\approx 0,80 \text{ m}$; altura máxima preservada: $0,80 \text{ m}$; o único formato de adobe perfeitamente perceptível é o de $\approx 36 \times 36 \text{ cm}$. Técnica construtiva: na

¹⁴ A norma aqui será o uso de metros e centímetros para medidas de espaços e elementos estruturais, respectivamente.

face ocidental (exterior à Sala 1), o muro é reforçado por quatro fiadas de pedras de pequeno e grande formato. Está parcialmente abatido por duas fossas de sepulturas islâmicas (UE's 130 e 132).

UC 111 – Orientação SO-NE. Comprimento máximo exposto: $\approx 9,05$ m; largura máxima: $\approx 1,25$ m, mínima: $\approx 1,05$ m; altura máxima preservada: 0,66 m; formatos de adobe mais comuns: $\approx 36 \times 36$ cm e $\approx 30 \times 55$ cm. Técnica construtiva: muro formado por três fiadas de adobes quadrangulares e possuindo uma base de pedra. Afectado pela fossa de uma sepultura islâmica (UE 136). A UC 111b é a continuação deste muro.

UC 105 – Porta dando acesso à Sala 2 (Apêndice C: fig. C.2). Largura máxima: 1,10 m. A porta marca um degrau, visto que o pavimento da Sala 1 (UC 107) se encontra-se menos elevado (aproximadamente 50 cm) que o piso da Sala 2 (UC 106). Vd. adiante.

UC 107 – Pavimento de terra batida.

UC 134 – Estrutura de combustão de forma subquadrangular (contorno exterior máximo preservado: 47×71 cm; área interior máxima preservada: 37×41 cm), delimitada por três pedras de gesso e dois adobes. Construída sobre o pavimento UC 107, apoiada no muro UC 111 e associada à UE 110.

Imediatamente sobre o pavimento de terra batida da Sala 1, jazia *in situ* um amplo conjunto de artefactos cerâmicos, dos quais podemos destacar exemplares de grandes jarras ovóides, taças carenadas, grandes taças de paredes rectas, jarros e cálices (vd. inventário no Capítulo VI). Entre os achados não cerâmicos destaca-se um almofariz de basalto (?) de forma ovalada, bem como uma conta esférica de pasta vítrea. Na zona sudeste da sala foram encontrados, em associação, um movente de mó e um núcleo mineral que, triturado, serviria de pigmento de coloração ocre. O movente estava ainda manchado pelo núcleo na zona onde havia impactado este último. Próximo da estrutura de combustão (UC 134) atrás descrita, jazia um dormente de mó de basalto de

forma circular e seu respectivo movente. Todo este material, esmagado e queimado sobre o solo, estava associado à UE 110 (Apêndice C: fig. C.1). Tratava-se de um estrato de coloração avermelhada, composto por sedimento argiloso e vários elementos construtivos: adobes completos ou fragmentários, endurecidos por acção do fogo; fragmentos de argila com negativos de canas, correspondendo provavelmente aos restos da cobertura do tecto ou piso superior; fragmentos de estuque, seguramente caídos das faces dos muros. Refira-se que acção violenta do fogo foi também observada na superfície das paredes, onde os adobes se apresentavam bastante ruborizados. Este estrato corresponde a um depósito com uma altura média de 0,50 cm.

A UE 110 representa, portanto, o momento final da ocupação do edifício. Os artefactos cerâmicos preservados neste estrato, directamente sobre o pavimento da sala, compõem um conjunto homogéneo que datou a utilização última do complexo, em termos tipológico-materiais e de forma preliminar, no Bronze Final IIB (ou Meso-Jazirense IIA-B, na periodização de Pfälzner, 2007), ou seja, c. 1300-1200 a.C. O estudo aprofundado da cronologia tipológica relativa de Tall Qabr Abū al-‘Aṭīq constituirá o foco do Capítulo VII. Ainda nesta UE, directamente sobre o pavimento UC 107, recolheram-se três amostras madeira carbonizada utilizadas em testes de datação radiocarbónica conduzidos no Laboratório Angström da Universidade de Uppsala, na Suécia. Os resultados de duas delas foram: 2950 ± 40 BP, 1298-1026 CAL. a.C. (2σ) e 2945 ± 40 BP, 1272-1019 CAL. a.C. (2σ). Como acontece frequentemente nestes contextos, as datações radiocarbónicas oferecem datações demasiado relativas, em virtude de apresentarem intervalos demasiado extensos.

Sobre a UE 110 depôs-se um segundo estrato, a UE 102, que corresponde ao colapso final do edifício. Está documentado em todos os compartimentos e compõe-se de numerosos adobes caídos.

Sala 2 (hipotética)

Aqui interveio-se na campanha de 2008. Este espaço, a que se acede pela porta UC 105, está, delimitado, até ao momento, pelos muros UC 101, 102 e 104. Foi escavada apenas uma área de $\approx 3,30 \text{ m}^2$ até ao ângulo NO da quadrícula X23. Infelizmente, este espaço encontrava-se em zona de ladeira e bastante superficial, o que

explica que se encontrasse muito afectado pela erosão. É também, por isso, que a sua identificação como sala é difícil de verificar.

O muro UC 101, composto por blocos de gesso, cal e basalto, foi identificado no limite noroeste da colina e da área escavada. A sua espessura oscila entre 0,75 e 1 m e, tendo em conta a técnica construtiva, poderá tratar-se de um muro de nivelamento ou da fundação de um muro de adobe que tenha já desaparecido devido à erosão acentuada que afecta a encosta do *tell* neste ponto.

UC 102 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1).

UC 104 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1).

UC 106 – Pavimento de terra batida. Apresenta-se mais elevado que o pavimento da Sala 1 (aproximadamente mais 50 cm)

Sala 3

Esta sala foi identificada em 2008, aquando da primeira sondagem (A) efectuada no sítio, mas a escavação do estrato de época meso-assíria apenas se realizou na campanha de 2010, que expôs a quase totalidade da mesma. A sala é delimitada pelos muros UC 102, 108, 109 e 111, os quais definem uma área rectangular de $\approx 20,97 \text{ m}^2$.

UC 102 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1). Na face interior da Sala 3, preservava parcialmente um revestimento de estuque.

UC 108 – Orientação SO-NE. Comprimento máximo escavado: $\approx 1,90 \text{ m}$; largura máxima escavada: $\approx 0,75 \text{ m}$; altura máxima preservada: $0,47 \text{ m}$. Este muro foi construído com uma base de pedras de medianas dimensões e, em cima, adobe. Conserva vestígios de estuque, sobretudo na zona onde forma ângulo com o muro UC 102. As dimensões exactas do muro são, ainda, desconhecidas, visto que se localiza no

perfil norte da quadrícula X23. A porta da sala encontra-se seguramente nesta mesma zona, ainda que permaneça oculta pelas mesmas razões.

UC 109 – Orientação NO-SE. Paralelo aos muros UC 110 e 102. Comprimento máximo exposto: $\approx 5,78$ m; largura máxima: $\approx 0,81$ m, mínima: $\approx 0,70$ m; altura máxima preservada: 0,65 m. Muro construído com adobes quadrangulares ($\approx 36 \times 36$ cm), dispostos em fiada dupla, assente em base de pedra. Encontra-se alterado pela fossa da sepultura UE 124.

UC 111 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1).

UC 116 – Pavimento de terra batida, horizontalizado, salvo uma pequena pendente na zona norte da Sala 3.

Tal como se verificou noutros compartimentos, inúmeros artefactos – aos quais nos referiremos aqui pelos algarismos que, adicionados a «TQA.10.X23.127», compõem o respectivo número de inventário – jaziam directamente sobre o pavimento de terra batida da Sala 3 (vd. Apêndice C: figs. C4-9). A sua posição *in situ* foi meticulosamente documentada no acto da escavação. No canto noroeste da sala, jaziam três jarras ovóides (nºs 23, 26 e uma peça bastante fragmentada ainda não inventariada), uma das quais (nº 23) com duas marcas oleiras, um crescente impresso e, sobre esta, uma marca pintada em forma de arado. Perto, estavam duas taças carenadas (nºs 21 e 25), um jarro (nº 28) e dois artefactos líticos (nºs 20 e 29), possivelmente moventes de mó. Numa zona mais central da parte norte da sala, um grande recipiente aberto (nº 12) estava bem fincado no pavimento, o qual, aqui aparentava ter um ligeiro desnível. Ao lado, jazia um coador (nº 5) de base virada para cima, ladeado por duas tabuinhas cuneiformes (nºs 2 e 3). Em cima daquele, uma concha (nº 10), por sua vez coberta por uma taça carenada (nº 1). Ali perto, um dormente de mó em basalto (?) (nº 8) e seu provável movente (nº 7). Ao lado deste conjunto de artefactos, no canto nordeste, estava caída uma grande viga carbonizada, que se preservava ainda muito bem. A sul desta, um conjunto de três jarras ovóides (nºs 13, 14 e 57), acompanhadas de dois cálices, um

cónico (nº 16) e outro de perfil em «S» (nº 18), de um jarro pequeno (nº 19), de uma pequena taça carenada (nº 15) e de um lítico, talvez movente de alguma mó (nº 17). Na zona central havia uma miríade de artefactos, alguns bastante fragmentados (a grande quantidade de madeira carbonizada encontrada aqui sugere que as peças foram afectadas pela derrocada do tecto da sala): próximo do muro UC 102 estariam colocados dois contentores de grande capacidade (nºs 52 e 54); a leste destas, em posição mais central, jaziam duas grandes jarras ovóides (nºs 37 e 50), uma taça carenada (nº 49) e uma grande taça (nº 32); junto ao muro UC 109, uma grande mó (dormente) circular, também basalto (?) (nº 33), cujo movente talvez fosse o nº 17; ao seu redor, dispersos, havia um afiador lítico (nº 34), uma pequena taça carenada (nº 35), um pé de cálice (nº 44) e alguns ossos de animais (nºs 36, 45 e 47). Na zona sul da sala encontraram-se duas grandes jarras ovóides (nºs 38 e 40) e uma concha (nº 41). Havia também, incrustada no pavimento, uma pequena plataforma circular em pedra, de função pouco clara. Todo este material estava associado à UE 127, a qual possuía, no essencial, as mesmas características da UE 110, na Sala 1 – a altura média deste estrato é de 0,40 m – e corresponde igualmente ao momento de destruição do edifício pelo fogo, marcada pela presença de abundante madeira carbonizada, restos da cobertura do tecto ou piso superior e adobes caídos. O estudo funcional dos artefactos cerâmicos a desenvolver por nós nesta dissertação (vd. Capítulo VIII) contribuirá para a compreensão do uso deste espaço.

Também como a UE 110, aqui a UE 127 subjazia, naturalmente, à UE 102, a qual representa o colapso final do edifício.

Sala 4

Parte desta sala, definida até agora pelos muros UC. 109 e 123, foi escavada na campanha de 2009. A área que viu intervenção corresponde a $\approx 4,21 \text{ m}^2$.

UC 109 – Muro descrito atrás (vd. Sala 3).

UC 123 – Orientação SO-NE. Comprimento máximo escavado: $\approx 1,69$ m; largura máxima escavada: $\approx 0,38$ m; altura máxima preservada: 0,60 m. A porção do muro visível até ao momento revela aparelho de adobes quadrangulares ($\approx 36 \times 36$ cm).

UC 114 – Possível estrutura de combustão, marcada por uma pedra de formato achatado colocada sobre o pavimento e um adobe disposto verticalmente. Encontra-se associada ao muro UC 123.

O primeiro estrato depositado sobre o pavimento da sala foi denominado UE 127, em virtude de ter sido inicialmente considerado comum à unidade estratigráfica com a mesma designação na Sala 3. A sua composição é em tudo idêntica à dos estratos que marcam o momento da destruição por incêndio nos demais compartimentos do edifício meso-assírio (Apêndice C: fig. C.10). Contudo, mais tarde, tornou-se evidente que se tratava de estratos distintos em dois espaços separados, ainda que com características muito semelhantes. Assim, de ora em diante far-se-á a distinção entre UE 127/3 e UE 127/4. Além de um elemento estrutural carbonizado (poste de madeira), este estrato entregou material cerâmico, composto maioritariamente por grandes jarras ovóides, para além de um suporte, taças carenadas, cálices, grandes vasos, etc. Destaca-se, igualmente, o achado, neste contexto, de um selo-cilindro, possivelmente de basalto. Este objecto, habitualmente de função administrativa, apresenta elementos iconográficos que incluem quatro divindades, uma das quais pôde ser identificada com Adad, o deus semita da tempestade.

Como os restantes espaços (à excepção, naturalmente, da Sala 2), esta sala possui um estrato (UE 127/4) correspondente ao momento da destruição do edifício pelo fogo sobreposto pela UE 102, representando o colapso final.

Sala 5

Desta sala, escavada ainda de forma muito parcial (Apêndice C: fig. C.11), conhecem-se três dos muros que a delimitam: UC's 111b, 119 e 122. Aqui alcançou-se, presentemente, apenas a UE 102, que marca o colapso final do edifício, composta, nesta zona, por adobes ruborizados, madeira carbonizada e cerâmica fragmentada – coloca-se

a hipótese, presentemente, de esta proceder de um eventual segundo piso colapsado do edifício assírio.

UC 111b – Orientação SO-NE. Muro escavado, até agora, apenas parcialmente e bastante alterado pela presença de várias fossas de sepulturas islâmicas. Comprimento máximo exposto: $\approx 2,74$ m; largura máxima: $\approx 0,69$ m; altura máxima escavada: ≈ 52 cm. Construído com aparelho de pelo menos duas fiadas de adobes rectangulares ($\approx 20 \times 35$ cm).

UC 119 – Orientação NO-SE. Muro escavado, até agora, apenas parcialmente e bastante alterado pela presença de várias fossas de sepulturas islâmicas. Comprimento máximo escavado: $\approx 1,57$ m. Altura máxima escavada: ≈ 62 cm. Construído com aparelho com adobes quadrangulares ($\approx 36 \times 36$ cm) e rectangulares ($\approx 20 \times 37$ cm).

UC 122 – Orientação SO-NE. Comprimento máximo escavado: ≈ 2 m; largura máxima escavada: $\approx 1,40$ m; altura máxima escavada: ≈ 30 cm. Muro construído com aparelho de adobes quadrangulares ($\approx 40 \times 40$ cm) e rectangulares ($\approx 20 \times 37$ cm e $\approx 25 \times 37$ cm).

Sala 6 (hipotética)

Trata-se de um espaço a oeste do muro UC 110, na zona ocidental da quadrícula X23, onde se escavaram apenas $\approx 3,57$ m². É configurado por dois muros (UC 110 e um muro-mestre muito alterado que, ao que parece, corresponde também à UC 111) que seguem a mesma orientação das Salas 1 e 3, o que sugere, aqui, a presença de uma outra sala.

UC 110 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1).

UC 111 – Muro descrito atrás (vd. Sala 1).

UC 112 – Pavimento de terra batida.

O interior da sala foi colmatado com dois estratos, a mesma UE 102 (derrube final do edifício) documentada nos restantes compartimentos e a UE 136, correspondente ao nível de incêndio. Esta última estava composta de adobes ruborizados fragmentados e caídos e de madeira carbonizada. Sobre o pavimento de terra batida foram encontradas grandes jarras ovóides associadas, naturalmente, à UE 136.

Espaço 7

Este espaço, cuja natureza fechada não pôde ser ainda verificada, foi detectado na quadrícula X24, na zona sudoeste da escavação. Inclui os vestígios de dois muros de adobe (UC's 301 e 302) conhecidos de forma muito parcial e um pavimento de terra batida (UC 303) associado àqueles. Conhece-se mal, não apenas porque se escavou uma área muito reduzida ($\approx 12,36 \text{ m}^2$) até ao presente, mas também porque esta zona estava muito afectada por fossas de sepulturas islâmicas, em número de dez.

A UE 307, que deve ser igualada com a UE 102 (colapso final do edifício) documentada na quadrícula X23, sobrepõe-se à UE 308. Esta última corresponde, aqui, ao nível de incêndio do edifício (como as UE's 110, 127/ 3, 127/4 e 136 nas outras salas) e cobre o pavimento de terra batida UC 303. Sobre este jaziam alguns fragmentos de taças carenadas e grandes jarras ovóides.

Síntese da arquitectura da Fase 2

As três salas mais extensamente documentadas (1, 3 e 4) foram configuradas paralelamente através de muros orientados segundo um eixo NO-SE. Poderia dizer-se que as Salas 1 e 3 são de desenho equivalente, possuindo uma área média de $\approx 20 \text{ m}^2$. No aparelho dos muros do edifício observou-se a utilização frequente de tipos bem definidos de adobes possuindo, poderíamos dizer, proporções canónicas. Os principais tipos documentados foram: adobes quadrangulares, medindo entre $\approx 36 \times 36$ e $\approx 40 \times 40$ cm, e rectangulares, medindo $\approx 20 \times 35/40$ ou $\approx 30 \times 60$ cm. Os adobes rectangulares de $\approx 20 \times 35/40$ cm correspondem à metade do tijolo de tipo quadrangular («semi-adobes»).

A priori, estas proporções não encontram correspondência nas medidas de comprimento conhecidas na tradição mesopotâmica, nomeadamente o pé (em acádio *šīzu*; idealmente: 33,3 cm) e o côvado (em acádio, *ammātu*; idealmente: 49,7 cm) (vd. Powell, 1995). No entanto, Tenu (2009: 45, citando Miglus, 1999: 104) refere que o uso de adobes cujo formato «varie de 36 à 38 cm de côté et de 10 à 12 cm d'épaisseur, paraît également caractériser les murs montés à l'époque médio-assyrienne»¹⁵, e este cânon encontra correspondência nos adobes quadrangulares de Tall Qabr Abū al-‘Atīq.

O tópico da interpretação dos espaços expostos nas três campanhas aqui conduzidas pelo PAMES será aprofundado no Capítulo VIII, no qual se analisará a funcionalidade da cerâmica ali contidas, e retomado no capítulo que encerra a nossa dissertação. Quanto à natureza genérica do complexo meso-assírio, assunto ao qual também retornaremos adiante, a hipótese interpretativa que se coloca é a de que se trataria de um *dunnu*. O termo acádio *dunnu*, traduzível de forma literal como «forte», corresponde a uma forma de assentamento típica do período meso-assírio, que pode ser definida, de forma aproximada, como uma exploração agrícola fortificada. Os *dunnū* combinavam, contudo, várias funções: guarnição militar (podendo servir, inclusive, de prisão), exploração agrícola, centro de produção artesanal e, possivelmente, de cobrança de tributos (vd. Tenu, 2009: 142-143; *CAD*, vol. D: 185). A situação de Tall Qabr Abū al-‘Atīq torna difícil propôr outra interpretação que não a de um complexo combinando funções de controlo de fronteira e de rotas comerciais: por um lado, posiciona-se à entrada de Khānūqah e junto à margem esquerda do Eufrates, por outro lado, localiza-se no próprio limite ocidental do império assírio, materializado naquele rio.

Fase 1 – Época islâmica

Após a destruição e abandono do complexo meso-assírio, verifica-se, na área escavada, um nível de colmatção natural (UE 101). Este estrato seria superficial no momento em que novos habitantes da região elegeram o *tell* como espaço funerário. É, então, que se estabelece um cemitério de rito islâmico, de época exacta ainda por estabelecer, correspondendo à Fase 1 de ocupação do cerro.

¹⁵ A autora acrescenta ainda, citando Miglus (1996: 57), que o dito formato reflecte modelos já em uso na época paleo-assíria.

Este cemitério contém um número significativo de sepulturas (até ao momento, quarenta e duas¹⁶) em fossa simples assinalada, na maioria dos casos, por uma estrutura ovalada de pedras, com orientação Este-Oeste. Isto é, a cabeceira da sepultura direcciona-se para Ocidente. Os defuntos apresentam-se, geralmente, depositados em decúbito lateral e com a cabeça inclinada sobre o flanco direito, para sul, ou seja, na direcção de Meca. As fossas das sepulturas foram construídas escavando não apenas a UE 101, mas rompendo igualmente a estratigrafia da Fase 2, registando-se, em alguns casos, enterramentos muito próximos dos pavimentos das salas assírias e destruição de estruturas coevas.

Esta fase, devidamente documentada pela missão, não foi, até ao momento, estudada. Ao passo que os raros artefactos contidos em três sepulturas (UE's 142, 150 e 151), nomeadamente um anel de osso, uma pulseira de vidro e uma conta de bronze, poderiam sugerir uma fase inicial do período islâmico, a técnica construtiva e a implantação em cerros correspondem a práticas que se podem observar em cemitérios da região ainda em uso na actualidade. A possibilidade de o cemitério ser contemporâneo é apoiada por uma fonte oral (Yaarub al-Abdallah, arqueólogo e co-director da missão) que refere que este seria o cemitério da tribo beduína cujo autónimo seria Abū al-‘Atīq («Pai Antigo») e que se teria fixado no local em meados do século XIX. Esta seria também a raiz do topónimo actual. Tal dado está em harmonia com o que foi registado pelo alemão Eduard Sachau (1883: 255-256) na segunda metade da mesma centúria. O abandono do cemitério ter-se-ia dado, sempre segundo esta hipótese, no século XX.

¹⁶ Número de sepulturas escavadas na área intervencionada (quadrículas X23, X24 E Y24): UE.'s: 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 303, 304, 306, 309, 311, 312, 313, 316, 317, 319.

CAPÍTULO IV: A CERÂMICA ESTANDARDIZADA MESO-ASSÍRIA – ESTADO DA QUESTÃO E PROBLEMÁTICAS

IV.1. O estado da questão

Escavações nas capitais assírias de Aššur (Qalaat Šerqat) e Kār-Tukultī-Ninurta (Telul al-‘Aqar), nos inícios do século XX, recuperaram materiais meso-assírios (Tenu, 2009: 45). Contudo, a alvorada da ciência arqueológica caracterizou-se pela ausência de método estratigráfico, pelo que, à época, a cerâmica de cronologia meso-assíria que pudesse surgir em escavação era facilmente misturada ou confundida com materiais mais tardios. Outro aspecto da arqueologia de então era a preferência pelo artefacto esteticamente valorável, o que, durante muito tempo, relegou para segundo plano a cerâmica comum e, com esta, a grande maioria das formas estandardizadas meso-assírias.

A primeira e principal obra sobre a cerâmica do período meso-assírio é a tese doutoral de Peter Pfälzner, *Mittanische und mittelassyrische Keramik – Eine chronologische, funktionale und produktionsökonomische Analyse*, publicada em 1995. A obra contém uma tipologia cronológica baseada no estudo de dois sítios arqueológicos no vale do rio Khabur, Tell Šēḫ Ḥamad (a antiga *Dūr-Katlimmu*) e Tall Budayri ou Tell Bdēri (a antiga *Dūr-Aššur-kettī-lēšer*)¹⁷. Trata-se, com efeito, do estudo mais extenso sobre a temática em questão, em que se disserta pormenorizadamente sobre a distribuição regional e cronológica das produções cerâmicas «mitaniana» e meso-assíria. Esta tese inclui igualmente uma revisão detalhada de escavações e prospecções publicadas até 1995. Visto não ser este o lugar para listar esses sítios e resumir os seus resultados, remetemos o leitor para a referida secção do trabalho de Pfälzner (1995: 169-232).

A «cerâmica administrativa meso-assíria» foi e tem sido definida por Pfälzner (1995 e 2007, em especial) como uma produção altamente estandardizada em termos técnicos e tipológicos. Tecnicamente, este investigador enumera alguns pontos comuns. O primeiro deles é o recurso a desengordurantes minerais e vegetais de grão médio ou

¹⁷ Ao longo de toda a dissertação optámos por referir-nos aos diferentes arqueossítios segundo a grafia preferida pelos próprios escavadores.

grosseiro, sem inclusões adicionais (excepto partículas calcárias, quartzo ou «minerais negros»). Adicionalmente, os recipientes são polidos antes da cozedura e o espectro cromático das pastas varia entre avermelhado ou castanho, bege ou esverdeado e acinzentado. As superfícies podem receber, ou não, um engobe com as mesmas colorações mas em tons mais claros. Trata-se de cerâmica produzida a torno, mas exibindo claros sinais de irregularidade ou assimetrias acentuadas no corpo das peças. Frequentemente, estão presentes, no exterior ou interior, protuberâncias correspondendo a excessos de argila que resultaram de um polimento defeituoso (Pfälzner, 2007: 251). Tais descuidos técnicos são, segundo Pfälzner, indícios claros de um «princípio de produção» direccionado para um fabrico rápido e em série.

Quanto à grande homogeneidade tipológica, Pfälzner evidencia-a com um repertório de nove formas contidas na tipologia que elaborou (1995: 59-61; vd. também Pfälzner, 2007: 251-253):

«**Tigelas**» (tradução aproximada do alemão *Schalen* e do inglês *bowls*) – Recipientes de forma aberta com o diâmetro no bordo superior ao da base. O diâmetro é, ainda, superior à altura da peça. Distinguem-se das «taças» por ter um diâmetro no bordo igual ou superior a 120 mm. Dentro deste tipo, Pfälzner (2007: 251) diferencia as tigelas cónicas, hemisféricas e ligeiramente carenadas, entre outras variantes menos representativas. As tigelas cónicas possuem paredes tendencialmente rectas e lábio não espessado ou espessado interna e externamente. As tigelas hemisféricas, pouco frequentes, possuem lábio não espessado ou espessado externamente. As tigelas ligeiramente carenadas correspondem à classe designada por Pfälzner como «tigelas carenadas *standard*» e são as mais frequentes. Caracterizam-se pela carena suave e parede ligeiramente côncava acima desta.

«**Taças**» (tradução aproximada do alemão *Näpfe* e do inglês *cups*) – São *grosso modo* semelhantes às tigelas, sendo também formas abertas. Contudo, o diâmetro no bordo pode ser superior ou igual à altura da peça. Distinguem-se claramente da forma anterior ao apresentar diâmetro no bordo não superior a 110 mm. Assim, apresentam-se mais comprimidas e ligeiramente mais altas. Possuem comumente uma carena bastante baixa, implantada na zona mesial da peça, acima da qual se configura parede

côncava. O lábio é quase sempre de secção semicircular e as bases possuem fundo plano ou, menos frequentemente, pé plano. Quase todos os exemplares correspondem às chamadas «taças carenadas *standard*» (Pfälzner, 1995: 59-60 e 2007: 252).

«**Grandes taças**» (tradução aproximada do alemão *Schüsseln* e do inglês *deep bowls*) – São recipientes de forma aberta cujo diâmetro no bordo é menos de duas vezes superior à altura. Aquele deve ser, pelo menos, equivalente à altura e tem como limite mínimo a medida de 120 mm. O tipo mais comum são as grandes taças com paredes rectas e lábios bastante espessados externa ou também internamente (Pfälzner, 1995: 60 e 2007: 252). A sua ocorrência é pouco frequente em todas as fases da cerâmica meso-assíria estabelecidas por Pfälzner (vd. adiante).

«**Cálices**» (tradução aproximada do alemão *Becher* e do inglês *beakers*) – Trata-se de recipientes fechados cujo diâmetro é igual ou inferior à sua altura. Um tipo muito característico são os cálices de colo curto e corpo bojudo formando parede de perfil em «S». Existe também outra variante sem colo (o bordo é separado do corpo por uma canelura), com corpo globular e base de fundo espessado, convexo ou aplanado. (Pfälzner, 1995: 60 e 2007: 252)

«**Potes**» (tradução aproximada do alemão *Töpfe* e do inglês *pots*) – Recipientes de forma fechada cujo diâmetro no bordo é superior à metade da largura máxima da peça, mas inferior à totalidade da mesma medida. Podem ter um colo que é, na maioria dos casos, curto. Todavia, o tipo mais frequente são os potes sem colo, com lábio espessado externamente e canelado. Dada a infrequência de peças preservando o perfil completo, o critério comum para aferição desta forma é o diâmetro do bordo mínimo de 170 mm (Pfälzner, 1995: 60 e 2007: 252).

«**Jarras**» (tradução aproximada do alemão *Flaschen* e do inglês *bottles/flasks*)¹⁸
– São recipientes fechados com bordo ou colo de diâmetro inferior ao do corpo. O

¹⁸ Embora a tradução mais literal para os termos germânico e anglo-saxónicos fosse «garrafas», esta última palavra designa, na língua portuguesa, a formas com um colo mais estrangulado e alongado (gargalo) do que os recipientes em questão.

diâmetro no bordo é geralmente menor ou igual à metade da largura máxima da peça. A altura é pelo menos duas vezes, frequentemente três, maior que o diâmetro no bordo. Com efeito, a existência de colo não é condição obrigatória e é esta a circunstância na maioria dos casos. A este tipo chama Pfälzner «jarras *standard* meso-assírias». São recipientes alongados e estreitos. A base também é estreita mas bastante espessada, possuindo fundo plano ou pé anular. Os lábios são sempre arredondados ou almendrados e conferem ao bordo a aparência de um colar. Existem, contudo, várias outras variantes de lábio. Nos frequentes casos em que os exemplares recuperados são fragmentos, o critério para determinação desta forma é o diâmetro máximo de 160 mm (Pfälzner, 1995: 60 e 2007: 252-253).

«**Vasos de provisões**» (tradução aproximada do alemão *Grossgefässe* e do inglês *storage jars*) – Recipientes fechados que Pfälzner distingue dos potes pelo seu volume e altura. A estes factores morfológicos, acrescenta ainda um critério funcional: esta forma seria utilizada para armazenagem mais permanente. Esta forma define-se ainda pelo diâmetro no bordo superior a 400 mm e pela espessura da parede igual ou superior a 15 mm. O autor destaca ainda as paredes tendencialmente verticais e os lábios de secção subrectangular altos e espessados. São bastante incomuns (Pfälzner, 1995: 60-61 e 2007: 253).

«**Suportes**» (tradução aproximada do alemão *Ständer* e do inglês *pot stands*) – Como o nome indica, trata-se de suportes para recipientes cerâmicos pouco estáveis. As paredes são côncavas e os lábios da boca e da base são de secção subtriangular e espessados (Pfälzner, 1995: 61 e 2007: 253).

«**Coadores**» (tradução aproximada do alemão *Siebe*) – Por razões que não indica, Pfälzner exclui esta forma da sua síntese de 2007. Na sua tese doutoral, contudo, ela aparece como uma das formas típicas da cerâmica estandardizada meso-assíria. O autor sublinha que os coadores devem ser diferenciados pelo seu papel funcional distinto, enquanto afirma que, morfologicamente, correspondem a «taças» e «tigelas» (apenas perfuradas).

Três das nove formas acima descritas, tigelas, taças e jarras, que Pfälzner caracteriza como *standard*, foram produzidas em quantidades massivas e surgem em elevados números no registo arqueológico. São vistas como tendo um papel de relevo na administração meso-assíria, nomeadamente no transporte, armazenamento e consumo de bens alimentares.

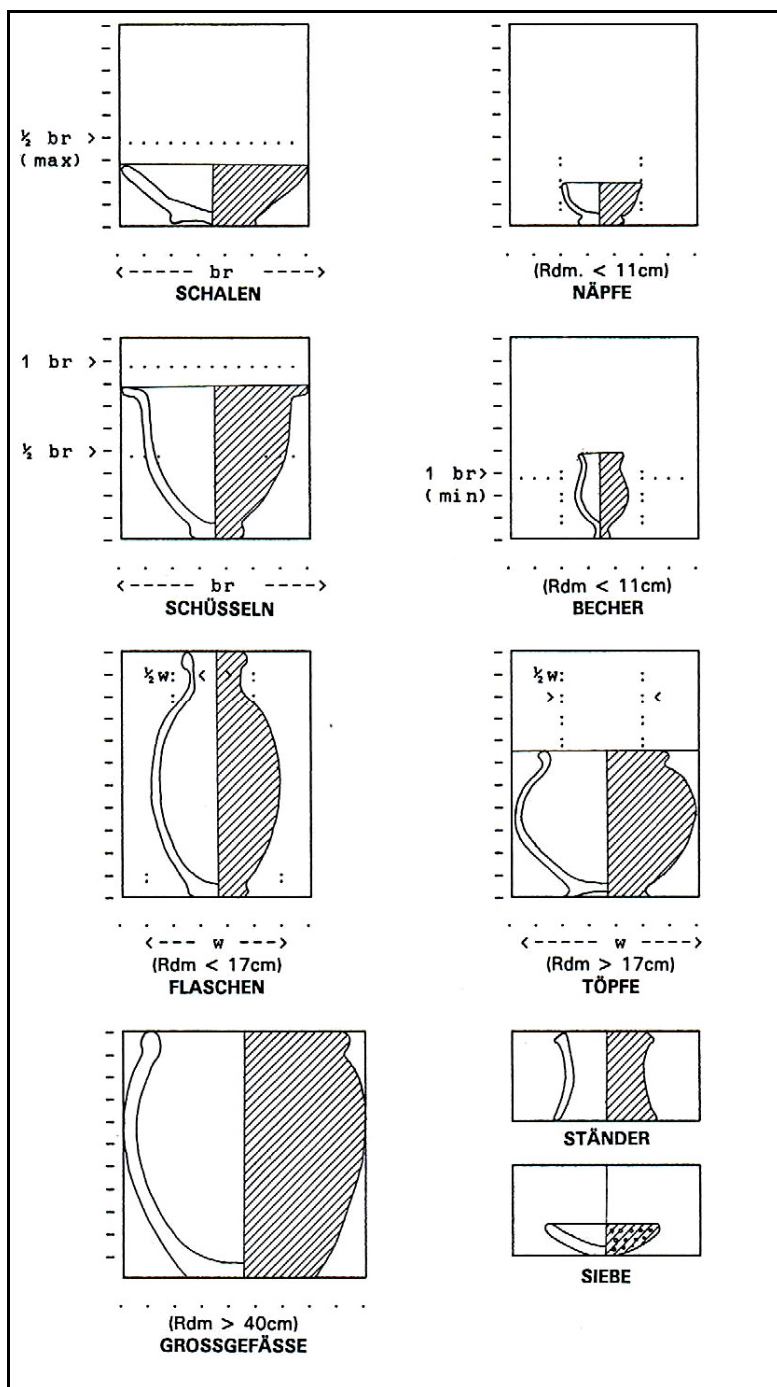


Fig. IV.1 – Tipologia formal de Pfälzner (1995: 59, fig. 56).

Refira-se ainda que Pfälzner (2007: 253) apresenta a cerâmica de paredes finas não decorada (*Undecorated Fine Chaff-Tempered / Mineral-Tempered Ware*) como produção distinta da cerâmica meso-assíria estandardizada. Nestas produções inclui os predominantes cálices e, em menor medida, formas equivalentes às taças e tigelas *standard*. Os cálices mais comuns são peças de corpo cónico ou campaniforme com apêndices em forma de mamilo, um tipo meso-assírio bastante comum.

Esta divisão leva-nos a questionar a definição da cerâmica «administrativa» ou «estandardizada» unicamente como cerâmica comum (*coarse ware* ou *middle-coarse ware*) e distinta das produções de paredes finas (*Fine ware*). Não só a cerâmica meso-assíria de paredes finas apresenta formas (nomeadamente os cálices) que não são classificadas como comuns mas que atingiram elevado grau de estandardização, como inclui também tipos fabricados paralelamente em cerâmica comum (caso das taças e tigelas). É, assim, nossa opinião que o conceito de cerâmica estandardizada meso-assíria deve ser redefinido como uma classe tipologicamente homogénea, mas heterogénea quanto à tecnologia produtiva.

Cronologicamente, Pfälzner (1995: 235-238) dividiu a sua tipologia em três fases: *mittelassyrische* (termo germânico que traduziremos aqui como «meso-assírio» e abreviaremos como MA) I, II e III, a segunda das quais dividida em três sub-fases.

A fase MA I foi definida em função da cerâmica proveniente da Sala A do Edifício P de Tell Šēḫ Ḥamad, que o autor interpreta como um complexo de armazenagem. Do mesmo contexto foram recuperadas tabuinhas cuneiformes que o dataram dos reinados de Šalmānašar I (c. 1273-1244/1263-1234 a.C.) e Tukultī-Ninurta I (c. 1243-1207/1233-1197 a.C.). Assim, esta fase corresponde sensivelmente aos meados e segunda metade do século XIII a.C. Também em Tell Chuera se encontrou cerâmica classificável tipologicamente na fase MA I de Pfälzner, associada a textos datados do reinado de Tukultī-Ninurta I (Pfälzner, 1995: 236 e 2007: 236, com referência a Kühne, 1995: 206), no nível 3 do edifício da Área G.

A cronologia da fase MA II é mais problemática, dado que se baseia unicamente no Edifício P, relacionado por Pfälzner com os eventos históricos do século XII a.C. Segundo este investigador, a sua primeira sub-fase (MA IIa) inicia-se no final do reinado de Tukultī-Ninurta I e continua durante um período indeterminado de tempo até aos reinados de Aššur-nādin-apli (c. 1206-1203/1196-1193 a.C.) e Aššur-nērārī III (c. 1202-1197/1192-1187 a.C.). A segunda sub-fase, MA IIb, define-a, em função da

anterior e da subsequente, como correspondendo à cerâmica usada desde os finais do reinado de Tukultī-Ninurta I ou seus sucessores imediatos até ao de Aššur-dān I (c. 1178-1133/1168-1133 a.C.). A terceira e última sub-fase relaciona-se com o derradeiro nível ocupacional do Edifício P e poderá datar-se, então, dos reinados de Aššur-dān I e Ninurta-tukultī-Aššur (c. 1133 a.C.). Posteriormente Pfälzner (2007: 236-237), citando a sua própria tese (1995: 238), refere o reinado de Tiglat-Pilešar I (iniciado em 1114 a.C.) como limite máximo para a sua tipologia e apresenta o seguinte esquema cronológico:

MA IIa = c. 1200 a 1190/1180 a.C.

MA IIb = c. 1190/1180 a 1170-1160 a.C.

MA IIc = c. 1170-1160 a 1130-1120 a.C.

Esta cronologia abarca claramente os reinados de Mutakkil-Nusku (c. 1133 a.C.) e Aššur-rēša-iši I (c. 1132-1115 a.C.), sendo que, anteriormente, este investigador apresentava o de Ninurta-tukultī-Aššur como término temporal. A terceira fase, MA III, foi estabelecida por Pfälzner com base no material cerâmico encontrado numa fossa no sítio de Tell Bdēri, não estando representada em Tell Šēḫ Ḥamad. Baseando-se nos fragmentos de cerâmica inscritos desse contexto, nomeadamente tijolos, o autor propõe datar esta fase dos finais do século XII e inícios do XI a.C., coincidindo, então, com o reinado de Tiglat-Pilešar I (c. 1114-1076 a.C.) e, possivelmente, com alguns anos posteriores à sua morte.

A cerâmica administrativa meso-assíria foi definida por Pfälzner a partir dos materiais achados no espaço funcionalmente definido como «Palácio do Governador» (Salas A, C, D, E, F, G, J, M, N e Q do Edifício P), em Tell Šēḫ Ḥamad. Estaria, portanto, em uso no sector oficial do complexo. Em oposição a esta, o investigador alemão distinguiu uma segunda mas contemporânea tradição cerâmica, em uso fora do Edifício P de Tell Šēḫ Ḥamad (Pfälzner, 1995: 161). Pfälzner denominou-a inicialmente de «cerâmica doméstica meso-assíria», sendo que, aqui, «meso-assíria» tem um significado meramente cronológico. Posteriormente, numa obra destinada a sincronizar dados sobre as produções cerâmicas do Eufartes e da Jazirah na Idade do Bronze, Pfälzner fez corresponder as duas tradições oleiras meso-assírias ao período meso-

jazirense (*Middle-Jazirah*) II e III. Neste contexto, passou a designar a produção não oficial como «cerâmica doméstica do Meso-Jazirense II» (Pfälzner 2007: 250). A contemporaneidade de ambos tipos cerâmicos é, segundo o autor, assegurada por observação estratigráfica. Porém, os contextos arqueológicos e a tipologia formal da cerâmica doméstica diferem dos registados no interior do edifício P. Pfälzner (1995:163-164 e Taf. 133-135) descreve uma tipologia formal para a cerâmica doméstica.

Após 1995, foi publicada uma série de estudos ceramológicos «tradicionais» (isto é, apresentações breves e não detalhadas) de materiais meso-assírios dos sítios de Tall Barri/*Kahat* (Anastasio, 1997 e 1998; D'Agostino, 2005 e 2006), Tell Chuera (Klein, 1995), Tall Brak (Oates *et al.*, 1997), Tell al-Rimah (Postgate *et al.*, 1997), Giricano Höyük (Schachner, 2002 e 2003), Tall Šyukh Fawqāni (Bachelot, 1999), Tall Jurn Kabir (Eidem e Pütt, 1999), Tall Tabān/*Tābētu* (Ohnuma *et al.*, 1998 e 2000; Ohnuma e Numoto, 2001) e Emar (Attoura, 2001).

Recentemente, em 2008, publicou-se a tese doutoral da arqueóloga holandesa Kim Duistermaat, com o título *The Pots and Potters of Assyria: Technology and organization of production, ceramic sequence, and vessel function at Late Bronze Age Tell Sabi Abyad, Syria*. Trata-se da segunda grande obra de referência sobre a temática em questão. Este trabalho ocupa-se dos conjuntos cerâmicos recuperados dos níveis 7 (mitaniano), 6 a 4 (meso-assírios) e 3 (de natureza incerta) daquele arqueossítio. O *corpus* cerâmico de Tell Sabi Abyad é apresentado extensivamente, além de merecer comparação minuciosa com os dados de Tell Šēḫ Ḥamad. Tal comparação resulta na associação entre os níveis estratigráficos dos dois sítios, a qual foi auxiliada pelas datações dos níveis 6 e 5 de Tell Sabi Abyad, realizadas através do método radiocarbónico e de textos cuneiformes contendo *līmū* ou epónimos. Para além de acrescentar muito ao nosso conhecimento de aspectos de cronologia tipológica meso-assíria, a grande novidade desta obra é a investigação de contextos que apontam para a produção local de cerâmica nos níveis 6-4, a atribuir à laboração de oficinas associadas à administração «estatal» meso-assíria e destinada à produção em massa de grandes quantidades de recipientes. Duistermaat desenvolveu, assim, um trabalho importante sobre a tecnologia e organização da produção oleira da classe cerâmica em questão.

IV.2. Problemáticas

IV.2.1. Porquê estudar cerâmica?

O interesse do arqueólogo pela cerâmica advém, em primeiro lugar, do facto de esta constituir a classe artefactual mais commumente encontrada em contextos arqueológicos de todo o mundo, desde que o Homem começou a cozer argila, há milhares de anos, até à época contemporânea. Durante muito tempo na história da disciplina arqueológica, sobretudo antes do desenvolvimento e generalização de métodos de datação absoluta, a cerâmica foi usada pelos arqueólogos como principal indicador cronológico. Produziam-se tipologias formais que, bebendo dos princípios do evolucionismo e da História da Arte, analisavam a evolução das distintas formas dos recipientes e sua decoração, procurando dar-lhes um significado cultural (Renfrew e Bahn, 2004: 343). Esta abordagem teve as suas raízes no histórico-culturalismo: Gordon Childe, figura de proa desse movimento, defendia que um conjunto (*assemblage*) de artefactos recorrente no registo arqueológico – uma «cultura», segundo a sua terminologia – pode ser definido como o aparato material de um grupo humano específico (Renfrew e Bahn, 2004: 36-37).

A utilização de tipologias cerâmicas formais ocupa ainda um lugar de destaque na Arqueologia actual. A ela se recorre, por exemplo, para a identificação de fases ocupacionais em sítios arqueológicos a partir de prospecções de superfície – como vimos, foi este o caso de Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Em décadas recentes, no seio da Arqueologia pós-processualista, veio a procura abordagens multidisciplinares. A atenção desviou-se dos recipientes cerâmicos (bem como dos líticos, metálicos, etc.) *per se* para centrar-se em tópicos como: a identificação da proveniência das matérias-primas (argilas, minério, etc.); os resíduos preservados no interior dos recipientes enquanto fonte de informação sobre paleodietas e outros aspectos antropológicos; função e uso dos recipientes no seu contexto social; métodos e técnicas de produção e comportamento humano em relação aos processos produtivos; e a História comercial e económica das sociedades passadas (Renfrew e Bahn, 2004: 343). Não obstante as limitações dos estudos meramente tipológicos de cerâmica, a noção histórico-culturalista de que um conjunto artefactual pode ser atribuído a um determinado grupo humano é, nalguns casos, verificável. É o caso da cerâmica estandardizada meso-assíria

que, como vimos, se tornou uma espécie de «fóssil director» para ocupações meso-assírias.

IV.2.2. A cerâmica meso-assíria de Tall Qabr Abū al-‘Atīq: problemáticas

A missão do PAMES logrou identificar cerâmica estandardizada meso-assíria, pela primeira vez, num sítio arqueológico do curso médio do Eufrates. Sublinhe-se que Tall Qabr Abū al-‘Atīq foi certamente um posto avançado do império, com a sua fronteira materializada no rio. Até ao presente, os estudos de cerâmica meso-assíria tinham incidido apenas sobre materiais provenientes dos vales do Balikh e do Khabur, para além de regiões, no norte do actual Iraque, correspondendo ao coração da Assíria e ao antigo Mitanni (vd. Apêndice D: Mapa D.5). Assim, os achados cerâmicos de Tall Qabr Abū al-‘Atīq prometem contribuir grandemente para o nosso conhecimento da História da expansão ocidental meso-assíria e da gestão do território compreendido pelo império.

Como referimos atrás, à obra de Pfälzner seguiu-se mais de uma década (1995-2006) de publicações relativas a cerâmica meso-assíria procedente de diversos arqueossítios das actuais Síria e Turquia. Trata-se, maioritariamente, de apresentações tradicionais dos materiais cerâmicos provenientes das respectivas escavações, com o propósito de registar e disponibilizar informação genérica sobre aspectos formais e cronológicos. A tese doutoral de Duistermaat veio romper com essa linha. Entre outros aspectos trabalhados, a investigadora realizou o exercício de sincronização dos seus dados com os de outros sítios arqueológicos, dos quais se destacam, pelos motivos que vimos atrás, Tell Šēḥ Ḥamad e Tell Bdēri, os assentamentos estudados por Pfälzner. Esta abordagem é especialmente gratificante quando a cerâmica analisada provém de contextos datados através de métodos múltiplos – mais frequentemente, o radiocarbono, a dendrocronologia e o uso de textos cuneiformes historicamente datáveis.

Posto que em Tall Qabr Abū al-‘Atīq se efectuaram datações radiocarbónicas e se descobriram tabuinhas com escrita cuneiforme (vd. Capítulo III), as quais poderão vir a datar, de forma absoluta, o momento final de ocupação do edifício, com toda a cerâmica nele contida, o nosso conjunto reúne as condições para efectuar um trabalho na mesma senda. Trata-se, com efeito, de um momento encapsulado no tempo. A comparação formal dos nossos exemplares com os conjuntos estudados por Duistermaat

e Pfälzner poderia, inclusive, afinar cronologias tipológicas e, adicionalmente, auxiliar à datação de materiais e ocupações de outros sítios contemporâneos já escavados, ou a escavar futuramente.

Como descreveremos no Capítulo V, a análise que efectuaremos nesta dissertação reveste-se de carácter preliminar, devido, por um lado, ao estado incipiente das escavações em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, e, por outro lado, à falta de análises arqueométricas das cerâmicas, suas pastas e seus conteúdos, as quais não estão ainda disponíveis. Como tal, estudos sobre a proveniência dos recipientes cerâmicos ou sobre os seus usos em função de vestígios de conteúdos, não estão, de momento, ao nosso alcance. Igualmente, não poderemos trabalhar a temática dos tipos de fabrico (*wares*), aspecto que, pelo que discutimos atrás, consideramos relevante para a compreensão do repertório cerâmico administrativo meso-assírio.

Em contraste, pretendemos investir no estudo de um ainda reduzido número de marcas aplicadas sobre os nossos recipientes (Capítulo IX). Trata-se de um fenómeno documentado não infrequentemente em cerâmica administrativa oriunda de outros arqueossítios meso-assírios. Contudo, é um aspecto destas produções que não tem sido aprofundado, com a excepção do trabalho doutoral de Duistermaat (2008: 549-557). Na nossa óptica, um estudo holístico destas marcas poderá aportar novos e relevantes dados sobre a organização da produção e distribuição da cerâmica meso-assíria, no contexto da administração do império.

A sùmula dos pontos que desejamos investigar neste trabalho destina-se, em última análise, a lançar luz sobre a ainda obscura presença assíria, na conclusão do Bronze Final, no Médio Eufrates. Mas teremos presente, sobretudo, aquela que é, quiçá, a questão mais recorrente no seio dos estudos sobre a expansão meso-assíria: a cerâmica administrativa meso-assíria é o reflexo de uma «cultura de império»? Nos próximos capítulos caminharemos em direcção a uma resposta, quanto a nós, positiva.

CAPÍTULO V: METODOLOGIA

V.1. Inventariação e descrição da cerâmica

Para a inventariação do material arqueológico recuperado nas escavações de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, desenvolveram-se, com recurso ao programa informático *FileMaker*, duas bases de dados de natureza fundamentalmente semelhante: uma para cerâmica (recipientes cerâmicos) e outra para «outros materiais» (incluindo objectos cerâmicos que não recipientes). Importa referir que se trata de processos pré-existentes a esta dissertação, executados no quadro da missão do PAMES. O propósito original do sistema desenvolvido era a descrição genérica dos materiais recuperados das escavações, com atribuições cronológicas em função das fases ocupacionais (vd. adiante).

Durante as campanhas de trabalho efectuadas, nem todos os fragmentos foram *a priori* seleccionados para constar no sistema de inventário, em virtude das limitações de tempo. Concretamente, no caso da colina principal do *tell*, que aqui nos ocupa, foi dada prioridade a material proveniente das UE's 110, 127/Sala 4 e 127/Sala 3, ou seja, dos níveis que marcam a destruição do edifício meso-assírio pelo fogo e conservam cerâmica *in situ*. Em contraste, o material das restantes unidades estratigráficas – depósitos de formação posterior correspondendo a violações da fase ocupacional meso-assíria, nomeadamente a da construção do cemitério contemporâneo, e estratos superficiais – foi inventariado apenas na medida do possível. Parte considerável do espólio cerâmico dessas UE's foi devidamente armazenada para estudo numa fase posterior da investigação do PAMES.

O material a inventariar foi introduzido na ficha estandardizada desenvolvida em *FileMaker* (vejam-se a figs. V.1 e V.2). Cada elemento recebeu um número de inventário codificado. Na primeira campanha, este incluiu o nome abreviado do sítio («TQA» para Tall Qabr Abū al-‘Atīq), o ano em que se realizou a campanha que o trouxe à luz («08» para 2008), a sondagem («A», no caso da colina do *tell*) e, finalmente, um número individualizante de peça. Assim, um dado número de inventário de uma peça cerâmica da campanha de 2008 é TQA.08.A.107. A partir de 2009, com a decisão de ampliar a área de escavação na «acrópole», as quadrículas passaram a ser o

elemento orientativo. Assim, no número de inventário substituiu-se a letra de referência à sondagem pela designação do quadrado e adicionou-se, ainda, a referência à unidade estratigráfica (ou construtiva), anteriormente não incluída. Deste modo, uma determinada peça da campanha de 2010 tem como número de inventário TQA.10.X23.127.37.

Aqui explanaremos apenas os campos que concernem especificamente a descrição da cerâmica e, para os restantes elementos, remeteremos o leitor para a ficha de inventário aqui apresentada (figs. V.1 e V.2).

Ordenar

TALL QUBR ABU AL-ATIQ
Cerámica

Nº inventario	Sondeo	UE	Contexto arqueológico	Dibujo	Nº Fotografía
TQA.08.A.90	A	08.110		Si	1300, 1301

Cronología Relativa	Cronología de Mari	Fase Tall Qubr	Conservación
Bronze Reciente	Cementerio		Completa

Dimensiones (cm)

Altura	Diámetro base	Diámetro boca	Grosor pared

Color

Color pasta	Color exterior	Color interior	Desgrasante
Grisáceo	Beige	Marrón	<input checked="" type="checkbox"/> Mineral <input checked="" type="checkbox"/> Vegetal

Decoración

<input type="checkbox"/> Pintada	<input type="checkbox"/> Incisa	<input type="checkbox"/> Modelada	<input type="checkbox"/> Engobe reservado	<input type="checkbox"/> Excisa	<input type="checkbox"/> Otra
<input type="checkbox"/> Peinada	<input type="checkbox"/> Impresa	<input checked="" type="checkbox"/> Engobe	<input type="checkbox"/> Vidriada	<input type="checkbox"/> Puntillada	

Tipología

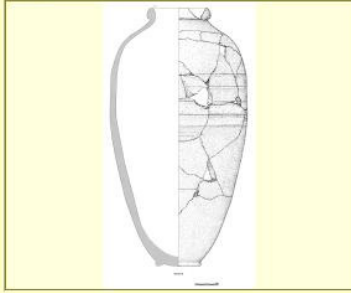
Tipo Vasija	Categoría cerámica
Cerrado	Común torneada

Paralelos

Observaciones

Peso: 8,400 kg.

Dibujo



Foto




Fig. V.1 – Exemplo de entrada na ficha estandardizada de inventário gerada em *FileMaker* para recipientes cerâmicos (original em castelhano).

Cronologia relativa

Todos os fragmentos ou peças analisados neste trabalho (vejam-se, adiante, os critérios de definição da amostra) foram registados na categoria *Bronze Final*.

NÚMERO DE INVENTÁRIO Campanha de 2008: TQA.08.A.90 (exemplo) TQA sítio 08 ano A sondagem 90 número de peça A partir da campanha de 2009: TQA.10.X23.110.2 TQA sítio 10 ano X23 quadrícula 110 unidade estratigráfica 2 número de peça	CRONOLOGIA RELATIVA Paleolítico Epipaleolítico Neolítico pré-cerâmico Neolítico cerâmico Ubaid Uruk Bronze Inicial Bronze Médio Bronze Final Idade do Ferro Helenística Parta Romana Tardo-Romana Bizantina Islâmica Indeterminada	DIMENSÕES (cm) <i>Altura</i> <i>Diâmetro na base</i> <i>Diâmetro no bordo</i> <i>Espessura</i> COLORAÇÃO <i>Pasta</i> Castanho Bege Alaranjado Acinzentado Avermelhado Rosado Esverdeado Esbranquiçado Negro <i>Exterior</i> Castanho Bege Alaranjado Acinzentado Avermelhado Rosado Esverdeado Esbranquiçado Negro <i>Interior</i> Castanho Bege Alaranjado Acinzentado	Avermelhado Rosado Esverdeado Esbranquiçado Negro DESENGORDURANTE Mineral Vegetal DECORAÇÃO Pintada Penteada Incisa Impressa Modelada Engobe Engobe reservado Vidrada Excisa Pontilhada Outra TIPOLOGIA <i>Tipo de recipiente</i> Aberto Fechado <i>Categoria cerâmica</i> Comum manual Comum a torno Metálica a torno Cozinha manual Cozinha a torno Fina a torno
SONDAGEM EU CONTEXTO ARQUEOLÓGICO Funerário Doméstico Artesanal Desconhecido DESENHO Sim Não NÚMERO DE FOTOGRAFIA	CRONOLOGIA DE MARI Cidade I Cidade II Cidade III – Šakkanakku Cidade III – Lim Cemitério meso-assírio FASE TALL QABR CONSERVAÇÃO Completa Fragmentária Fragmento		

Fig. V.2 – Expansão dos campos da ficha standardizada de inventário gerada em *FileMaker* para objectos cerâmicos (traduzida do castelhano).

Conservação

Cada achado cerâmico foi classificado com uma de três categorias possíveis quanto à sua preservação: «fragmento», «[peça] fragmentária» e «[peça] completa». À diferença de «completa» entende-se como «peça fragmentária» o artefacto que preserve boa parte do seu volume original mas não a totalidade, podendo, porventura, não apresentar perfil completo.

Dimensões

Inclui quatro parâmetros metrológicos, todos apresentados em centímetros: altura (máxima do fragmento/peça devidamente orientado/a, quando possível), diâmetro na base (máximo), diâmetro no bordo (máximo), espessura (média da parede).

Coloração

Quanto à coloração, a ficha inclui três parâmetros: pasta (entenda-se, núcleo), exterior (superfície interior ou anverso) e interior (superfície exterior ou reverso). As cores não foram medidas com as *Munsell Soil Color Charts* mas sim divididas em nove categorias cromáticas genéricas, correspondendo a tons terrosos: *castanho*, *bege*, *alaranjado*, *acinzentado*, *avermelhado*, *rosado*, *esverdeado*, *esbranquiçado*, *negro*.

Desengordurantes

As inclusões na pasta foram classificadas, a nível macroscópico, em duas categorias: *mineral* e *vegetal*.

Decoração

Os seguintes tipos de decoração foram incluídos: *pintada*, *a pente*, *incisa*, *impressa*, *modelada*, *engobe*, *engobe reservado*, *vidrada*, *excisa*, *pontilhada* e, para outros que não estes, *outra*.

Tipologia

Este campo continha apenas dois parâmetros básicos quanto ao tipo de recipiente: *aberto* e *fechado*. Quanto à categoria cerâmica, distinguia: *comum manual*, *comum a torno*, *metálica a torno*, *[de] cozinha manual*, *[de] cozinha a torno* e *finha a torno*.

V.2. Selecção da amostra

A amostra recolhida para estudo no quadro da nossa dissertação procede unicamente das UE's 110 (Sala 1), 127/Sala 4 e 127/Sala 3. Por um lado, demos prioridade aos espaços com maior área e volume escavados. Por outro, centrámo-nos nas unidades estratigráficas que, nas distintas salas, assinalam o momento final de ocupação do edifício. Feita esta selecção, recolhemos, dentro daqueles estratos, apenas o espólio devidamente inventariado, fotografado e desenhado. Refira-se que o desenho arqueológico se efectuou, em ocasião, sobre peças remontadas, mas não restauradas, ou seja, sem preenchimento de porções não preservadas das mesmas. Finalmente, foram excluídos os fragmentos informes, que não permitiriam a recolha de informação métrica relevante e, sobretudo, identificação tipológica. A única excepção é o fragmento informe nº TQA.09.X23.110.20, de atribuição formal insegura, mas considerado aqui pela marca que possui (vd. Capítulo IX).

V.3. Parâmetros de análise

O estudo do conjunto cerâmico de Tall Qabr Abū al-‘Atīq que apresentaremos nos capítulos seguintes conformou-se aos parâmetros recolhidos na ficha de inventário do PAMES e apresentados atrás. Até ao momento, não foi possível conduzir um estudo mais aprofundado do espólio, presentemente armazenado no Museu Arqueológico de Deir ez-Zor. Não se realizaram, até ao momento, quaisquer análises arqueométricas, por exemplo, de pastas. Apenas se efectuou observação macroscópica, traduzindo-se na classificação dos elementos não plásticos visíveis a olho nu como «minerais» ou «vegetais» – de acordo com o que vimos atrás (secção V.1). As circunstâncias actuais impossibilitam-nos, assim, de abordar a questão da proveniência dos fabricos presentes em de Tall Qabr Abū al-‘Atīq¹⁹.

¹⁹ Podemos dizer que, na maioria dos casos em que se assinalou a presença de inclusões minerais, estas correspondiam a partículas negras reveladoras de natureza vulcânica. Isto é compatível não só com o uso

Foi possível, porém, acrescentar uma nova dimensão de análise: foi calculada a capacidade volumétrica dos recipientes de Tall Qabr Abū al-‘Atīq com auxílio do *software* AutoCAD 2007 e através dos desenhos das peças efectuados nessa mesma aplicação. O cálculo foi efectuado girando o contorno interior de cada peça para obter um sólido tridimensional correspondendo ao volume interno do recipiente, fornecido pelo software em cm³ e convertido por nós, *a posteriori*, em litros. Importa notar, por um lado, que este cálculo se reporta ao volume interno total dos objectos, o que não corresponde ao volume «útil» dos mesmos porque, evidentemente, não seriam cheios até ao lábio. Ou seja, a capacidade calculada será tendencialmente superior ao volume útil do recipiente na Antiguidade. Por outro lado, é previsível uma margem de erro, fruto de a base do cálculo ser um desenho digital que advém de outro, manual. Concretamente, a reconstrução informática do volume dos recipientes parte do princípio de que os mesmos são absolutamente simétricos o que, evidentemente, não é verdade. Assim, preferimos aqui falar em volume total aproximado. A análise da capacidade das nossas peças foi importante especialmente para o estudo da sua funcionalidade (vd. Capítulo VIII).

de pastas locais (o desfiladeiro de Khānūqah é uma formação basáltica), mas também com argilas da Jazirah e do Alto Khabur, em geral.

CAPÍTULO VI: CORPUS E TIPOLOGIA FORMAL

Uma vez expostos os critérios selectivos que moldaram a nossa amostra, bem como a metodologia sobre a qual se alicerçará todo o seu estudo ao longo do nosso trabalho, compete-nos, aqui, apresentar e descrever tipologicamente o *corpus* cerâmico correspondente.

VI.1. Introdução

A apresentação e descrição da cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq far-se-á no quadro de uma tipologia formal. Isto é, as peças individuais do conjunto a analisar são agrupadas em diferentes categorias tipológicas²⁰. Estas definem-se em função de critérios *unicamente morfológicos* que, no nosso entendimento, representam a única forma de produzir uma classificação neutra e objectiva. Em contraste, as categorizações de base funcional ou, de outra maneira, assentes em critérios múltiplos, arriscam-se à subjectividade²¹. Assim, distinguimos dez grupos de formas ou morfotipos, cada um dos quais definido unicamente por um ou mais traços morfológicos comuns a todos os artefactos a ele atribuídos. Quanto à metodologia, estes grupos foram estabelecidos a partir da apreciação metrológica das nossas peças. Os dados métricos de todos os exemplares preservando perfil completo (fossem peças conservadas na totalidade ou fragmentos) foram inseridos em tabelas de *MS Excel* que serviram, por seu turno, para

²⁰ Reconhecemos que a criação de uma tipologia cerâmica interna a um sítio arqueológico acarreta efeitos colaterais. Tal empresa pode dificultar a apreciação global do fenómeno ou objecto de estudo – a cerâmica administrativa meso-assíria. Isto é especialmente verdade quando, como é o caso, existem já tipologias formais para a mesma classe cerâmica em estudos de outros arqueossítios. Principalmente porque cada investigador ou colectivo de investigadores recolhe e organiza dados de maneira distinta, pois cada projecto de investigação tem os seus próprios objectivos e questões de partida., para além de metodologias e critérios próprios, dependentes de factores como o âmbito intelectual (ou «escola») em que se insere. Tudo isto gera dificuldades à hora de conduzir análises inter-sítio e a nossa própria abordagem pode, por um lado, contribuir para este problema. Contudo, não existe ainda uma tipologia universal resultante de um consenso entre os investigadores que se ocupam da cerâmica administrativa meso-assíria. Assim sendo, estamos convictos de que o método aqui delineado apresenta a vantagem da objectividade e não dificulta a tarefa de comparação tipológica com materiais provenientes de outros arqueossítios, questão que abordaremos no Capítulo VII.

²¹ Por um lado, a funcionalidade de uma dada forma cerâmica, seja única ou múltipla, nem sempre é evidente ou cientificamente determinável, pelo que se torna arriscado ou até mesmo impreciso atribuir designações como, por exemplo, «cálice de libações» ou «queijeira». Por outro lado, basear uma classificação apenas em nomenclaturas lexicais pode prestar-se a confusão, dada a variação semântica que um mesmo termo pode ter a nível regional, social, geográfico, cronológico, etc., designando, frequentemente, diferentes tipos de recipiente em diferentes contextos.

gerar gráficos de dispersão por meio do mesmo *software* informático. Estes gráficos – os mais relevantes dos quais serão adiante apresentados – puseram em evidência grupos e subgrupos de características comuns. Posteriormente, nalguns casos, a definição dos morfotipos foi «afinada» através da criação de gráficos de dispersão adicionais analisando apenas um parâmetro (por exemplo, diâmetro no bordo ou na base).

Uma vez que se pretendem grupos neutros de critério objectivo, cada categoria formal é designada por um algarismo (exemplo: a Forma 1 designa todos os recipientes abertos com diâmetro no bordo superior à altura), evitando-se terminologias subjectivas como «taça» ou «vaso de provisões». Nos casos em que se distinguem subtipos e, inclusive, variedades de subtipos, atribuíram-se denominações alfanuméricas (exemplo: a variante 1B2 do subtipo 1B, por sua vez integrando a Forma 1). Veremos ainda, dois casos de peças que não puderam ser coerentemente integradas em nenhum dos dez morfotipos (ou suas subcategorias) estabelecidos, sendo classificadas como formas intermédias.

O que se segue consiste, então, numa definição descritiva de cada grupo formal, a qual inclui, até onde é possível, a equivalência entre os nossos morfotipos e as categorias tipológicas delineadas por Pfälzner (1995: 59-60; 2007: 251-253) e Duistermaat (2008: Apêndice A, 474-488). Estas correspondências resultarão, frequentemente, em aproximações, dados os critérios e objectivos diferentes que caracterizam as classificações destes autores²².

Após a apresentação descritiva de cada um dos grupos formais, são inventariadas e descritas individualmente todas as peças. Esta descrição individual é feita por meio de tabelas, contendo os parâmetros de análise contidos no inventário do PAMES, conforme expusemos no Capítulo V. Devido às limitações de espaço inerentes a esta dissertação, uma descrição mais detalhada foi remetida para o Apêndice A, o qual contém um inventário mais extensivo e individual do *corpus*. Finalmente, a apresentação gráfica das peças é feita em figuras integradas no final deste capítulo.

²² Vd. nota 1. A tipologia formal de Duistermaat, por exemplo, aplica-se à cerâmica de cinco das sete fases de ocupação de Tell Sabi Abyad (Níveis 7-3). Estes níveis, para além de uma ocupação meso-assíria bem conhecida (Níveis 6 a 4), incluem, segundo os resultados apresentados pela autora (Duistermaat, 2008: 43-49, 96-97, tab. IV.57), um período «mitaniano» (Nível 7, finais do século XIV e primeira metade do século XIII a.C.) e uma última ocupação (Nível 3, finais do século XII a.C.) de natureza imprecisa. Trata-se, assim, de uma classificação destinada a um conjunto cerâmico que ultrapassa o âmbito das produções administrativas meso-assírias.

VI.2. Grupos morfológicos

Forma 1

Recipiente de forma aberta com o diâmetro no bordo superior à altura da peça.

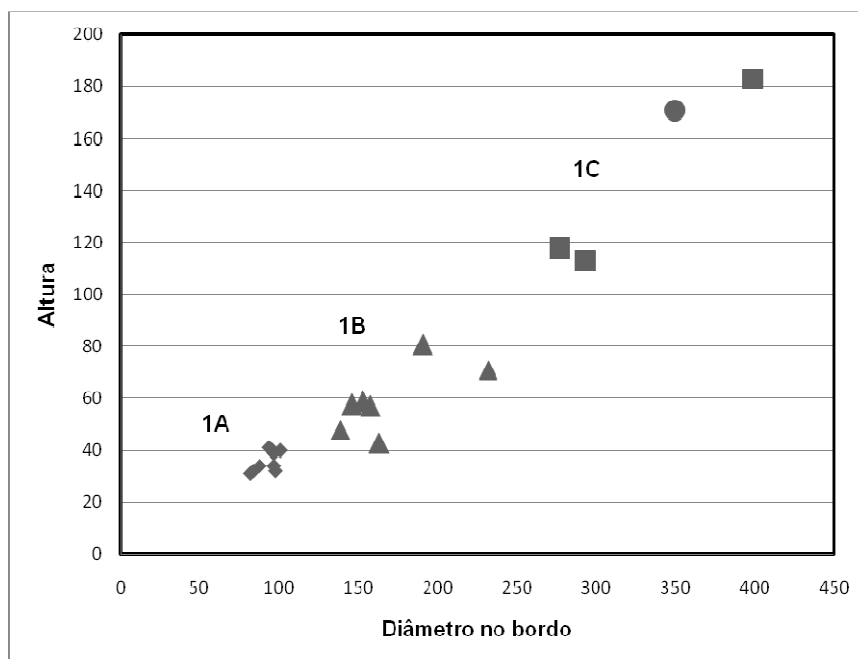


Fig. VI.1 – Gráfico de dispersão com exemplares (de perfil completo) da forma 1 agrupados por relação entre altura e diâmetro no bordo.

Subtipo 1A

O diâmetro no bordo é ≥ 80 mm e < 110 mm; a altura é < 45 mm. Os exemplares desta forma possuem sempre uma carena instalada na zona mesial da peça. Acima daquela, a parede é ligeiramente côncava e o bordo extrovertido, com lábio de secção predominantemente semicircular (documentou-se apenas um lábio excepcional de secção subrectangular). Abaixo da carena, o corpo é troncocónico e a base apresenta fundo plano ou apenas ligeiramente côncavo. As peças cujo perfil se preserva integralmente revelam uma tendência para fundos completamente planos ou apenas ligeiramente côncavos.

Subtipo 1B

O diâmetro no bordo é ≥ 135 mm e ≤ 250 mm; a altura, normalmente inferior à metade do diâmetro no bordo, é ≥ 40 mm e < 85 mm. São quase sempre carenadas podendo, excepcionalmente, surgir exemplares com apenas um ligeiro espessamento da parede à mesma altura onde seria de esperar encontrar uma carena. Deverá tratar-se de uma irregularidade provocada pela produção em massa destas peças.

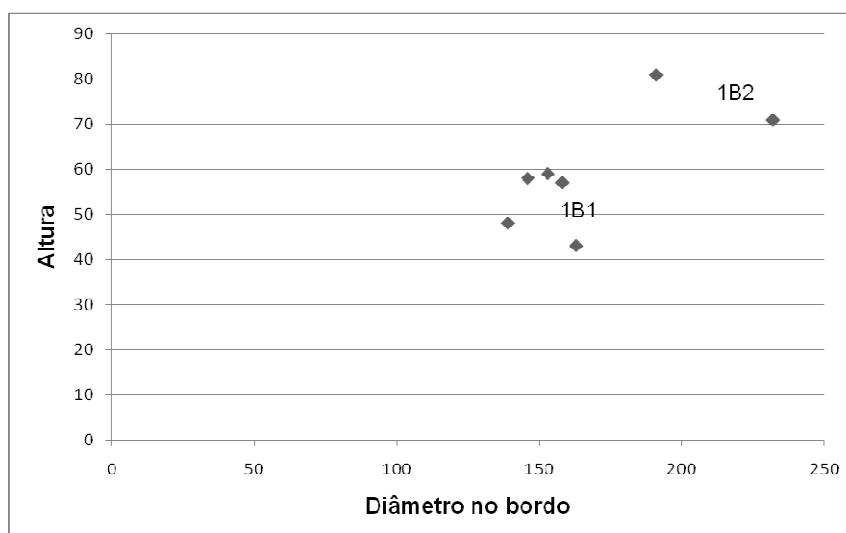


Fig. VI.2 – Gráfico de dispersão mostrando o agrupamento das variantes 1B1 e 1B2 a partir da relação entre diâmetro no bordo e altura.

Variante 1B1

O diâmetro no bordo é ≥ 135 mm e < 165 mm; a espessura média da parede é ≤ 8 mm. Os bordos possuem lábios arredondados ou de secção subrectangular. A carena apresenta-se, em média, a 18 mm do bordo. As bases possuem fundos tendencialmente planos ou ligeiramente côncavos.

Variante 1B2

O diâmetro no bordo é ≥ 175 mm e ≤ 250 mm; a espessura média da parede é ≥ 8 mm. Alguns exemplares podem, excepcionalmente, exceder os 250 mm de altura. Os bordos possuem lábios predominantemente arredondados. A carena situa-se, em média, a 27 mm do bordo. Apenas dois exemplares conservam a base: uma delas possui pé anular ligeiramente extrovertido (TQA.08.A.76) e a segunda pé alto de fundo aplanado (TQA.10.X23.127.49).

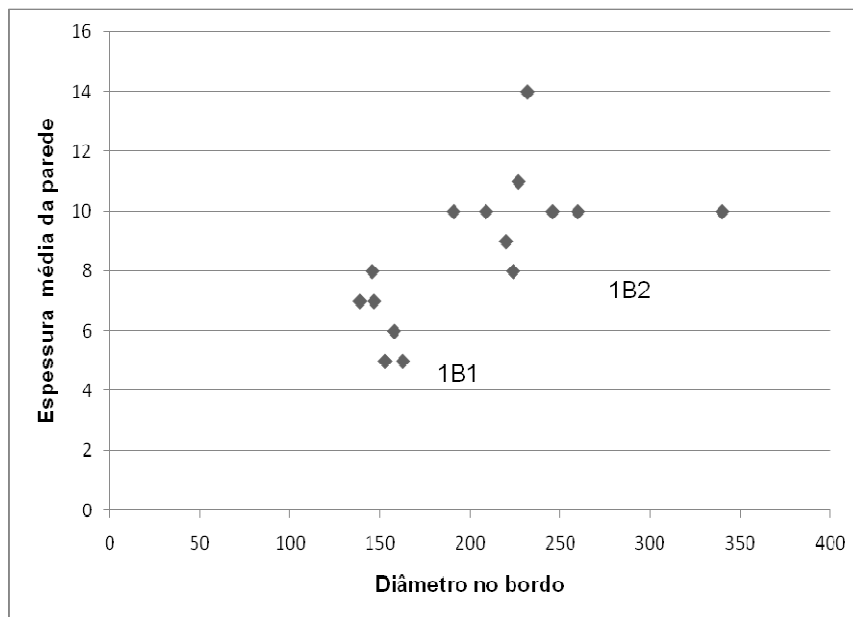


Fig. VI.3 – Gráfico de dispersão mostrando o agrupamento das variantes 1B1 e 1B2 a partir da relação entre diâmetro no bordo e espessura média da parede.

Subtipo 1C

O diâmetro no bordo é ≥ 250 mm. A altura é ≥ 100 mm mas não excede $\frac{2}{3}$ do diâmetro no bordo. Os lábios são espessados externa e internamente. Três exemplares (TQA.08.A.103 e 104; TQA.10.X23.116.5) possuem espessamento idêntico nos dois lados, formando um lábio arredondado; no caso das peças TQA.10.X23.110.13 e TQA.10.X23.127.12, o espessamento exterior é mais desenvolvido, formando uma aba. Não possuem carena e as paredes, tendencialmente rectas, são apenas ligeiramente côncavas ou ligeiramente convexas. Dois exemplares (TQA.08.A.104 e TQA.10.X23.127.12) preservam a sua base, em ambos casos apresentado pé anular ligeiramente extrovertido. Equivalem a parte das *Schüsseln* ou *deep bowls* de Pfälzner (1995: 59-60 e 2007: 25).

Forma 2

Recipiente de forma aberta cuja altura superior é $> \frac{2}{3}$ do diâmetro do bordo. Os bordos dos nossos exemplares são tendencialmente verticais e possuem lábios maioritariamente espessados ao exterior, podendo assumir a forma de aba. Menos frequentemente, os lábios apresentam secção rectangular ou triangular (temos um exemplo para cada). Equivale à forma 2.2 de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: 280-

281), definida como *pots with a straight or slightly convex wall*, ou seja, «potes/panelas com parede recta ou ligeiramente convexa». Corresponde ainda a parte das *Schüsseln* ou *deep bowls* de Pfälzner (1995: 59-60; 2007: 25).

Forma 3

Recipiente aberto de corpo em forma de cone ou sino invertido e com apêndice (pé não funcional) em forma de mamilo. O diâmetro no bordo varia, de forma aproximada, entre 70 e 110 mm e a altura oscila entre 90 e 130 mm. Esta última é sempre ligeiramente superior ao diâmetro. Este tipo de recipiente corresponde à forma 4.1 ou *goblets with a V-shaped wall profile* (ou seja, «cálices com o perfil da parede em forma de V») de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: 486-487).

Forma 4

Recipientes ligeiramente fechados de parede com perfil em «S» que lhes confere um corpo bojudo. Possuem, normalmente, pé funcional na base, cujo diâmetro varia entre os 20 e os 35 mm. O bordo é extrovertido e possui lábio semicircular. Nos exemplares até agora documentados, o diâmetro no bordo oscila entre os 75 e os 80 mm e a altura varia entre 90 e 105 mm (valores aproximados). Estes dois parâmetros, bem como o diâmetro da base e a ausência de um colo relativamente alto e bem marcado, distinguem este morfotipo da Forma 5.

Correspondem a parte dos *Becher / beakers* de Pfälzner (1995: 59-60; 2007: 252, sobretudo a fig. 282) e ao subgrupo tipológico 4.2 (*goblets with an S-shaped wall profile*) de Duistermaat (2008: 486-487).

Forma 5

Recipiente fechado de diâmetro no bordo ≤ 100 mm e inferior à altura, que não excede os 250 mm. O diâmetro na base, que normalmente possui um pé, não excede os 65 mm. A sua largura máxima apenas excepcionalmente é > 150 mm. Os exemplares desta forma possuem sempre colo, de morfologia variável. O bordo é normalmente extrovertido.

Peças com estas características encontram-se divididas entre os *Becher/beakers* e a às *Flaschen/bottles* de Pfälzner (1995: 59-60; 2007: 252, sobretudo figs. 281 e 292). Refira-se que a diferença entre cálices (Forma 4) e jarros (Forma 5) é mais marcada em Tall Qabr Abū al-‘Atīq do que em Tell Šēḥ Ḥamad. Este nosso morfotipo corresponde

igualmente às «jarras com colo» (subgrupo 3.1), de tamanhos pequeno e médio, de Duistermaat (2008: 483-485).

Forma 6

Recipiente fechado de grande capacidade volumétrica e com altura igual ou superior a 400 mm. Alguns exemplares podem mesmo ultrapassar os 600 mm de altura. A largura máxima é normalmente superior a 150 mm. Assim, este morfotipo exhibe formato ovóide alongado. O diâmetro é ≥ 100 mm no bordo e, salvo raras exceções, ≥ 60 mm na base. A espessura média da parede é ≥ 10 mm. Nos excepcionais casos em que possui colo, este não é demasiado alto ou estrangulado. A morfologia dos bordos e seus lábios é variada. O tipo de bordo mais comum – com 40,82% dos exemplares que preservam a sua parte superior – possui lábio espessado externamente e amendoado, ainda que a secção exhiba alguma variação. As paredes configuram um corpo ovóide alongado, excepcionalmente mais globular. A grande maioria das peças (76,92% das que preservam a base) apresenta base com pé anular e fundo convexo que chega a ultrapassar a profundidade do próprio pé, afectando a estabilidade da vasilha. Em menor número, existem bases com fundo convexo ou pés de fundo aplanado.

Encontra correspondência nas *Middle-Assyrian Standard Bottles* ou «jarras standard meso-assírias» (subgrupo da forma *Flaschen/bottles*) de Pfälzner (1995: 59 e, sobretudo, 2007: 253, figs. 293-302) e em boa parte dos exemplares de «grandes jarras» (*large jars*) que compõem o subtipo 3.2 de Duistermaat (2008: 485-486), que a investigadora denomina de «jarras sem colo» (*jars without a neck*).

Forma 7

Recipiente fechado de diâmetro no bordo inferior à sua largura máxima. O único exemplar documentado em Tall Qabr Abū al-‘Atīq tem um diâmetro no bordo de ≈ 190 mm. Não possui colo e o corpo é globular. O bordo é introvertido e o lábio é arredondado e espessado externamente. Corresponde ao subtipo 2.1.1 de Duistermaat (2008: 481-483) e às *Töpfe / pots* de Pfälzner (1995: 59-60 e 2007: 252, figs. 286-290).

Forma 8

Recipientes fechados de diâmetro no bordo inferior ao seu diâmetro máximo e corpo tendencialmente globular. Distinguem-se da Forma 7 pela sua maior dimensão e

grande capacidade volumétrica, para além de possuir um colo curto. Possuem bordo tendencialmente vertical ou extrovertido. Os dois exemplares que se registam no nosso sítio apresentam diâmetros de ≈ 338 e ≈ 346 mm. A peça em melhor estado de conservação preserva uma altura de ≈ 416 mm. É possível que, ao contrário da Forma 6, estes grandes contentores não ultrapassassem os 600 mm de altura.

Correspondem aos «vasos de provisões» (*Grossgefässe/storage jars*) de Pfälzner (Pfälzner, 1995: 60-61 e 2007: 253), que este autor também distinguiu das «panelas» (*Töpfe/pots*) pelo seu maior volume e altura. Na tipologia de Duistermaat (2008: 481), os equivalentes são os exemplares do subgrupo 2.1.5.

Forma 9

Em Tall Qabr Abū al-‘Atīq registam-se apenas dois exemplares, correspondendo a recipientes abertos (equivalentes, diríamos, à Forma 1 – no seu todo) com várias perfurações no corpo. Trata-se de peças bastante abertas, onde os diâmetros são mais de duas vezes superiores à altura. Corresponde ao grupo 5 (*strainers*) de Duistermaat (2008: 487) e aos *Siebe* de Pfälzner (1995: 59).

Forma 10

Suporte de parede recta ou convexa, geralmente com o diâmetro da abertura superior menor que o da base. Corresponde, naturalmente, ao tipo 6 (*pot stands*) de Duistermaat (2008: 487) e aos *Ständer* de Pfälzner (1995: 59).

Forma intermédia 1C/1B2 (TQA.10.X23.127.32)

Altura: ≈ 171 mm; diâmetro no bordo: ≈ 350 mm; carena; espessura média: ≈ 10 mm metade superior; ≈ 20 mm metade inferior. Forma intermédia com dimensões próximas às do subtipo 1C mas possuindo ligeira carena como o subtipo 1B.

Forma intermédia 6/8 (TQA.10.X23.127.54)

Corresponde a um exemplar único de um grande contentor medindo ≈ 561 mm de altura e tendo de largura máxima ≈ 468 mm. O corpo é globular como o da Forma 8, mas o diâmetro no bordo é de ≈ 190 mm e configura uma abertura estreita como a da Forma 6. A base é bastante larga (≈ 265 mm) e possui fundo côncavo. A sua capacidade volumétrica é de $\approx 54,3$ litros.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Carena	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Espessura	
TQA.08.A.67	110	1	Completa	S/	S/	S/	ROSA	ROSA	ROSA	S/	N/	96	31	40	5	Altura preservada: ≈27 mm
TQA.08.A.69	110	1	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	97	31	39	5	
TQA.08.A.70	110	1	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	98	50	32	4	
TQA.10.X23.110.11	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	107			3	
TQA.10.X23.127.15	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	82	35	31	5	
TQA.10.X23.127.21	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	94	41	41	6	
TQA.10.X23.127.35	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	CAST	CAST	S/	N/	88	41	34	5	
TQA.10.X23.127.53	127	3	Fragmentária	S/	S/	S/	ALAR	BEGE	BEGE	S/	N/	84	37	32	5	Altura preservada: ≈32 mm
TQA.10.X23.116.3	127	3	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	100			7	
TQA.09.X23.127.07	127	4	Fragmentária	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	101	40	40	6	
TQA.09.X23.127.10	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	97	40	39	5	
TQA.09.X23.127.14	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	97	28	34	5	

Tab. VI.1 – Inventário da Forma 1A.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Carena	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Espessura	
TQA.08.A.68	110	1	Completa	S/	S/	S/	ROSA	BEGE	—	S/	N/	163	51	43	5	Fina camada (aparentemente) de betume no interior
TQA.10.X23.127.1	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	146	61	58	8	
TQA.10.X23.127.25	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	153	52	59	5	
TQA.10.X23.127.42	127	3	Completa	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	CAST	S/	N/	139	48	48	7	
TQA.09.X23.127.16	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	147			7	Altura preservada: ≈27 mm
TQA. 09.X23.127.31	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	158	72	57	6	Possui ligeiro espessamento a 21 cm do bordo

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Carena	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Espessura	
TQA.08.A.76	110	1	Completa	S/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	232	84	71	14	Altura preservada: ≈60 mm Altura preservada: ≈54 mm Altura preservada: ≈53 mm Altura preservada: ≈62 mm Altura preservada: ≈32 mm Altura preservada: ≈47 mm Altura preservada: ≈49 mm
TQA.08.A.79	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	209	—	—	10	
TQA.08.A.80	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	CAST	BEGE	BEGE	S/	N/	340	—	—	10	
TQA.09.X23.110.08	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	227	—	—	11	
TQA.09.X23.SO.110.10	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	246	—	—	10	
TQA.10.X23.110.16	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	220	—	—	9	
TQA.10.X23.127.49	127	3	Fragmentária	S/	S/	S/	ALAR	BEGE	CAST	S/	N/	191	84	81	10	
TQA.10.X23.116.2	127	3	Fragmento	S/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	260	—	—	10	
TQA.09.X23.127.13	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	224	—	—	8	

Tabs. VI.2 e VI.3 – Inventário das Formas 1B1 e 1B2.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Carena	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Espessura	
TQA.08.A.103	110	1	Completa	N/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	277	107	118	15	Altura preservada: ≈193 mm Altura preservada: ≈84 mm Altura preservada: ≈117 mm
TQA.08.A.104	110	1	Completa	N/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	293	90	113	16	
TQA.08.A.105	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	371			16	
TQA.10.X23.110.13	110	1	Fragmentária	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	316			15	
TQA.10.X23.127.12	127	3	Completa	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	399	76	183	17	
TQA.10.X23.116.5	127	3	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	474			18	

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas		Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Espessura	
TQA.08.A.73	110	1	Fragmento	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	275	17	Altura preservada: ≈225 mm
TQA.08.A.96	110	1	Fragmento	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	399	11	Altura preservada: ≈322 mm
TQA.08.A.107	110	1	Fragmento	S/	S/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	N/		11	Altura preservada: ≈141 mm
TQA.10.X23.110.15	110	1	Fragmento	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	234	10	Altura preservada: ≈32 mm
TQA.10.X23.127.60	127	3	Fragmento	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	337	12	Altura preservada: ≈206 mm
TQA.09.X23.127.43	127	4	Fragmento	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	264	13	Altura preservada: ≈76 mm
TQA.09.X23.127.52	127	4	Fragmento	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	295	15	Altura preservada: ≈220 mm

Tab. VI.4 – Inventário das Formas 1C e 2.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	h total	h apêndice	Espessura	
TQA.08.A.65	110	1	Completa	S/	N/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	N/	87	103	6	5	
TQA.09.X23.110.01	110	1	Completa	S/	N/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	77	90	9	5	
TQA.10.X23.127.16	127	3	Completa	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	103	128	11	5	

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Espessura	
TQA.09.X23.110.03	110	1	Fragmento	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	88			5	Altura preservada: ≈62 mm.
TQA.09.X23.110.05	110	1	Completa	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	77	21	94	5	
TQA.09.X23SO.110.02	110	1	Fragmento	S/	N/	AVER	AVER	AVER	S/	N/	82	20	101	4	
TQA.10.X23.127.18	127	3	Fragmentária	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	87	35	100	4	
TQA.09.X23.127.19	127	4	Fragmento	S/	N/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/				3*	Altura preservada: ≈38 mm.

Tab. VI.5 – Inventário das Formas 3 e 4.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Colo	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas						Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	h	Largura máx.	Espessura		
TQA.08.A.63	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	89			137	6	Altura preservada: ≈120 mm	
TQA.08.A.71	110	1	Fragmentária	S/	S/	S/	CAST	BEGE	CAST	S/	S/	87			155	8	Altura preservada: ≈135 mm	
TQA.08.A.75	110	1	Fragmento		S/	S/	CAST	BEGE	BEGE	S/	N/		46		144	9	Altura preservada: ≈99 mm	
TQA.08.A.85	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	98			142	9	Altura preservada: ≈66 mm	
TQA.10.X23.127.19	127	3	Fragmentária	S/	S/	S/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	S/	94	61	227	145	10		
TQA.10.X23.127.28	127	3	Fragmentária	S/	S/	S/	BEGE	CAST	CAST	S/	N/	94			135	7	Altura preservada: ≈152 mm	
TQA.10.X23.127.50	127	3	Fragmento		S/	S/	BEGE	BEGE	NEGR	S/	N/		57		135	10	Altura preservada: ≈94 mm	
TQA.09.X23.127.53	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	96			136	8	Altura preservada: ≈130 mm	

Tab. VI.6 – Inventário da Forma 5.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Colo	ENP's		Coloração			Decor.		Ø Bordo	Ø Base	h	Largura máx.	Espessura	Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra						
TQA.08.A.64	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	ALAR	BEGE	ROSA	S/	S/	141			351	14	Altura preservada: ≈266 mm
TQA.08.A.77	110	1	Fragmento		S/	S/	CAST	BEGE	ROSA	S/	N/		74		173	11	Altura preservada: ≈116 mm
TQA.08.A.78	110	1	Fragmento		S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/		86		196	17	Altura preservada: ≈122 mm
TQA.08.A.87	110	1	Fragmento		S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/		78		348	16	Altura preservada: ≈420 mm
TQA.08.A.88	110	1	Fragmento		S/	S/				S/	N/		74		279	14	Altura preservada: ≈293 mm
TQA.08.A.89	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	CAST	BEGE	BEGE	S/	N/	164				11	Altura preservada: ≈88 mm
TQA.08.A.90	110	1	Completa	S/	S/	S/	ACIN	BEGE	CAST	S/	S/	115	85	545	290	12	

TQA.08.A.91	110	1	Fragmentária	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	ESVE	S/	N/	140	83	555	279	12	Bordo assimétrico
TQA.08.A.92	110	1	Fragmentária	N/	S/	S/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	N/	129	68	625	287	14	
TQA.08.A.93	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	155				13	Altura preservada: ≈76 mm
TQA.08.A.94	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	S/	106			184	10	Altura preservada: ≈94 mm
TQA.08.A.97	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	S/	183			364	13	Altura preservada: ≈259 mm
TQA.08.A.98	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	ESVE	ESVE	ESVE	S/	N/	154			348	13	Altura preservada: ≈300 mm
TQA.08.A.100	110	1	Fragmento	S/	S/	S/	NEGR	CAST	CAST	S/	N/	130				14	Altura preservada: ≈91 mm
TQA.09.X23.110.04	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	AVER	AVER	S/	N/	150			334	12	Altura preservada: ≈187 mm
TQA.09.X23.110.06	110	1	Fragmento		S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/		68		191	12	Altura preservada: ≈ 224 mm
TQA.09.X23.110.07	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	ACIN	BEGE	BEGE	S/	N/	135			273	11	Altura preservada: ≈ 112 mm
TQA.09.X23.110.13	110	1	Fragmento		S/	S/	BEGE	ESVE	NEGR	S/	N/		87		270	18	Altura preservada: ≈ 280 mm
TQA.09.X23.110.15	110	1	Fragmento		S/	S/	AVER	BEGE	AVER	S/	N/		81		172	12	Altura preservada: ≈ 119 mm
TQA.09.X23.110.17	110	1	Fragmento		S/	S/	ACIN	BEGE	ESVE	S/	N/		67		247	17	Altura preservada: ≈204 mm
TQA.10.X23.110.09	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	117				12	Altura preservada: ≈68 mm
TQA.10.X23.110.14	110	1	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	140			354	13	Altura preservada: ≈183 mm
TQA.10.X23.127.13	127	3	Fragmentária	N/	S/	S/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	N/	137			306	16	Altura preservada: ≈409 mm
TQA.10.X23.127.14	127	3	Fragmentária	N/	S/	S/	CAST	AVER	AVER	S/	N/		65		225	14	Altura preservada: ≈342 mm
TQA.10.X23.127.22	127	3	Fragmento	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	S/	103			157	10	Altura preservada: ≈136 mm
TQA.10.X23.127.23	127	3	Fragmentária	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	138	61	412	283	11	Marca oleira
TQA.10.X23.127.26	127	3	Fragmentária	S/	S/	S/	BEGE	CAST	CAST	S/	N/	124	94	402	306	16	
TQA.10.X23.127.37	127	3	Completa	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	143	90	619	322	19	
TQA.10.X23.127.38	127	3	Completa	N/	S/	S/	ROSA	BEGE	ROSA	S/	N/	140	63	628	228	11	
TQA.10.X23.127.40	127	3	Fragmento	N/	S/	S/	ROSA	BEGE	ROSA	S/	N/	149			333	9	Altura preservada: ≈152 mm
TQA.10.X23.127.55	127	3	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	123			256	12	Altura preservada: ≈94 mm
TQA.10.X23.127.56	127	3	Fragmento		S/	S/	ROSA	BEGE	BEGE	S/	N/		64		165	15	Altura preservada: ≈166 mm
TQA.10.X23.127.57	127	3	Fragmento		S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/		86		248	15	Altura preservada: ≈342 mm
TQA.10.X23.127.66	127	3	Fragmento	N/	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	134			238	10	Altura preservada: ≈104 mm
TQA.10.X23.127.67	127	3	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	109			232	9	Altura preservada: ≈116 mm

TQA.09.X23.127.02	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	132	80	561	300	15	Altura preservada: ≈577 mm
TQA.09.X23.127.03	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	AVER	BEGE	S/	N/		85		266	13	
TQA.09.X23.127.04	127	4	Completa	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	110	70	410	195	13	
TQA.09.X23.127.05	127	4	Fragmento		S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/		48		276	13	Altura preservada: ≈386 mm
TQA.09.X23.127.08	127	4	Fragmentária	S/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	110	76	399	254	17	Altura preservada: ≈110 mm
TQA.09.X23.127.09	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	BEGE	CAST	S/	N/	150			254	13	
TQA.09.X23.127.20	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	ESVE	BEGE	BEGE	S/	N/	109				7	
TQA.09.X23.127.23	127	4	Fragmento		S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/		76			13	Altura preservada: ≈85 mm
TQA.09.X23.127.34	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	133				12	Altura preservada: ≈99 mm
TQA.09.X23.127.50	127	4	Fragmento	S/	S/	S/	AVER	AVER	AVER	S/	N/	148				10	Altura preservada: ≈80 mm.
TQA.09.X23.127.51	127	4	Fragmento	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	159				11	Altura preservada: ≈109 mm
TQA.09.X23.127.54	127	4	Fragmento		S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/		78		225	16	Altura preservada: ≈139 mm
TQA.09.X23.127.55	127	4	Fragmento		S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/		85		286	17	Altura preservada: ≈198 mm
TQA.09.X23.127.56	127	4	Fragmentária	N/	S/	S/	AVER	BEGE	BEGE	S/	N/	143	66	601	276	13	

Tab. VI.7 – Inventário da Forma 6.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas		Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Espessura	
TQA.08.A.95	110	1	Fragmento	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	201	7	Altura preservada: ≈119 mm
TQA.08.A.101	110	1	Fragmento	S/	S/	ACIN	AVER	AVER	S/	N/	190	16	Altura preservada: ≈104 mm

Tab. VI.8 – Inventário da Forma 7.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas		Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Espessura	
TQA.10.X23.127.52	127	3	Fragmentária	S/	S/	NEGR	AVER	AVER	S/	N/	346	20	Altura preservada: ≈416 mm
TQA.10.X23.116.4	127	3	Fragmento	S/	S/	CAST	CAST	CAST	S/	N/	338	18	Altura preservada: ≈72 mm

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas			Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	<i>h</i>	Espessura	
TQA.08.A.102	110	1	Completa	S/	S/	ESVE	ESVE	ESVE	S/	N/	225	79	15	
TQA.10.X23.127.5	127	3	Completa	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	167	57	8	

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
				Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	<i>h</i>	Espessura	
TQA.09.X23SO.110.09	110	1	Completa	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	233	249	163	13	
TQA.09.X23.127.06	127	4	Completa	S/	N/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	N/	223	260	157	17	

Tabs. VI.9, VI.10 e VI.11 – Inventário das Formas 8, 9 e 10.

N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Carena	ENP's		Coloração			Decor.		Medidas				Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	<i>h</i>	Espessura	
TQA.10.X23.127.32	127	3	Completa	S/	S/	S/	ROSA	CAST	ACIN	S/	N/	350	103	171	17	Contorno do bordo assimétrico (defeito de fabrico)

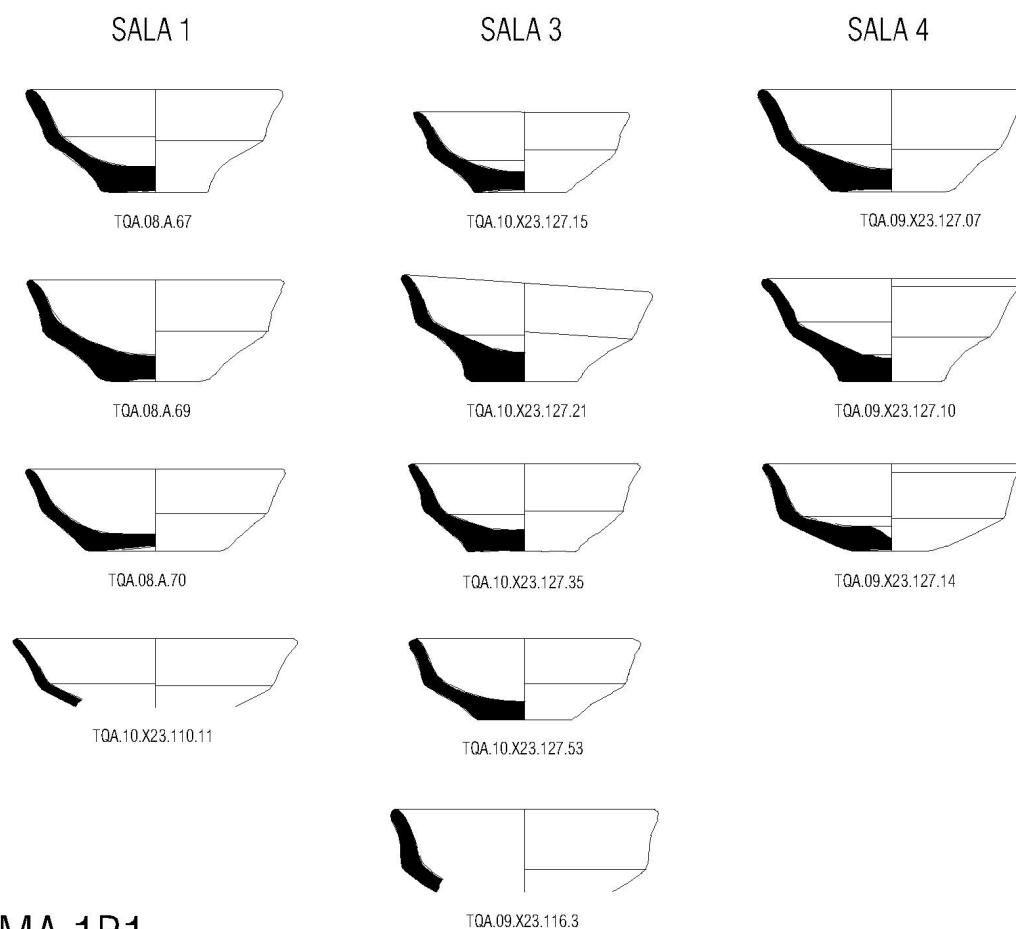
N.º Inv.	UE.	SALA	Preservação	Colo	ENP's		Coloração			Decor.			Medidas					Observações
					Minerais	Vegetais	Núcleo	Sup. Ext.	Sup. Int.	Engobe	Outra	Ø Bordo	Ø Base	<i>h</i>	Largura máx.	Espessura		
TQA.10.X23.127.54	127	3	Fragmentária	N/	S/	S/	BEGE	BEGE	BEGE	S/	S/	190	265	561	468	24		

Tabs. VI.12 e VI.13 – Inventário das Formas Intermédias 1C/1B2 e 6/8.

Forma	Sala1		Sala 3		Sala 4		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
1A	4	7,27%	5	13,89%	3	12,00%	12	10,43%
1B1	1	1,82%	3	8,33%	2	8,00%	6	5,22%
1B2	6	10,91%	2	5,56%	1	4,00%	9	7,83%
1C	4	7,27%	2	5,56%	0	0,00%	6	5,22%
2	4	7,27%	1	2,78%	2	8,00%	7	6,09%
3	3	5,45%	1	2,78%	0	0,00%	3	2,61%
4	3	5,45%	1	2,78%	1	4,00%	5	4,35%
5	4	7,27%	3	8,33%	1	4,00%	8	6,96%
6	22	40,00%	13	36,11%	14	56,00%	49	42,61%
7	2	3,64%	0	0,00%	0	0,00%	2	1,74%
8	0	0,00%	2	5,56%	0	0,00%	2	1,74%
9	1	1,82%	1	2,78%	0	0,00%	2	1,74%
10	1	1,82%	0	0,00%	1	4,00%	2	1,74%
Intermédia1C/1B2	0	0,00%	1	2,78%	0	0,00%	1	0,87%
Intermédia 6/8	0	0,00%	1	2,78%	0	0,00%	1	0,87%
Total	55	100,00%	36	100,00%	25	100,00%	115	100,00%

Tab. VI.14 – Contagem de peças na amostra, segundo a forma e por sala.

FORMA 1A



FORMA 1B1

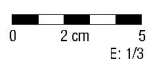
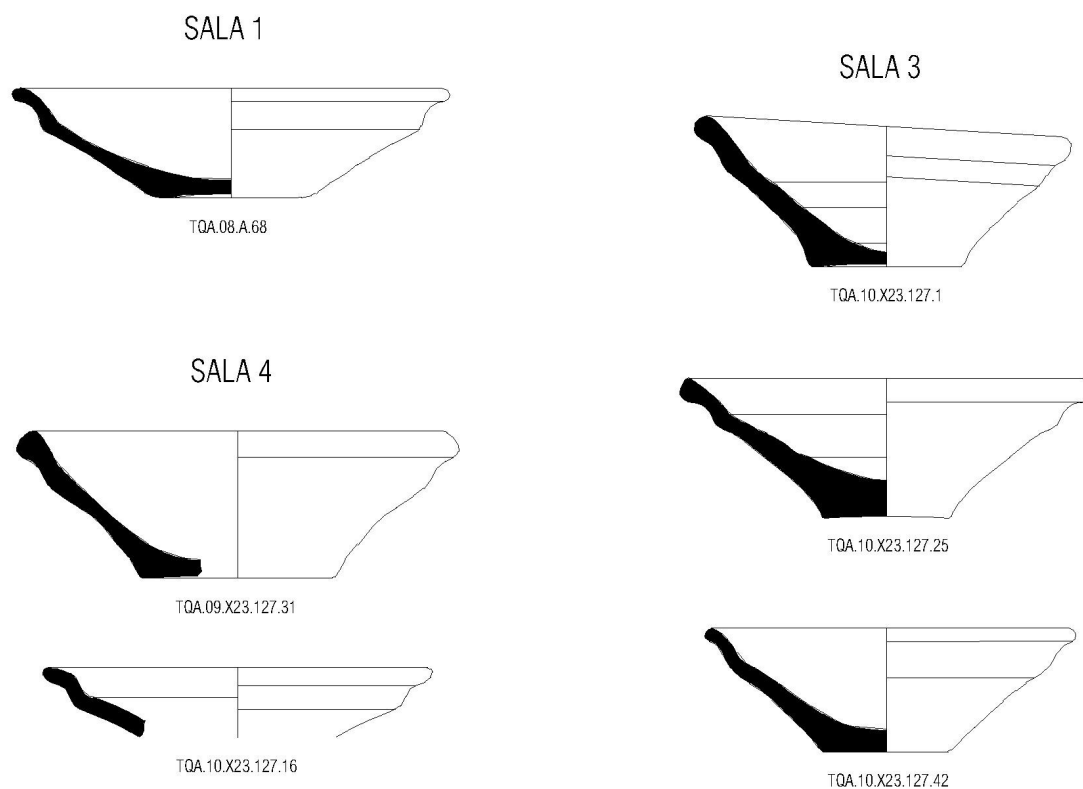
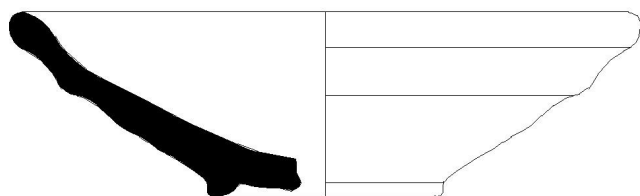


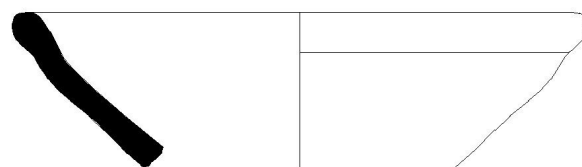
Fig.VI.4 - Formas 1A e 1B1 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 1B2

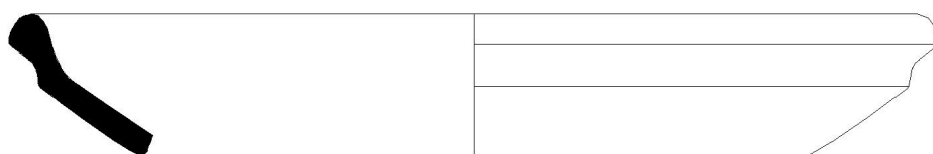
SALA 1



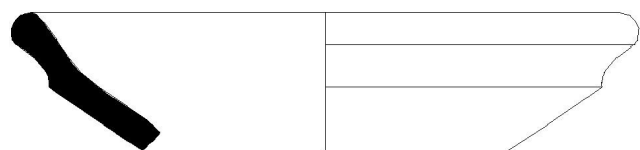
TQA.08.A.76



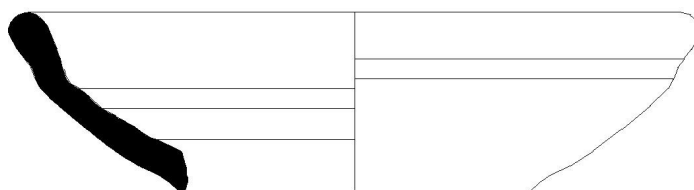
TQA.08.A.79



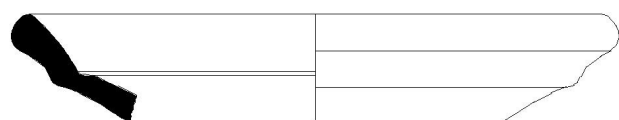
TQA.08.A.80



TQA.09.X23.110.08



TQA.09.X23.127.27



TQA.10.X23.110.16

SALA 4

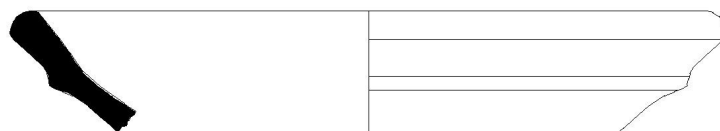


TQA.09.X23.127.13

SALA 3



TQA.10.X23.127.49

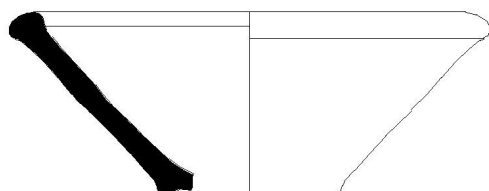


TQA.10.X23.116.2

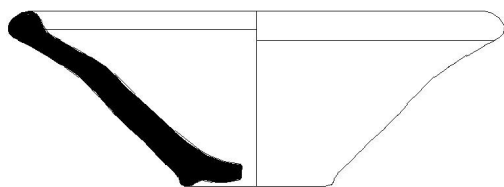
0 2 cm 5
E: 1/3

FORMA 1C

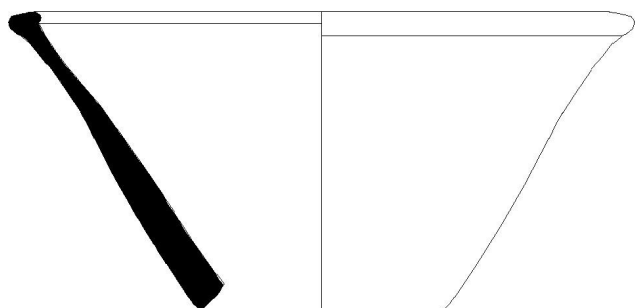
SALA 1



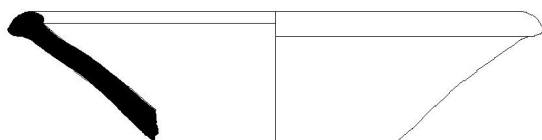
TQA.08.A.103



TQA.08.A.104

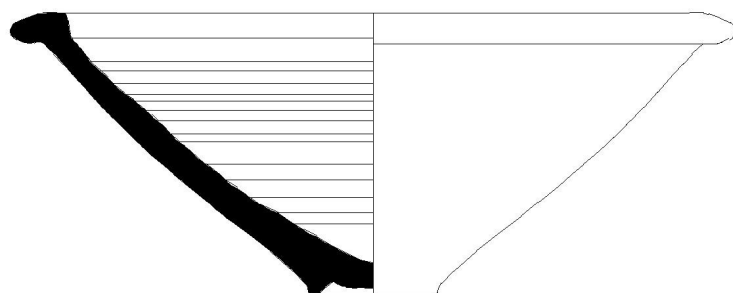


TQA.08.A.105

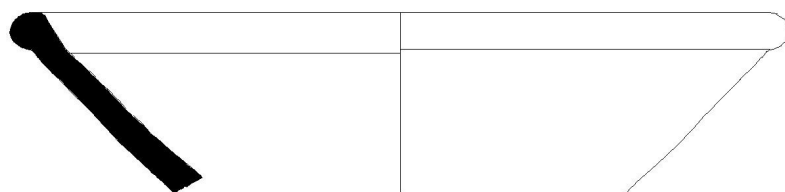


TQA.10.X23.110.13

SALA 3



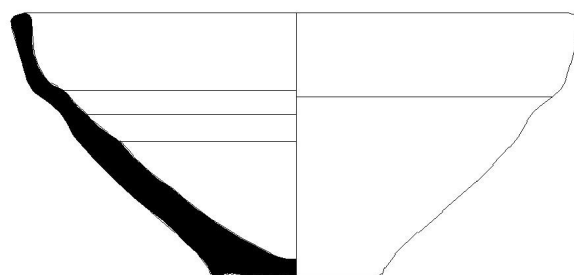
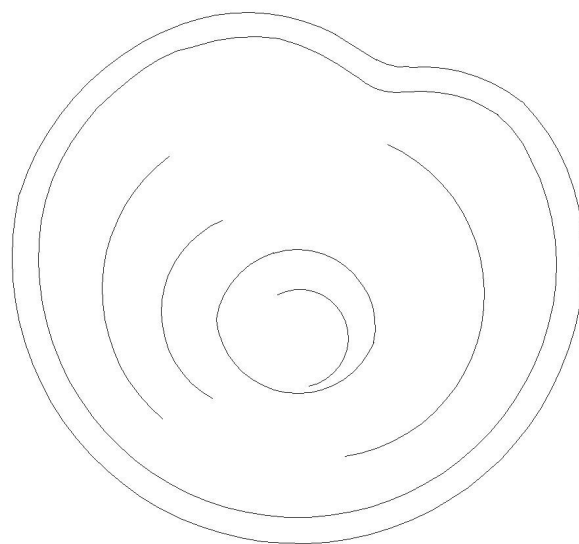
TQA.10.X23.127.12



TQA.10.X23.116.5

FORMA INTERMÉDIA 1C/1B2

SALA 3



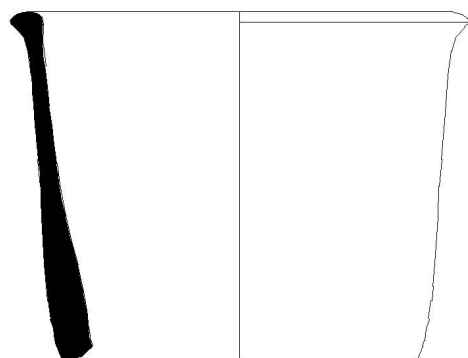
TQA.10.X23.127.32

0 2 cm 10
E: 1/5

Fig.VI.6 - Forma intermédia 1C/1B2 e Forma 1C (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

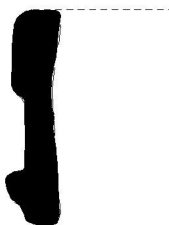
FORMA 2

SALA 1

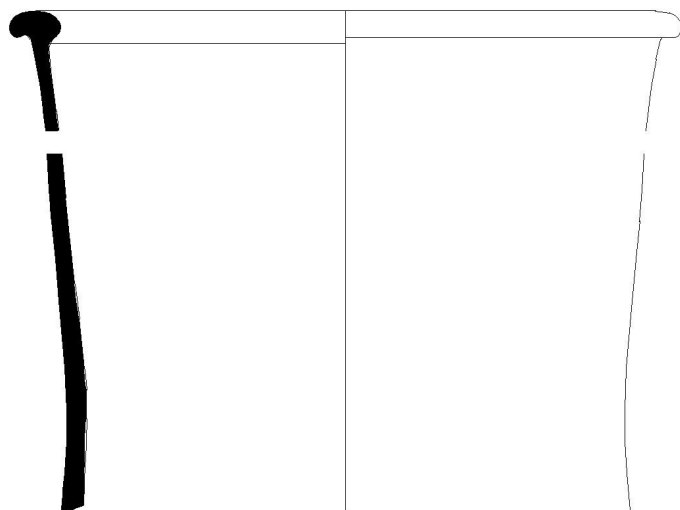


TQA.08.A.73

TQA.08.A.107



TQA.10.X23.110.15



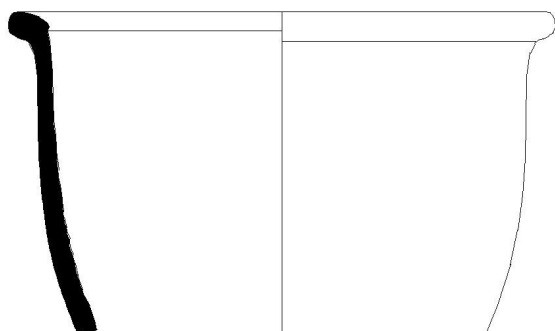
TQA.08.A.96

SALA 4

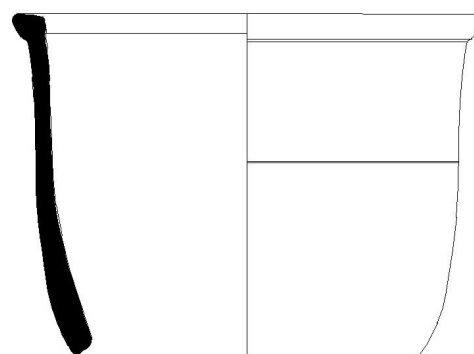


TQA.09.X23.127.43

SALA 3



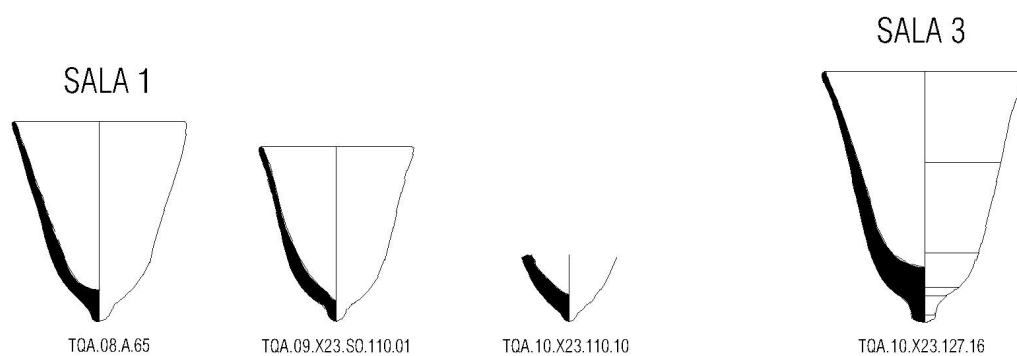
TQA.10.X23.127.60



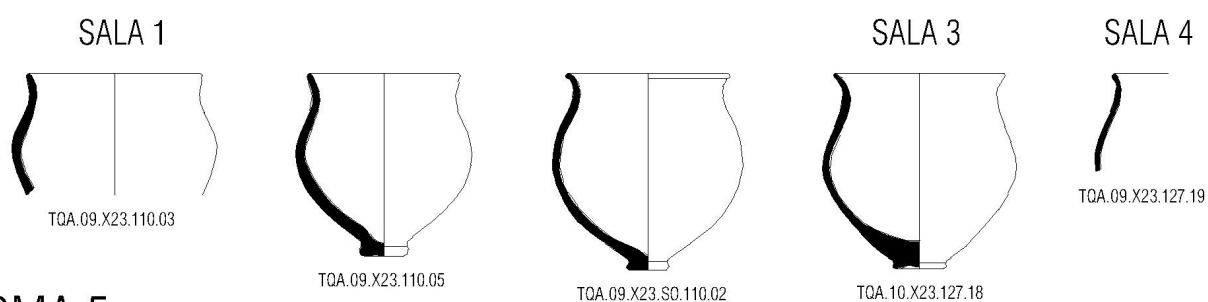
TQA.09.X23.127.52?

0 2 cm 10
E: 1/5

FORMA 3



FORMA 4



FORMA 5

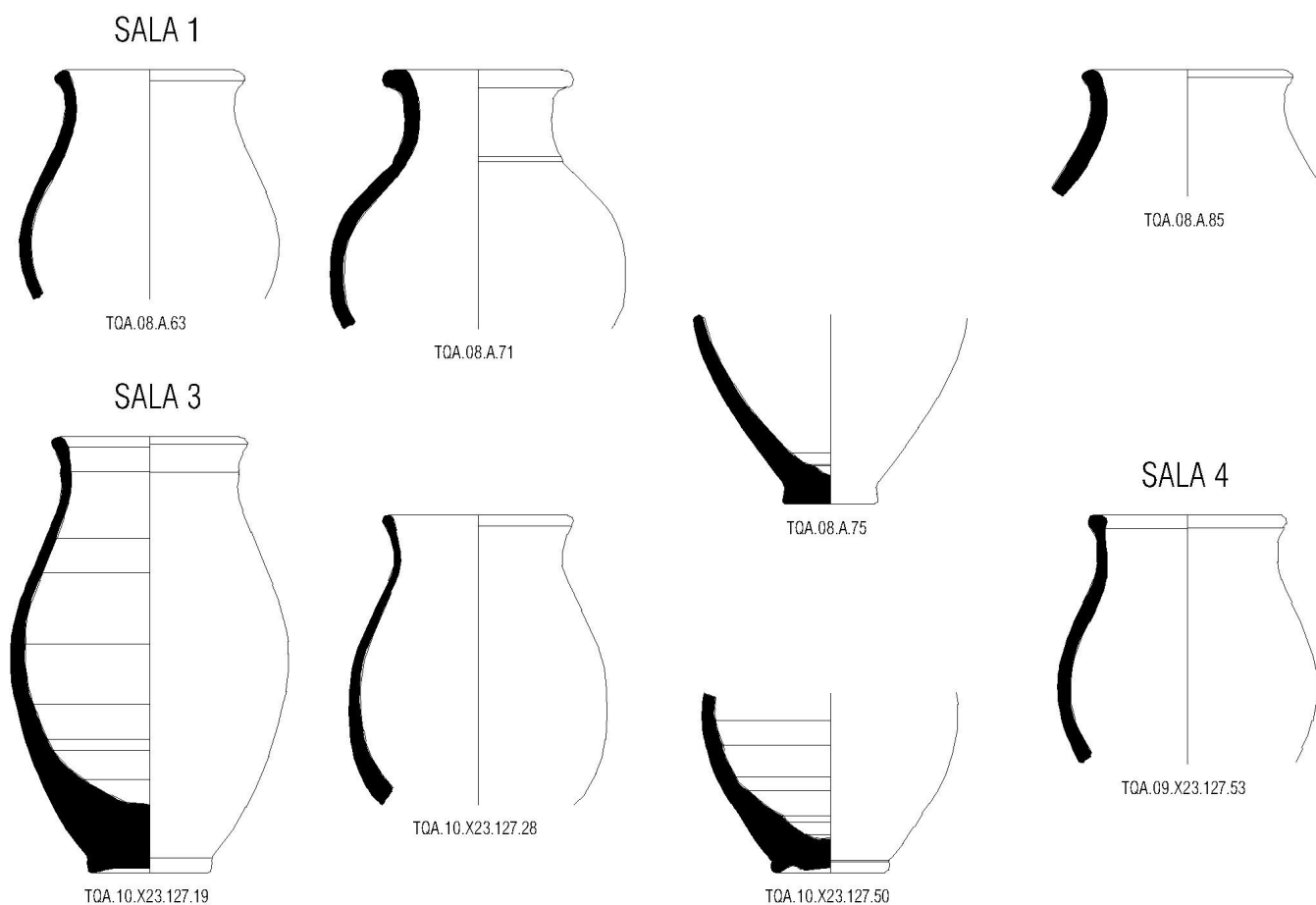
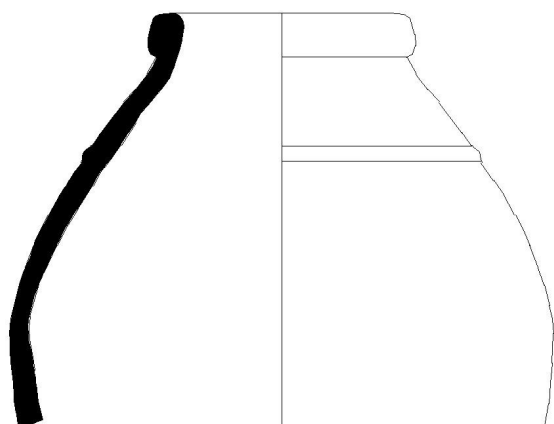


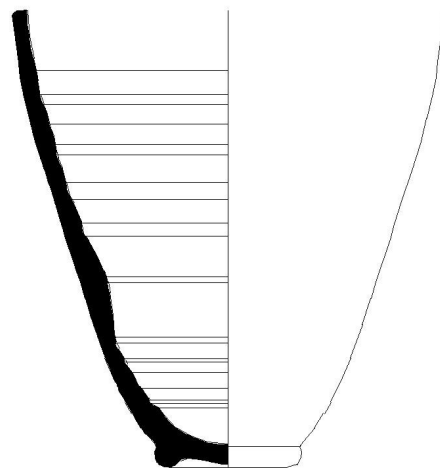
Fig.VI.8 - Formas 3, 4 e 5 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

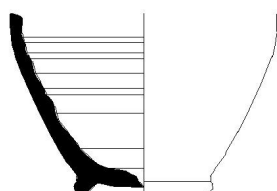
SALA 1



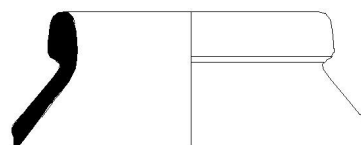
TQA.08.A.64



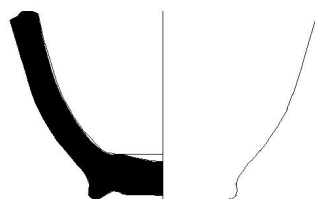
TQA.08.A.88



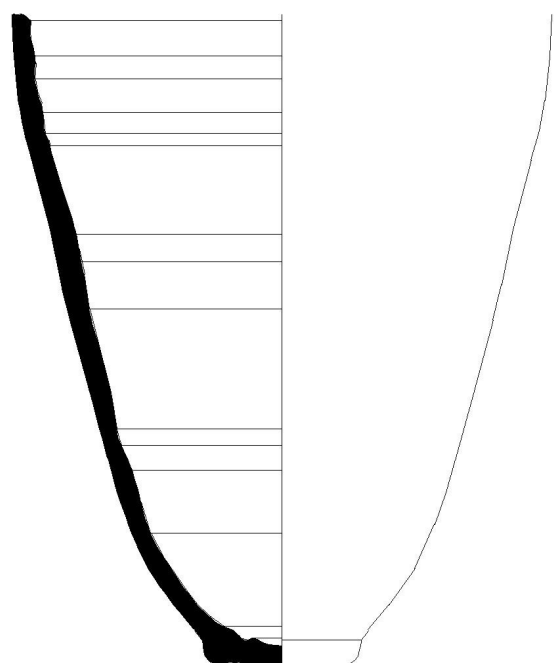
TQA.08.A.77



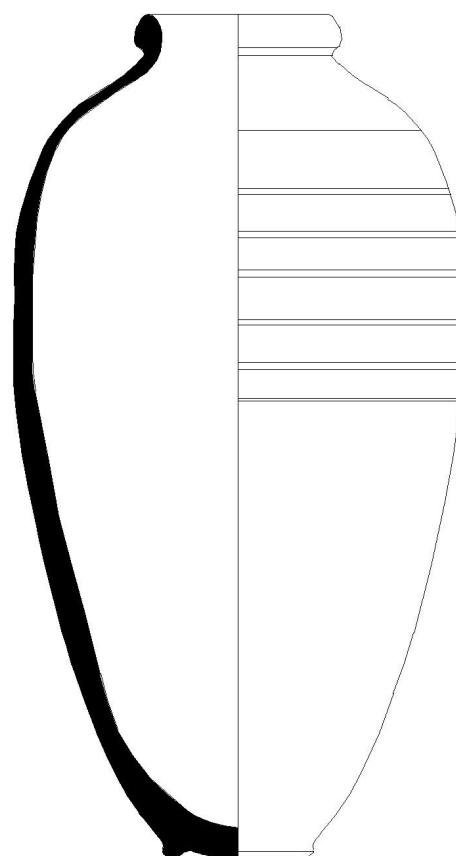
TQA.08.A.89



TQA.08.A.78



TQA.08.A.87



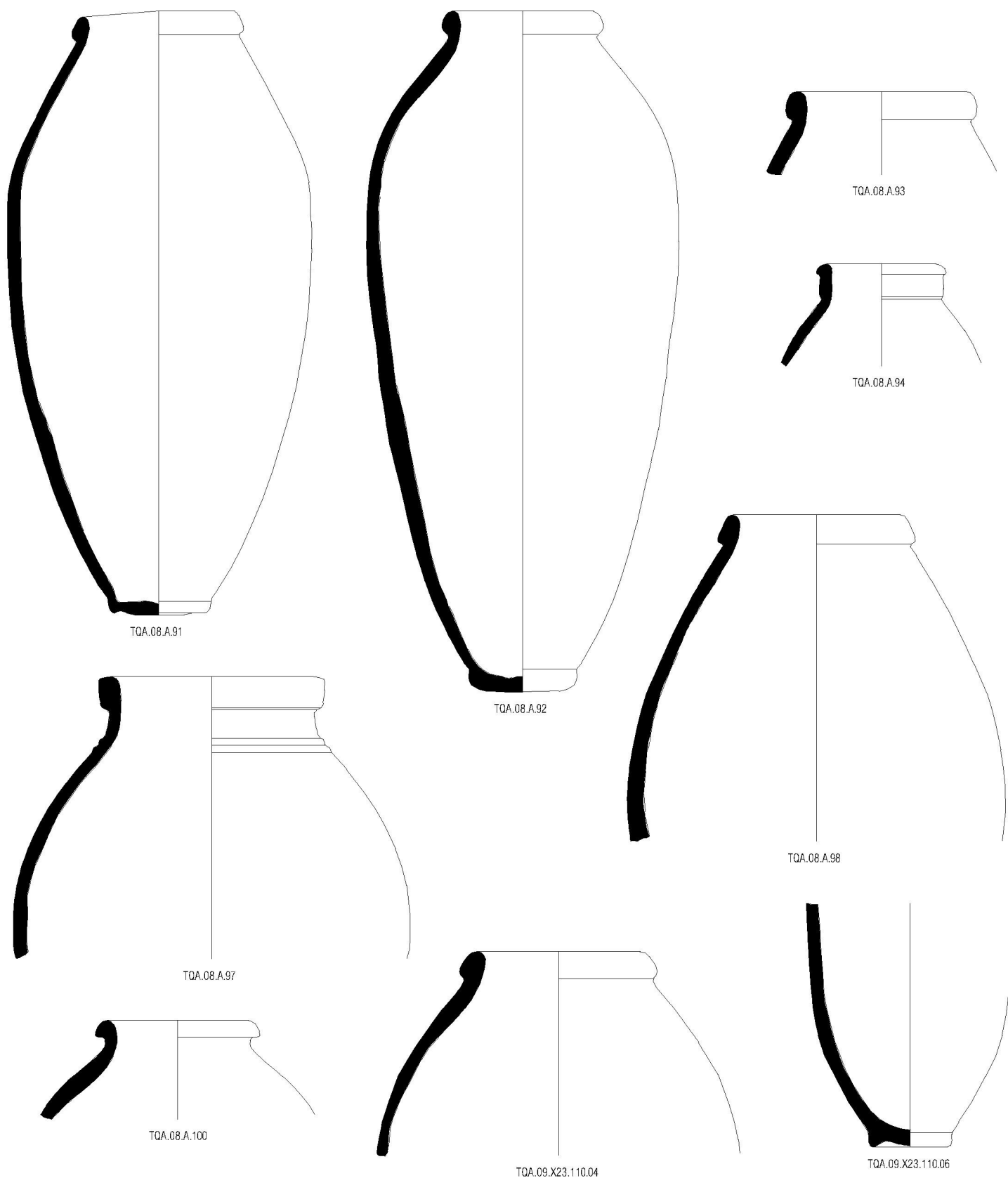
TQA.08.A.90

0 2 cm 10
E: 1/5

Fig.VI.9 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

SALA 1

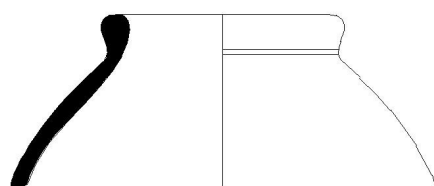


0 2 cm 10
E: 1/5

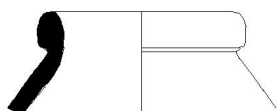
Fig.VI.10 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

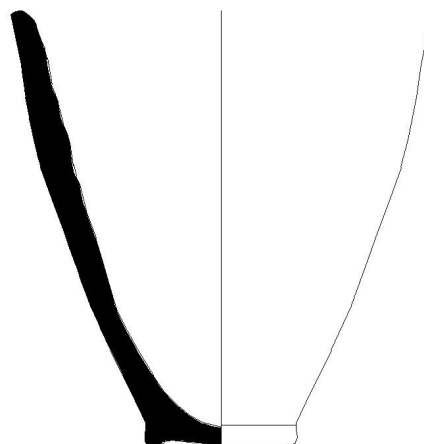
SALA 1



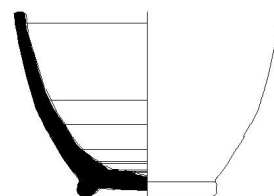
TQA.09.X23.110.07



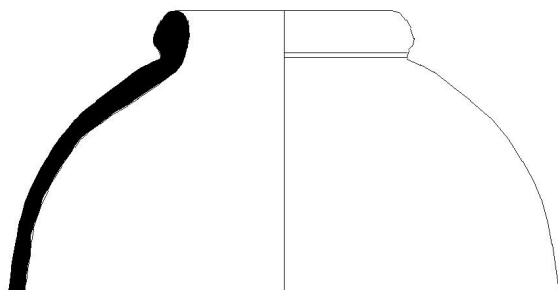
TQA.10.X23.110.9



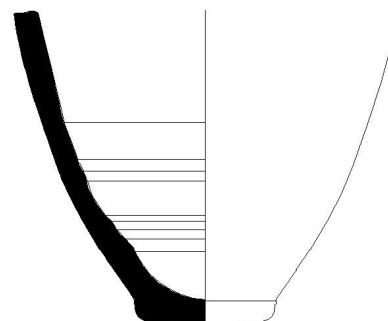
TQA.09.X23.110.13



TQA.09.X23.110.15

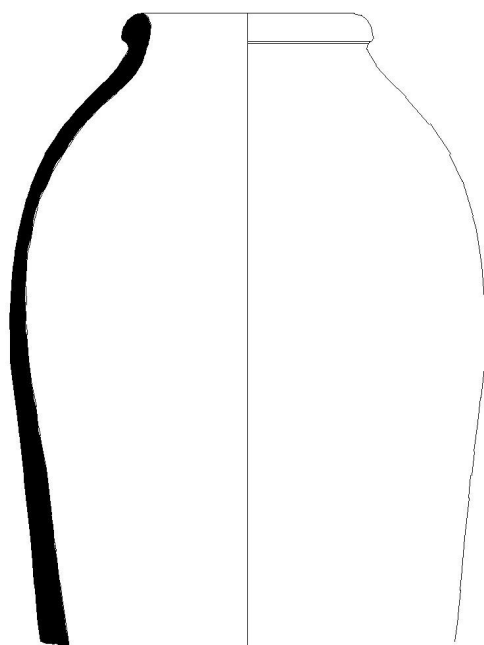


TQA.10.X23.110.14

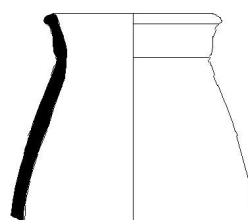


TQA.09.X23.110.17

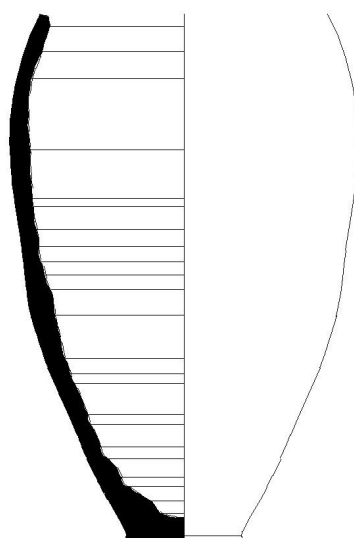
SALA 3



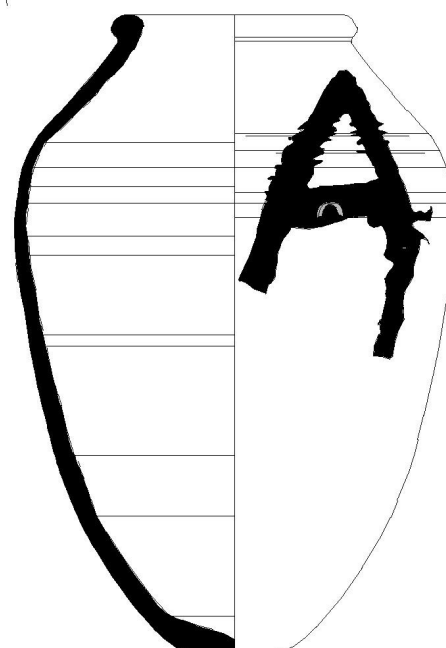
TQA.10.X23.127.13



TQA.10.X23.127.22



TQA.10.X23.127.14



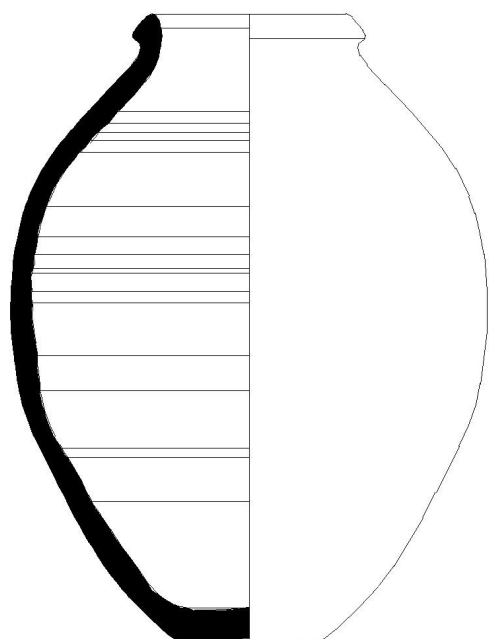
TQA.10.X23.127.23

0 2 cm 10
E: 1/5

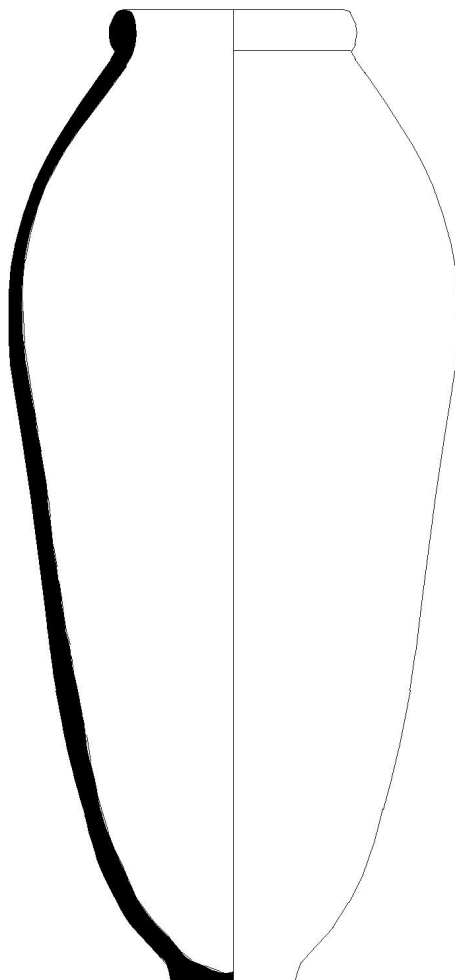
Fig.VI.11 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

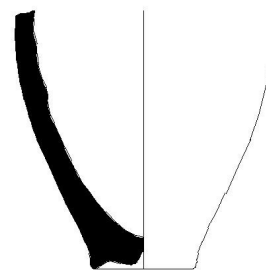
SALA 3



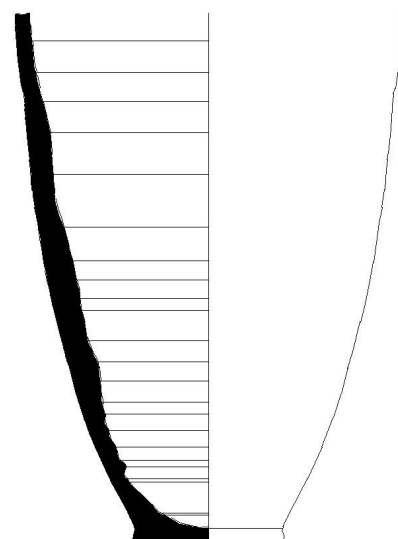
TQA.10.X23.127.26



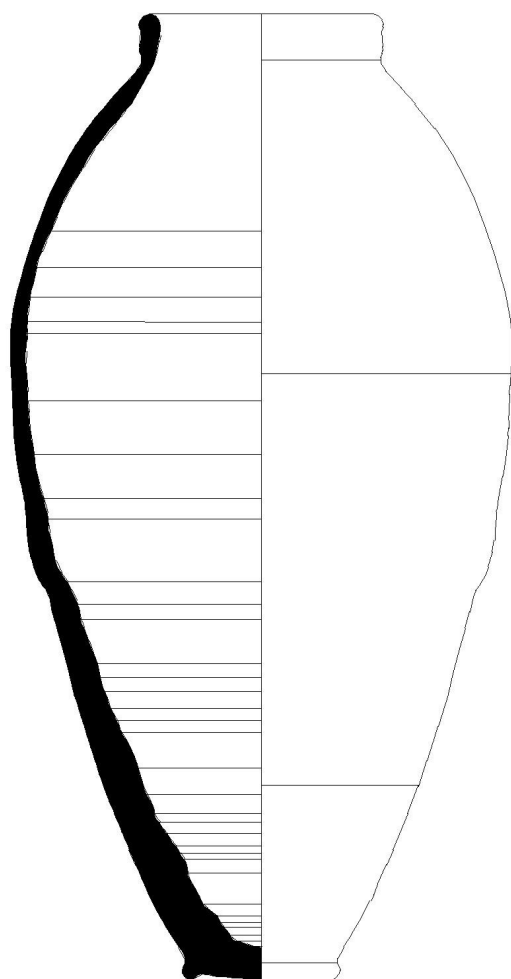
TQA.10.X23.127.38



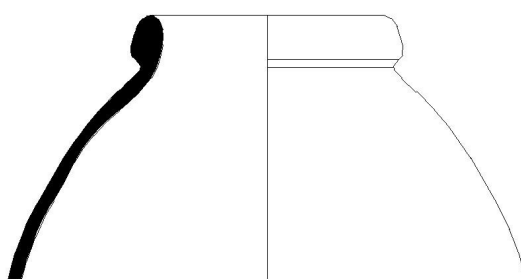
TQA.10.X23.127.56



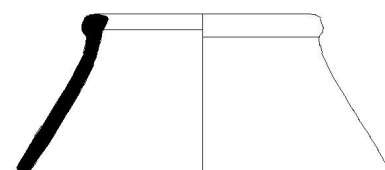
TQA.10.X23.127.57



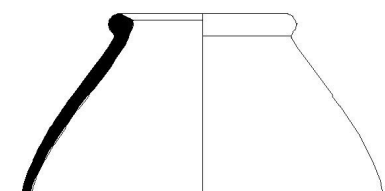
TQA.10.X23.127.37



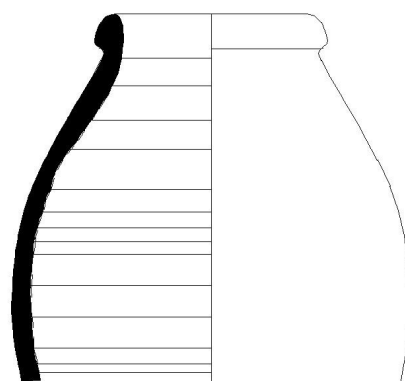
TQA.10.X23.127.40



TQA.10.X23.127.66



TQA.10.X23.127.67



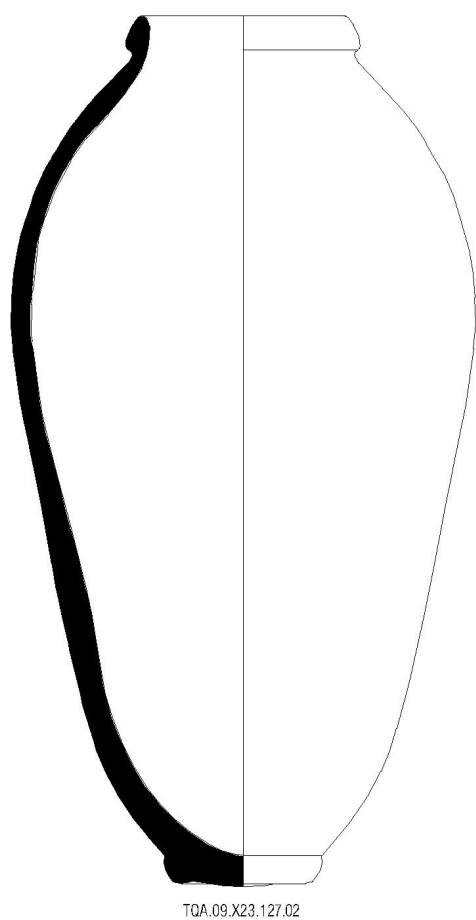
TQA.10.X23.127.55

0 2 cm 10
E: 1/5

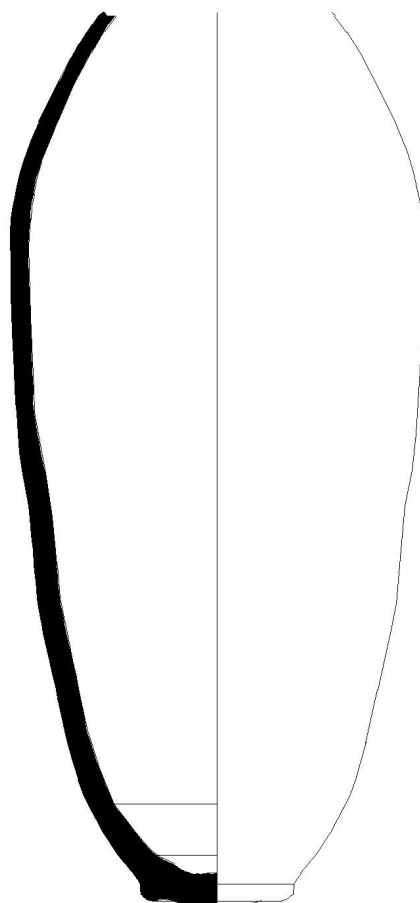
Fig.VI.12 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

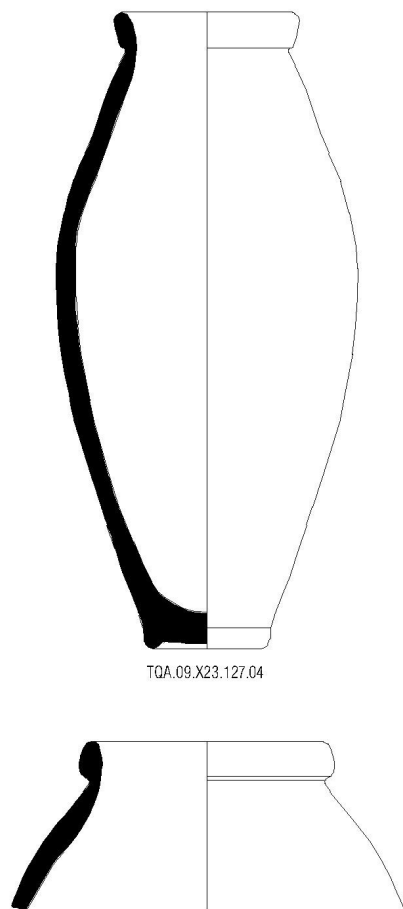
SALA 4



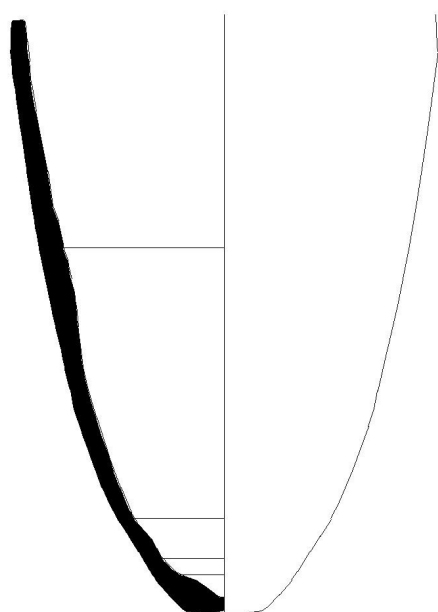
TQA.09.X23.127.02



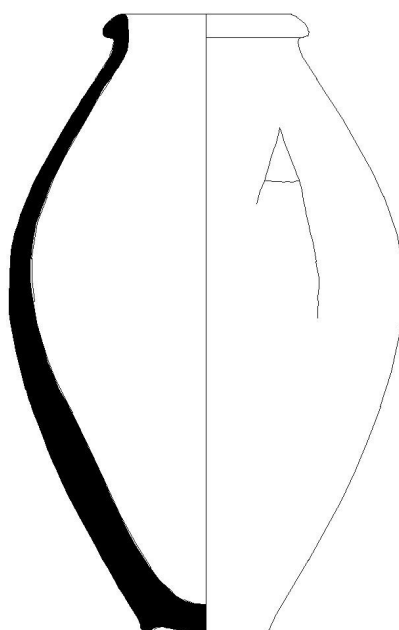
TQA.09.X23.127.03



TQA.09.X23.127.04



TQA.09.X23.127.05



TQA.09.X23.127.08



TQA.09.X23.127.20



TQA.09.X23.127.23



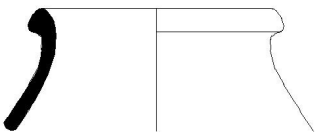
TQA.09.X23.127.34

0 2 cm 10
E: 1/5

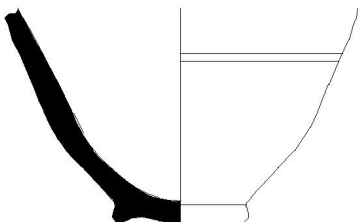
Fig.VI.13 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 6

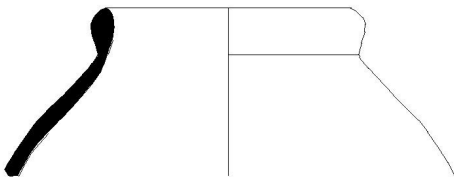
SALA 4



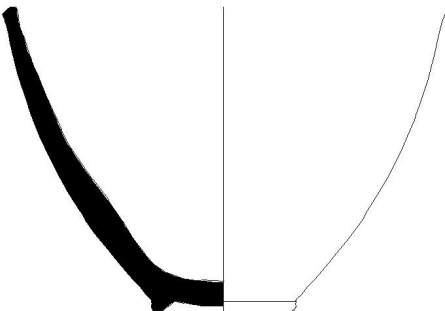
TQA.09.X23.127.50



TQA.09.X23.127.54



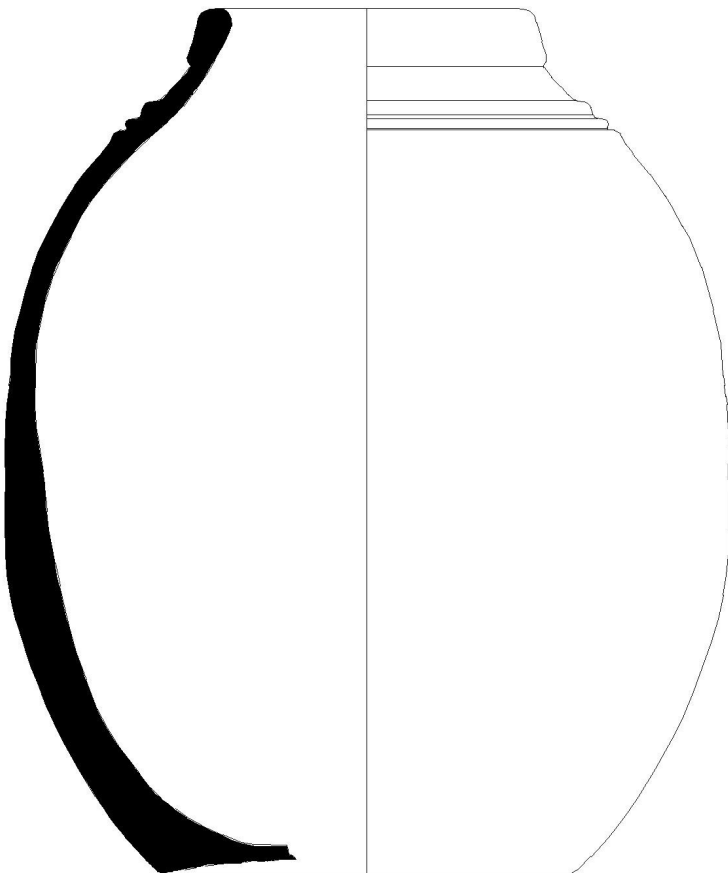
TQA.09.X23.127.51



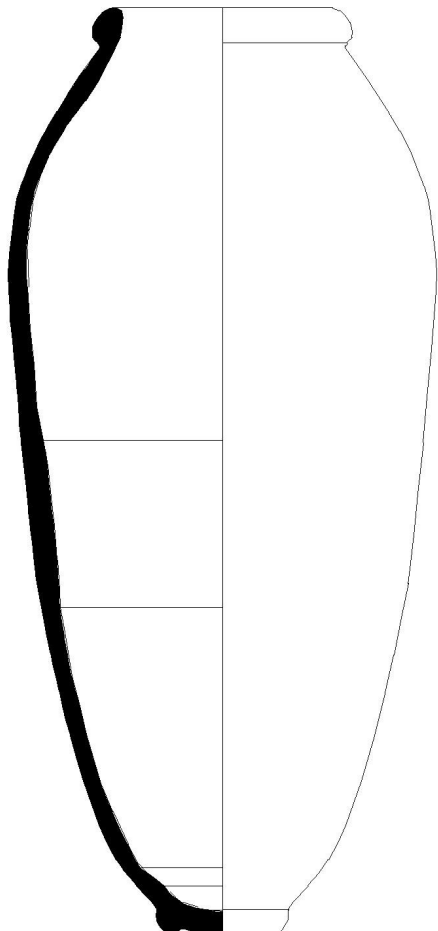
TQA.09.X23.127.55

FORMA 6/8

SALA 3



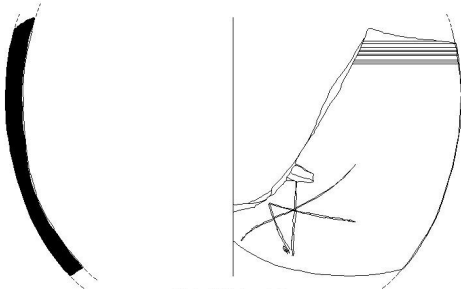
TQA.10.X23.127.54



TQA.09.X23.127.56

FORMA 6?

SALA 1



TQA.10.X23.110.20

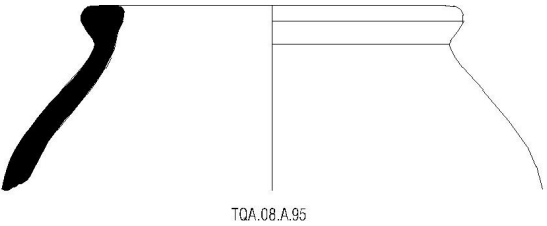


E: 1/5

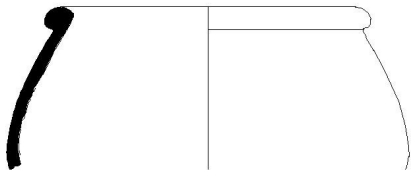
Fig.VI.14 - Forma 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 7

SALA 1

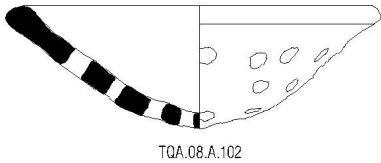


TQA.08.A.101

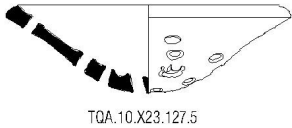


FORMA 9

SALA 1

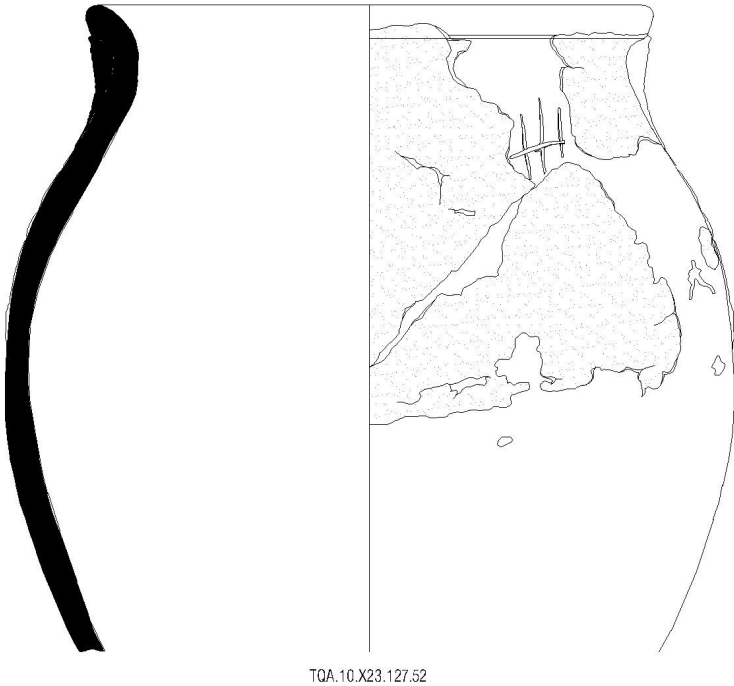


SALA 3

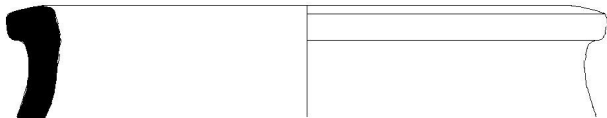


FORMA 8

SALA 3

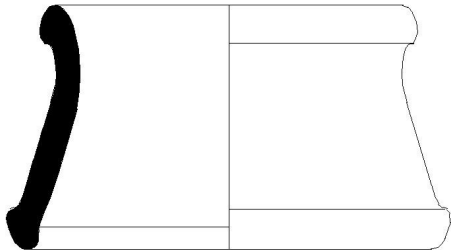


TQA.10.X23.116.4

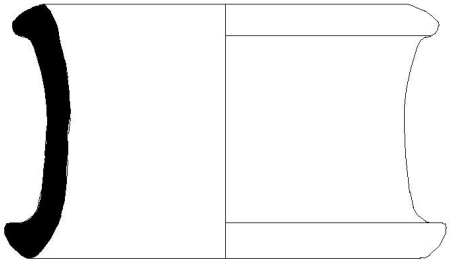


FORMA 10

SALA 4



SALA 1



0 2 cm 10
E: 1/5

Fig.VI.15 - Formas 7, 8, 9 e 10 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

CAPÍTULO VII – CRONOLOGIA RELATIVA TIPOLOGICA

Uma vez apresentado e descrito tipologicamente o nosso conjunto cerâmico, tratamos, no presente capítulo, da atribuição cronológica relativa do mesmo, a partir da comparação individual das nossas formas com materiais de três assentamentos contemporâneos da região.

VII.1. Introdução conceptual e metodológica

O uso de sequências tipológicas como método de datação relativa parte de duas ideias. A primeira, de raiz histórico-culturalista, relaciona-se com o que vimos no Capítulo IV: os objectos de criação humana – no nosso caso concreto, a cerâmica – têm um estilo reconhecível em determinado período e sociedade, em relação aos quais a sua forma e decoração são característicos. A segunda ideia é a de que o estilo dos artefactos (ou seja, a sua morfologia, técnica de fabrico e decoração) muda ao longo do tempo. Esta noção, de raiz evolucionista, leva à observação de que dois artefactos idênticos foram provavelmente produzidos com pouco tempo de diferença, ou seja, pertencem a um mesmo período cronológico (Renfrew e Bahn, 2004: 124-125).

É evidente que, à hora de aplicar este método, ele resulta mais profícuo quando um dado artefacto é comparado a um outro contido num sistema tipológico já bem estabelecido. É o caso da cerâmica meso-assíria, para a qual existem estudos de materiais procedentes de sequências crono-estratigráficas datadas por métodos múltiplos, entre os quais se destacam as datações radiocarbónicas, dendrocronológicas e epigráficas (realizadas com base em textos contendo epónimos) – todas elas absolutas. Assim, para a comparação tipológica sistemática da nossa amostra, recorreremos a três arqueossítios que possuem não só ocupações administrativas meso-assírias em estratos bem datados, senão também conjuntos cerâmicos bastante representativos, publicados holisticamente. Dois desses arqueossítios são, naturalmente, Tell Sabi Abyad e Tell Šēḫ Ḥamad, cujos estudos minuciosos (vd. Capítulo IV) os tornam incontornáveis; o terceiro é Tell al-Rimah, situado no ocidente da Assíria e escavado nas décadas de 1960 e 1970, para o qual se publicou separadamente o espólio cerâmico (Postgate *et al.*, 1997). Um

quarto sítio, Tell Chuera, com níveis meso-assírios datados por textos cuneiformes contendo datas eponímicas, foi excluído devido ao facto de o seu espólio cerâmico não ter sido alvo nem de publicação extensa, nem de investigação de alguma profundidade. Finalmente, Tell Barri/*Kahat*, cuja cerâmica meso-assíria recebeu publicação considerável (Anastasio 1993, 1997 e 1998; D'Agostino 2005 e 2006), foi exceptuado pela ausência de datações absolutas e carácter administrativo não confirmado – aspectos relacionados, em parte, com a escassez de material epigráfico (vd. Pfälzner, 1995: 186; Tenu, 2009: 100-101).

Um dos métodos de análise comparativa passível de ser utilizado pelo arqueólogo denomina-se «seriação de frequência» (o conceito é originalmente anglo-saxónico: *frequency seriation*). Esta abordagem consiste em medir alterações na frequência de uma forma ou estilo cerâmico ao longo do tempo. Isto é, pressupõe-se que se uma forma compõe, por exemplo, 45% do conjunto cerâmico de um sítio X num dado período cronológico, essa mesma forma terá, contemporaneamente, uma frequência idêntica num eventual sítio Y (Renfrew e Bahn, 2004: 127-128). Este tipo de análise pode ser bastante informativo, mas é limitado pelo problema de que dois assentamentos humanos, ainda que habitados numa mesma época, viverão circunstâncias distintas (importância política, condições ambientais, acessibilidade, etc.). Outros tipos de limitações decorrem, por exemplo, da diferença, nas áreas escavadas e nos critérios de selecção das amostras em diferentes sítios arqueológicos. No caso de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, este método resulta inaplicável por dois motivos fundamentais. O primeiro é que, como referimos anteriormente, cada projecto ou investigador segue a sua própria metodologia e os seus próprios critérios. A título de exemplo, o grupo formal 1 de Tell Sabi Abyad que Duistermaat define genericamente como «taças» (*bowls*), ainda que depois seja subdividido, surge, no trabalho de Pfälzner, em três grupos formais distintos (*Schalen*, *Schüsseln* e *Näpfe*); já na tipologia que definimos neste trabalho para Tall Qabr Abū al-‘Atīq, estas taças corresponderiam a três submorfotipos distintos da Forma 1. O segundo motivo são as próprias limitações de representatividade da amostra que aqui estudamos, a qual consiste num número restrito de peças, provenientes de uma área escavada ainda reduzida.

Para facilidade de leitura, empregaremos adiante as abreviaturas TSA (Tell Sabi Abyad), TSH (Tell Šēḥ Ḥamad) e TRIM (Tell al-Rimah). Igualmente, apresentam-se apenas os números de figura, que fazem referência às respectivas obras onde os

materiais foram originalmente publicados, sem repetir nome do autor e data de publicação.

VII.2. Comparação formal

Forma 1A

Esta forma que, como vimos, corresponde às típicas *Knickwandschale* ou *Standard Middle Assyrian carinated bowls* de pequenas dimensões de Pfälzner, surge no registo arqueológico, em grandes quantidades, desde o período mitaniano até aos contextos neo-assírios. Não é, por isso, surpreendente que, em TSA, se tenham recuperado exemplares análogos aos de Tall Qabr Abū al-‘Atīq nos níveis 6, 5 e 4 (vd. sobretudo IV.12-13, IV.33.o, IV.36-37; IV.99.g, j-l, q). Em TSH, as peças mais semelhantes às nossas procedem das fases MA I (Taf. 77: f) e MA IIa (Taf. 113.i). Em TRIM, ocorrem no Nível A1 (n.º 61) e, concretamente, no subnível A1b (n.ºs 57 e 67). Ao tratar-se de uma forma de larga diacronia, os paralelos para o nosso morfotipo 1A são, por si só, pouco informativos em termos cronológicos.

Formas 1B1 e 1B2

Tal como a Forma 1A, estes morfotipos correspondem a parte das *Knickwandschale* ou *Standard Middle Assyrian carinated bowls* de Pfälzner e estão documentados durante a mesma diacronia fornecendo, isoladamente, informação cronológica pouco precisa.

Os artefactos mais equiparáveis à nossa Forma 1B1 procedem: dos níveis 6, 5 e 4 de TSA (IV.14.q, v-x e IV.16.o; IV.42.c; IV.100.t, w-y, ac-ad); das fases MA I (Taf. 67.j e Taf. 68.d-e) e MA IIa/b (Taf. 104.c, 105.a) de TSH; dos níveis contemporâneos A1 (n.ºs 4, 30) e D3 (n.º 36) e subníveis A1b (32-33) e A1c (n.º 7) de TRIM.

Os paralelos integralmente mais próximos à nossa Forma 1B2 foram recuperados nos níveis 6, 5 e 4 de TSA (IV.15.m, s; IV.42.g, o-r; IV.100.b, e) e nas fases MA I (Taf. 68.c, g; Taf. 69.a-b, f; Taf. 70.c, h-i), MA IIa (Taf. 104.g, 105.h, 106.a, c) e MA IIb (MA IIa, 104 a-b, d 106.e) de TSH. Recipientes de morfologia semelhante e possuindo pé anular extrovertido idêntico ao da nossa peça n.º TQA.08.A.76 encontram-

se em níveis mitanianos, meso-assírios e neo-assírios de TRIM (nºs 2-3, 5, 8-13), sendo que os pés mais aproximados são de peças dos níveis A1, C2 e D3 (meso-assírios).

Forma 1C

Grandes taças com bordos possuindo lábios arredondados como os de três dos nossos exemplares registam-se na fase MA I de TSH (Taf. 67.a, e), embora em formas comparáveis ao nosso morfotipo 1B1. Peças com bordos em aba semelhantes ao do nosso nº TQA.10.X23.127.12 estão documentadas nos níveis 6 (IV.18.l, IV.19.e) e 5 (IV.55.a) de TSA e na fase MA IIa/b de TSH (Taf. 99.b). O nosso nº TQA.10.X23.110.13, cujo lábio configura uma aba pouco desenvolvida, tem paralelos nos níveis 6 e 5 de TSA (IV.19.a, IV.51.p, IV.54.f, h e IV.55.e) e no Nível A1 de TRIM (nº 187). Uma taça com bordo de lábio idêntico ao do exemplar nº TQA.08.A.105 regista-se em TSH, em MA IIb (Taf.110.b). Quanto ao pé anular extrovertido que exibem duas das nossas peças, os exemplares mais aproximados procedem, uma vez mais, dos níveis 6 e 5 de Sabi Abyad (IV.18.m; IV.50.c-d). Porém, há que considerar a larga diacronia deste tipo de pé, existente desde o período mitaniano até à época neo-assíria, como vimos a propósito da Forma 1B2.

Forma 2

O nosso nº TQA.10.X23.127.60 é comparável a peças dos níveis 6 (IV.27.e) e 5 (IV.54.a, e; IV.70.o) de TSA. A peça nº TQA.09.X23.127.52, com uma canelura na sua metade superior e outra no bordo, tem paralelos aproximados no Nível 5 de TSA (IV.70.e-f), na fase MA I de TSH (Taf. 75.b) e no nível C3-4 de TRIM (nº 606). O lábio do nº TQA.10.X23.110.15 assemelha-se ao de peças do nível 5 de TSA (IV.52.m) e da fase MA I de TSH (Taf. 76.b). O exemplar menos canónico (TQA.08.A.107), do qual se preserva apenas um fragmento do bordo, com diâmetro indeterminável, tem homomorfos no Nível 5 de TSA (IV.56.e) e nas fases MA I (Taf. 93.a) e MA IIc (Taf. 129.h) de TSH.

Não encontrámos paralelos para o nº TQA.08.A.96, que possui uma parede ligeiramente convexa e conserva uma altura de, pelo menos, ≈ 307 mm. Por comparar ficou também o pequeno fragmento com o nº TQA.09.X23.127.43, cujo lábio é de secção subtriangular, e a peça nº TQA.08.A.73.

Forma 3

Ainda que corresponda a uma tipologia de cálices que perdurou bastante no tempo (vd. Capítulo VIII), os paralelos mais próximos para os exemplares da nossa Forma 3 procedem dos níveis 6 e 5 de TSA (IV. 33.b, e; IV.90.f-g, w) e da fase MA IIa de TSH (Taf. 114.b). Também no Nível A1 de TRIM há peças análogas (nºs 648, 651).

Forma 4

Como a Forma 3, trata-se de um tipo de cálices de grande difusão espacial e cronológica (vd. Capítulo VIII). No entanto, os exemplares mais aproximados aos nossos ocorrem no Nível 5 de TSA (IV.91.f, h-i, l, s) e na fase MA I de TSH (Taf. 79.b-d).

Forma 5

A única peça preservando perfil completo (TQA.10.X23.127.19) encontra paralelos aproximados no Nível 5 de TSA (IV.75.i, IV.76.d) e em três exemplares de bordo idêntico em TSH: um na fase MA I (Taf. 78.b) e dois na MA IIb (Taf. 122.c, Taf. 123.a). Como veremos adiante, nestes dois arqueossítios e nas mesmas fases, encontramos este bordo em objectos comparáveis à nossa Forma 6.

Dois jarros do Nível 6 de TSA (IV.28.i e IV.29.d) e um de um contexto mitaniano de TRIM (nº 937, Nível A2) possuem bordo em tudo semelhante ao do nosso nº TQA.08.A.63. A peça TQA.09.X23.127.53 também é semelhante a estas últimas, mas o bordo possui lábio engrossado não só externa como também internamente. A nossa peça nº TQA.10.X23.127.28 é idêntica a um jarro do Nível 5 de TSA (IV.73.l). Para o nº TQA.08.A.85, de colo pouco definido e bordo apenas ligeiramente extrovertido, poucas peças comparáveis pudemos encontrar: as mais semelhantes são os fragmentos IV.28.k-l, do Nível 6 de TSA, e a peça de perfil completo IV.73.t, do Nível 5 do mesmo arqueossítio.

A peça com o nº de inventário TQA.08.A.71 é um elemento que também se destaca. Possui corpo globular e uma moldura em relevo no arranque do colo, algo mais alongado e estrangulado (≈ 34 mm de altura e ≈ 60 mm de diâmetro) que qualquer dos objectos deste nosso morfotipo. Alguns paralelos bastante próximos procedem de

contextos ainda mitanianos²³. Estamos, provavelmente, perante uma forma que dá seguimento a um modelo mitaniano anterior. Ainda assim, o nosso exemplar mostra menores dimensões quando confrontado com os referidos paralelos mitanianos. Bastante mais próximo, quanto à proporção e tonalidade das superfícies e da pasta, mas sem moldura no arranque do colo, é a peça IV.78.e do Nível 5 de TSA. No nível A1 de TRIM recuperou-se um jarro (n.º 944) de morfologia *grosso modo* aproximada, mas com apenas ≈60 mm de diâmetro no bordo, lábio mais enrolado e igualmente sem moldura separando ombro e colo.

Forma 6

O tipo de bordo mais comum na nossa Forma 6 (40,82% dos exemplares que preservam a sua parte superior) possui lábio espessado externamente e amendoado, ainda que a secção exiba alguma variação. Estes bordos e, concretamente, estes lábios, registam-se nos níveis 6 e 5 de TSA e em todas as fases MA de TSH. O mesmo é verdade para o corpo ovóide alongado que caracteriza a maioria dos exemplares deste morfotipo. Curiosamente, as jarras alongadas estão totalmente ausentes dos níveis meso-assírios de TRIM, onde se documentam apenas peças de corpo globular.

Uma morfologia específica de bordo está representada pelas peças n.º TQA.08.A.94, TQA.10.X23.127 e TQA.10.X23.37. Trata-se de um bordo vertical ou extrovertido, marcadamente separado do corpo por uma incisão em moldura e espessado ao exterior; o lábio é também ele engrossado externamente, configurando um espessamento duplo do bordo. É comparável ao bordo da única peça de perfil completo da Forma 5 (TQA.10.X23.127.19), a qual mencionámos atrás. Está representado no Nível 5 de TSA (IV.79.a-g, i-j, l; IV.80.a-f, h-i) e na fase anterior (IV.29.l, n-p). Em TSH encontramos três paralelos na fase MA I (Taf. 91.a-c) e um na fase MA IIb (Taf. 122.a).

Como vimos anteriormente, mais de dois terços das peças (76,92%) que preservam a sua parte inferior exibem base com pé anular e fundo convexo. É o mesmo

²³ Trata-se, em primeiro lugar, de uma grande jarra globular do Nível 7 de TSA (≈1375-1250 a.C.), aparentemente de produção local, que possui dimensões superiores mas morfologia idêntica, sobretudo a forma do lábio extrovertido e a moldura em relevo no arranque do colo (IV.8.d e C.30). Também em Tell Bdēri encontramos, nos níveis N3-4 e S5c-1, formas idênticas (Pfälzner, 1995: Taf. 48.e e Taf. 49.f). Finalmente, existem dois recipientes semelhantes nos estratos IV-VI de Tell Barri/Kahat (Anastasio, 1993: figs. 15.4 e 17.1).

tipo de pé que ocorre na quase totalidade das jarras altas sem colo do Nível 5 de TSA (vd. Duistermaat, 2008: 71) – de resto, o tipo de jarra maioritária neste nível. Ocorre também em peças do Nível 6 (por exemplo, IV.35.f-h). MA I (Taf. 96.a-c, 97.c).

A nossa amostra inclui ainda dois exemplares de corpo ligeiramente globular: os nºs TQA.10.X23.127.23 e 26. São variantes aparentemente excepcionais, com paralelos apenas aproximados nos níveis 6 (IV.32.b) e 5 (IV.86.c) de TSA. A mesma TQA.10.X23.127.23 apresenta caneluras na zona do ombro, como algumas jarras do Nível 5 de TSA (IV.82.e, IV.84.a,e, IV.85.d). Também o nº TQA.08.A.90 ostenta caneluras em toda a sua metade superior. O nº TQA.10.X23.110.14, um exemplar mais largo que a maioria dos do nosso conjunto, é comparável a uma vasilha do Nível 5 de TSA (IV.84.d), ainda que não exiba as mesmas caneluras horizontais no exterior.

A peça nº TQA.08.A.97 possui bordo com lábio espessado externamente de secção rectangular, colo e ombro decorado com duas bandas em relevo. Não lhe encontrámos paralelos.

Forma 7

A peça com o nº TQA.08.A.101 é comparável a um recipiente do Nível 6 de TSA (IV.26.c) e a um segundo, da fase MA IIa de TSH (Taf. 116.d). Já para o fragmento com o nº TQA.08.A.95 não encontrámos paralelos com bordo semelhante.

Forma 8

Não encontrámos grandes contentores directamente comparáveis a nenhum dos dois exemplares, mas sublinha-se que a peça nº TQA.10.X23.116.4 consiste apenas num fragmento preservando porção do bordo e do colo.

Forma 9

A simplicidade formal deste morfotipo, do qual possuímos apenas dois exemplares, retira-lhe potencial para ser demasiado determinante em termos cronotipológicos. Com efeito, em TSA, por exemplo, ocorrem peças semelhantes nos níveis 6, 5 e 4 (Duistermaat, 2008: IV.33.z, IV.91.aj e IV.110.u), o que representa uma

diacronia considerável. Em TSH e nos níveis meso-assírios de TRIM registam-se coadores de morfologia idêntica (aberta), mas não ocorrem exemplos que combinem a base convexa e o bordo subrectangular das nossas peças.

Forma 10

Aos dois exemplares da nossa amostra aplica-se o mesmo princípio: uma forma tão comum dificilmente aporta muito quanto a cronologia tipológica. No entanto, embora os nossos dois suportes sejam *grosso modo* idênticos aos recuperados nos níveis 6 e 5 de TSA (com especial nota para a proximidade entre o nosso nº TQA.09.X23SO.110.09 a peça IV.93.j, do Nível 5), os poucos exemplares do Nível 4 do mesmo arqueossítio começam já a denotar alguma diferenciação, com, nomeadamente, a presença de caneluras nas extremidades e zona mesial. Em TSH existem suportes semelhantes em MA I (Taf. 94.a-b) e MA IIa (Taf. 127.d). Em TRIM, o único paralelo assinalável (nº 1139) procede do Nível A1.

Forma intermédia 1C/1B2

Sem paralelos.

Forma intermédia 6/8 (TQA.10.X23.127.54)

Cabe-nos assinalar a ocorrência de um grande contentor, bastante semelhante a esta nossa forma, no Nível 2 de Tell Brak, o qual foi datado do meso-jazirense IB (≈1400/1350-1270 a.C.), ou seja, do período mitaniano tardio (vd. Pfälzner, 2007: 245, nº 157 e fig. 2, citando Oates *et al.*, 1997: nº 625). Trata-se, como a nossa peça, de uma grande jarra de corpo globular com bordo introvertido possuindo lábio espessado externamente de secção subrectangular e ombro decorado com uma banda em corda. Assemelha-se, inclusivamente, quanto ao diâmetro no bordo: ≈170 mm, comparáveis aos ≈190 mm do contentor de Tall Qabr Abū al-‘Atīq. As diferenças observáveis no artefacto de Tell Brak são a presença de um pé muito curto e estreito, de um colo muito curto e de decoração no bordo.

Outra peça muito idêntica provém já dos níveis meso-assírios (C2-3) de TRIM (n.º 1033). Possui maiores dimensões (diâmetro no bordo: 270 mm; altura: 655 mm), e

pé mais estreito (140 mm), mas o bordo, embora com uma reentrância interna, é semelhante. Destaca-se também por possuir uma marca em forma de roda de quatro raios na zona do ombro, imediatamente abaixo da banda em relevo com forma de corda, para além de um revestimento de gesso, de 5 mm de espessura, sobre a superfície externa. Trata-se de fabrico em cerâmica comum de pasta amarela-rosada, com farelo e partículas vegetais como desengordurantes. Formas vagamente semelhantes mas com aberturas mais largas, bordos de morfologia diferente e bases estreitas ocorrem no Nível 5 de TSA (IV.65.b-e, 67.d-f). Porém, nesse mesmo estrato, registou-se um exemplar bastante idêntico ao nosso (IV.86.c), com bordo extrovertido possuindo lábio de secção subtriangular, colo muito curto, ombro decorado com três caneluras horizontais e pé anular curto e pouco largo. A boca é, todavia, mais estreita que a da nossa forma (≈ 148 mm).

VII.3. Resultados

Apresentamos aqui, sintetizados na tabela VII.1, os resultados da comparação formal descrita na secção anterior:

Forma	Tell Sabi Abyad	Tell Šēḥ Ḥamad	Tell al-Rimah
1A	6, 5, 4	MA I, IIa, IIb	A1, A1b
1B1	6, 5, 4	MA I, IIa, IIb	A1, A1b, A1c, D3
1B2	6, 5, 4	MA I, IIa, IIb	A1, C2, D3
1C	6, 5	MA I, IIa, IIb	A1
2	6, 5	MA I, IIc	C3-4
3	6, 5	MA IIa	A1
4	5	MA I	-
5	7, 6, 5	MA I, IIb	A2, A1
6	6, 5	MA I, IIa, IIb, IIc	-
7	6	MA IIa	-
8	-	-	-
9	6, 5, 4	-	-
10	6, 5	MA I, IIa	A1
1C/1B2	-	-	-
6/8	5	-	C2-3

Tab. VII.1 – Formas de Tall Qabr Abū al-‘Atīq e fases/níveis de TSA, TSH e TRIM onde se encontraram paralelos para aquelas.

Esta tabela assinala as fases e níveis (com paralelos para as formas de Tall Qabr Abū al-‘Atīq) com maior constância: níveis 6 e 5 de TSA, fases MA I, IIa e IIb de TSH e nível A1 (incluindo o subnível A1b) de TRIM. Cabe-nos aqui, portanto, apresentar com algum detalhe a cronologia de cada um.

Tell Sabi Abyad – Níveis 6 e 5

Não se sabe com segurança a duração do hiato entre a ocupação mitaniana (Nível 7) e a primeira caracterizável como meso-assíria (Nível 6) de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: 45). As primeiras datas eponímicas do Nível 6 datam da primeira década do reinado de Tukultī-Ninurta I (c. 1243-1207/1233-1197 a.C.). Não há indícios de qualquer presença assíria anterior. A fase final deste nível pode datar-se em redor da morte daquele monarca, em virtude da descoberta de uma tabuinha contendo menção a esse evento entre os escombros de um edifício colapsado no estrato em questão (*ibid.*: 95). Sempre segundo Duistermaat (*loc. cit.*), a ocupação do Nível 5 ter-se-ia iniciado à volta de 1196-1194 a.C., ou seja, durante os três primeiros anos do reinado de Aššur-nādin-apli, sucessor de Tukultī-Ninurta I (a autora segue a Cronologia Baixa), sendo demonstrado por datas eponímicas em textos cuneiformes que essa mesma fase continuaria pelos reinados de Aššur-nērārī III (c.1202-1197/1192-1187 a.C.), Enlil-kudurrī-ušur (c. 1196-1192/1186-1182) e parte do reinado de Ninurta-apli-Ekur (c. 1191-1179/1181-1169 a.C.). Estes textos e seus *līmū*, ou seja, epónimos, não aportam nada no que diz respeito à data final do Nível 5 e Duistermaat não pôde fazer mais do que propor uma relação entre o fim desta ocupação a morte do proprietário do *dunnu* de Tell Sabi Abyad, Ili-padā, durante o reinado de Enlil-kudurrī-ušur. Aponta, por essa razão, a data aproximada de ≈ 1180 a.C.

Já as duas datações radiocarbónicas efectuadas a partir de amostras recolhidas no sítio (uma procedente do Nível 5 e outra de estrato ainda indeterminado) são menos úteis no que concerne a cronologia, dado que apresentam intervalos muito amplos: 2985 ± 25 BP, 1320-1120 a.C. (95,4% de probabilidade) e 2940 ± 20 BP, 1260-1050 a.C. (95,4% de probabilidade), respectivamente (*loc. cit.*).

Tell Šēḫ Ḥamad – fases MA I, MA IIa e MA IIb

Já no Capítulo III dissertámos sobre as cronologias das fases MA, pelo que, aqui, não nos alargaremos demasiado sobre esse tópico. A fase MA I de Tell Šēḫ Ḥamad foi situada por Pfälzner nos reinados de Šalmānašar I e Tukultī-Ninurta I. A fase MA IIa foi encaixada pelo mesmo investigador entre o final do reinado de Tukulti-Ninurta I († c. 1207/1197 a.C.) e o reinado Aššur-nērārī III (c. 1202-1197/1192-1187 a.C.), tendo, possivelmente, perdurado mais uma década – segundo o que escreveu Pfälzner mais tarde. A fase MA IIb teria durado desde aqui até Aššur-dān I (c. 1178-1133/1168-1133 a.C.), mais concretamente, até cerca de 1170-1160 a.C.

Tell al-Rimah – Nível A1 (A1b)

Os escavadores de Tell al-Rimah propõem, como hipótese, relacionar a formação do Nível A1 daquele sítio à reemergência da Assíria como potência regional, sob a égide de Aššur-uballit I, na segunda metade do século XIV a.C..

É, porém, o subnível A1b que nos fornece informação cronológica mais absoluta. O seu momento final encontra-se datado por textos cuneiformes que contêm datas eponímicas dos reinados de Šalmānašar I e Tukultī-Ninurta I, segundo relatam Postgate *et alii* (1997: 26), citando Saggs (1968) e Wiseman (1968). Ainda segundo os escavadores, o final deste nível situar-se-ia à volta ou imediatamente antes de 1200 a.C., ou seja, durante a fase final do reinado de Tukultī-Ninurta I, sem que, contudo, nos informem das razões desta particularização. Este término é, ainda, estendido a todo o Nível A1 (*loc. cit.*).

VII.4 Conclusões

O momento transversal ao conjunto de formas comparadas é o reinado de Tukultī-Ninurta I, com o intervalo óptimo de c. 1240/1230-1200 a.C (cf. tab. VII.2). Este intervalo comum é determinado sobretudo em função dos dados de Tell al-Rimah, onde não se registam níveis ocupacionais posteriores à morte deste monarca assírio. Se excluirmos Tell al-Rimah, este intervalo alarga-se até vários anos após o seu assassinato: c. 1240/1230-1190/1180 a.C.

Data (a.C.)		Reis Assírios	Tell Šēḫ Ḥamad	Tell Sabi Abyad	Tell al-Rimah
1300	1290	Adad-nērārī I	Mitanni	Nível 7 (Mitanni)	A1 / C4-2 / D3
1290	1280				
1280	1270				
1270	1260	Šalmānašar I	MA I	<i>hiato</i>	
1260	1250				
1250	1240				
1240	1230	Tukultī-Ninurta I		Nível 6	
1230	1220				
1220	1210				
1210	1200				
		Aššur-nādin-apli	MA IIa	Nível 5	<i>hiato</i>
1200	1190	Aššur-nērārī III			
		Enlil-kudurrī-ušur			
1190	1180	Ninurta-apli-Ekur	MA IIb	Nível 4	
1180	1170	Aššur-dān I			
1170	1160				
1160	1150				
1150	1140				
			MA IIc		

Tab. VII.2 – Sequências relativas comparadas de TSA, TSH e TRIM (com base na análise crítica dos dados fornecidos em publicações sobre os materiais destes arqueossítios); apresentam-se as datas das cronologias baixa e alta.

Contudo, há outro aspecto a ter em conta. Para a comparação com os materiais de Tell Sabi Abyad, dispusemos de 2295 fragmentos do Nível 6 (17,9% dos contextos seguros) e 7614 fragmentos do Nível 5 (58,3% dos contextos seguros). Ou seja, a amostra do Nível 6 é mais de três vezes inferior à do Nível 5. Esta disparidade quantitativa justifica, em parte, a existência de maior número de paralelos formais na ocupação de Tell Sabi Abyad que é posterior à morte do rei Tukultī-Ninurta I. Por outro lado, os paralelos de MA IIa são superiores em número aos de MA IIb, em Tell Šēḫ Ḥamad.

Adiante, reflectiremos mais pormenorizadamente acerca das implicações destes dados cronológicos para o nosso conhecimento sobre a presença meso-assíria no Médio Eufrates e, em concreto, em Tall Qabr Abū al-‘Atīq.

CAPÍTULO VIII – FUNCIONALIDADE E USOS DA CERÂMICA

VIII.1. Introdução

O presente capítulo respeita à funcionalidade da cerâmica recuperada em Tall Qabr Abū al-‘Atīq e seu contributo para o conhecimento da ocupação meso-assíria daquele lugar. Conhecer os propósitos utilitários das diferentes formas ali encontradas permite-nos, em primeiro lugar, entender a função individual de cada uma das três salas abrangidas pela nossa amostra e, posteriormente, obter uma visão de conjunto da fracção do edifício até agora escavada. Finalmente, estes aspectos são bastante informativos quanto ao modo como se ocupava e administrava o território à época.

À semelhança de Rice (1996: 139) e Duistermaat (2008: 424, com referências), aqui distinguiremos conceptualmente *função* e *uso*. As definições dadas por estas duas autoras apresentam ligeiras nuances, que procurámos harmonizar. Assim, definimos *função* como o papel pré-definido e idealizado, único ou múltiplo, de um dado recipiente cerâmica numa cultura, ou seja, o objectivo interiorizado pelo oleiro ao produzir esse artefacto. Em contraste, *uso* refere-se: 1) ao modo como um recipiente é empregue na realização de uma dada tarefa; 2) à utilização derradeira e efectiva da peça (resultando, frequentemente, no contexto em que a mesma surge no registo arqueológico), que pode ser mais variada ou específica que a *função* geral pré-definida.

VIII.2. Aspectos considerados

A relação entre forma e função

Os estudos sobre a funcionalidade de recipientes cerâmicos têm-se fundado em aspectos como a tecnologia de fabrico, o tratamento e desgaste de superfícies e resíduos de conteúdos (Henrickson e McDonald, 1983; Rice, 1987: 207-242). Devido às limitações descritas nos Capítulos IV e V, aqui basear-nos-emos sobretudo na morfologia dos artefactos. Com efeito, não obstante os pontos de análise supracitados, a forma tem sido o parâmetro mais comumente utilizado pelos arqueólogos para determinar a função de recipientes cerâmicos. Vários estudos de cariz etnoarqueológico

demonstram para uma relação estreita entre forma e função, de grande permanência quer diacrónica, quer interculturalmente (vd. Henrickson e McDonald, 1983; Rice, 1987: 211).

Para a nossa própria análise da funcionalidade de cada grupo formal de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, seguiremos a linha de investigação traçada por Duistermaat (2008: 432-435 e Apêndice F), a qual bebe muito de trabalhos anteriores como aqueles que citámos no parágrafo anterior. A investigadora holandesa listou (*ibid.*: 432-433) vários pontos de relação entre forma e função e dividiu-os em cinco grupos funcionais, aproximadamente traduzíveis como cerâmica: 1) de cozinha; 2) de mesa; 3) de armazenagem de sólidos e 4) de líquidos; e de 5) transporte de líquidos. Optámos, devido a restrições de espaço, por não repetir todos esses pontos de relação listados por Duistermaat, pelo que remetemos o leitor para a sua obra. Esses pontos serão, contudo, precisados na secção referente a cada uma das nossas formas.

Não podemos deixar de sublinhar a utilidade que tem uma tipologia de base exclusivamente formal como a nossa (vd. Capítulo VI) para estudos de funcionalidade com base morfológica. Revelador é o facto de que Duistermaat (2008: 424 e Apêndice F), para além da tipologia formal mais geral que estabeleceu para estudo da cerâmica de Tell Sabi Abyad, viu a necessidade de criar, separadamente, dezasseis grupos morfológicos especificamente para propósitos de estudo da relação entre forma e função.

Capacidade

Nos casos em que as peças foram recuperadas completas ou possuímos fragmentos preservando a totalidade do seu perfil original, podemos calcular a capacidade total aproximada da peça (vd. Capítulo V). Este parâmetro relaciona-se, evidentemente, com a forma dos recipientes, pois o volume de um corpo varia em função das suas dimensões (altura, largura, diâmetro, etc.).

Os dados sobre a capacidade volumétrica das nossas peças poderiam, idealmente, ser articulados com informação textual. Infelizmente, o nosso conhecimento sobre as medidas de capacidade no período meso-assírio é ainda lacunar e repleto de problemas. O maior destes é talvez a existência de diferentes sistemas ou subsistemas métricos entre cidades – os textos fazem alusão a medidas «velhas», «novas»,

«pequenas», «grandes», «do palácio» e da «casa dos *hiburni*»²⁴ –, sendo que os seus significados ou equivalências nem sempre são claros (Powell, 1987-1990: 501 *apud* Duistermaat, 2008: 435)²⁵. Powell (*loc. cit.*) regista, por exemplo, a existência de uma medida *sūtu* «grande» correspondendo a ≈ 16 litros e um *sūtu* «velho» equivalente a metade, isto é, ≈ 8 litros. Para Tell Sabi Abyad, Wiggermann (2000: 186, citado por Duistermaat, 2008: 435) regista o uso do seguinte sistema: $1 \text{ imēru} = 10 \text{ sūtu} = 100 \text{ qū}$, sendo que cada *qū* = 0,84 litros.

Outros aspectos

Para além de associar forma e funcionalidade, considerámos e incluímos outros aspectos na nossa análise das funções e usos da cerâmica meso-assíria de Tall Qabr Abū al-‘Atīq: 1) a «morfologia histórica» das peças, isto é, o que podemos aprender sobre a funcionalidade de tipos individuais meso-assírias com base na morfologia dos seus antecedentes formais; 2) contextos *in situ* assinaláveis em que foram encontradas, individualmente, algumas das nossas peças.

VIII.3. Funcionalidade por forma

Formas 1A, 1B1 e 1B2

Trata-se de recipientes de grande descartabilidade, o que justifica a sua presença em grandes números nos contextos arqueológicos meso-assírios (cf. Capítulo IV) – no caso de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, os três subtipos totalizam 23,48% do nosso conjunto.

²⁴ A expressão meso/neo-assíria *bīt hiburni*, isto é, «casa dos *hiburni*», designa uma espécie de armazém em templos ou palácios destinado (pelo menos originalmente) a alojar os chamados *hiburnu* ou *huburnu* (no singular), pequenos recipientes usados para óleos perfumados (CAD, vol. H: 182, 219-220).

²⁵ Uma grande jarra procedente de Tell Khuwera e de morfologia comparável à nossa Forma 6 foi inscrita pós-cozedura com o signo para «1 *sūtu*». Porém, a capacidade deste contentor foi calculada, com base no desenho da peça, entre 13,8 e 15,2 litros, ou seja, 17 *qū* de acordo com o sistema de Tall Šabi Abyad, sempre segundo Duistermaat (*ibidem*). Este achado único levanta a hipótese, ainda não provada, de que Tell Khuwera utilizaria o sistema do *sūtu* «velho». Por outro lado, Freydank (1991: 219-220) e Kühne (1995: 206, n. 28) documentam o uso do *sūtu* «pequeno» (= 8 *qū*) neste mesmo local. Existem outros recipientes, com outras cronologias, com inscrições referentes a medidas de capacidades: uma peça de Tell al-Rimah, do período paleo-babilónico, utiliza um sistema em que 1 *qū* mede entre 0,82301 e 0,79073 litros (Postage, 1978); uma outra, de Mari, de cronologia idêntica, reporta-se a um *qū* de 0,799 litros (Joannès, 1990); finalmente, um terceiro artefacto, da Nimrud neo-assíria, sugere um *qū* de 0,792 litros (Oates and Oates, 2001: 62).

Tratando-se de peças frágeis, seriam substituídas tão rapidamente como se quebravam. A sua curta durabilidade e elevado número, associados à abertura das formas e reduzida altura, sugerem que a sua função primária seria a de cerâmicas de mesa. Poderiam ser utilizadas, indistintamente, no serviço e consumo de alimentos sólidos ou líquidos. Duistermaat (2008: 439) relacionou estes recipientes com uma tradição ainda hoje viva no Médio Oriente, a *mezzeh*, que consiste no serviço – em recipientes morfologicamente idênticos, inclusive – de uma selecção de pequenos e variados pratos a acompanhar as grandes refeições. O cálculo das capacidades aproximadas, realizado com os exemplares de perfil completo das Formas 1A, 1B1 e 1B2, forneceu as seguintes capacidades médias por forma:

Forma 1A: $\approx 0,10$ l

Forma 1B1: $\approx 0,30$ l²⁶

Forma 1B2: $\approx 0,90$ l

Também Duistermaat (2008: 439, 454) verificou, para Tell Sabi Abyad, uma proporção de 1:3:9 nas capacidades médias de três grupos (de tamanhos distintos) de taças carenadas, sugerindo tratar-se de recipientes correspondentes a rações alimentares individuais (Forma 1A) ou colectivas (Formas 1B1 e 1B2). Os nossos dados proporcionam, assim, a importante confirmação da situação naquele arqueossítio

No caso concreto da Forma 1A, existem evidências adicionais que apontam no sentido do seu uso como recipiente-medida para rações pré-estabelecidas. Duistermaat (*ibid.*: 454) parece admiti-lo como possibilidade na sua figura VI.18, onde associa hipoteticamente a sua forma 111 (equivalente à nossa Forma 1A) ao termo genérico assírio *kāsu*, «taça». Refira-se que a mesma autora (*ibid.*: 450) menciona o uso deste vocábulo acádio, em textos neo-assírios, como referente a um recipiente-medida correspondendo a uma subdivisão do *qû*: $1/10 \text{ qû} \approx 0,084$ l (o que está em harmonia com a capacidade de 0,10 l por nós calculada). É bastante provável que se trate da pervivência de uma prática meso-assíria.

²⁶ A capacidade de uma das peças da Forma 1B1, o nosso nº TQA.09.X23.127.31, é de 0,5 litros. No entanto, trata-se de um exemplar de formato bastante assimétrico, produto de um fabrico imperfeito.

A morfologia destas peças permitir-lhes-ia, ainda, outros usos, tais como o auxílio à confecção de refeições, ou utilização como recipiente em diversos processos artesanais. No caso da Forma 1A, poderia servir como pequeno candil ou como tampa para outros recipientes, cuja diâmetro no bordo fosse menor que o seu.

Finalmente, como demonstrou Pfälzner (1995: 246, fig. 144), a carena das nossas formas 1A e 1B destinava-se, muito provavelmente, a facilitar a armazenagem e transporte de grandes remessas destes recipientes, visto que permitiria empilhá-los em grandes números num espaço menor. Tratar-se-ia, então, de uma característica técnica com propósitos administrativos e económicos.

Forma 1C

Para a peça completa nº TQA.10.X23.127.12, calculou-se uma capacidade de ≈ 9 l, o que corresponde, aproximadamente, à medida de 1 *sūtu* (se 1 *qū* $\approx 0,84$ l). Por outro lado, dois recipientes de perfil *quase* completo, os nºs TQA.08.A.103 e 104, preservam a capacidade de $\approx 3,1$ e $\approx 2,7$ l, respectivamente. É uma situação bastante análoga à de Tell Sabi Abyad, onde Duistermaat (2008: 454) verificou a existência de dois grupos de peças desta morfologia, com capacidades médias de ≈ 4 e ≈ 9 l. Destaca-se, contudo o nosso exemplar TQA.08.A.105 que não preserva a base e apresenta uma capacidade de $\approx 9,3$ l, a qual seria, então, originalmente superior.

Trata-se de uma forma previsivelmente multifuncional, cujas características permitiram o seu uso na preparação de alimentos, armazenamento de líquidos e sólidos a longo e curto prazo, transporte a curta distância e em diversas actividades artesanais. A título de exemplo, textos meso-assírios reportam o uso de vários tipos de grandes taças, como o *agannû* ou o *heršu* (vd. CAD, vol. A1: 143-144 e vol. H: 199), na decantação de perfumes.

Forma 2

Como vimos atrás, este grupo formal é bastante heterogéneo (quanto à altura, morfologia do bordo, presença de decoração, etc.). Posto que não possuímos nenhum exemplar preservando por completo o seu perfil, apenas podemos ter uma ideia muito aproximada da capacidade destes recipientes. Para os nºs TQA.10.X23.127.52 e 60 (os

dois exemplares mais bem preservados) calculámos uma capacidade mínima de $\approx 9,8$ e $\approx 12,8$ l. Tal como a Forma 1C, teria funções múltiplas, inclusivamente semelhantes à daquela forma: confecção de alimentos sólidos ou líquidos, armazenamento de líquidos e sólidos a longo e curto prazo, transporte a curta distância e actividades artesanais variadas. Um dos usos concretos que se poderia dar esta forma era a mistura de líquidos. O vinho, por exemplo, era tratado pela mistura com ingredientes diversos (água, mel, plantas aromáticas, etc.), com o intuito de alterar o seu sabor e densidade (Bottéro, 2001: 86). Neste caso, podemos comparar a forma e função do *kratér*, na tradição grega clássica.

Forma 3

A morfologia destas peças, bem como o seu fabrico com desengordurantes de grão mais fino (criando uma pasta não porosa), indica que a sua função primária seria a de recipientes para consumo de líquidos, o que explica a sua denominação de «cálices» na literatura especializada e, em concreto, na tipologia de base funcional de Pfälzner.

Este morfotipo tem como antedecentes um tipo de cálices altos produzidos ao longo do período mitaniano (Meso-Jazirense IA-B, c. 1550-1270 a.C.) em diferentes tradições cerâmicas. Com efeito, ao longo da História dos seus predecessores, observamos a coexistência de peças ricamente decoradas com outras versões em cerâmica comum, de menor valoração estética²⁷. É de cálices altos de cerâmica comum,

²⁷ Na zona da Jazirah, durante o Meso-Jazirense (MJ) IA produzem-se peças ricamente pintadas em «com decoração zoomórfica a negro sobre amarelo-rosado» (*Dark on Buff Animal Ornamented Ware*) e em *Cerâmica de Nuzi* (esta última, prolongando-se até ao MJ IB). O fabrico dos primeiros concentra-se na zona da nascente do Khabur, em sítios como Tell Brak e Tell Djidle (Pfälzner, 2007: figs. 34 e 40, com referência a Mallowan, 1946: fig. 11, nº 10 e Mallowan, 1947: l. LXXVII, nº 11). Os segundos, para além de Nuzi e Tell Brak, estão documentados em Tell Bdēri e Tell Baydar (Pfälzner, 2007: figs. 221-226, 228, 233-238, 243-245, citando Mallowan, 1947: l. LXXVII, nºs 4, 6-9, 14; Pfälzner, 1995: Taf. 64j; Bretschneider, 1997: 239, Taf. I, nºs 1-5, 8; e Oates *et al.*, 1997: nºs 389, 391-392). Formalmente, trata-se de cálices cónicos com pé em pedestal de fundo plano. Contemporaneamente, fabricam-se, também em Tell Brak, cálices com pé alto anular de fundo plano ou côncavo no âmbito da *Cerâmica de Khabur Tardia* (MJ IA-IB, c. 1550-1400 a.C.). São menos pintados – possuem bandas horizontais aplicadas de maneira irregular ou cuidadosamente dispostas em grupos de linhas muito finas – e as pastas contêm elementos não plásticos idênticos aos que encontraremos nas futuras produções meso-assírias (partículas calcárias brancas e, opcionalmente, quartzo e minerais negros) (Pfälzner 2007: figs. 87-88, 91, 216, 219-220, citando Mallowan, 1947: l. LXXVII, nº 2; Pfälzner, 1995: Taf. 65c; Bretschneider, 1997: 241, Taf. III, nºs 8-9; e Oates *et al.*, 1997: nºs 330, 332-333). Em paralelo, tanto no MJ IA como no MJ IB, surgem com regularidade cálices não decorados em cerâmica comum, fabricados com desengordurantes minerais e sem inclusões vegetais (*Undecorated Mineral-Tempered Ware*). São, ocasionalmente, mais baixos e mais abertos, com base possuindo pé de fundo saliente Vd. Pfälzner, 2007: 237, 239 e figs. 158-160, 167-173, com referência a Mallowan, 1947: l. LXXIX, nºs 1-3; Pfälzner, 1995: Taf. 64n-m, 65b; Oates *et al.*, 1997: nºs 324-326; e Tomita, 1998: fig. 66, nº 1). Ainda segundo Pfälzner, estes fabricos de cerâmica

possuindo pés elevados (ou «em pedestal») de fundo plano da época mitaniana que descendem as formas idênticas fabricadas no Meso-Jazirense IIA-B (≈1270-1120 a.C.) – isto é, já no período meso-assírio. A transição é visível, por exemplo, em Tell al-Rimah (Postgate *et al.*, 1997: 185, l. 67) onde se recuperaram, tanto em níveis mitanianos (A2, A2a, A2a-b, C5, C5a, D4) como em estratos meso-assírios (A1, A1-2, C3, C4), cálices geralmente pouco altos, com base possuindo pé alto de fundo plano saliente ou em apêndice e pintados apenas com bandas horizontais irregulares ou sem decoração. Também no Nível 7 de Tell Sabi Abyad, ainda na época mitaniana (terceiro quartel do século XIV a meados do século XIII a.C.), registam-se cálices com diferentes tipos de pé ou apêndice e com ou sem decoração. Expectavelmente, níveis meso-assírios (A1 e C2) de Tell al-Rimah forneceram já exemplares comparáveis à nossa Forma 3, isto é, cálices não decorados com apêndice, na pura tradição cerâmica administrativa do período.

A produção massiva deste tipo cerâmico no âmbito administrativo assírio teria suscitado o predomínio dos cálices com apêndice, sem decoração e fabricados com pastas contendo inclusões minerais e vegetais, em contraste com a anterior tradição mitaniana. Registam-se, contudo, esporádicos exemplos de cálices com apêndice pintados com largas bandas horizontais nos níveis 6 (IV.33.i-j) e 5 (IV.90.o) de Tell Sabi Abyad. Assim a morfologia histórica dos cálices meso-assírios sugere que estes pretendiam reproduzir, numa versão mais massificada, peças de algum prestígio²⁸. Destinar-se-iam a um mercado simultaneamente mais numeroso e detentor de estatuto social menos elevado, como seria a generalidade do pessoal funcionário de um *dunnu* assírio.

Do ponto de vista utilitário, permanece algo enigmática a substituição dos práticos pés, que permitiam apoiar a peça, por apêndices que obrigariam o utilizador a descansar o recipiente sobre um suporte ou sobre, por exemplo, uma superfície arenosa ou flexível, senão mesmo a mantê-lo na mão durante todo o acto de consumo. Contudo, esta pode ter sido uma inovação introduzida pela administração assíria para permitir o empilhamento de grandes quantidades destes cálices, com o propósito de facilitar o

comum possuem pés de fundo plano em ambos períodos, mas alguns exemplares desta e de outras formas de cálices (2007: 239: figs. 18-21, seg. Oates *et al.*, 1997: n^{os} 338, 340, 343, 638) possuem pés de fundo côncavo que são típicos da *Cerâmica de Nuzi* e, em geral, do período MJ IA.

²⁸ Foi avançada (Duistermaat, 2008: 430), inclusive, a hipótese dos cálices das Formas 3 e 4 constituírem o equivalente cerâmico de cálices de vidro, metal ou cerâmica vidrada, de escassa visibilidade no registo arqueológico, mais raros, mais valiosos em termos económicos e mais prestigiantes socialmente.

transporte dos mesmos, especialmente a longa distância – à semelhança do que observámos para as carenas das nossas Formas 1A e 1B.

Forma 4

É uma forma com longa História na região, geralmente apelidada de cálice de «perfil em S» ou «ombreado» (*epaulé*, na língua francesa, e *shouldered*, em inglês). Como sugere o nome, possui caracteristicamente um bordo extrovertido separado de um corpo bojudo por uma reentrância bem marcada, angulosa ou curva – formando, neste último caso, uma parede de perfil em «S». Segundo Faivre e Nicolle (2007: 187), os primeiros exemplares, que surgem no horizonte da *Cerâmica do Khabur*, datam de inícios do II milénio a.C., tendo Mallowan (1947: p. 252, l. LXXXI/8) considerado que a sua origem é sul-mesopotâmica. Desde o início (séc. XVIII a.C.) se documentam, à semelhança do que observámos para os antecessores da Forma 3, quer exemplares pintados (em Kültepe, na Anatólia), quer peças sem decoração (em Tell al-Rimah²⁹ e Terqa³⁰). Com evoluções morfológicas, sobretudo ao nível da zona de transição ombro-colo e no tipo de pé, esta forma prossegue nos séculos seguintes, estendendo-se à *Cerâmica do Khabur Tardia*³¹ e, mais tarde, à cerâmica «com decoração zoomórfica a negro sobre amarelo-rosado»³² e à *Cerâmica de Nuzi*.

No nível mitaniano A2a+c de Tell al-Rimah (Meso-Jazireense IA, ≈1550-1400 a.C.), recuperou-se um exemplar na tradição de Nuzi que, embora se distinga artisticamente, possui morfologia e dimensões bastante idênticas às dos cálices meso-assírios equivalentes à nossa Forma 4 (Postgate *et al.*, 1997: nº 679). A produção de peças em cerâmica comum não decorada e com inclusões vegetais, documentada em Tell al-Rimah durante o Meso-Jazireense IA, regista-se também em Tell Bdēri durante o

²⁹ Vd. Postgate *et al.*, 1997: n.ºs 764, 766-768, 770-774.

³⁰ Vd. Kelly-Buccellati e Shelby, 1977: 122, 140-141, 146-149, lâminas VII: 63, XI: 82, XII: 91-92.

³¹ Nesta fase, a junção do ombro com o colo torna-se mais angulosa, mas a altura do bordo continua é variável. Predominam as bases de pé anular ou de fundo côncavo saliente. São decorados com bandas horizontais de espessuras variáveis (Pfälzner, 2007: n.ºs 80-83, 85-86, seg. Oates *et al.*, 1997: n.ºs 204, 351-353, 382-383). Em Tell al-Rimah, a sua aparição dá-se no nível 6a da área C, contexto interpretado como uma cozinha paleo-babilónica tardia e contemporâneo do nível 8 de Tell Brak. Aqui, os cálices apresentam-se com lábios mais extrovertidos do que o próprio bordo. O colo é vincadamente separado do ombro por uma canelura. Por vezes, marca-se uma carena. O tipo de bases mais comum apresenta pé anular, com a extremidade normalmente saliente. O ombro da peça é decorado com bandas horizontais pintadas em tons escuros (negro, castanho e avermelhado). As pastas são beges, esverdeadas ou rosadas (vd. Postgate *et al.*, 1997: n.ºs 803, 808-817). O mesmo nível forneceu exemplares não decorados (*ibid.*: n.ºs 745-746).

³² Vd. Pfälzner, 2007: 240, n.º 39.

Meso-Jazireense IB, por exemplo, nos estratos S5 e2 e S5 e3 (Pfälzner, 1995: Taf. 36.c, 63i). Trata-se dos predecessores dos cálices que integrarão o repertório administrativo meso-assírio.

É possível que, tal como os cálices da Forma 3, estes recipientes constituíssem a versão cerâmica de cálices vítreos. Hrouda (2001: 89-90), investigador que elaborou uma crono-tipologia de seis fases para a *Cerâmica de Khabur*, observou uma evolução morfológica dos pés dos cálices ombreados (anular > em botão > em «pedestal» > em botão). Segundo uma hipótese de trabalho que avançou, a presença de um fundo em botão nos cálices cerâmicos tardios – tal como os que viriam a estar em voga, posteriormente, na época meso-assíria – corresponderiam a uma inovação verificada em peças vítreas contemporâneas, produto de desenvolvimentos na tecnologia do vidro durante o Bronze Final.

Forma 5

Uma variedade de usos podem ser postulados para esta forma: serviço de alimentos líquidos; armazenamento de alimentos líquidos e sólidos a curto e longo prazo; armazenamento de pequenos objectos ou transporte dos mesmos a curta e longa distância; ritual (por exemplo, para libações).

Forma 6

O corpo alongado, a considerável altura (variando entre ≈ 399 e ≈ 628 mm) e a grande capacidade (entre $\approx 5,4$ e, pelo menos, $\approx 23,8$ litros) são característicos de grandes contentores utilizados na armazenagem de sólidos, bem como o seu transporte a curta ou longa distância. Os lábios arredondados são úteis para ajustar tampas flexíveis. Por um lado, a forma alongada e a base estreita permitiriam inclinar mais facilmente a vasilha para enchê-la. Por outro lado, esse mesmo tipo de base afectaria a estabilidade destas jarras, desvantagem que seria contrabalançada com o uso de suportes (Forma 10).

É sobre esta forma que surge a maioria das marcas aplicadas, quer em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, quer noutros arqueossítios, o que sugere uma relação desta marca com processos de transporte e distribuição de bens (vd. Capítulo IX).

Em Tell Sabi Abyad, grandes jarras ovóides foram usadas como urnas funerárias de incineração, por vezes tapadas por taças carenadas (a nossa Forma 1A), mas as peças utilizadas correspondiam a um tipo possuindo colo e corpo de formato mais globular e alargado que não está representado em Tall Qabr Abū al-‘Atīq (Duistermaat, 2008: 428).

Forma 7

Com apenas dois exemplares incompletos no nosso conjunto, pouca podemos aferir quanto à funcionalidade desta forma. O corpo globular, a escassa altura (embora nenhum exemplar a preserve por completo) e a forma fechada são características transversais à cerâmica de cozinha em diferentes culturas.

Forma 8

O mais completo dos nossos dois exemplares tem uma largura máxima de ≈ 468 mm, preserva uma altura de ≈ 416 mm e uma capacidade mínima de $\approx 48,2$ l. Os recipientes de grandes dimensões e capacidade, pesados e imóveis (sobretudo cheios: refira-se que 48,2 litros de água correspondem a um peso de 48,055 kg), tendem a ser utilizados para o armazenamento de líquidos a longo prazo.

É possível que, pela sua dificuldade de transporte, os nossos dois exemplares tivessem sido produzidos localmente e instalados no edifício. A água a armazenar neles poderia, então, ser trazida de fonte próxima (do próprio rio Eufrates) em vasilhas como as da nossa Forma 6.

Forma 9

A sua função primária é, evidentemente, a de servir como coador em várias actividades. Fontes textuais sugerem usos como, por exemplo, a preparação de cerveja e de perfume e algo relacionado com pó de linho (CAD, vol. M1: 365). Com uma peça de têxtil, actuaria como crivo (Duistermaat, 2008: 440). Também serviria, seguramente, como queijeira.

A peça n.º TQA.10.X23.127.5 de Tall Qabr Abū al-‘Atīq encontrou-se no extremo norte da Sala 3, jazendo invertida e ladeada pelas duas tabuinhas cuneiformes ali descobertas. Parece-nos relevante que, em Tell Sabi Abyad, um coador foi encontrado entre um grupo de tabuinhas cuneiformes no Nível 5 (quadrícula K9), mais precisamente num sector interpretado como a área residencial do pessoal interno do *dunnu* (vd. Duistermaat, 2008: 581)³³. Dado que um recipiente aberto e perfurado, com menos de 200 mm de diâmetro, não é o mais preferível dos contentores (leia-se arquivadores), perguntamo-nos qual poderá ser a sua relação com tabuinhas de argila epigrafadas. É possível que este paralelo seja casual. Duistermaat não nos informa se o coador de Tell Sabi Abyad foi encontrado, concretamente, na cozinha da pessoal do *dunnu*. Contudo, as características da nossa Sala 3 permitiriam identificá-la como um espaço de cozinha ou armazenagem e parece ser que, nestas áreas, a presença de registos escritos era normal.

Forma 10

Não há muito mais a acrescentar ao contributo de outros investigadores, no que refere a esta forma. Trata-se de suportes cerâmicos (também os havia em madeira, por exemplo, segundo os textos) para recipientes, utilizados normalmente para grandes contentores. Tal função, sustentada pela iconografia, é tão mais evidente quanto os primeiros são, ocasionalmente, encontrados em contexto na proximidade dos segundos – como se documentou, por exemplo, em Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: 579). Seriam frequentemente utilizados com grandes jarras da Forma 6, quando a base não proporciona suficiente estabilidade. Sabemos, inclusive, que as gentes de então se refeririam a estes objectos como *ildu*, termo que, no dialecto meso-assírio do acádio, seria naturalmente traduzível como «base, suporte» (CAD, vol. I: 235).

Forma intermédia 1C/1B2

A proximidade morfológica à Forma 1C sugere funcionalidade semelhante à daqueles recipientes.

³³ Sublinhe-se, ainda, como vimos atrás, que o coador em questão (fig. IV.91.aj) constitui um paralelo morfológico para o nosso próprio exemplar.

Com 54,3 l de capacidade é provável que servisse função idêntica à da Forma 8 que, como sugerimos atrás, seria a de armazenar água. De resto, um dos dois contentores deste último tipo que possuímos (TQA.10.X23.127.52) estaria originalmente colocado, na Sala 3, junto ao nosso único exemplar desta forma intermédia (TQA.10.X23.127.54) (vd. Apêndice C, figs. C.4 e C.9).

VIII.4. A funcionalidade da cerâmica nos espaços

As Salas 1 e 3 albergavam uma grande variedade de formas cerâmicas, servindo múltiplas funções. Ali coexistiam cerâmicas de mesa, de cozinha, de transporte e de armazenagem, para além de tipos multifuncionais. A Sala 1, pela presença de uma pequena estrutura de combustão e de instrumentos destinados à obtenção de pigmento de ocre, destinar-se-ia seguramente à realização de algumas actividades artesanais. Poderia tratar-se de uma pequena oficina, de natureza exacta desconhecida. Na Sala 3 não se registou nenhuma estrutura de combustão, mas encontraram-se dois dormentes de mó, vários possíveis moventes, um afiador, dois grandes contentores cerâmicos, provavelmente destinados ao armazenamento de água e uma pequena plataforma de pedra, de função incerta. Trata-se, sem dúvida, de um espaço produtivo, possivelmente uma zona de cozinha ou copa, onde se preparariam refeições mas também, em certa medida, se armazenariam víveres.

Embora a presença de jarras ovóides dispostas em proximidade e acompanhadas de um suporte – e relembremos a presença de um selo cilíndrico, objecto de cariz administrativo – sugira que a Sala 4 pode ter funcionado como armazém ou despensa, a existência de outras formas com funcionalidades distintas, nomeadamente taças carenadas (Formas 1A, 1B1 e 1B2), cálices (Formas 3 e 4), dois grande vasos (Forma 2) e um jarro (Forma 5), bem como de uma estrutura de combustão, apontam para a interpretação deste espaço nas mesmas linhas que a Sala 3.

A análise funcional da cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, em associação com o seu contexto arqueológico, indica que a área escavada até ao presente corresponde ao sector produtivo, ou, dito de outra maneira, de manutenção e aprovisionamento do complexo.

CAPÍTULO IX – AS MARCAS EM CERÂMICA E A ADMINISTRAÇÃO MESO-ASSÍRIA

A prática de aplicar marcas sobre cerâmica meso-assíria carece de um estudo metódico e amplo, compreendendo todos os dados publicados para arqueossítios com ocupações e materiais daquele período. Duistermaat (2008) foi a primeira investigadora que não só listou, ilustrou e descreveu de forma rigorosa todas as marcas do conjunto cerâmico que a ocupou (Apêndice C), como refletiu sobre o fenômeno e a sua importância no âmbito da organização produtiva daquela classe cerâmica. Reconhecendo a importância de tal investigação, pareceu-nos de grande importância compilar aqui os dados fornecidos pelos materiais de Tall Qabr Abū al-‘Atīq e discutir a sua importância à luz da informação existente para outros arqueossítios.

IX.1. Introdução terminológica

Seguindo a proposta de Lindblom (2001: 13), definimos «marca em cerâmica» (no entanto, este autor fala em *potter's mark*, «marca de oleiro») como toda a marca isolada e intencionalmente aplicada num recipiente³⁴. Contudo, em casos singulares (como um que analisaremos adiante), podem ocorrer marcas em palimpsesto. Importa também fazer, aqui, duas distinções. A primeira, entre «epígrafe» (*inscription*), por um lado, e «marcas em cerâmica» (*potmarks*) e «marcas de canteiro» (*mason's marks*)³⁵, por outro. No domínio da epigrafia, limita-se o uso do termo «epígrafe» a sequências de dois ou mais signos. Com signos individuais, usa-se a expressão «marcas em cerâmica», se aplicados em recipientes cerâmicos (ou metálicos, por extensão), e «marcas de canteiro», se realizados em pedra (vd. Yon *et al.*, 2000: 164).

³⁴ Duistermaat (2008: 402) propõe distinguir entre «marcas (de oleiro)», realizadas *pre-coctem*, e «signos», os quais seriam aplicados apenas após a cozedura do recipiente. Ou seja, as primeiras seriam efectuadas ainda na oficina, ao passo que os signos poderiam ser aplicados às peças em qualquer ponto temporal ou espacial, sobretudo após aquelas terem abandonado o estabelecimento onde tinham sido produzidas. Na nossa opinião, esta última distinção pode resultar confusa, especialmente tendo em conta o conceito de «signo» existente nas disciplinas semiótica e epigráfica (esta última em relação com a disciplina arqueológica).

³⁵ A distinção entre este termo e «petróglifo» já se encontra fora da temática que aqui nos ocupa.

A segunda distinção faz-se entre «marca em cerâmica» e «marca de oleiro». Repetindo o que dissemos atrás, marca de oleiro é toda a marca ou signo não decorativo ocorrendo isoladamente num recipiente cerâmico e aplicado intencionalmente *antes da cozedura*. Este último critério garante que essa marca é da responsabilidade do fabricante da peça, justificando o qualificativo «de oleiro». Ocasionalmente, o signo marcado pode simultaneamente pertencer a um sistema de escrita reconhecível. Contudo, somente se estivermos perante um número plural de caracteres podemos falar em «epígrafe», isto é, em texto. «Marca em cerâmica» surge, então, como designação mais genérica referente a marcas aplicadas sobre objectos cerâmicos, antes ou após a sua cozedura, sobretudo nos casos em que as mesmas não podem ser atribuídas com segurança ao oleiro – podendo mesmo ser responsabilidade de qualquer indivíduo associado à vida da peça depois de esta deixar a oficina (vd. *ibid.*: 165). Assim, por definição, as marcas em cerâmica podem ter propósitos ou funcionalidades mais alargados que as marcas de oleiro, as quais estão normalmente relacionadas com aspectos de organização da produção e distribuição imediata dos espécimes. É por todas estas razões que preferimos esta designação para o fenómeno em análise neste capítulo.

IX.2. *Corpus* das marcas e paralelos

O conjunto de marcas em cerâmica documentadas até ao momento em Tall Qabr Abū al-‘Atīq inclui cinco marcas produzidas em quatro peças (vd. fig. IX.1):

TQA.09.X23.110.20 (Forma 6[?]) – Marca incisa, apenas parcialmente preservada porque interrompida pela fractura do fragmento. Trata-se de quatro linhas cruzadas, duas delas formando uma ponta ou braço.

TQA.10.X23.127.23 (Forma 6) – Marca em forma de quarto crescente impressa pré-cozedura ≈ 50 mm abaixo do ombro, medindo ≈ 16 mm de largura e ≈ 10 mm de altura. Mais tarde, após a cozedura, aquela foi sobreposta por uma grande (≈ 125 mm de largura e ≈ 185 mm de altura) marca pintada em forma de arado ou «A». Enquanto esta última secava, a peça estava seguramente em posição horizontal, visto que a tinta escorreu em direcções diferentes ao longo das caneluras que o ombro da peça apresenta.

TQA.10.X23.127.52 (Forma 8) – Marca incisa pré-cozedura entre o colo e o ombro da peça. Compõe-se de três linhas verticais cruzadas por uma horizontal.

TQA.09.10.X23.127.08 (Forma 6) – Marca incisa pós-cozedura, em forma de arado ou «A», na zona do ombro. Mede ≈ 40 mm de largura e ≈ 123 mm de altura.



Fig. IX.1 – As cinco marcas em cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq.

Marcas impressas em forma de quarto crescente estão documentadas em jarras comparáveis à nossa Forma 6 nos níveis 5 e 4 de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: figs. IV.80.j, IV.83.k, IV.85.h, IV.112.n e D.2), em Tell Bdēri (fase MA III, vd.

Pfälzner, 1995: Taf. 151.a) e em Tell Barri (Anastasio, 1993: fig. 14, nº 3, citado por Duistermaat, 2008: 549). Em Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: Apêndice D) estão igualmente atestadas marcas em forma de quarto minguante, impressas e pintadas, sendo que não é claro se se tratará da mesma marca, apenas invertida, ou não (vd. fig. IX.2).

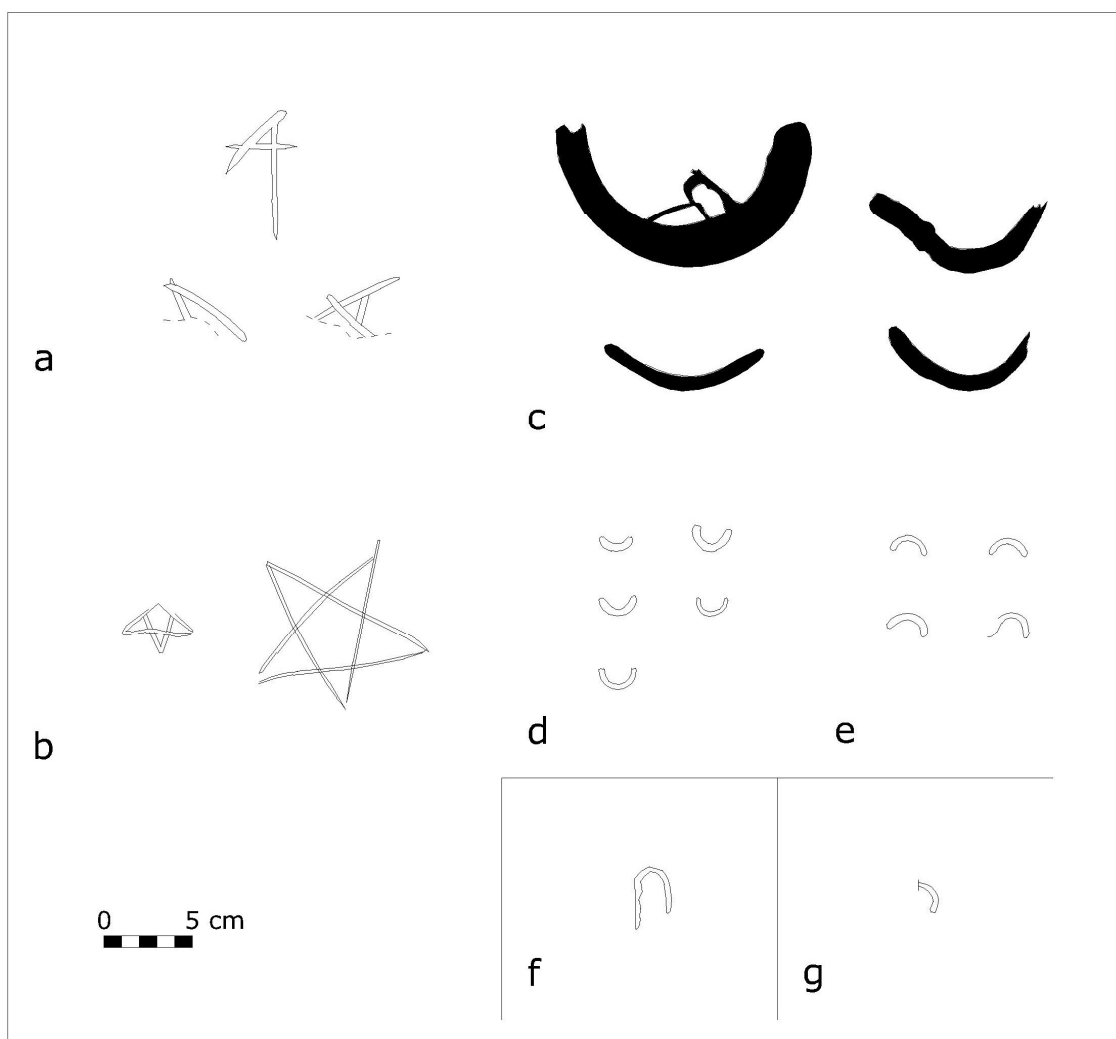


Fig. IX.2 – Marcas de Tell Sabi Abyad (a-e; seg. Duistermaat, 2008: Apêndice D), Tell Šeḥ Ḥamad (f; seg. Pfälzner, 1995: Taf. 86) e Tell Bdēri (g; *ibid.*: Taf. 151.a) idênticas às de Tall Qabr Abū al-‘Atīq: a) Marcas incisadas em forma de arado; b) marcas incisadas em forma de estrela de cinco pontas; c) marcas pintadas em forma de quarto minguante; d) marcas impressas em forma de quarto minguante; e-g) marcas impressas em forma de quarto crescente.

Marcas incisadas em forma de arado surgem em três jarras igualmente equivalentes à nossa Forma 6 no Nível 5 de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: figs. IV.78.b, IV.85.e-f e D.8). A marca composta de linhas cruzadas do fragmento

TQA.09.X23.110.20 poderia, talvez, comparar-se a duas estrelas de cinco pontas incisadas em fragmentos informes do Nível 5 de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: figs. IV.98.h, k). Quanto à marca do nosso contentor nº TQA.10.X23.127.52, não lhe encontramos paralelos.

IX.3. Extensão espacial e temporal do fenómeno

Para além de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, podemos encontrar documentadas marcas em cerâmica administrativa meso-assíria nos seguintes sítios: Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: Apêndice D), Tell Šēḫ Ḥamad (Pfälzner, 1995: Taf. 86; 135.h³⁶) Tell Bdēri (Pfälzner, 1995: Taf. 151.a), Tell al-Rimah (Postgate et al., 1997: nºs 606, 997, 1002, 1033), Tell Barri (Anastasio, 1993: fig. 14) e Tell Mohammed Arab (Roaf, 1983: fig. 5 e 1984: 148, fig. 5). Trata-se, portanto, de um fenómeno com representatividade em praticamente todo o território meso-assírio, desde o Tigre até ao Balikh e ao Médio Eufrates. Não há dúvida de que estamos perante um sistema fixo, bem difundido e comum a todo o território controlado pelas autoridades assírias.

Outra questão é a sua vigência temporal. Duistermaat regista, para Tell Sabi Abyad, duas marcas provenientes do Nível 6 (3,23%), quarenta nove procedentes do Nível 5 (79,03%), dez sobre artefactos recuperados no Nível 4 (16,13%) e uma de fragmento situável no Nível 3 ou 1, seguramente descontextualizado (1,61%). Esta distribuição sugere que a prática de produzir estas marcas sobre cerâmica oficial meso-assíria terá tido início do reinado de Tukultī-Ninurta I (c. 1243/1233-1207/1197 a.C.) e caído em desuso no de Ninurta-apli-Ekur (c. 1191/1181-1179/1169 a.C.). Também sugere que o seu momento de maior intensidade deve situar-se nos reinados de Aššur-nērārī III e Enlil-kudurrī-ušur, mas, quanto a este parâmetro, os números de Tell Sabi Abyad não reflectem necessariamente a situação dos demais assentamentos meso-assírios. Em Tell al-Rimah, três exemplos de peças marcadas provêm dos níveis C2,

³⁶A peça ilustrada por Pfälzner (1995) em Taf. 135.h é um cálice atribuído pelo autor às produções de cerâmica doméstica. Porém, neste caso, a marca consiste em três incisões efectuadas no lábio do cálice anteriormente à cozedura, um tipo igualmente atestado em Tell Sabi Abyad (vd. Duistermaat, 2008: p. 552). Também em Tall Qabr Abū al-‘Atīq se encontrou, à superfície, um fragmento de uma vasilha da Forma 6 (TQA.10.S.1) – excluído da amostra devido à ausência de contexto arqueológico – contendo duas incisões no bordo. Não é claro, devido ao estado pouco avançado da investigação sobre este fenómeno, se algumas destas marcas, pela sua função e significado, poderiam ultrapassar o âmbito da cerâmica administrativa.

C2-3 e C3-4 (n^os 606, 1002 e 1033), de cronologia relativa meso-assíria³⁷. Em Tell Šēḫ Hamad documenta-se um exemplar da fase MA I (Taf. 86). Finalmente, em Tell Bdēri existe uma marca aplicada sobre um recipiente de MA III (Taf. 151.a), aparentemente o exemplar mais tardio.

IX.4. Função e significado

Desejamos, ainda, reflectir sobre a utilidade destas marcas em cerâmica. Diferenciamos significado, isto é, o que a marca representa enquanto signo, e função, ou seja, as práticas ou actividades que a mesma marca reflecte. Ao passo que conhecer o significado de uma marca é essencial para entender a sua função, muitas vezes será difícil reconstitui-lo, não podendo nós alcançar mais do que um vislumbre do seu móbil.

A primeira observação é a de que o curto elenco de marcas documentado era utilizado em alternativa ao sistema de escrita cuneiforme. Esta situação, no nosso entendimento, dever-se-ia ao facto de que os agentes envolvidos nos processos de produção (artesãos oleiros) e distribuição (outros funcionários) da cerâmica administrativa assíria – os prováveis utilizadores das marcas – seriam, na sua grande maioria, indivíduos «iletrados» que não frequentavam a escola de escribas e não controlavam o sistema de escrita vigente. A aplicação *pre-coctem* de curtas epígrafes cuneiformes está documentada em raros casos (Duistermaat, 2008: 563-564), nos quais estaria implicado um agente letrado, provavelmente um escriba da administração.

Parece evidente que não se trata da marca distintiva de oleiros individuais: existem um universo de menos de trinta marcas diferentes documentadas nos diversos arqueossítios meso-assírios ao longo de um período de aproximadamente setenta anos. Está igualmente claro que a função do sistema não é indicar a capacidade do recipiente. Duistermaat (2008: 405) demonstrou não haver, em Tell Sabi Abyad, qualquer padrão de relação entre as marcas e as capacidades dos recipientes em que foram aplicadas. Também em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, a marca em forma de arado surge em dois recipientes de capacidades distintas. Quando havia necessidade de marcar a capacidade da vasilha, a via a seguir seria o recurso à própria escrita cuneiforme: existem exemplos

³⁷ Uma quarta peça (n^o 997), provém, segundo os escavadores, de um contexto de mistura («mixed», no original inglês).

de cerâmicas epigrafadas com medidas de capacidade para os períodos paleo-babilónico e neo-assírio (vd. Capítulo VIII).

A pista mais útil para entender a função desta prática é a relação entre marca e forma cerâmica. Em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, estas marcas foram maioritariamente aplicadas sobre a nossa Forma 6 e isto é também verdade para outros arqueossítios, onde surgem sobretudo em vasilhas comparáveis a esse nosso morfotipo. A principal excepção é uma marca em forma de cruz grega, incisa sobre taças (equivalentes às nossas formas 1B e 1C), em Tell Sabi Abyad (IV.52.j, IV.99.al), e sobre um recipiente comparável à nossa Forma 2, em Tell al-Rimah (nº 606). Tendo em conta a funcionalidade da Forma 6 (vd. Capítulo VIII), útil para transporte a longa distância e armazenagem a curto e longo prazo, é verosímil associar estas marcas a processos de distribuição e aprovisionamento de assentamentos meso-assírios.

A sua aplicação na metade superior dos contentores, principalmente no ombro, resulta num ângulo de visão favorável à sua leitura por um indivíduo em postura vertical. Cheias, estas vasilhas alcançavam, na sua maioria, pesos que desaconselhariam o seu manuseamento³⁸ e, ainda que vazias, podemos imaginar que, na olaria ou em qualquer armazém, estariam normalmente colocadas no solo, ocasionalmente assentes sobre suportes. De facto, a colocação de marcas na zona superior de grandes contentores, por motivos práticos, é um fenómeno com paralelo noutras culturas e períodos (vd., por exemplo, van Alfen, 1998 e Koliński, 2003: 90).

Se a marca é realizada pré-cozedura, o que sucedeu em muitos casos, significará que foi aplicada no ponto de origem («marca de oleiro») e que a sua função se perde uma vez que a vasilha atinge o seu destino final. A nossa peça nº TQA.10.X23.127.52 (Forma 8), possuindo marca *pre-coctem*, é um exemplo provável disso mesmo: boa parte da sua superfície exterior encontrava-se revestida por uma camada de gesso, utilizada seguramente como reparação de eventuais fissuras da peça, e a própria marca não estaria visível. Por outro lado, mesmo as marcas incisadas ou pintadas após a cozedura, podem ter sido aplicadas quando a peça se encontrava ainda na olaria. Não sabemos se a forma de arado pintada sobre o crescente impresso no nosso nº TQA.10.X23.127.23 reflecte um caso de reutilização da vasilha ou se simplesmente corresponde à correcção, após a cozedura, de um equívoco.

³⁸ Vazia, a peça completa nº TQA.08.A.90 (Forma 6) pesa ≈8,40 kg.

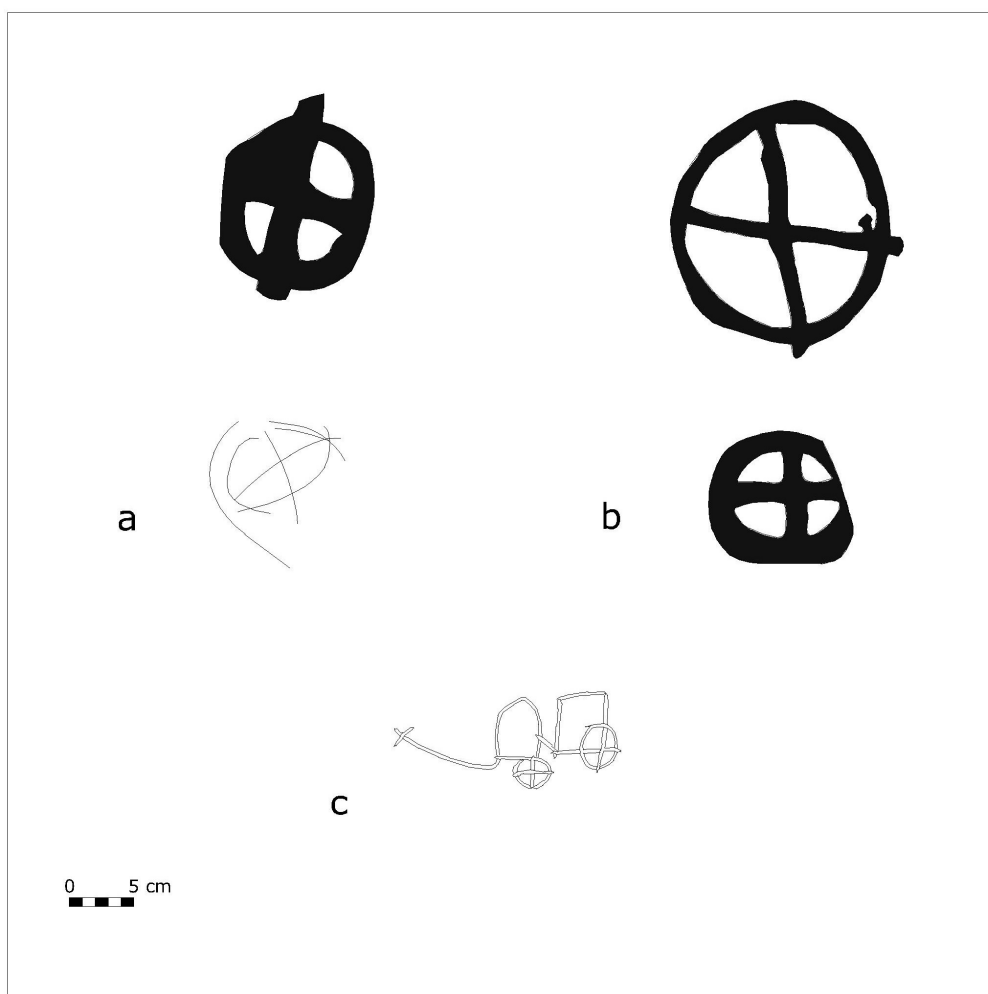


Fig. IX.3 – a) Duas marcas em forma de roda, uma pintada (em cima) e outra incisa (em baixo), de Tell al-Rimah (seg. Postgate et al., 1997: n°s 997, 1033); b) duas marcas em forma de roda pintadas de Tell Sabi Abyad (seg. Duistermaat, 2008: 555, fig. D.20); c) marca incisa em forma de carro de Tell Mohammed Arab (seg. Roaf, 1983, fig. e Roaf, 1984: 148, fig. 5).

Existe um tipo de marca que não só é passível de ser interpretada quanto ao seu significado, como põe ainda em evidência a relação com processos de organização da produção e distribuição da cerâmica administrativa. Trata-se do motivo da roda de quatro raios em representação de um veículo (vd. fig. IX.3) que, sugerimos nós aqui, seria uma alusão ao modo de transporte destinado às peças sobre as quais se aplica. Evidentemente, isto conduz à suposição de que se pretendia distinguir um pequeno número de vasilhas, destinadas a um modo de transporte que não o mais habitual e óbvio (navegação fluvial?). Note-se que, na língua acádia, os dois vocábulos para «roda» (*šumbu* e *magarru*) significam também, por sinédoque, «carro» ou «carroça» (*CAD*, vol. Ş: 244 e vol. M: 32; vd. também Wilcke, 1987: 78). Isto é, uma mente

assíria apreenderia instantaneamente como CARRO este estímulo visual. Devemos, ainda, ter em conta que a economia de tempo é desejável num sistema de produção em massa, pelo que haveria todo o interesse em simplificar e agilizar símbolos: assim se explicaria a representação do carro com uma simples roda executável com três ou quatro incisões ou pinceladas. Por outro lado, a hipótese aqui oferecida é sustentada por um único exemplo, proveniente Tell Mohammed Arab, de uma marca correspondendo à figuração mais detalhada, vista em perfil, de um veículo de quatro rodas (Roaf, 1983: fig. 5 e Roaf, 1984: 148, fig. 5), estas representadas igualmente com quatro raios. Em todos os casos que estudámos, o motivo da roda foi aplicado sobre vasilhas comparáveis à nossa Forma 6 (Postgate *et al.*, 1997: nº 997; Duistermaat, 2008: IV.82.b, 85.b, 88.c, 97.h) ou à nossa forma intermédia 6/8 (Postgate *et al.*, 1997: nº 1033). Também a marca em forma de veículo de Tell Mohammed Arab foi incisa sobre uma jarra equivalente à nossa Forma 6.

Deste modo, tanto as formas cerâmicas de Tall Qabr Abū al-‘Atīq como as próprias marcas a estas associadas – ainda em escasso número – demonstram, de forma inequívoca, a inserção daquele lugar na máquina administrativa assíria e nos circuitos de produção e distribuição de bens que conectariam centros de diferente importância e situação geográfica dentro das fronteiras do império.

CONCLUSÃO

1. A presença assíria em Khānuqāh: fundação e função do edifício de Tall Qabr Abū al-‘Atīq

Conduzidas três campanhas do PAMES em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, o espólio cerâmico resgatado da colina principal é a principal fonte de informação arqueológica sobre a natureza da presença meso-assíria em Khānuqāh. No Capítulo VII, efectuámos a comparação crono-tipológica entre os espécimes nossa amostra e os conjuntos de três arqueossítios cujos materiais, além de provenientes de estratos bem datados, receberam publicação extensa. A nossa sequência cerâmica sugeriu um intervalo mínimo de c. 1240/1230 a 1190/1180 a.C. e um intervalo óptimo entre c. 1240/1230-1200 a.C.. Se, por um lado, uma das tabuinhas cuneiformes poderá datar o incêndio do reinado de Tukultī-Ninurta I (vd. Capítulo II), dado que está em harmonia com o intervalo óptimo mencionado, por outro lado, a existência de paralelos cerâmicos posteriores em vários anos à sua morte (c. 1207/1197 a.C.) sugere, pelo menos, situar a destruição das instalações de Tall Qabr Abū al-‘Atīq numa etapa avançada do seu governo.

Esta hipótese é bastante recomendável em termos históricos. Tukultī-Ninurta I foi o primeiro soberano da época meso-assíria a abonar-se da conquista de um vasto território em ambas margens do vale do Médio Eufrates: os países de Mari, Hana, Rapiqu e as «Montanhas dos *Ahlamu*» (Capítulo II). Reconhecendo o carácter propagandístico das inscrições reais assírias, é plausível entender o texto em questão como traduzindo um controlo efectivo do território até à margem esquerda do rio, ainda que tenha havido momentânea subjugação das populações nómadas oeste-semitas que habitavam os dois lados do Eufrates. Controlar os movimentos dos *Ahlamu* era uma prioridade indubitável para a Tukultī-Ninurta I, pois este povo tinha um longo historial de coligações anti-assírias com Hititas e Mitanianos, incluindo uma durante o reinado do seu pai, Šalmānašar I (*RIMA* 1: A.0.77.1, 56-87). Dificilmente haveria modo mais eficaz de cumprir este objectivo do que fundar e manter uma fortificação à entrada de Khānuqah, uma posição privilegiada para vigiar o Jabal Bišri e território circundante.

Também é verdade que, se a primeira metade do longo reinado de Tukultī-Ninurta I (c. 1243-1207/1233-1197 a.C.) ficou marcada pela vitória sobre os Hititas nas

proximidades de Nihriya (no seu quarto ano) e pela conquista da Babilónia dos Cassitas (data precisa desconhecida), a segunda foi sobretudo dedicada à consolidação e gestão do território tomado anteriormente pelos seus exércitos. A construção de uma nova capital na margem esquerda do Tigre, Kār-Tukultī-Ninurta, é, talvez, a expressão máxima desta política. Assim, embora não possamos exceptuar de forma decisiva uma fundação no reinado de Šalmānašar I (frequentemente referido pelos autores como protagonista de uma consolidação da administração territorial do império), os dados históricos que possuímos e o quadro que eles nos pintam apontam preferivelmente para a instalação de uma guarnição militar em Tall Qabr Abū al-‘Atīq durante a segunda etapa do reinado do seu filho. Segundo a hipótese de trabalho actualmente defensável, estaríamos perante uma instalação de tipo *dunnu*, a qual, por definição, poderia incluir uma componente produtiva para além do seu cariz defensivo. Os contextos arqueológicos escavados em Tall Qabr Abū al-‘Atīq, em geral, e o estudo funcional da cerâmica (Capítulo VIII), em particular, sugerem que a área exposta até ao momento corresponde ao sector de manutenção e aprovisionamento do edifício. Mas isto, por si só, não indica a existência de áreas de cultivo ou oficinas produzindo a uma escala significativa para consumo interno.

2. A Assíria em Tall Qabr Abū al-‘Atīq à luz da cerâmica

De momento, desconhecemos, então, até que ponto o estabelecimento de Tall Qabr Abū al-‘Atīq, com os seus residentes, formaria uma comunidade auto-suficiente – fabricando, por exemplo, a sua própria cerâmica – ou se, contrariamente, seria sobretudo dependente de outros centros de maior importância. Também podemos apenas especular se Tall Qabr Abū al-‘Atīq, cujo topónimo antigo desconhecemos, estaria integrado na província (*pāhatu*) de *Dūr-Katlimmu* (Tell Šēḫ Ḥamad), com capital na cidade homónima, no Baixo Khabur (a c. 90 km do nosso arqueossítio, a vôo de ave), ou se seria parte de uma outra, ainda desconhecida. Fosse como fosse, estaria, sem dúvida, integrado numa complexa rede administrativa.

A grande uniformidade da cerâmica administrativa meso-assíria – agora ainda mais notória, à luz dos exemplares escavados no Médio Eufrates – sugere vários factores na sua base: necessidade de formas empilháveis para armazenamento e transporte mais eficaz e económico (em termos de espaço ocupado); existência de um vasto mercado consumidor e elevada procura, em contraste com um número bastante

inferior de oleiros activos; realização de «escola» entre artesãos; emissão de directivas, pelas autoridades, no sentido de produção estandardizada (vd. Duistermaat, 2008: 409). Que haveria circulação de artesãos e que um oleiro poderia servir mais do que um sítio é posto em evidência pelo texto T93-3 de Tell Sabi Abyad, no qual um funcionário ao serviço do *sukkallu rabi'u* (normalmente traduzido como «Grande Vizir») assírio repreende o intendente daquele lugar por não ter enviado, conforme ordens anteriores, um cervejeiro e um oleiro a uma segunda localidade, Dunni-Aššur (*ibid.*: 561). É, também, bastante provável que grandes contentores como os da nossa Forma 8 e intermédia 6/8, demasiado pesados para transportar a longa e média distância (vd. Capítulo VIII), fossem produzidos *in loco* por oleiros itinerantes, como sugere Duistermaat (2008: 317, n. 134, com referências³⁹).

Em suma, os dados de Tall Qabr Abū al-‘Atīq vêm acrescentar peso à tese de Pfälzner (1995: 259-260), que viu, na produção de cerâmicas tipologicamente idênticas em distintos pontos do império (comprovada por análises arqueométricas), evidência de uma organização provincial intrincada e forte centralização administrativa – que estariam na base de um sistema unificado de fabrico. Parece-nos possível que os artesãos assírios estivessem organizados, sob a tutela das autoridades, em «escolas» ou «corporações», no seio das quais se transmitiriam noções técnicas e tipológicas canónicas, de acordo com um programa de administração territorial. Já Duistermaat (2008: 418-419) viu como improvável um controlo estrito da administração assíria sobre as tipologias exactas produzidas, ou sobre as técnicas e recursos empregues⁴⁰. Contudo, é cada vez mais evidente a estandardização da cerâmica e o uso difundido de um sistema comum de marcas em cerâmica. Trata-se de reflexos inequívocos de uma administração forte e tentacular, superintendendo a produção artesanal e o aprovisionamento de estabelecimentos assírios separados por várias centenas de quilómetros – no coração da Assíria e nas regiões do Balikh, do Khabur e do Médio Eufrates. São reflexos de uma «cultura de império».

³⁹ A autora cita o trabalho etnográfico publicado por Voyatzoglu (1974) acerca de um sistema cretense de produção itinerante e sazonal de grandes vasos de provisões (*vendema*), a cargo de uma guilda formada por apenas seis oleiros, todos eles oriundos da aldeia de Thrapsano.

⁴⁰ A investigadora (*loc. cit.*) observou, para Tell Sabi Abyad, um coeficiente de variação formal de 11% na cerâmica meso-assíria o que a levou a sugerir que, embora noções comuns de tamanho e forma dos recipientes fossem recorrentes para algumas formas cerâmicas meso-assírias, os oleiros não tinham como objectivo produzir peças com medidas completamente estandardizadas e não usariam um sistema métrico no seu fabrico.

3. O fim da ocupação

Quanto ao término violento da presença assíria em Khānūqah, podemos retomar duas ideias supracitadas. A primeira é a de que a fundação de uma fortaleza à entrada da «Garganta» faria sentido num contexto de consolidação territorial após a fase beligerante da primeira metade do reinado de Tukultī-Ninurta I. A segunda é a datação – ainda hipotética, mas plausível – da destruição do edifício de Tall Qabr Abū al-‘Atīq na fase final do seu governo. Estas duas ideias conduzem a uma terceira: podemos estar perante uma presença algo efémera, com a duração de não mais de alguns anos.

Para muitos investigadores, o assassinato de Tukultī-Ninurta I às mãos do seu próprio filho, Aššur-nādin-apli, marca o início de um período de retrocesso na História da Assíria. Ao seu longo governo de trinta e sete anos sucedem-se três reinados que não duram mais do que alguns anos cada um (cf. Apêndice E). Embora a visibilidade arqueológica de um suposto declínio assírio do século XII a.C. seja ambígua (vd. Tenu, 2009: 257-260), com a coexistência de casos de interrupção e continuidade em diferentes arqueossítios meso-assírios, as fontes textuais começam a diminuir em número após o desaparecimento daquele soberano e Postgate (1992: 249) fala numa «suave recessão».

As fontes existentes no presente não nos permitem tirar demasiadas conclusões quanto à situação interna da Assíria na etapa final do reinado de Tukultī-Ninurta I. Contudo, é legítimo pensar que os *Ahlamu*, juntamente com outras populações nómadas, continuaram a ser uma fonte de perturbação na região ocidental do império. Cartas de Tell Šēḥ Ḥamad/*Dūr-Katlimmu* documentam conflitos e ataques a mercadores – envolvendo indivíduos da cidade de Karkemiš, Hurritas, Suti e inimigos não identificados – em numerosas cidades de uma área delimitada pelo Eufrates, a Sul e Oeste, e pelo país de Išuwa, a Norte e Este (Szchuman, 2007: 87-88, citando Cancik-Kirschbaum, 1996: 95, 118, 131, 163). Depois da morte de Tukultī-Ninurta I, o primeiro e breve momento de reactivação assíria é o reinado de Tiglat-Pilešar I (c. 1114-1076), monarca que apregoa ter atravessado o Eufrates vinte e oito vezes em perseguição dos *Ahlamu*/Arameus (Szchuman, 2007: 28-29). Tal facto sugere que estas populações nómadas eram, à data, vistas como a maior ameaça à segurança da Assíria. É aqui que cabe a nossa hipótese de trabalho (vd. Capítulo II) que procura relacionar a destruição do complexo de Tall Qabr Abū al-‘Atīq com a devastação de Tell Meskene/*Emar*, no Norte do Médio Eufrates, poucos anos depois (c. 1184 a.C) e ascensão dos Arameus

que, no início do I milénio a.C., tinham já formado reinos com dinastias sedentárias nos dois lados do Eufrates (Szchuman, 2007: 126).

Na nossa opinião, a ideia de um ataque orquestrado pelos Hititas a uma fortaleza assíria meso-eufratense em finais do século XIII a.C. parece-nos improvável, tendo em conta o declínio progressivo do Hatti – cuja capital, Hattusa, é destruída no primeiro quartel do século XII a.C. (vd. Bryce, 1998: xv, 340-341). Tell Sabi Abyad, fortaleza mais próxima do raio de acção hitita (no Alto Balikh, a c. 90 km de Karkemiš) e cujo Nível 6 termina possivelmente à data da morte de Tukultī-Ninurta I, parece ter sido abandonada e não apresenta vestígios de acção violenta (vd. Duistermaat, 2008: 45, 95). Uma incursão hostil hitita vinda do noroeste é menos plausível que um assalto oriundo das redondezas. As populações nómadas da região, fossem *Ahlamu*/Arameus ou outro grupo populacional, afiguram-se, pois, hipótese mais fundamentável.

4. Perspectivas futuras de investigação

Os presentes resultados devem ser considerados preliminares. A investigação futura testará a validade das hipóteses aqui levantadas. Por um lado, aguarda-se a inventariação da totalidade dos materiais exumados, a eventual realização de eventuais análises arqueométricas e a decifração e publicação das duas tabuinhas cuneiformes encontradas em 2010. Por outro lado, futuras campanhas arqueológicas trarão seguramente à luz novos dados, alterando, inevitavelmente, a nossa visão do arqueossítio.

Sabemos, por exemplo, que, entre os materiais ainda não processados, se encontra uma forma conhecida como «garrafa de peregrino» (*pilgrim flask*). Trata-se de um tipo atestado nos níveis 6 e 5 de Tell Sabi Abyad, mas que pertence a uma tradição cerâmica do ocidente costeiro da Síria, com paralelos registados em Emar (vd. Duistermaat, 2008: 61, 72 e figs. IV.33.ab e IV.94, com referência a Caubet, 1982: 74 e fig. 30). Como noutros casos conhecidos, parece tratar-se de uma forma difundida pelo comércio entre o litoral sírio e a zona do Alto Eufrates e do Balikh. Deste modo, a cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq a estudar futuramente poderá informar-nos acerca dos circuitos integrados pelo Médio Eufrates ou sobre a interacção do nosso arqueossítio com centros assírios do vale do Balikh. Um exemplo no sentido contrário é o das denominadas «medidas de cereal» (*grain measures*), recipientes típicos do

período mitaniano que ocorrem em todos os níveis meso-assírios de Tell Sabi Abyad (Duistermaat, 2008: 469), mas não foram documentados, até ao momento, em Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Finalmente, o estudo decorrente das tabuinhas reveste-se de grande importância, mas não apenas para o conhecimento da cronologia histórica da presença assíria em Khānuqāh. A confirmar-se uma datação mais absoluta do nível de incêndio de Tall Qabr Abū al-‘Atīq e da cerâmica nele contida, esta última permitirá, aliada a outros conjuntos, datações tipológicas mais apuradas de cerâmica estandardizada de outros arqueossítios meso-assírios.

A investigação continuada do material cerâmico de Tall Qabr Abū al-‘Atīq amplificará o nosso conhecimento da cerâmica administrativa enquanto expressão do imperialismo assírio – aqui entendido como o controlo territorial e económico de um povo sobre outros – nos séculos XIII e XII a.C. Subsistem, ainda, muitas questões em aberto e lacunas por preencher. Falta desenhar um mapa do império da Assíria em que se defina que centros eram auto-suficientes e quais eram aprovisionados, e em que medida. Este mapa só poderá ser completado, gradualmente, com dados resultantes de escavações sistemáticas (identificando, ou não, oficinas oleiras) e subsequentes estudos dos conjuntos cerâmicos com análises arqueométricas que determinem a procedência geográfica dos diferentes tipos de fabrico (*wares*). Este mapeamento deve ainda ser cruzado com dados sobre a organização territorial do império: limites de províncias e suas capitais, natureza e hierarquia de assentamentos e rotas fluviais e terrestres em uso. Só assim se alcançará uma visão mais holística da política expansionista assíria.

BIBLIOGRAFIA

van ALFEN, Peter

1998. «The Linear B inscribed stirrup jars as links in an administrative chain», *Minos*, 31-32, pp. 251-274.

ANASTASIO, Stefano

1993. *La Ceramica Medioassira di Tell Barri*. Florença.

1997. «The Upper Khabur Survey: the Early Iron Age Pottery». *Orient Express* 97/1, pp. 20-21.

1998. «La ceramica medioassira di Tell Barri/Kahat», in P. E. Pecorella (ed.), *Tell Barri / Kahat 2. Relazione sulle campagne 1980-1993 a Tell Barri / Kahat, nel bacino de Habur (Siria)*. Roma: CNR – Istituto per gli studi micenei ed egeo-anatolici, pp. 135-186.

ARTZI, Pinhas (ed.)

1978. *The Rise of the Middle Assyrian Kingdom According to el Amarna Letters Bar Ilan Studies in History*. Ramat Gan: Bar-Ilan University Press.

ASTOUR, Michael C.

2002. «A Reconstruction of the History of Ebla (Part 2)», in C. H. Gordon e G. A. Rendsburg (eds), *Eblaitica, vol. 4: Essays on the Ebla Archives and Eblaite Language*. Winona Lake: Eisenbrauns, pp. 57-196.

ATTOURA, H.

2001. «3 Oberstadt I – Die Grabung in den Planquadraten 72-75 / 52», in U. Finkbeiner et al., *Emar 1999 – Bericht über die 3. Kampagne der syrisch-deutschen Ausgrabungen, Baghdader Mitteilungen* 32, 41-120, pp. 54-73.

BACHELOT, L.

1999. «Les données archéologiques de l'âge du Bronze Récent dans la vallée du Haut Euphrate. " In: G. Del Olmo Lete and J.-L. Montero Fenollós, eds., *Archaeology of the Upper Syrian Euphrates. The Tishreen Dam Area. Proceedings of the International Symposium held at Barcelona, January 28th – 30th 1998*, Barcelona, pp. 333-361.

BELL, Gertrude

1911. *Amurath to Amurath*, 2ª Edição inalterada em 1924. Londres.

BOTTÉRO, Jean

2001. *Everyday life in ancient Mesopotamia*. Edinburgh: University Press.

BRETSCHNEIDER, J.

1997. «‘Nuzi-Keramik’ aus der Unterstadt (Feld J)», in M. Lebeau e A. Suleiman (eds.), *Tell Beydar. Three Seasons of Excavations (1992-1994). A Preliminary Report (= Subartu III)*, Turnhout, pp. 231-243.

BRYCE, Trevor

1998. *The Kingdom of Hittites*. Oxford: University Press.

CANCIK-KIRSCHBAUM, Eva

1996. *Die Mittelassyrischen Briefe Aus Tall Šēḫ Ḥamad. Berichte der Ausgrabung Tall Šēḫ Ḥamad / Dūr-Katlimmu*, vol. 4. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

CAUBET, A.

1982. «La Céramique», in D. Beyer (ed.), *Meskéné-Emar. Dix ans de travaux 1972-1982*. Paris, pp. 71-86.

CHAPOT, Victor

1907. *La frontière de l'Euphrate de Pompée à conquête arabe*. Paris.

D'AGOSTINO, A.

2005. «Alcune Osservazioni su un Gruppo di Ciotole dal Grande Edificio Medioassiro di Tell Barri: Indizi di una Differenziazione Produttiva?», *Orient-Express*, 1, pp. 14-20.

2006. «La ceramica dal pozzo medioassiro di Tell Barri (Siria): comunicazione preliminare dei dati», *Orient-Express*, 1, pp. 15-21.

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO DO GABINETE DE GUERRA DO REINO UNIDO

1917. *A Handbook of Mesopotamia: Prepared on Behalf of the Admiralty and the War Office*.

DREWS, Robert

1993. *The End of the Bronze Age. Changes in Warfare and the Catastrophe ca. 1200 B.C.* Princeton: University Press.

DUISTERMAAT, Kim

2008. *The Pots and Potters of Assyria. Technology and Organization of Production, Ceramic Sequence, and Vessel Function at Late Bronze Age Tell Sabi Abyad, Syria* (Papers of Archaeology of the Leiden Museum of Antiquities, 4). Turnhout: Brepols Publishers.

EICHLER, S.; HAAS, V.; STEUDLER, D.; WÄFLER, M.; e WARBURTON, D.

1985. *Tall al-Hamidiya I. Vorbericht 1984*. Orbis Biblicus et Orientalis, Series Archaeologica 4. Friburgo: Academic Press.

EIDEM, J. e PÜTT, K.

1999. «Tell Jurn Kabir and Tell Qadahiye. Danish Excavations in the Tishreen Dam Area», in G. Del Olmo Lete e J.-L. Montero Fenollós (eds.), *Archaeology of the Upper Syrian Euphrates. The Tishreen Dam Area. Proceedings of the International Symposium held at Barcelona, January 28th – 30th 1998*. Barcelona, pp. 193-204.

EINWAG, B.; KOHLMAYER, K.; e OTTO, A.

1995. «Tall Bazi. Vorbericht über die Untersuchungen 1993», *Damaszener Mitteilungen*, 8, pp. 95-124.

FAIVRE, Xavier e NICOLLE, Christophe

2007. «La Jézireh au Bronze Moyen et la céramique du Khabur», in M. al-Maqdissi et al. (eds.), *Céramique de l'Âge du Bronze en Syrie*, vol. II. Beirute: Institut Français du Proche-Orient, pp. 179-229.

FREYDANK, H.

1991. «Anmerkungen zu mittellassyrischen Texten», *Altorientalische Forschungen*, 18, pp. 219-223.

GEYER, B. ; MONCHAMBERT, J.-Y. (eds.)

2003. *La basse vallée de l'Euphrate syrien du Néolithique à l'avènement de l'Islam, II*. Beirute: Institut Français du Proche-Orient.

RIMA 1 = GRAYSON, A. Kirk

1987. *The Royal Inscriptions of the Mesopotamia Assyrian Periods. Vol. I. Assyrian Rulers of the Third and Second Millennia BC (to 1115 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

RIMA 2 = GRAYSON, A. Kirk

1991. *The Royal Inscriptions of the Mesopotamia Assyrian Periods. Vol. 2. Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC (1114-859 BC)*. Toronto: University of Toronto Press.

HARRAK, A.

1987. *Assyria and Hanigalbat. A Historical Reconstruction of Bilateral Relations from the Middle of the Fourteenth to the End of the Twelfth Centuries B.C.* Hildesheim.

1998. «Sources épigraphiques entre Assyriens et Hittites», in *XXXIV^{ème} Rencontre Assyriologique Internationale*, 6-10 Julho de 1987, Ankara, Istambul, Türk Tarih Kurumu Basimevi, pp. 239-252.

HEINHOLD-KRAHMER, S.

1988. «Zu Salmanassars I. Eroberungen im Hurritergebiet», *AfO*, 35, pp. 79-104.

HENRICKSON, E. F. E McDONALD, M. M. A

1983. «Ceramic Form and Function: an Ethnographic Search and an Archaeological Application», *American Anthropologist*, 85, pp. 630-643.

HROUDA, Barthel

2001. «About Ḫabur-Ware, hopefully for the last time», *Al-Rāfidān*, 22, pp. 89-92.

JOANNÈS, F.

1990. «Bord de jarre inscrit du Palais de Mari», *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires*, 61, pp. 46-47.

KELLY-BUCCELLATI, M. e SHELBY, W. R.

1977. *Terqa Preliminary Reports 4. A Typology of Ceramic Vessels of the Thirds and Second Millennia from the first two Seasons* (= SMS 1/6), Malibu.

KLEIN, Harald

1995. «Die Grabung in der mittelassyrischen Siedlung», in W. Orthmann (ed.), *Ausgrabungen in Tell Chuēra in Nordost-Syrien*, Vorderasiatische Forschungen der Max Freiherr von Oppenheim-Stiftung 2, Saarbrücken 1995.

KNUDTZON, Jørgen A.

1915 *Die el-Amarna-Tafeln*. Comentários e notas de C. Weber e E. Ebeling. (*Vorderasiatische Bibliothek* 2) Leipzig. (Primeiro volume: 1907)

KOHLMEYER, K.

1984. «Euphrat-Survey. Die mit Mitteln der Gerda Henkel Stiftung durchgeführte archäologische Geländebegehung im syrischen Euphrattal», *Mitteilungen der Deutschen Orient-Gesellschaft*, 116, pp. 95-118.

1986. «Euphrat-Survey 1984. Zweiter Vorbericht über über die Mitteln der Gerda Henkel Stiftung durchgeführte archäologische Geländebegehung im syrischen Euphrattal», *Mitteilungen der Deutschen Orient-Gesellschaft*, 118, pp. 51-61.

KOLIŃSKI, Rafal

2003. «Pottery marks – Evidence for Early Writing Practices in Thinite Egypt and Early Dinastic Mesopotamia», in J. Popielska-Grzybowska (eds.),

Proceedings of the 2nd Central European Conference of Young Egyptologists, Warsaw, March 5-7, pp. 85-90.

KÜHNE, Cord

1995. «Ein mittelassyrisches Verwaltungsarchiv und andere Keilschrifttexte», in W. Orthmann (ed.), *Tell Chuēra in Nordost Syrien I. Bericht über die Grabungskampagnen 1986 bis 1992*. Saarbrücken, pp. 203-225.

1999. «Imperial Mitanni: An Attempt at Historical Reconstruction», in D. I. Owen e G. Wilhelm, *Nuzi at Seventy-Five – Studies on the Civilizations and Culture of Nuzi and the Hurrians* 10. Bethesda: CDL Press, pp. 203-221.

LAUFFRAY, J.

1951. «El-Khanouqa. Préliminaires géographiques à la publication des fouilles faites à Zénobia par le Service des Antiquités de Syrie», *Les Annales Archéologiques de Syrie* 1, pp. 41-58.

1983. *Halabiyya-Zenobia, place forte du limes oriental et la Haute-Mésopotamie au VI^e siècle*. Paris: Geuthner.

LINDBLOM, Michael

2001. *Marks and Makers: appearance, distribution and function of Middle and Late Helladic manufacturers' marks on Aeginetan pottery* (Studies in Mediterranean Archaeology, vol. 128). Jonsered: Paul Åströms Förlag.

LIPÍŃSKI, Edward

2000. *The Aramaeans: Their Ancient History, Culture, Religion* (Orientalia Lovaniensia Analecta, 100). Leuven/Paris/Sterling: Peeters, Department Oosterse Studies.

LÖHNQVIST, M.; TÖRMÄ, M; OKKONEN, J.; LÖHNQVIST, K.; NUÑEZ, M.; LATIKKA, J.

2007. «The Euphrates Channel Changes and Archaeology along Jebel Bishri in Syria», in Andreas Georgopoulos (ed.), *The ICOMOS & ISPRS Committee for Documentation of Cultural Heritage CIPA 2007. Proceedings of the XXI international symposium CIPA 2007 - AntiCIPAting the future of the cultural past, Zappeion Megaron Athens Greece 01-06 October 2007*, pp. 465-470.

MALLOWAN, M. E. L.

1946. «Excavations in the Balikh Valley, 1938», *Iraq*, 8, p. 111-159.

1947. «Excavations at Brak and Chagar Bazar», *Iraq*, 9, pp. 1-259.

MIGLUS, P.

1999. *Städtische Wohnarchitektur in Babylonien und Assyrien (BaF 22)*. Main-am-Rhein: Philipp von Zabern Verlag.

MONTERO FENOLLÓS, Juan LuIs, al-SHBIB, Shaker, MÁRQUEZ ROWE, Ignacio, e CAMELO, Francisco

2010. «Tell Qubr Abu al-‘Atiq: From an Early Dynastic City to a Middle Assyrian Fort, 5th Season Report of the Proyecto Arqueológico Medio Éufrates Sirio (2009)», *Aula Orientalis*, 28, pp. 73-84.

MONTERO FENOLLÓS, Juan LuIs, CAMELO, Francisco, MÁRQUEZ, Ignacio, e VIDAL, Jordi

2006. «O projecto arqueológico “Médio Eufrates Sírio”: resultados provisórios da primeira campanha», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9/2, pp. 109-126.

MUSIL, Alois

1927. *The Middle Euphrates, a topographical itinerary*. Nova Iorque.

NOVÁK, Mirko

2007. «Mittani Empire and the Question of Absolute Chronology: Some Archaeological Considerations», in M. Bietak e E. Czerny (eds.), *The Synchronisation of Civilisations in the Eastern Mediterranean in the Second Millennium BC III*, Österreichische Akademie der Wissenschaften Denkschrift Band XXXVII. Viena, pp. 389-401.

OATES, David e OATES, Joan

2001. *Nimrud. An Assyrian Imperial City Revealed*. The British School of Archaeology in Iraq.

OATES, David; e OATES, Joan; e McDONALD, H.

1997. *Excavations at Tell Brak, Vol. I: The Mitanni and Old Babylonian Periods*. British School of Archaeology in Iraq. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research.

OHNUMA, K., NUMOTO, H. e OKADA, Y.

1998. «Excavation at Tell Taban, Hassake, Syria: Report of the 1997 Season of Work», *Al-Rāfidān*, 20, pp. 1-55.

OHNUMA, K., NUMOTO, H. e SHIMBO, M.

2000. «Excavation at Tell Taban, Hassake, Syria (2): Report of the 1998 Season of Work», *Al-Rāfidān*, 21, pp. 1-50.

OHNUMA, K. e NUMOTO, H.

2001. «Excavation at Tell Taban, Hassake, Syria (3): Report of the 1999 Season of Work», *Al-Rāfidān*, 22, pp. 1-53.

PFÄLZNER, Peter

1995. *Mittanische und Mittelassyrische Keramik: Eine Chronologische, Funktionale und Produktionsökonomische Analyse*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

1997. «Keramikproduktion und Provinzverwaltung im mittelassyrischen Reich», in H. Waetzoldt and H. Hauptmann (eds.), *Assyrien im Wandel der Zeiten*, Heidelberg, pp. 337-342.

2007. «Late Bronze Age Ceramic Traditions of the Syrian Jazirah», in M. al-Maqdissi *et al.* (eds.), *Céramique de l'Âge du Bronze en Syrie*, vol. II. Beirute: Institut Français du Proche-Orient, pp. 231-291.

POSTGATE, J. N.

1992. «The Land of Assur and the Yoke of Assur». *World Archaeology*, 23, pp. 247-263.

POSTGATE, Carolyn; OATES, David; e OATES, Joan;

1997. *The Excavations at Tell al-Rimah: The Pottery*. Warminster: Aris & Philipps.

POWELL, M. A.

1987-1990. «Maße und Gewichte», *Reallexikon der Assyriologie*, 7, pp. 457-517.

1995. «Metrology and Mathematics in Ancient Mesopotamia», in Jack Sasson (ed.), *Civilizations of the Ancient Near East*. III. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, pp. 1941-1957.

PRUß, A. e BAGDO, A.-M.

2002. «Tell Fecheriye. Bericht über die erste Kampagne der deutsch-syrischen Ausgrabungen 2001», *Mitteilungen der Deutschen Orient-Gesellschaft*, 134, pp. 311-329.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul

2004. *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. 4ª Edição Revista. Londres: Thames & Hudson.

RICE, Prudence M.

1987. *Pottery Analysis. A Sourcebook*. Chicago / Londres: University of Chicago Press.

1996. «Recent Ceramic Analysis: 1. Function, Style, and Origins», *Journal of Archaeological Research* 4/2, pp. 133-163.

ROAF, M.

1983. «A report on the excavations of the British Archaeological Expedition to Iraq in the Eski Mosul Dam Salvage Project from November 1982 to June 1983», *Sumer*, 39, pp. 68-94.

1984. «Excavations at Tell Mohammed Arab in the Eski Mosul Dam Salvage Project», *Iraq*, 46, pp. 141-156.

RÖLLIG, Wolfgang

1997. Aspects of the Historical Geography of Northeastern Syria from Middle-Assyrian to Neo-Assyrian Times. In: S. Parpola & R.M. Whiting (eds.), *Assyria 1995*, Helsinki: Neo-Assyrian Text Corpus Project, 281-293.

ROODENBERG, J. J.

1979-1980. «Sondages des niveaux néolithiques de Tell es Sinn, Syrie», *Anatolica*, 7, pp. 21-34.

SACHAU, E.

1883. *Reise in Syrien und Mesopotamien*. Leipzig.

SAGGS, H. W. F.

1968. «The Tell al Rimah Tablets, 1965», *Iraq*, 30, pp. 154-174.

SANLAVILLE, P.

1985. «L'espace géographique de Mari», *MARI*, 4, pp. 15-26.

SARRE, F. e HERZFELD, E.

1911. *Archaologische Reise im Euphrat-und Tigris-Gebeit I*. Berlim: edição dos autores.

SCHACHNER, A.

2002. «Ausgrabungen in Giricano (2000-2001). Neue Forschungen an der Nordgrenze des Mesopotamischen Kulturraums», *Istanbuler Mitteilungen*, 52, pp. 9-57.

2003. «From the Bronze to the Iron Age: Identifying Changes in the Upper Tigris Region. The case of Giricano», in B. Fischer *et al.* (eds.), *Identifying Changes: The Transition from Bronze to Iron Ages in Anatolia and its Neighbouring Regions*. Istanbul: Türk Eskiçağ Bilimleri Enstitüsü Yayınları, pp. 151-163.

SIMPSON, K.

1984. «Archaeological survey in the vicinity of Tall al-Asharah», *Archiv für Orientforschung*, 31, pp. 185-188.

SHIBATA, Daisuke

2007. «Middle Assyrian Administrative and Legal Texts from the 2005 Excavation at Tell Taban: A Preliminary Report», *Al-Rāfidān*, 28, pp. 63-74.

SZCHUMAN, Jeffrey Justin

2007. *Prelude to Empire: Middle Assyrian Hanigalbat and the Rise of the Aramaeans*. Dissertação de Doutorado: Universidade da Califórnia em Los Angeles.

TENU, Aline

2009. *L'expansion médio-assyrienne. Approche archéologique*. Oxford: Archaeopress.

TOMITA, T.

1998. «Phases 2-4 Later Periods: Pottery», in A. Tsuneki e Y. Miyake (eds.), *Excavations at Tell Umm Qseir in Middle Khabur Valley, North Syria. Report of the 1996 Season, Al-Shark*, 1, Tsukuba, pp. 141-160.

VALÉRIO, Miguel

No prelo. «Hani-Rabbat as the Semitic Name of Mitanni», *Journal of Language Relationship*, 6.

VOYATZOGLU, Maria

1974. «The Jar Makers of Thrapsano in Crete», *Expedition*, 16/2, pp. 18-24.

WÄFLER, M.

1995. «Kahat, Tâdum und Ilansurâ», *Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires*, 31, pp. 25-27.

WIGGERMANN, F. A. M.

2000. «Agriculture in the Northern Balikh Valley. The Case of Middle Assyrian Tell Sabi Abyad», in R. Jas (ed.), *Rainfall and Agriculture in Northern Mesopotamia*. Istanbul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut, pp. 171-231.

WILCKE, Claus

1987. «A Riding Tooth: Metaphor, Metonymy and Synecdoche, Quick and Frozen in Everyday Language», in M. Mindlin, M. J. Geller e J. E. Wansbrough (eds.), *Figurative language in the Ancient Near East*, Londres: Routledge, pp. 77-102.

WISEMAN, D. J.

1968. «The Tell al Rimah Tablets, 1966», *Iraq*, 30, pp. 175-205.

YON, Marguerite; KARAGEORGHIS, Vassos; HIRSCHFELD, Nicolle; e CAUBET, Annie (eds.)

2000. *Céramiques mycéniennes* (Ras Shamra-Ougarit XIII), ERC-ADPF: Paris/Nicosia.

LISTA DE FIGURAS

Fig. IV.1 – Tipologia formal de Pfälzner	32
Fig. V.1 – Exemplo de entrada na ficha estandardizada de inventário.....	40
Fig. V.2 – Expansão dos campos da ficha estandardizada de inventário	41
Fig. VI.1 – Gráfico de dispersão com Forma 1 (relação entre altura e diâmetro no bordo).....	47
Fig. VI.2 – Gráfico de dispersão com variantes 1B1 e 1B2 (relação entre diâmetro no bordo e altura)	48
Fig. VI.3 – Gráfico de dispersão com variantes 1B1 e 1B2 (relação entre diâmetro no bordo e espessura média da parede).....	49
Fig. VI.4 – Formas 1A e 1B1.....	63
Fig. VI.5 – Formas 1B2	64
Fig. VI.6 – Forma 1C e Forma Intermédia 1C/1B2	65
Fig. VI.7 – Forma 2.....	66
Fig. VI.8 – Formas 3, 4 e 5	67
Fig. VI.9 – Forma 6.....	68
Fig. VI.10 – Forma 6.....	69
Fig. VI.11 – Forma 6.....	70
Fig. VI.12 – Forma 6.....	71
Fig. VI.13 – Forma 6.....	72
Fig. VI.14 – Forma 6.....	73
Fig. VI.15 – Formas 7,8, 9 e 10	74
Fig. IX.1 – As cinco marcas em cerâmica de Tall Qabr Abū al-‘Atīq.....	101
Fig. IX.2 – Marcas de Tell Sabi Abyad, Tell Šēḥ Ḥamad e Tell Bdēri.....	102
Fig. IX.3 – Marcas em forma de roda.....	106

LISTA DE TABELAS

Tab. VI.1 – Inventário da Forma 1A.....	53
Tabs. VI.2 e VI.3 – Inventário das Formas 1B1 e 1B2	54
Tab. VI.4 – Inventário das Formas 1C e 2	55
Tab. VI.5 – Inventário das Formas 3 e 4.....	56
Tab. VI.6 – Inventário da Forma 5.....	57
Tab. VI.7 – Inventário da Forma 6.....	57
Tab. VI.8 – Inventário da Forma 7	59
Tabs. VI.9, VI.10 e VI.11 – Inventário das Formas 8, 9 e 10	60
Tab. VI.12 e VI.13 – Inventário das Formas Intermédias 1C/1B2 e 6/8	61
Tab. VI.14 – Contagem de peças na amostra.....	62
Tab. VII.1 – Formas de Tall Qabr Abū al-‘Atīq e fases/níveis de TSA, TSH e TRIM.....	83
Tab. VII.2 – Sequências relativas comparadas de TSA, TSH e TRIM	86

APÊNDICES

APÊNDICE A – INVENTÁRIO TEXTUAL DO *CORPUS*

UE. 110 (SALA 1)

1. *Forma 5 (TQA.08.A.63)*

Fragmento preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado e ligeiramente espessado interna e externamente. O corpo é ligeiramente globular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície exterior apresenta coloração bege. A superfície interna recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 89 mm. A largura máxima é de ≈ 137 mm. A altura preservada é de ≈ 120 mm. A espessura média da parede é de ≈ 6 mm.

2. *Forma 6 (TQA.08.A.64)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. O ombro foi decorado com uma banda horizontal em relevo. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração alaranjada e o interior é rosado. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 141 mm. A largura máxima é de ≈ 351 mm. A altura preservada é de ≈ 266 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm.

3. *Forma 3 (TQA.08.A.65)*

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A base apresenta apêndice em forma de mamilo com ≈ 6 mm de altura. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração rosada. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 87 mm. A altura é de ≈ 103 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm (≈ 2 mm no bordo e ≈ 7 mm na base).

4. Forma 1A (TQA.08.A.67)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta carena a ≈ 20 mm do lábio. A base possui de fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração rosada. Ambas superfícies receberam um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 96 mm no bordo e ≈ 31 mm na base. A altura é de ≈ 40 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

5. Forma 1B1 (TQA.08.A.68)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta carena a ≈ 20 mm do lábio. A base possui de fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração rosada. A superfície exterior recebeu engobe bege. A superfície interior apresenta-se revestida por uma fina camada negra, aparentemente de betume. O diâmetro é de ≈ 163 mm no bordo e ≈ 51 mm na base. A altura é de ≈ 43 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

6. Forma 1A (TQA.08.A.69)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta carena a ≈ 20 mm do lábio. A base possui de fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 97 mm no bordo e ≈ 31 mm na base. A altura é de ≈ 39 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

7. Forma 1A (TQA.08.A.70)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta ligeira carena a ≈ 20 mm do lábio. A base possui fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam

um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 98 mm no bordo e ≈ 50 mm na base. A altura é de ≈ 32 mm. A espessura média da parede é de ≈ 4 mm.

8. Forma 5 (TQA.08.A.71)

Peça fragmentária preservando bordo, colo e porção do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular espessado externamente. Foi decorado com uma moldura em relevo que separa o colo do ombro. A secção do corpo preservada apresenta formato globular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interna apresentam coloração castanha. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 87 mm. A largura máxima é de ≈ 155 mm. A altura preservada é de ≈ 135 mm. A espessura média da parede é de ≈ 8 mm.

9. Forma 2 (TQA.08.A.73)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente recto e possui lábio espessado externamente. A secção do corpo preservada apresenta formato cilíndrico. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 275 mm. A altura preservada é de ≈ 225 mm. A espessura média da parede é de aproximadamente ≈ 17 mm (≈ 9 mm na metade superior e ≈ 24 mm na metade inferior).

10. Forma 5 (TQA.08.A.75)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma tendencialmente ovóide. A base possui de pé plano ligeiramente destacado. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha e o interior é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro na base é de ≈ 46 mm. A largura máxima é de ≈ 144 mm. A altura preservada é de ≈ 99 mm. A espessura média da parede é de ≈ 9 mm.

11. Forma 1B2 (TQA.08.A.76)

Peça fragmentária preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo, de parede ligeiramente convexa, apresenta carena pouco acentuada a ≈ 30 mm do lábio. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 232 mm no bordo e ≈ 84 mm na base. A altura máxima é de ≈ 71 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm.

12. Forma 6 (TQA.08.A.77)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha e o interior é rosado. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro na base é de ≈ 74 mm. A largura máxima é de ≈ 173 mm. A altura preservada é de ≈ 116 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

13. Forma 6 (TQA.08.A.78)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada, ao passo que a superfície interna é bege. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro na base é de ≈ 86 mm. A largura máxima é de ≈ 196 mm. A altura preservada é de ≈ 122 mm. A espessura média da parede é de ≈ 17 mm.

14. Forma 1B2 (TQA.08.A.79)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio amendoado espessado externamente. A parede do corpo é ligeiramente convexa. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade bege. O

diâmetro no bordo é de ≈ 209 mm. A altura preservada é de ≈ 60 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

15. Forma 1B2 (TQA.08.A.80)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado ligeiramente espessado ao exterior. O corpo, de parede tendencialmente recta, apresenta carena a ≈ 28 mm do lábio. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 340 mm. A altura preservada é de ≈ 54 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

16. Forma 5 (TQA.08.A.85)

Fragmento preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado ligeiramente espessado ao exterior. A secção do corpo preserva apenas o ombro. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 198 mm. A largura máxima é de ≈ 142 mm. A altura preservada é de ≈ 66 mm. A espessura média da parede é de ≈ 9 mm.

17. Forma 6 (TQA.08.A.87)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração castanha. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro na base é de ≈ 78 mm. A largura máxima é de ≈ 348 mm. A altura preservada é de ≈ 420 mm. A espessura média da parede é de ≈ 16 mm.

18. Forma 6 (TQA.08.A.88)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração castanha. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro na base é de ≈ 74 mm. A largura máxima é de ≈ 279 mm. A altura preservada é de ≈ 293 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm.

19. Forma 6 (TQA.08.A.89)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha e a superfície interior é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 164 mm. A altura preservada é de ≈ 88 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

20. Forma 6 (TQA.08.A.90)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. O corpo apresenta forma ovóide e a base possui pé anular. A metade superior da peça apresenta uma série de caneluras horizontais paralelas ao bordo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração acinzentada e a superfície interna é castanha. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro é de ≈ 115 mm no bordo e ≈ 85 mm na base. A largura máxima é de ≈ 290 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 545 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm (≈ 7 mm na metade superior e ≈ 16 mm na metade inferior).

21. Forma 6 (TQA.08.A.91)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, corpo e base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. Apresenta-se assimétrico em consequência de defeito de fabrico. O corpo é de formato ovóide e a

base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege e recebeu engobe da mesma tonalidade bege na superfície externa. A superfície interna é esverdeada. O diâmetro é de ≈ 140 mm no bordo e ≈ 83 mm na base. A largura máxima é de ≈ 279 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 555 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm (≈ 9 mm na metade superior e ≈ 14 mm na metade inferior).

22. Forma 6 (TQA.08.A.92)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio de secção ligeiramente triangular espessado externamente. O corpo apresenta forma ovóide e a base possui pé tendencialmente aplanado. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração rosada e a superfície interna é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 129 mm no bordo e ≈ 68 mm na base. A largura máxima é de ≈ 287 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 625 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm (≈ 13 mm na metade superior e ≈ 15 mm na metade inferior).

23. Forma 6 (TQA.08.A.93)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração castanha. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 155 mm. A altura preservada é de ≈ 76 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

24. Forma 6 (TQA.08.A.94)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é vertical e possui lábio arredondado. Tanto o bordo como o colo são espessados externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração castanha. A

superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 106 mm. A altura preservada é de ≈ 94 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

25. Forma 7 (TQA.08.A.95)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio de secção subtriangular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma globular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 201 mm. A altura preservada é de ≈ 119 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm.

26. Forma 2 (TQA.08.A.96)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio arredondado espessado externa e internamente. A secção do corpo preservada tem formato cilíndrico mas parede ligeiramente côncava. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 399 mm. A altura preservada é de ≈ 322 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm (≈ 8 mm na metade superior e ≈ 13 mm na metade inferior).

27. Forma 6 (TQA.08.A.97)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é vertical e possui lábio subrectangular espessado externamente. Possui um colo de ≈ 25 mm separado do ombro por duas bandas horizontais em relevo. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 183 mm. A largura máxima é ≈ 364 mm. A altura preservada é de ≈ 259 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

28. Forma 6 (TQA.08.A.98)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio subtriangular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração esverdeada. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 154 mm. A largura máxima é ≈ 348 mm. A altura preservada é de ≈ 300 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

29. Forma 6 (TQA.08.A.100)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio subtriangular espessado externamente. Apresenta um colo muito curto. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo possui coloração negra e a superfície interior castanha. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade castanha. O diâmetro no bordo é de ≈ 130 mm. A altura preservada é de ≈ 91 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm.

30. Forma 7 (TQA.08.A.101)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio de secção subcircular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma globular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração acinzentada. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade avermelhada. O diâmetro no bordo é de ≈ 190 mm. A altura preservada é de ≈ 104 mm. A espessura média da parede é de ≈ 16 mm.

31. Forma 9 (TQA.08.A.102)

Peça completa preservando bordo e corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de arredondado ligeiramente espessado ao exterior. A parede, que apresenta perfurações em vários pontos, é convexa, conferido ao corpo formato de calote hemisférica. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo

apresenta coloração esverdeada. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 225 mm. A altura máxima é de ≈ 79 mm. A espessura média da parede é de ≈ 15 mm.

32. Forma 1C (TQA.08.A.103)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado interna e externamente. A parede do corpo é tendencialmente recta. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 277 mm no bordo e de ≈ 107 mm na base. A altura máxima é de ≈ 118 mm. A espessura média da parede é de ≈ 15 mm.

33. Forma 1C (TQA.08.A.104)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado interna e externamente. A parede do corpo é tendencialmente recta. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 293 mm no bordo e de ≈ 90 mm na base. A altura máxima é de ≈ 113 mm. A espessura média da parede é de ≈ 16 mm.

34. Forma 1C (TQA.08.A.105)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado interna e externamente. A parede do corpo é tendencialmente recta. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 371 mm. A altura preservada é de ≈ 193 mm. A espessura média é ≈ 16 mm (≈ 10 mm na metade superior e ≈ 22 mm na metade inferior).

35. Forma 2 (TQA.08.A.107)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio de secção rectangular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere parede tendencialmente recta. A mesma parede está decorada com uma banda em forma de corda com impressões digitais, colocada a ≈ 103 mm do bordo e paralela a este. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração rosada. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro é indeterminável. A altura preservada é de ≈ 141 mm. A espessura média da parede é de ≈ 19 mm.

36. Forma 4 (TQA.09.X23.110.03)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. Apresenta colo curto e corpo bojudo formando perfil em S. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 88 mm. A altura preservada é de ≈ 62 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

37. Forma 6 (TQA.09.X23.110.04)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior possuem coloração avermelhada. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 150 mm. A largura máxima é de ≈ 334 mm. A altura preservada é de ≈ 187 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm.

38. Forma 4 (TQA.09.X23.110.05)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. Apresenta colo curto e corpo bojudo formando perfil em S. A base possui pé plano e ligeiramente destacado. Foi fabricada com pasta contendo

inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 77 mm no bordo e ≈ 21 mm na base. A altura máxima é de ≈ 94 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

39. Forma 6 (TQA.09.X23.110.06)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo possui coloração avermelhada e a superfície interior é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro na base é de ≈ 68 mm. A largura máxima é de ≈ 191 mm. A altura preservada é de ≈ 224 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm.

40. Forma 6 (TQA.09.X23.110.07)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio arredondado espessado externa e internamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração acinzentada e a superfície interna é bege. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade be. O diâmetro no bordo é de ≈ 135 mm. A largura máxima é de ≈ 273 mm. A altura preservada é de ≈ 112 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

41. Forma 1B2 (TQA.09.X23.110.08)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede ligeiramente convexa e carena a ≈ 29 mm do lábio. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 227 mm. A altura preservada é de ≈ 53 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

42. Forma 6 (TQA.09.X23.110.13)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Recebeu engobe de tonalidade esverdeada na superfície externa. O interior é negro porque contém uma fina camada de betume. O diâmetro na base é de ≈ 87 mm. A largura máxima é de ≈ 270 mm. A altura preservada é de ≈ 280 mm. A espessura média da parede é de ≈ 18 mm.

43. Forma 6 (TQA.09.X23.110.15)

Fragmento preservando porção do corpo e base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricadp com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração avermelhada. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro na base é de ≈ 81 mm. A largura máxima é de ≈ 172 mm. A altura preservada é de ≈ 119 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm.

44. Forma 6 (TQA.09.X23.110.17)

Fragmento preservando porção do corpo e base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular sendo que o fundo, ligeiramente convexo, sobressai e ultrapassa-o, conferindo alguma instabilidade à peça. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração acinzentada e é esverdeada na superfície interna. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. A largura máxima é de ≈ 247 mm. O diâmetro na base é de ≈ 67 mm. A altura preservada é de ≈ 204 mm. A espessura média da parede é de ≈ 17 mm.

45. Forma 3 (TQA.09.X23SO.110.01)

Fragmento preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A base possui apêndice em botão com ≈ 9 mm de altura. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 77 mm. A altura é de ≈ 90 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm (≈ 2 mm no bordo e ≈ 7 mm na base).

46. Forma 4 (TQA.09.X23SO.110.02)

Fragmento preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. Apresenta colo curto e corpo bojudo formando perfil em S. A base possui pé plano e destacado. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 82 mm no bordo e ≈ 20 mm na base. A altura máxima é de ≈ 101 mm. A espessura média da parede é de ≈ 4 mm.

47. Forma 10 (TQA.09.X23SO.110.09)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. Tanto o bordo como a base são extrovertidos e possuem lábio espessado externamente. O corpo apresenta parede côncava. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 233 mm no bordo e ≈ 249 mm na base. A altura máxima é de ≈ 163 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

48. Forma 1B2 (TQA.09.X23SO.110.10)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede ligeiramente convexa e carena a ≈ 28 mm do lábio. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 246 mm. A altura preservada é de ≈ 62 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

49. Forma 6 (TQA.10.X23.110.9)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu um engobe

dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 117 mm. A altura preservada é de ≈ 68 mm. A espessura média da parede na zona do ombro é de ≈ 12 mm.

50. Forma 1A (TQA.10.X23.110.11)

Fragmento preservando porção de bordo e corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A parede do corpo é tendencialmente convexa e possui carena ≈ 18 mm abaixo do bordo. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é ≈ 107 mm. A altura preservada é de ≈ 27 mm. A espessura média da parede é de ≈ 3 mm.

51. Forma 1C (TQA.10.X23.110.13)

Peça fragmentária preservando porção de bordo e corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado externa e internamente. A parede do corpo é tendencialmente recta. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é ≈ 316 mm. A altura do fragmento é de ≈ 84 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm.

52. Forma 6 (TQA.10.X23.110.14)

Fragmento preservando porção de bordo e corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio espessado externamente de formato amendoado. Possui um colo muito curto (≈ 3 mm). A secção do corpo preservada sugere forma tendencialmente ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é 140 mm. A largura máxima é de ≈ 354 mm. A altura do fragmento é de ≈ 183 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

53. Forma 2 (TQA.10.X23.110.15)

Fragmento preservando porção de bordo e corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio em aba. A secção do corpo preservada sugere parede ligeiramente convexa. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é ≈ 234 mm. A altura do fragmento é de ≈ 32 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

54. Forma 1B2 (TQA.10.X23.110.16)

Fragmento preservando porção de bordo e corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado. A secção do corpo preservado apresenta parede tendencialmente convexa com carena que surge a ≈ 22 mm do lábio. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é ≈ 220 mm. A altura do fragmento é de ≈ 32 mm. A espessura média da parede é de ≈ 9 mm.

UE. 127 (SALA 3)

55. Forma 1B1 (TQA.10.X23.127.1)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta carena a ≈ 20 mm do lábio e parede tendencialmente recta. A base possui fundo tendencialmente plano. Devido ao fabrico deficiente a peça apresenta variações de altura do bordo. Foi fabricado com inclusões minerais e vegetais. O núcleo da peça apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 144 mm no bordo e ≈ 57 mm na base. A altura máxima da peça é de ≈ 54 mm. A espessura média da parede é de ≈ 8 mm.

56. Forma 9 (TQA.10.X23.127.5)

Peça completa preservando bordo e corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção subrectangular. A parede, que apresenta perfurações em vários pontos, é convexa e confere ao corpo forma de calote hemisférica. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração bege e ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 167 mm. A altura da peça é de ≈ 57 mm. A espessura média da parede é de ≈ 8 mm.

57. Forma 1C (TQA.10.X23.127.12)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio em aba. A parede do corpo é ligeiramente côncava. A base apresenta pé anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração bege e ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 399 mm no bordo e de ≈ 76 mm na base. A altura máxima é de ≈ 183 mm. A espessura média da parede é de ≈ 17 mm; no fundo, é de ≈ 16 mm.

58. Forma 6 (TQA.10.X23.127.13)

Peça fragmentária preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere apresenta forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração rosada e o interior é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 137 mm. A largura máxima é de ≈ 306 mm. A altura preservada é de ≈ 409 mm. A espessura média da parede é de ≈ 16 mm.

59. Forma 6 (TQA.10.X23.127.14)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração castanha e o interior é avermelhado. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade avermelhada. O diâmetro na base é de ≈ 65 mm. A altura preservada é de ≈ 342 mm. A largura máxima é

de ≈ 225 mm. A espessura média da parede é de ≈ 14 mm (≈ 12 mm na metade superior e ≈ 15 mm na metade inferior).

60. Forma 1A (TQA.10.X23.127.15)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A parede do corpo é tendencialmente convexa. Uma carena desenvolve-se na zona mesial da peça, a ≈ 15 mm do lábio. O base possui fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege e ambas superfícies receberam engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 82 mm no bordo e ≈ 35 mm na base. A altura máxima é de ≈ 31 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm na zona do corpo e de ≈ 6 mm na base; a espessura média do fundo é de ≈ 5 mm.

61. Forma 3 (TQA.10.X23.127.16)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo é cônico. A base possui apêndice em forma de botão com ≈ 11 mm de altura. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege e ambas superfícies receberam engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 103 mm no bordo. A altura máxima da peça é de ≈ 128 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm (≈ 3 mm na zona do bordo e ≈ 7 mm na base).

62. Forma 4 (TQA.10.X23.127.18)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. Apresenta colo curto e corpo bojudo formando perfil em S. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 87 mm no bordo e ≈ 25 mm no pé. A altura máxima da peça é de ≈ 100 mm. A espessura média da parede é de ≈ 4 mm.

63. Forma 5 (TQA.10.X23.127.19)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é ligeiramente extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O colo possui uma tênue banda horizontal em relevo. O corpo é ovóide. A base possui fundo côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração rosada e o interior é bege. A superfície externa recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 94 mm no bordo e de ≈ 61 mm na base. A largura máxima é de ≈ 145 mm. A altura máxima preservada é de ≈ 227 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm (≈ 5 mm na metade superior e ≈ 15 mm na metade inferior).

64. Forma 1A (TQA.10.X23.127.21)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A parede do corpo é côncava e apresenta carena a ≈ 18 mm do lábio. A base possui fundo plano. A peça é de altura irregular, revelando fabrico imperfeito. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 94 mm no bordo e de ≈ 41 mm na base. A altura máxima da peça é de 41 mm. A espessura média da parede é de ≈ 6 mm (≈ 5 mm no bordo, ≈ 4 mm no corpo e ≈ 12 mm no fundo).

65. Forma 6 (TQA.10.X23.127.22)

Fragmento preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. O colo é igualmente espessado ao exterior. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu engobe da mesma tonalidade. A largura máxima é de ≈ 157 mm. O diâmetro no bordo é de ≈ 103 mm. A altura preservada é de ≈ 136 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

66. Forma 6 (TQA.10.X23.127.23)

Peça fragmentária, preservando porções do bordo, colo, corpo e fundo. O bordo é introvertido e possui lábio amendoado e espessado externamente. O corpo é ligeiramente bojudo. A base possui fundo plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. A superfície interior é bege na zona da base e castanha clara na zona do bordo e do colo. A superfície exterior recebeu engobe de tonalidade bege. O corpo apresenta uma série de caneluras paralelas ao bordo, para além de duas marcas: uma, impressa, em forma de crescente e outra, pintada a negro sobre esta, em forma de arado ou de «A» (vd. Capítulo IX). O diâmetro é de ≈ 138 mm no bordo e ≈ 61 mm na base. A largura máxima é de ≈ 283 mm. A altura máxima é de ≈ 412 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm (≈ 8 mm na metade superior e ≈ 13 mm na metade inferior).

67. Forma 1B1 (TQA.10.X23.127.25)

Peça completa preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção sub rectangular. A parede do corpo é tendencialmente recta mas apresenta ligeira carena a ≈ 18 mm do lábio. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. A base possui fundo plano. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 153 mm no bordo e ≈ 52 mm na base. A altura máxima é de ≈ 50 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

68. Forma 6 (TQA.10.X23.127.26)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio de secção subtriangular. O corpo apresenta formato ovóide. A base possui fundo tendencialmente plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. A superfície interior é castanha. A superfície exterior recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 124 mm no bordo e ≈ 94 mm na base. A largura máxima é de ≈ 306 mm. A altura máxima preservada é de ≈ 402 mm. A espessura média da parede é de ≈ 16 mm (≈ 15 mm na metade superior e ≈ 17 mm na metade inferior).

69. Forma 5 (TQA.10.X23.127.28)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado ligeiramente espessado ao exterior. Tem igualmente um colo bastante curto. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 94 mm. A largura máxima é de ≈ 135 mm. A altura preservada é de ≈ 152 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm (≈ 4 mm na metade superior e ≈ 10 mm na metade inferior).

70. Forma intermédia 1C/1B2 (TQA.10.X23.127.32)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é vertical e possui lábio de secção subrectangular ligeiramente espessado ao exterior. Uma secção do bordo apresenta-se reetrante, revelando cozedura deficiente. A parede do corpo é ligeiramente convexa e é quebrada por uma carena a ≈ 50 mm do lábio. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. A base possui pé anular. O núcleo apresenta coloração rosada. Recebeu engobe de tonalidade castanha no exterior e acinzentada no interior. Exibe marcas de fogo distribuídas irregularmente pelo corpo. O diâmetro é de ≈ 350 mm no bordo e ≈ 103 mm na base. A altura máxima é de ≈ 171 mm. A espessura média da parede é de ≈ 17 mm.

71. Forma 1A (TQA.10.X23.127.35)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A parede do corpo é tendencialmente convexa e apresenta carena a ≈ 17 mm do lábio. A base possui fundo tendencialmente plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade castanha. O diâmetro é de ≈ 88 mm no bordo e ≈ 41 mm na base. A altura é de ≈ 34 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

72. Forma 6 (TQA.10.X23.127.37)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio arredondado espessado externamente. O corpo apresenta forma ovóide e a base possui pé anular destacado. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 143 mm no bordo e ≈ 90 mm na base. A largura máxima é de ≈ 322 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 619 mm. A espessura média da parede é de ≈ 19 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 27 mm na metade inferior).

73. Forma 6 (TQA.10.X23.127.38)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. O corpo apresenta forma ovóide e a base possui fundo tendencialmente plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração rosada. A superfície exterior recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 140 mm no bordo e ≈ 63 mm na base. A largura máxima é de ≈ 288 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 628 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm (≈ 9 mm na metade superior e ≈ 13 mm na metade inferior).

74. Forma 6 (TQA.10.X23.127.40)

Fragmento com porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente introvertido e possui lábio de secção subtriangular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração rosada, ao passo que a superfície exterior recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 149 mm. A largura máxima é de ≈ 333 mm. A altura preservada é de ≈ 170 mm. A espessura média da parede é de ≈ 9 mm.

75. Forma 1B1 (TQA.10.X23.127.42)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção subrectangular. A parede do corpo é tendencialmente convexa e apresenta carena a ≈ 19 mm do lábio. A base possui fundo plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 139 mm no bordo e ≈ 48 mm na base. A altura máxima é de ≈ 48 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm.

76. Forma 1B2 (TQA.10.X23.127.49)

Peça fragmentária preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção subrectangular. A parede do corpo é tendencialmente recta mas quebrada por uma carena a ≈ 26 mm do lábio. A base possui fundo tendencialmente plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração alaranjada. A superfície exterior recebeu engobe bege, ao passo que, na superfície interior, o mesmo apresenta tonalidade castanha. O diâmetro é de ≈ 191 mm no bordo e ≈ 84 mm na base. A altura máxima preservada é de ≈ 81 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

77. Forma 5 (TQA.10.X23.127.50)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção preservada do corpo sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta cor bege. A superfície exterior recebeu engobe bege, ao passo que a superfície interior apresenta marcas de fogo e/ou restos de betume que tornaram o interior do fragmento negro e acinzentado em toda a sua extensão. O diâmetro na base é de ≈ 57 mm. A largura máxima é de ≈ 135 mm. A altura preservada é de ≈ 94 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

78. Forma 8 (TQA.10.X23.127.52)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção arredondada. Apresenta um colo curto e corpo cuja

secção preservada exibe forma globular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo é negro e ambas superfícies receberam engobe de tonalidade avermelhada. O anverso da peça preservava, em quase toda a superfície, um revestimento de gesso, o qual cobria uma marca incisa na zona do colo (vd. Capítulo IX). O diâmetro é de ≈ 346 mm no bordo. A altura preservada é de ≈ 416 mm. A espessura média da parede é de ≈ 20 mm.

79. Forma 1A (TQA.10.X23.127.53)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção subrectangular. A parede do corpo é tendencialmente convexa e apresenta carena a ≈ 18 mm do lábio. A base possui fundo plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo tem coloração alaranjada e ambas as superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 84 mm no bordo e ≈ 37 mm na base. A altura máxima preservada é de ≈ 32 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

80. Forma 6B (TQA.10.X23.127.54).

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é introvertido e possui lábio de secção subrectangular espessado externamente. O corpo é de formato globular. A base possui fundo côncavo. Está decorada, na zona do ombro, com três bandas em relevo horizontais. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior têm coloração bege, sendo que a superfície externa recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 190 mm no bordo e ≈ 265 mm na base. A largura máxima é de ≈ 468 mm. A altura máxima é de ≈ 561 mm. A espessura média da parede é de ≈ 24 mm (≈ 15 mm na metade superior e ≈ 32 mm na metade inferior).

81. Forma 6 (TQA.10.X23.127.55)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio de secção subtriangular. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a

superfície interior apresentam coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 123 mm. A largura máxima é de ≈ 256 mm. A altura preservada é de ≈ 237 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm na zona do ombro.

82. Forma 6 (TQA.10.X23.127.56)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo é rosa e a superfície interior exibe coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe de tonalidade bege. O diâmetro na base é de ≈ 64 mm. A largura máxima é de ≈ 165 . A altura preservada é de ≈ 166 mm. A espessura média da parede é de ≈ 15 mm.

83. Forma 6 (TQA.10.X23.127.57)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé anular destacado. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro na base é de ≈ 86 mm. A largura máxima é de ≈ 248 . A altura preservada é de ≈ 342 mm. A espessura média da parede é de ≈ 18 mm.

84. Forma 2 (TQA.10.X23.127.60)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente extrovertido e possui lábio em aba. O corpo possui paredes ligeiramente convexas. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo é bege. Ambas superfícies receberam engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 337 mm. A altura preservada é de ≈ 206 mm. A espessura média da parede é de aproximadamente ≈ 12 mm (≈ 10 mm na metade superior e ≈ 14 mm na metade inferior).

85. Forma 6 (TQA.10.X23.127.66)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio arredondado espessado externamente. Tem um ligeiro colo. A secção do corpo preservada contém o arranque do ombro, o qual sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração castanha. A superfície exterior recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 134 mm. A altura preservada é de ≈ 104 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm na zona do ombro.

86. Forma 6 (TQA.10.X23.127.67)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é introvertido e possui lábio arredondado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e a superfície interior apresentam coloração bege. A superfície exterior recebeu engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 109 mm. A largura máxima é de ≈ 232 . A altura preservada é de ≈ 116 mm. A espessura média da parede é de ≈ 9 mm na zona do ombro.

87. Forma 1B2 (TQA.10.X23.116.2)

Fragmento preservando porção de bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A secção do corpo preservada apresenta parede ligeiramente convexa com uma carena destacada a ≈ 29 mm do lábio. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração castanha. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 260 mm. A altura preservada é de ≈ 47 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

88. Forma 1A (TQA.10.X23.116.3)

Fragmento preservando porção de bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. A secção do corpo preservada apresenta **parede convexa** com uma carena destacada a ≈ 23 mm do lábio. Foi fabricado com pasta contendo

inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 100 mm. A altura preservada é de ≈ 32 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm.

89. Forma 8 (TQA.10.X23.116.4)

Fragmento preservando porção de bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio em forma de pequena aba. A secção do corpo preservada apresenta um colo e sugere parede de formato globular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo tem coloração castanha. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 338 mm. A altura preservada é de ≈ 72 mm. A espessura média da parede é de ≈ 18 mm.

90. Forma 1C (TQA.10.X23.116.5)

Fragmento preservando porção de bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada apresenta parede tendencialmente recta. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 474 mm. A altura preservada é de ≈ 117 mm. A espessura média da parede é de ≈ 18 mm.

UE. 127 (SALA 4)

91. Forma 6 (TQA.09.X23.127.02)

Fragmento preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio de secção subtriangular espessado externamente. A secção do corpo apresenta forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular sendo que o fundo, ligeiramente convexo, o ultrapassa, conferindo alguma instabilidade à peça. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. A superfície interna é bege. A superfície externa recebeu

engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 132 mm no bordo e ≈ 80 mm na base. A largura máxima é de ≈ 300 mm. A altura máxima preservada é de ≈ 561 mm. A espessura média da parede é de ≈ 15 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 19 mm na metade inferior).

92. Forma 6 (TQA.09.X23.127.03)

Peça fragmentária preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada apresenta forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular sendo que o fundo, ligeiramente convexo, o ultrapassa, conferindo alguma instabilidade à peça. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração avermelhada. A superfície externa recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro na base é de ≈ 85 mm. A largura máxima é de ≈ 266 mm. A altura máxima preservada é de ≈ 577 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 16 mm na metade inferior).

93. Forma 6 (TQA.09.X23.127.04)

Peça completa preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio subrectangular espessado externamente. A secção do corpo preservada apresenta forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. A superfície interna é bege. A superfície externa recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 110 mm no bordo e ≈ 70 mm na base. A largura máxima é de ≈ 195 mm. A altura máxima é de ≈ 410 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 14 mm na metade inferior).

94. Forma 6 (TQA.09.X23.127.05)

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada apresenta forma ovóide. A base possui fundo plano. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. A superfície externa recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro na base é de

≈48 mm. A largura máxima é de ≈276 mm. A altura preservada é de ≈386 mm. A espessura média da parede é de ≈13 mm.

95. Forma 10 (TQA.09.X23.127.06)

Peça completa preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio espessado externamente. O corpo apresenta parede côncava. A base, também ela extrovertida, apresenta lábio espessado externa e internamente. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈223 mm no bordo e ≈260 mm na base. A altura máxima é de ≈157 mm. A espessura média da parede é de ≈17 mm.

96. Forma 1A (TQA.09.X23.127.07)

Peça fragmentária preservando bordo, corpo e base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede convexa e carena a ≈23 mm do lábio. A base possui de fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe da mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈101 mm no bordo e ≈40 mm na base. A altura é de ≈40 mm. A espessura média da parede é de ≈6 mm.

97. Forma 6 (TQA.09.X23.127.08)

Peça fragmentária preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio subtriangular espessado externamente. A secção do corpo preservada apresenta forma ovóide. A base possui pé anular. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. A superfície interna é bege. A superfície externa recebeu engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈110 mm no bordo e ≈76 mm na base. A largura máxima é de ≈254 mm. A altura máxima é de ≈399 mm. A espessura média da parede é de ≈17 mm (≈10 mm na metade superior e ≈25 mm na metade inferior).

98. Forma 6 (TQA.09.X23.127.09)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada e o interior é castanho. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 150 mm. A largura máxima é de ≈ 254 mm. A altura preservada é de ≈ 110 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

99. Forma 1A (TQA.09.X23.127.10)

Fragmento preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede convexa e carena a ≈ 23 mm do lábio. A base possui de fundo plano. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração vermelha. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 97 mm no bordo e ≈ 40 mm na base. A altura é de ≈ 39 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

100. Forma 1B2 (TQA.09.X23.127.13)

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado ligeiramente espessado ao interior. O corpo apresenta parede convexa e carena destacada a ≈ 23 mm do lábio. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração vermelha. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro no bordo é de ≈ 224 mm. A altura preservada é de ≈ 49 mm. A espessura média da parede é de ≈ 8 mm.

101. Forma 1A (TQA.09.X23.127.14)

Fragmento preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede convexa e carena a ≈ 21 mm do lábio. A base possui de fundo ligeiramente côncavo. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é de ≈ 97 mm no

bordo e ≈ 28 mm na base. A altura máxima é de ≈ 34 mm. A espessura média da parede é de ≈ 5 mm.

102.*Forma 1B1 (TQA.09.X23.127.16)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção semicircular. O corpo apresenta parede tendencialmente recta, quebrada por uma carena a ≈ 16 mm do lábio. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe dessa mesma tonalidade. O diâmetro é no bordo de ≈ 147 mm. A altura preservada é de ≈ 27 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm.

103.*Forma 4 (TQA.09.X23.127.19)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido e apresenta lábio de secção semicircular. Apresenta breve colo e parede tendencialmente globular que conferem à peça perfil em «S». Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam um engobe de tonalidade bege. O diâmetro é indeterminável. A altura preservada é de ≈ 50 mm. A espessura média da parede é de ≈ 3 mm.

104.*Forma 6 (TQA. 09.X23.127.20)*

Fragmento preservando porção do bordo e do colo, com arranque do ombro. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração esverdeada e o interior é bege. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 109 mm. A altura preservada é de ≈ 38 mm. A espessura média da parede é de ≈ 7 mm.

105.*Forma 6 (TQA.09.X23.127.23)*

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração

bege. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro na base é de ≈ 76 mm. A altura preservada é de ≈ 85 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

106.*Forma 4 (TQA.09.X23.127.30)*

Fragmento preservando porção do corpo e da base. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. A base possui pé tendencialmente plano e destacado. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. Recebeu engobe da mesma tonalidade na superfície externa. O diâmetro na base é de ≈ 25 mm. A largura máxima preservada é de ≈ 70 mm. A altura preservada é de ≈ 35 mm. A espessura média da parede é de ≈ 6 mm.

107.*Forma 1B1 (TQA. 09.X23.127.31)*

Fragmento preservando porção do bordo, do corpo e da base. O bordo é extrovertido e possui lábio arredondado espessado externamente. O corpo apresenta parede tendencialmente recta com um ligeiro espessamento a ≈ 21 mm do lábio. Foi fabricado com inclusões minerais e vegetais. A base possui fundo tendencialmente plano. O núcleo da peça apresenta coloração avermelhada. Ambas superfícies receberam engobe de tonalidade bege. O diâmetro é de ≈ 158 mm no bordo e ≈ 72 mm na base. A altura máxima é de ≈ 57 mm. A espessura média da parede é de ≈ 6 mm.

108.*Forma 6 (TQA.09.X23.127.34)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio amendoadado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração bege. Recebeu engobe dessa mesma tonalidade na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 133 mm. A altura preservada é de ≈ 99 mm. A espessura média da parede é de ≈ 12 mm.

109.*Forma 2 (TQA.09.X23.127.43)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical com lábio de secção triangular espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere paredes tendencialmente rectas. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam engobe da mesma tonalidade. O diâmetro no bordo é de ≈ 264 mm. A altura preservada é de ≈ 76 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm.

110.*Forma 6 (TQA.09.X23.127.50)*

Fragmento preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é ligeiramente extrovertido e possui lábio arredondado espessado externamente. Possui colo e o arranque do ombro sugere corpo de forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. O núcleo e o interior apresentam coloração avermelhada. Recebeu engobe dessa mesma tonalidade na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 148 mm. A altura preservada é de ≈ 80 mm. A espessura média da parede é de ≈ 10 mm.

111.*Forma 6 (TQA.09.X23.127.51)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio amendoado espessado externamente. A secção do corpo preservada sugere forma ovóide. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. Apresenta coloração avermelhada no núcleo e bege na superfície interior. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 159 mm. A altura preservada é de ≈ 109 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

112.*Forma 2 (TQA.09.X23.127.52)*

Fragmento preservando porção do bordo e do corpo. O bordo é tendencialmente vertical com lábio espessado externamente como pequena aba. A secção do corpo preservada apresenta paredes ligeiramente convexas. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. Apresenta coloração avermelhada na superfície interior e núcleo

negro. Recebu engobe de tonalidade avermelhada na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 295 mm. A altura preservada é de ≈ 220 mm. A espessura média da parede é de aproximadamente ≈ 15 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 19 mm na metade inferior)..

113. Forma 5 (TQA.09.X23.127.53)

Fragmento preservando porção do bordo, do colo e do corpo. O bordo é extrovertido e possui lábio de secção subrectangular e espessado interna e externamente. O corpo é tendencialmente globular. Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. Apresenta coloração avermelhada no núcleo e bege na superfície interior. Recebeu engobe de tonalidade bege na superfície externa. O diâmetro no bordo é de ≈ 96 mm. A largura máxima é de ≈ 136 mm. A altura preservada é de ≈ 130 mm. A espessura média da parede é de ≈ 8 mm.

114. Forma 6 (TQA.09.X23.127.56)

Peça fragmentária preservando bordo, corpo e base. O bordo é ligeiramente introvertido e possui lábio amendoado espessado externamente. O corpo apresenta forma ovóide. A base possui pé tendencialmente anular sendo que o fundo, ligeiramente convexo, sobressai e ultrapassa-o, conferindo alguma instabilidade à peça. Foi fabricada com pasta contendo inclusões minerais e vegetais. Apresenta coloração avermelhada no núcleo e bege na superfície interior. Recebeu engobe bege na superfície exterior. O diâmetro é de ≈ 143 mm no bordo e de ≈ 66 mm na base. A largura máxima é de ≈ 276 mm. A altura máxima da peça é de ≈ 601 mm. A espessura média da parede é de ≈ 13 mm (≈ 11 mm na metade superior e ≈ 14 mm na metade inferior).

UE 110 (SALA 1) – Fragmento de forma incerta com marca

115. Forma 6(?) (TQA.10.X23.110.20).

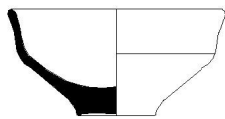
Fragmento preservando porção do corpo. A secção preservada sugere corpo tendencialmente globular. A superfície exterior possui marcas de fogo e uma marca incisa (vd. Capítulo IX). Foi fabricado com pasta contendo inclusões minerais. O núcleo apresenta coloração bege. Ambas superfícies receberam um engobe dessa mesma tonalidade. A altura do fragmento é de ≈ 168 mm. A espessura média da parede é de ≈ 11 mm.

APÊNDICE B – PARALELOS FORMAIS

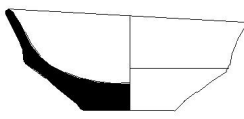
O presente apêndice contém um conjunto de estampas onde se apresentam algumas das peças discutidas no Capítulo VII, oriundas dos sítios de Tell Sabi Abyad, Tell Šēḥ Ḥamad e Tell al-Rimah, e que constituem paralelos formais para o material cerâmico de Tall Qabr Abū al-‘Atīq. Para facilitar a consulta, tomámos a liberdade de reproduzir, de forma adaptada, os desenhos originais apresentados em Pfälzner (1995), Postgate *et al.* (1997) e Duistermaat (2008), agrupando-os, por forma, numa série de estampas. Reconhecemos, aqui, como é devido, a autoria desses desenhos.

FORMA 1A

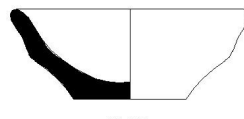
Tell Sabi Abyad



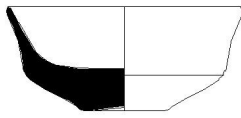
IV.13.a



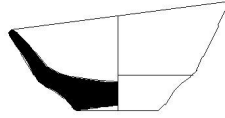
IV.13.j



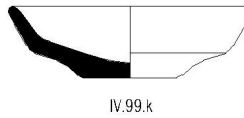
IV.99.j



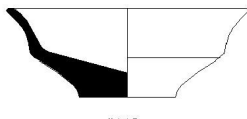
IV.13.b



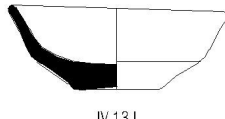
IV.13.k



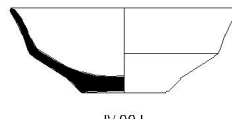
IV.99.k



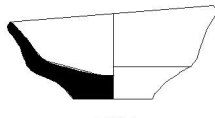
IV.13.c



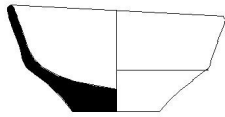
IV.13.l



IV.99.l

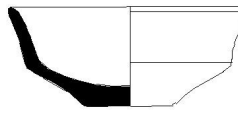


IV.13.d

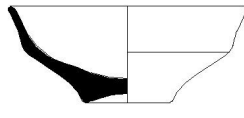


IV.13.m

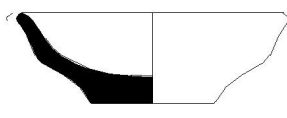
Tell Sheikh Hamad



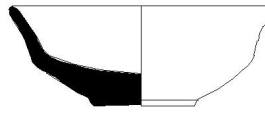
TAF.77.f



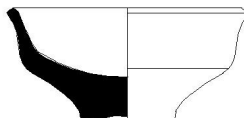
IV.13.e



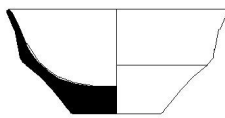
IV.36.q



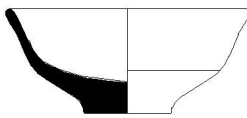
TAF.113.i



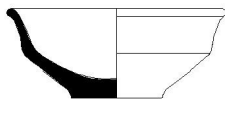
IV.13.f



IV.36.v

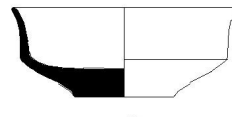


IV.13.g

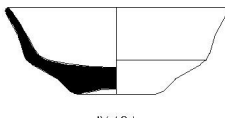


IV.37.a

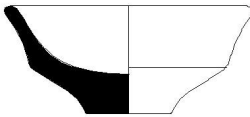
Tell al-Rimah



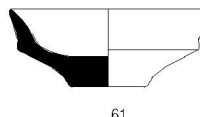
57



IV.13.h



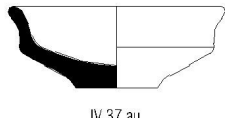
IV.37.o



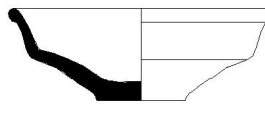
61



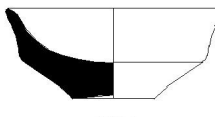
IV.13.i



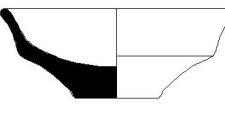
IV.37.au



67



IV.13.j



IV.99.g

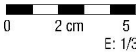
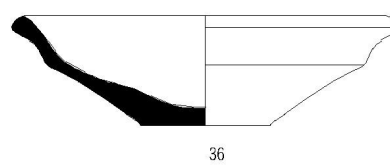
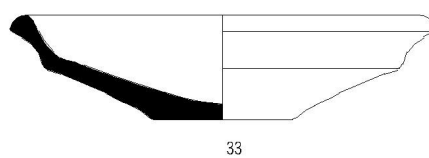
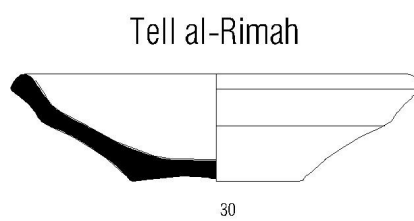
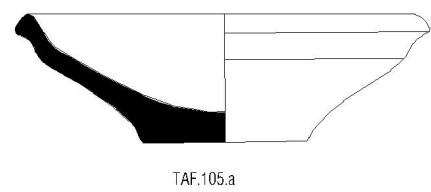
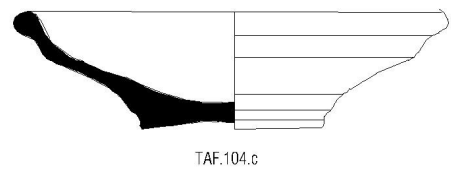
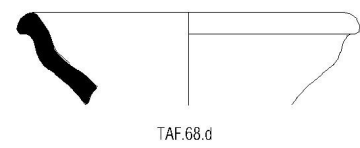
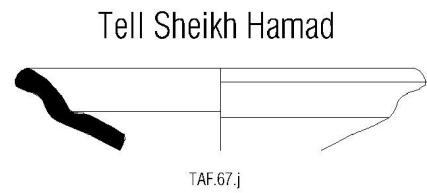
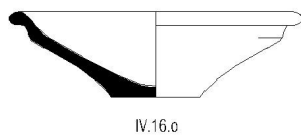
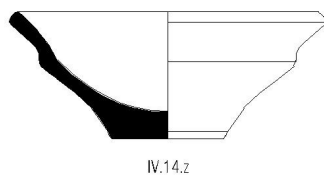
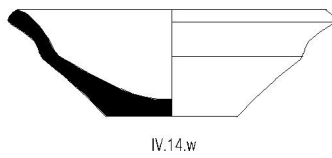
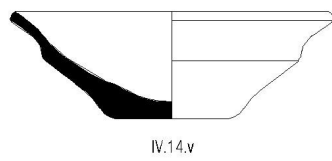
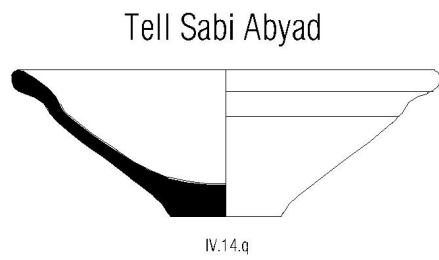


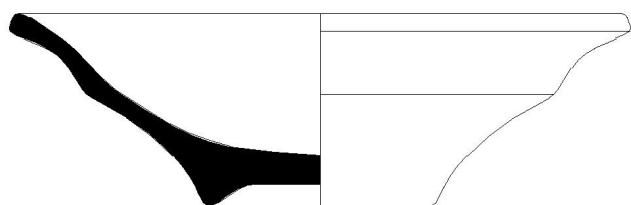
Fig.B.1 - Formas 1A (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 1B1

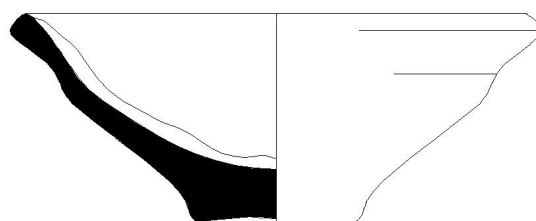


FORMA 1B2

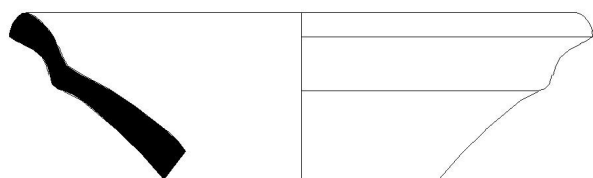
Tell Sabi Abyad



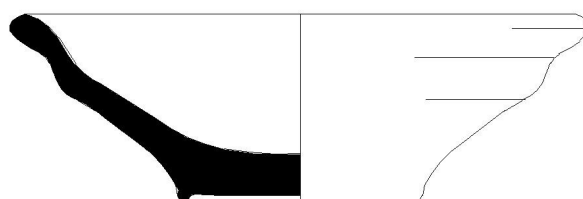
IV.15.m



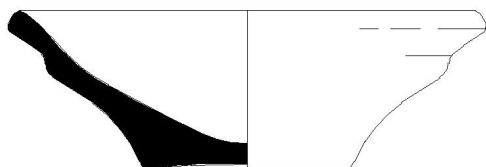
IV.42.q



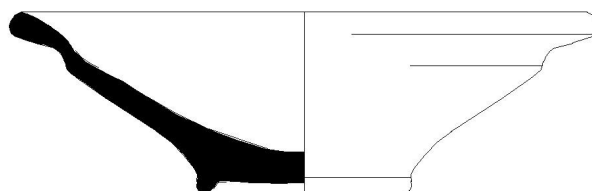
IV.15.s



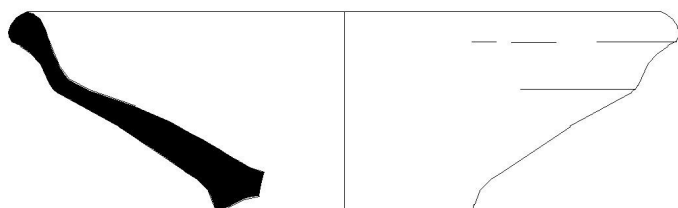
IV.42.r



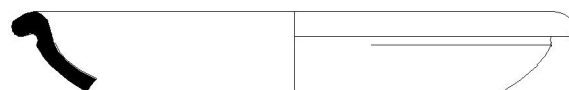
IV.42.c



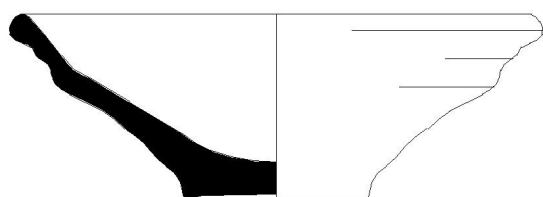
IV.100.b



IV.42.g

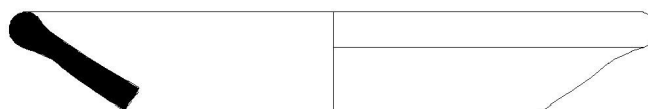


IV.100.t

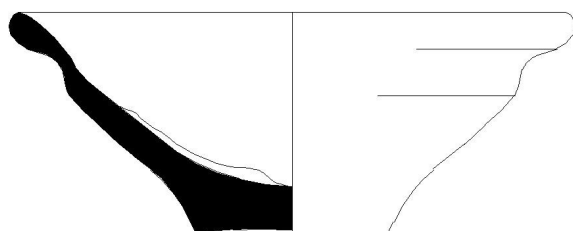


IV.42.o

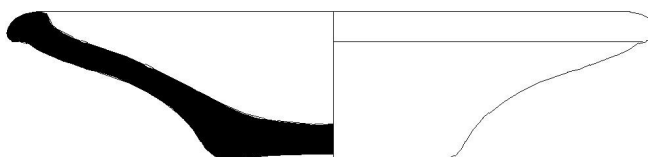
Tell Sheikh Hamad



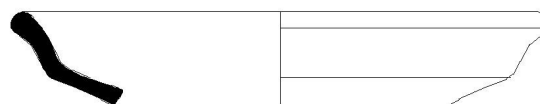
TAF.67.a



IV.42.p



TAF.67.e



TAF.68.c

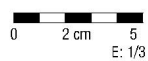
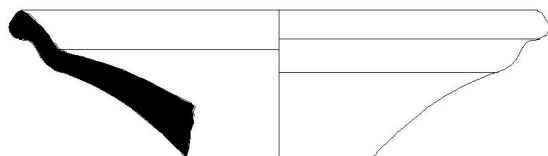


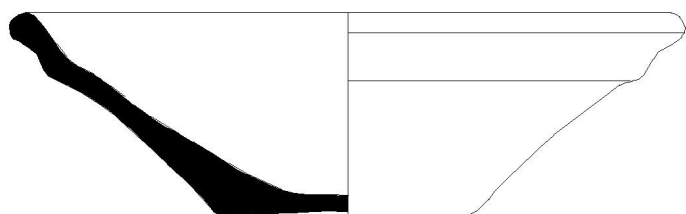
Fig.B.3 - Formas 1B2 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 1B2

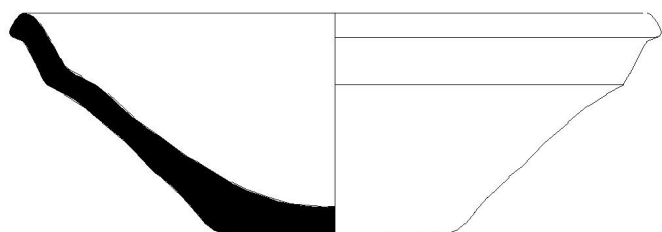
Tell Sheikh Hamad



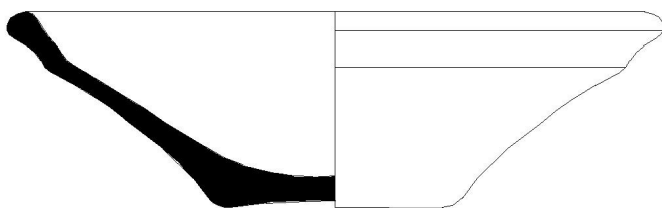
TAF.68.g



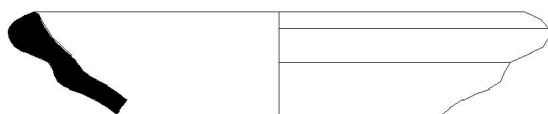
TAF.69.a



TAF.69.b



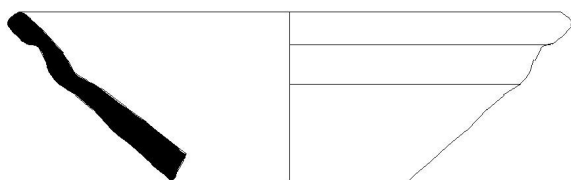
TAF.70.c



TAF.70.h

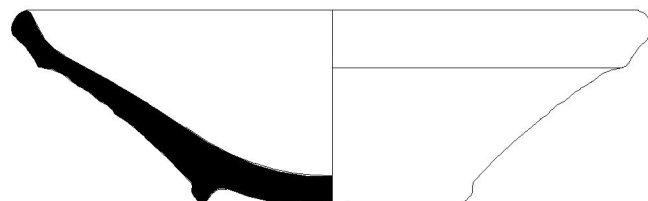


IV.106.a

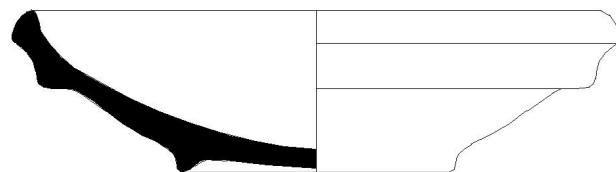


IV.106.e

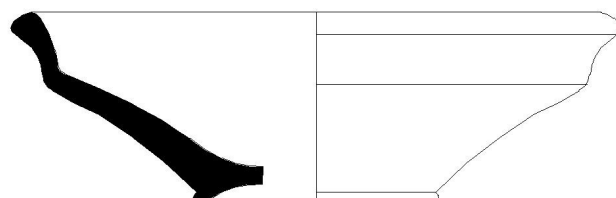
Tell al-Rimah



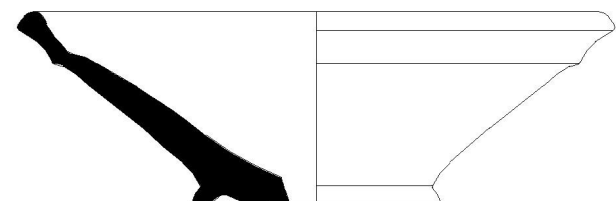
2



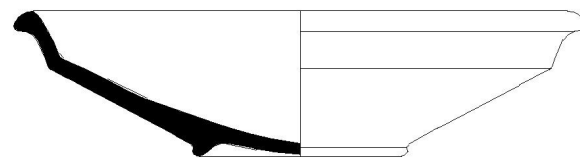
3



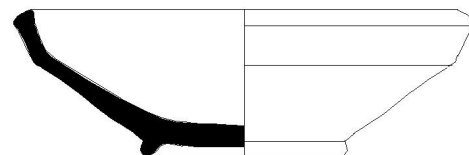
5



7



8



13



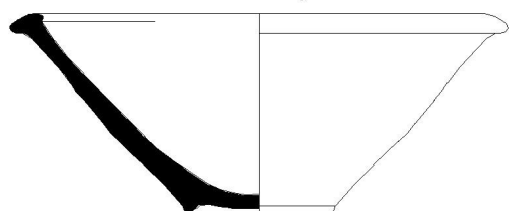
32



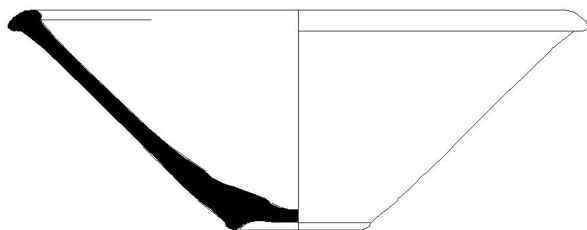
Fig.B.4 - Formas 1B2 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 1C

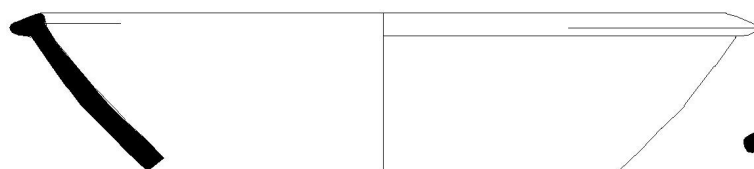
Tell Sabi Abyad



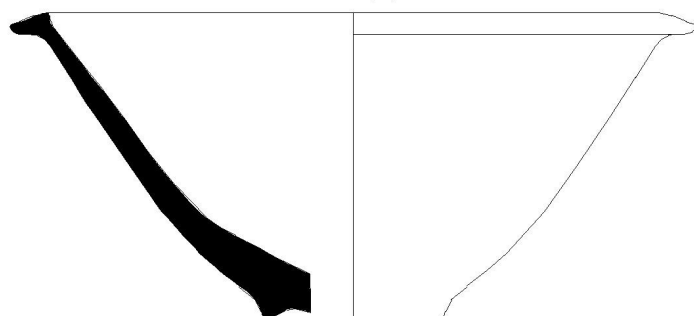
IV.18.l



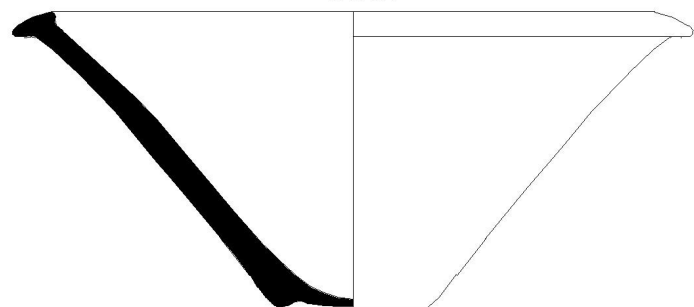
IV.19.a



IV.19.e

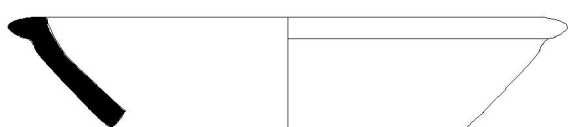


IV.50.c

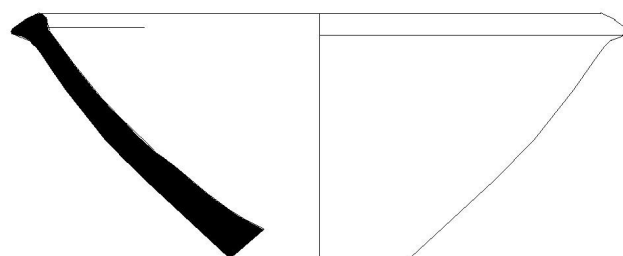


IV.50.d

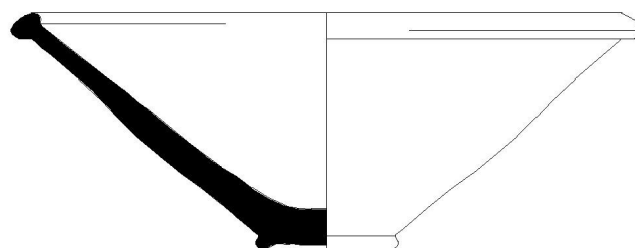
Tell Sheikh Hamad



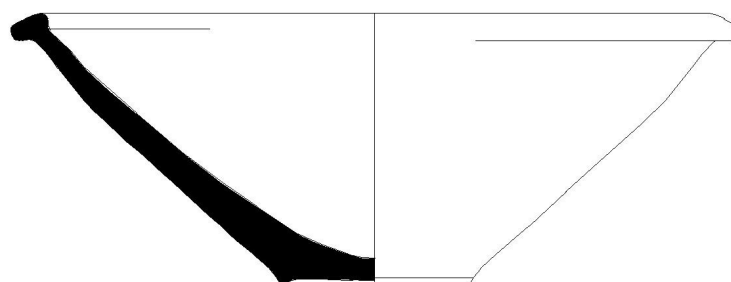
TAF.99.b



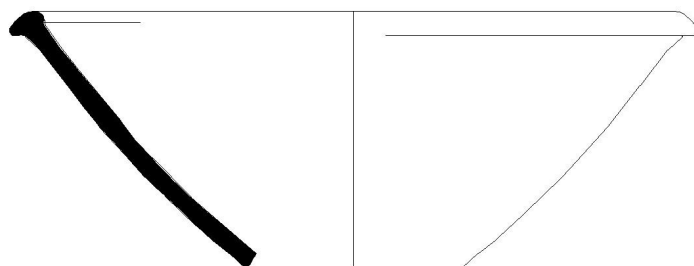
IV.54.f



IV.54.h

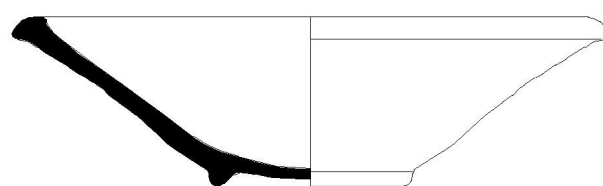


IV.55.a



IV.55.e

Tell al-Rimah



187

0 2 cm 10
E: 1/5

Fig.B.5 - Forma 1C (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 2

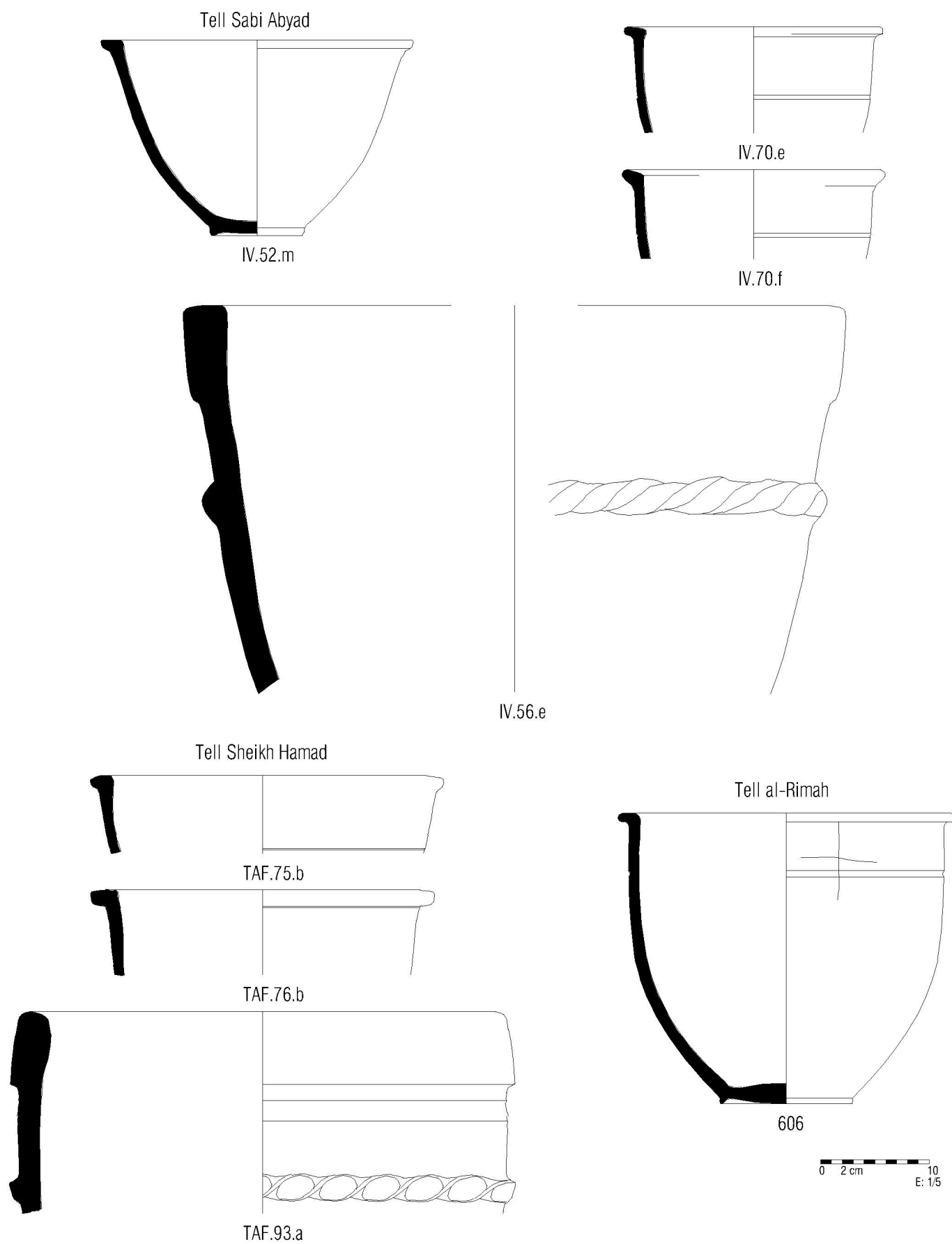
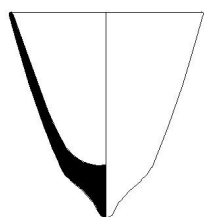


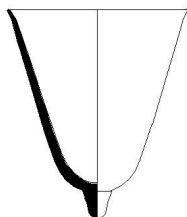
Fig.B.6 - Forma 2 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 3

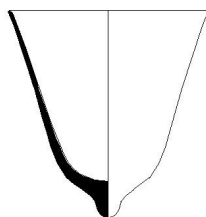
Tell Sabi Abyad



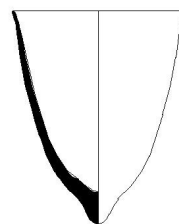
IV.33.b



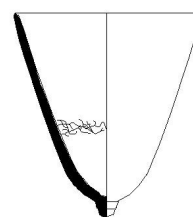
IV.33.e



IV.90.g

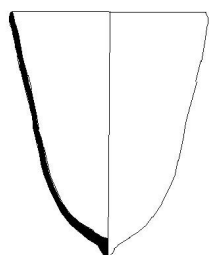


IV.90.f



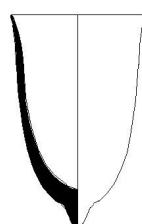
IV.90.w

Tell Sheikh Hamad

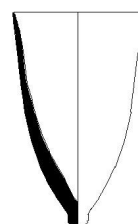


TAF.114.b

Tell al-Rimah



648



651

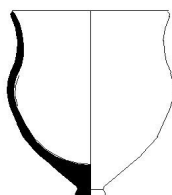
0 2 cm 10
E: 1/4

FORMA 4

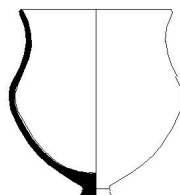
Tell Sabi Abyad



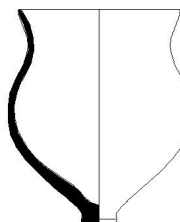
IV.33.a



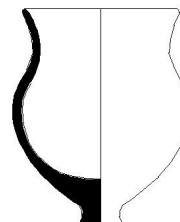
IV.91.f



IV.91.h

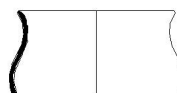


IV.91.i

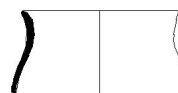


IV.91.s

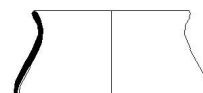
Tell Sheikh Hamad



TAF.79.b



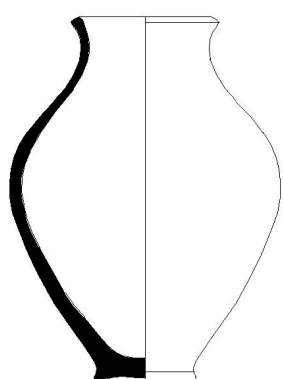
TAF.79.c



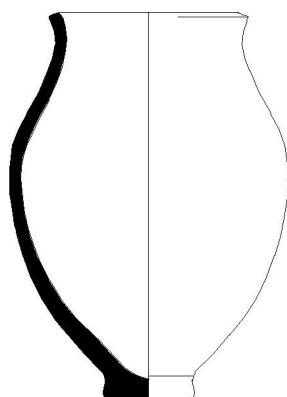
TAF.79.d

FORMA 5

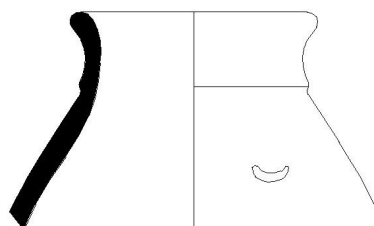
Tell Sabi Abyad



IV.28.i



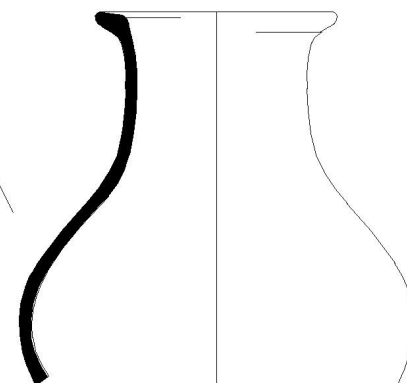
IV.73.t



IV.75.i



IV.29.d

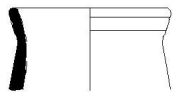


IV.78.e

Fig.B.7 - Formas 3, 4 e 5 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

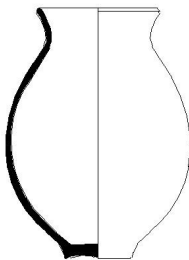
FORMA 5

Tell Sheikh Hamad

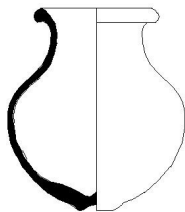


TAF.78.b

Tell al-Rimah



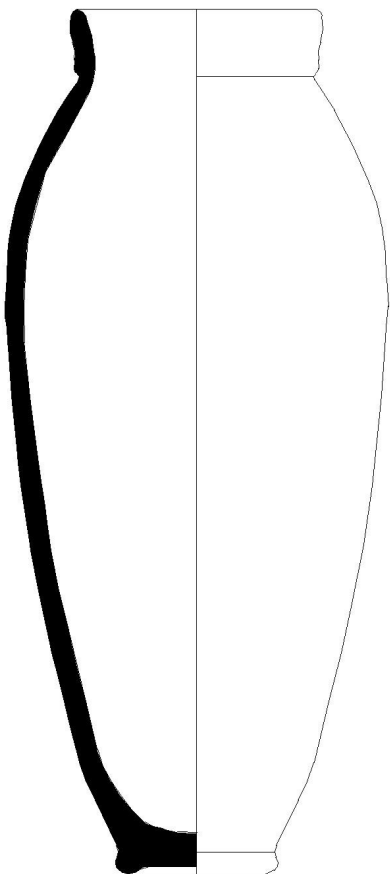
937



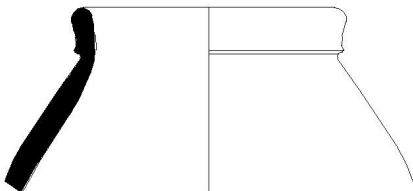
944

FORMA 6

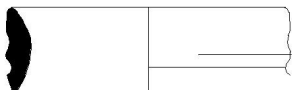
Tell Sabi Abyad



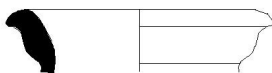
IV.29.l



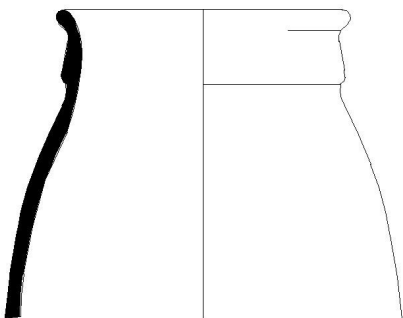
IV.29.n



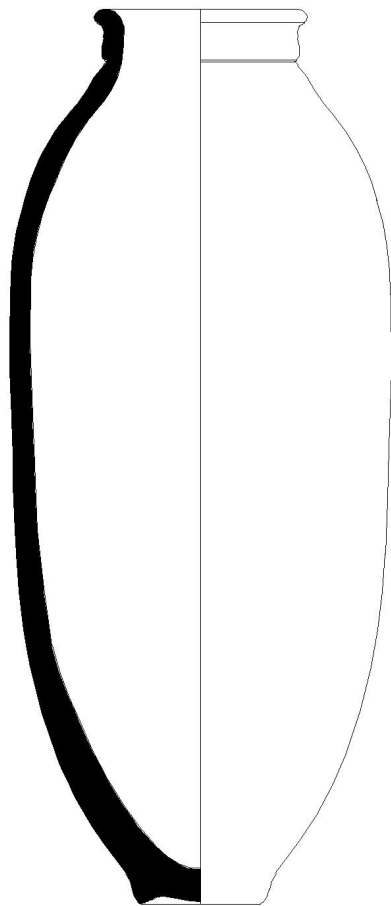
IV.29.o



IV.29.p



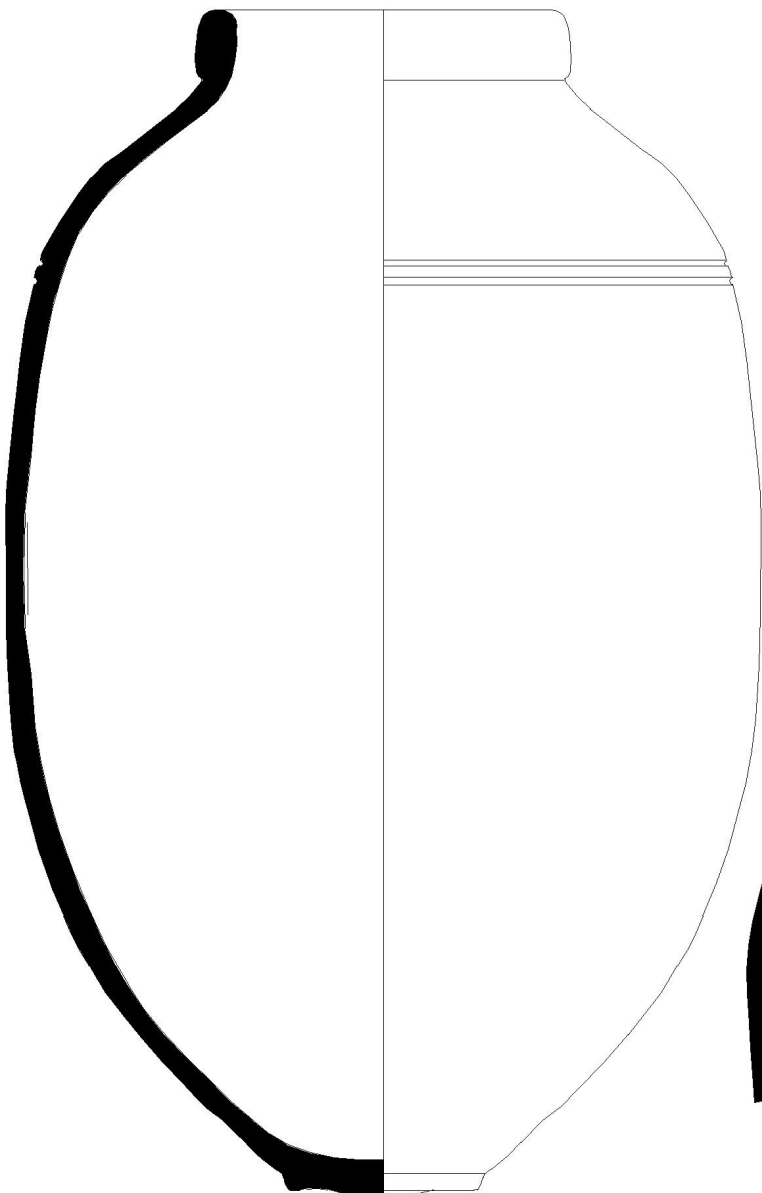
IV.80.c



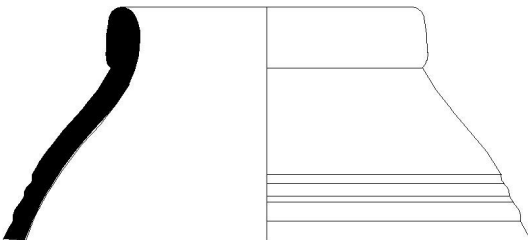
IV.79.c

FORMA 6

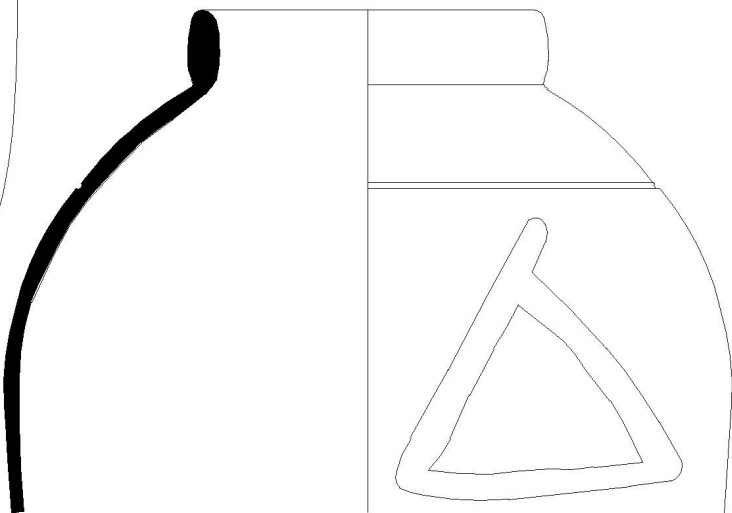
Tell Sabi Abyad



IV.82.e

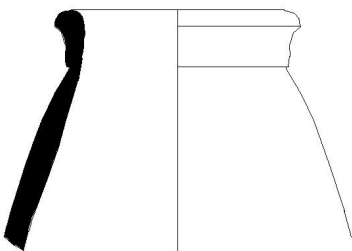


IV.84.a

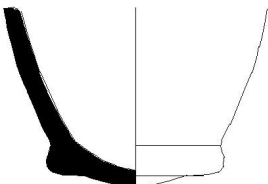


IV.84.d

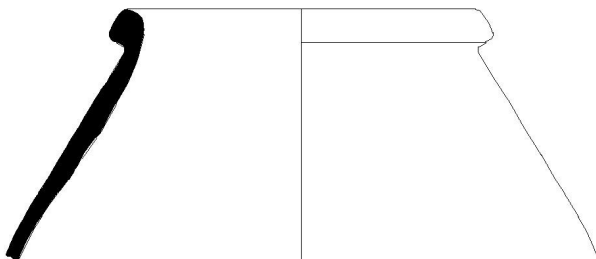
Tell Sheikh Hamad



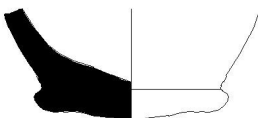
TAF.91.c



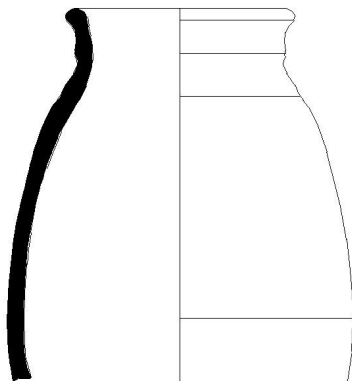
TAF.96.c



TAF.122.a



TAF.129.h

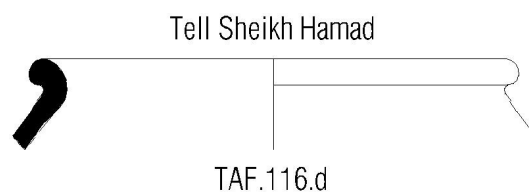


TAF.123.a

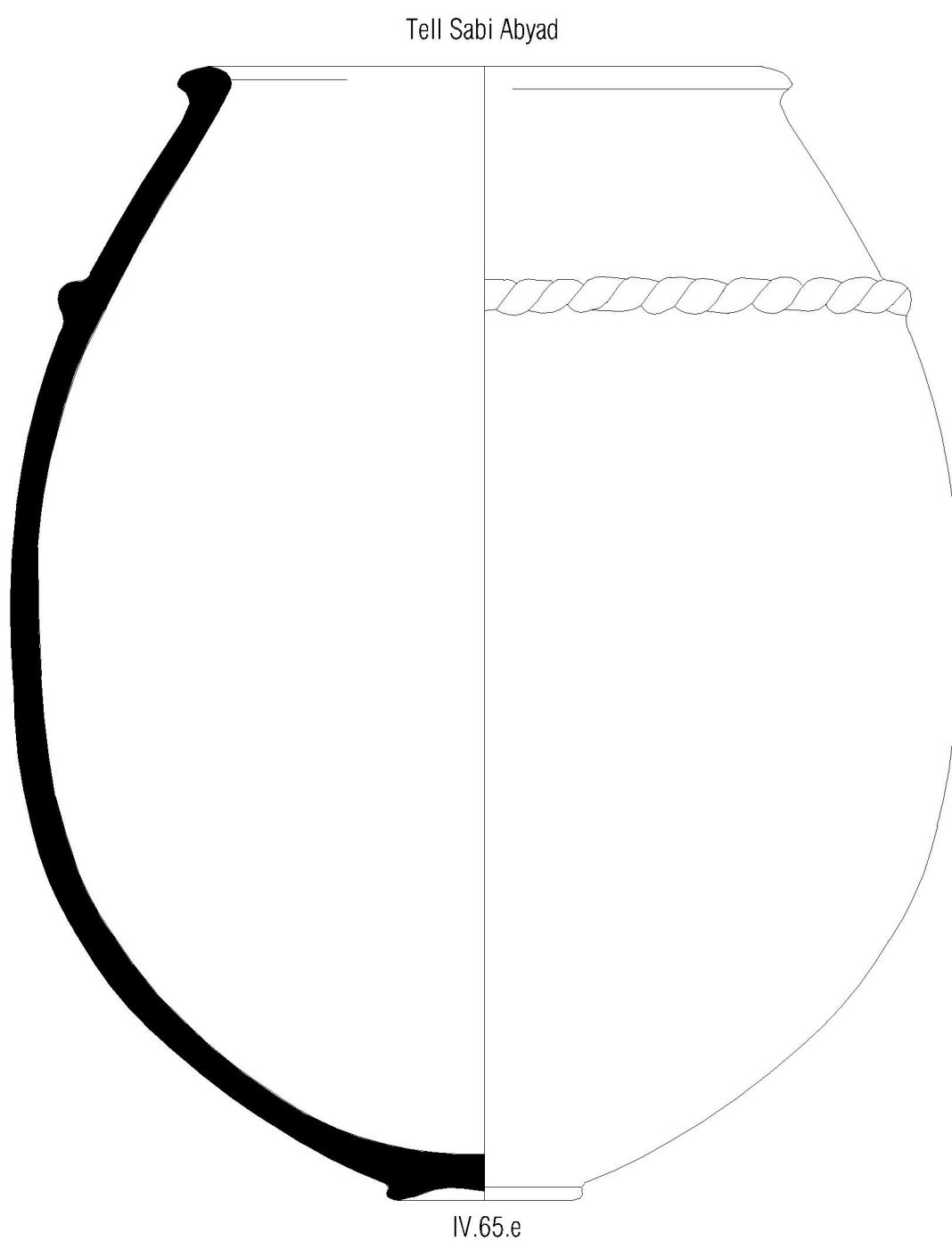
0 2 cm 10
E: 1/4

Fig.B.9 - Formas 6 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 7



FORMA 6/8



0 2 cm 10
E: 1/5

FORMA 6/8

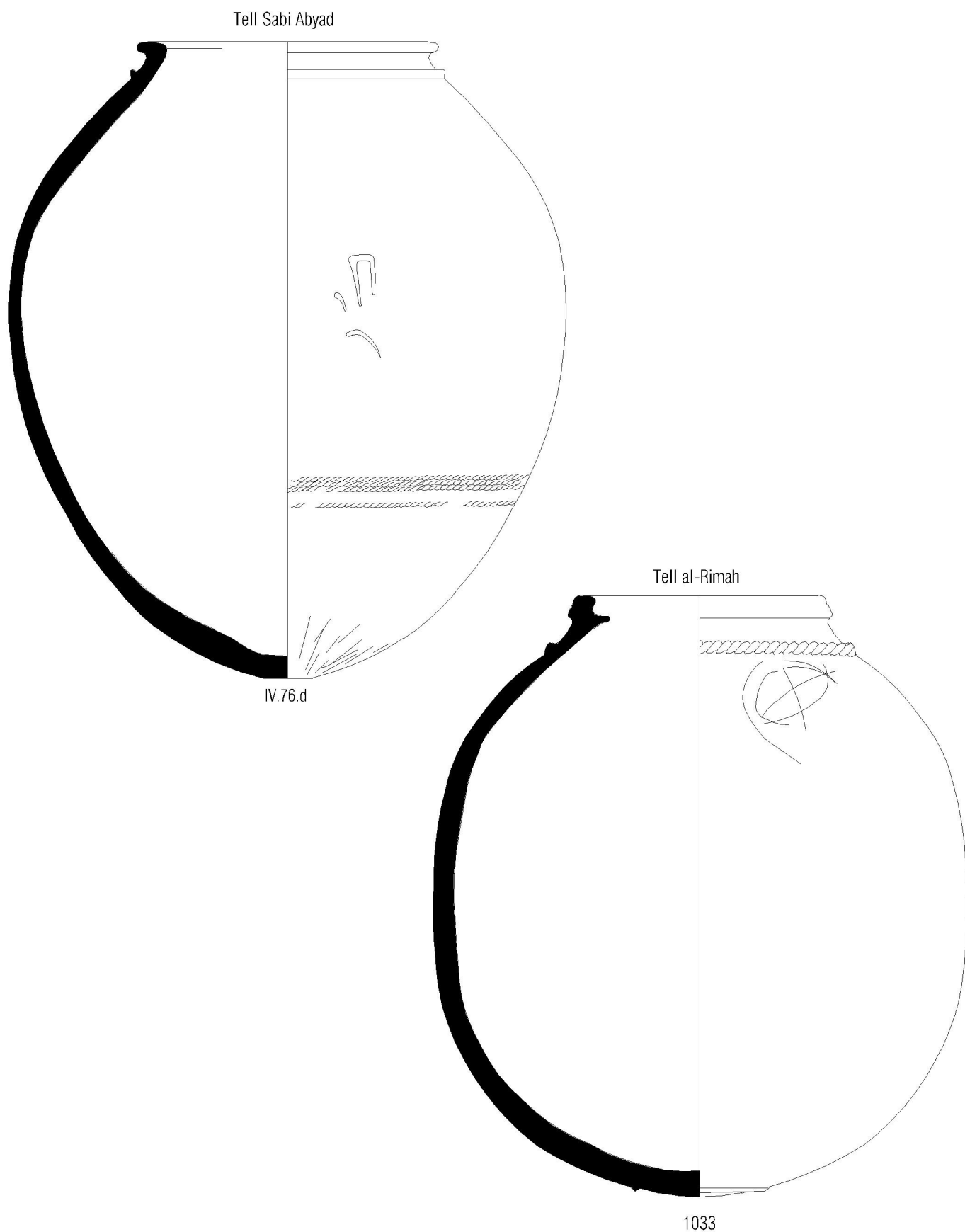
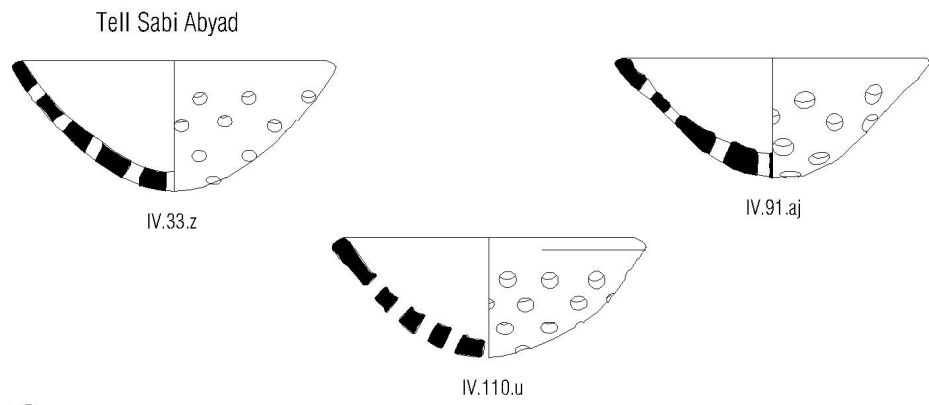
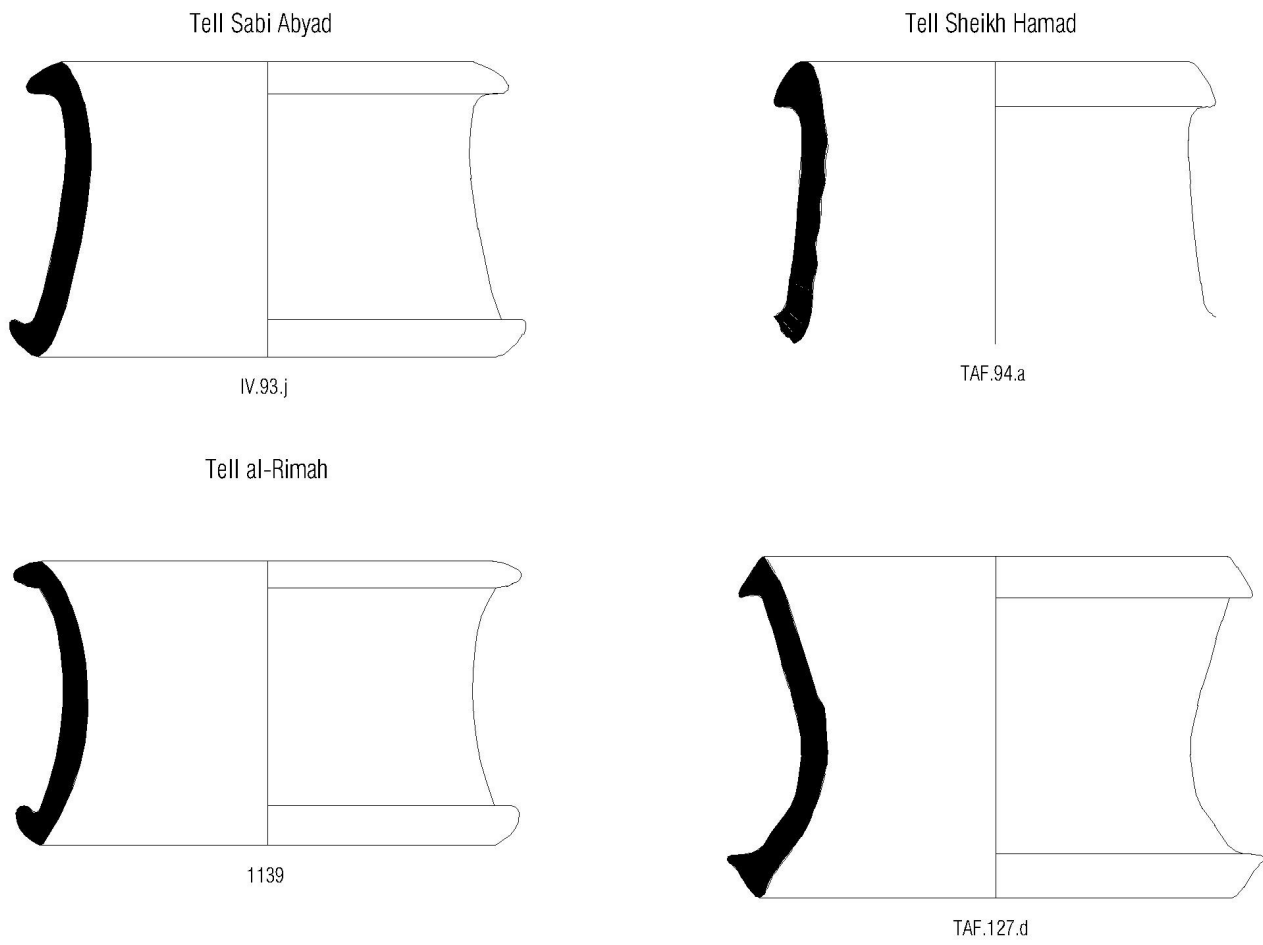


Fig.B.11 - Forma 6/8 (Montagem de Eva Celdrán Beltrán / PAMES)

FORMA 9



FORMA 10



APÊNDICE C – ILUSTRAÇÃO DOS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS



Fig. C.1. Vista da Sondagem A, campanha de 2008: UE 110 / Sala 1 (fotografia de Eloy Taboada).



Fig. C.2 – Porta (UC 105) de acesso entre as Salas 1 e 2 (fotografia de Eloy Taboada, 2008).



Fig. C.3 –
 Planta da área
 escavada na
 colina principal
 do *tell* até 2010
 - Fase 2.



Fig. C.5. Zona norte da Sala 3, com materiais arqueológicos jazendo *in situ*: UE 127 (fotografia de Victor Rivera, 2010).

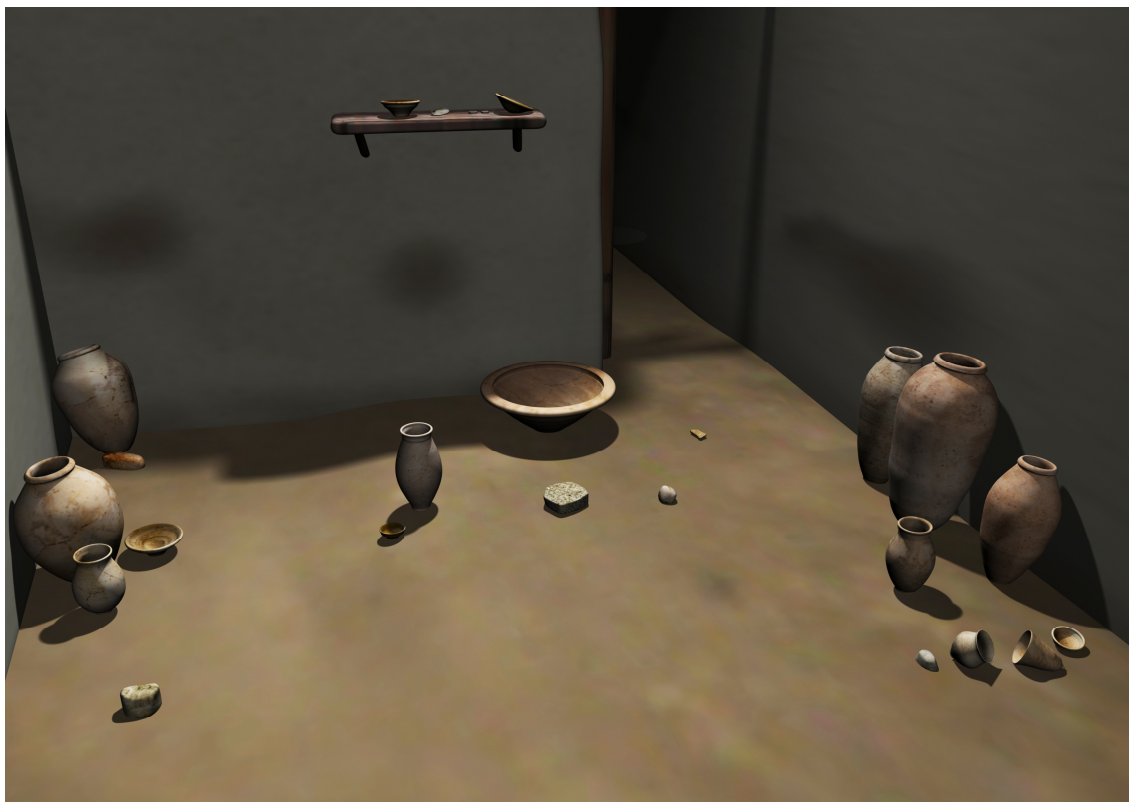


Fig. C.6 – Reconstrução infográfica hipotética do extremo norte da Sala 3 (Joana Bruno, 2011).

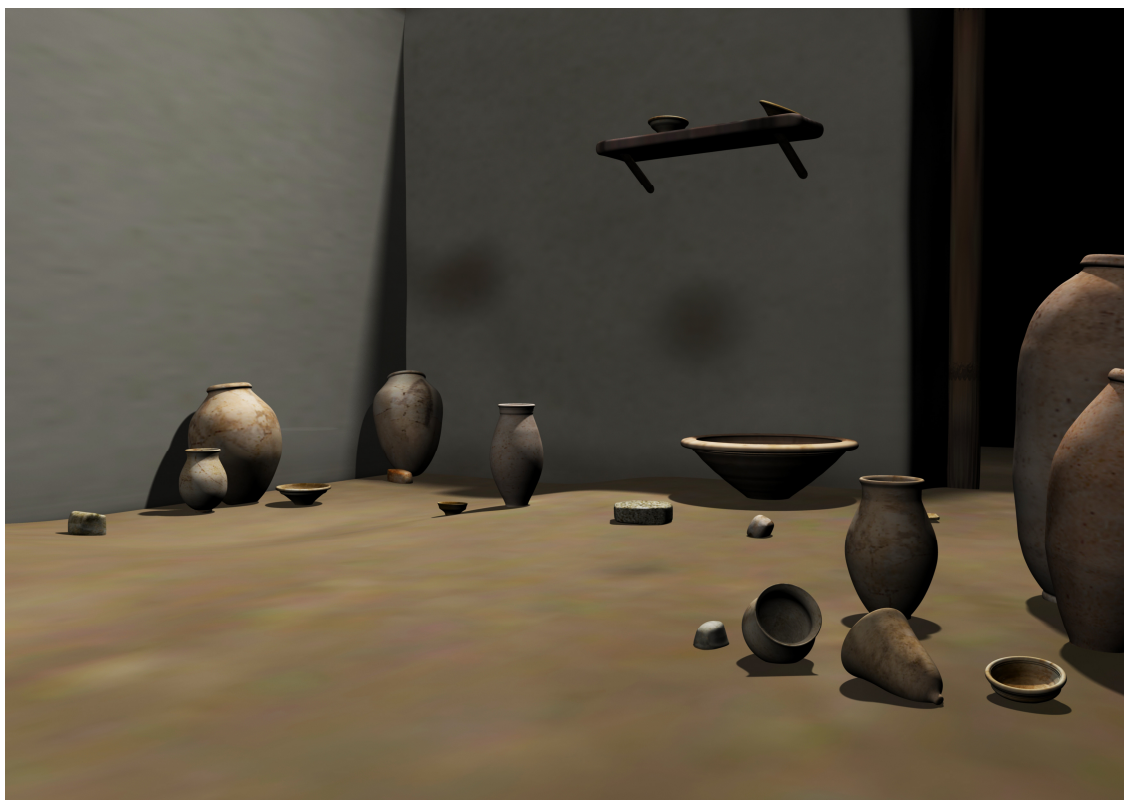


Fig. C.7 – Reconstrução infográfica hipotética da parte norte da Sala 3: outra vista (Joana Bruno, 2011).



Fig. C.8 – Reconstrução infográfica hipotética de cerâmicas (Formas 3 a 6) dispostas junto ao muro UC 109, na Sala 3 (Joana Bruno, 2011).



Fig. C.9 – Materiais fragmentados e queimados sobre o pavimento no centro da Sala 3 (fotografia de Victor Rivera, 2010).



Fig. C.10 – Sala 4 (vista desde Norte) com UE 127 e UC 109 (fotografia de Patricia Mora, 2009).



Fig. C.11 – Zona sul das quadriculas X23 e Y23, mostrando a Sala 5.

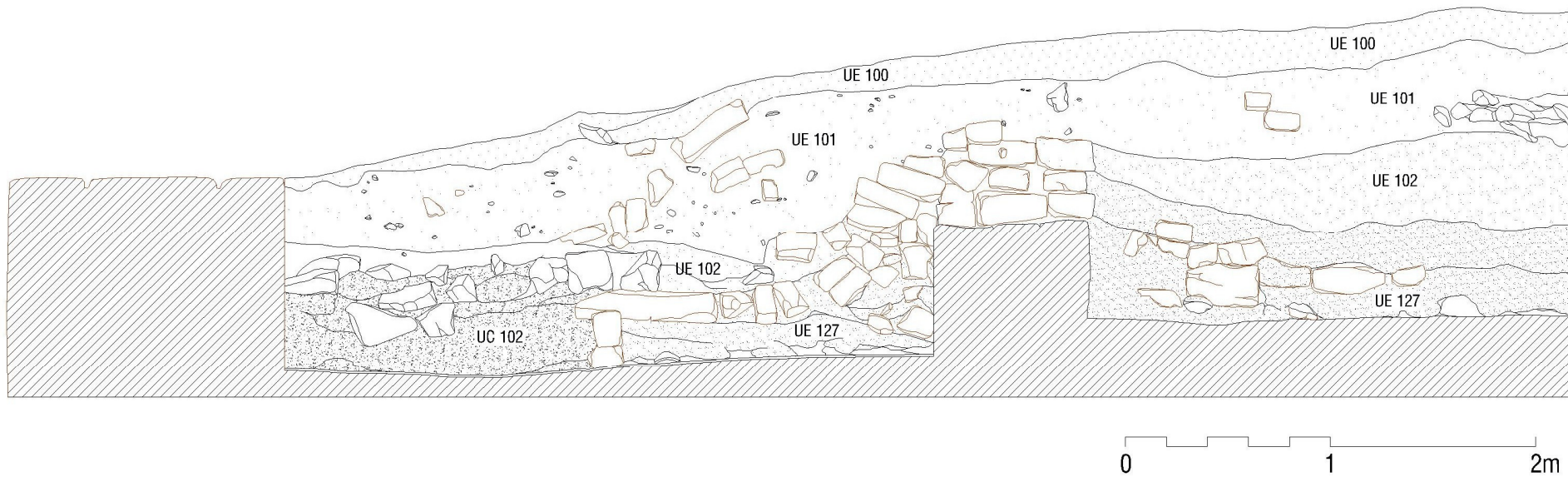
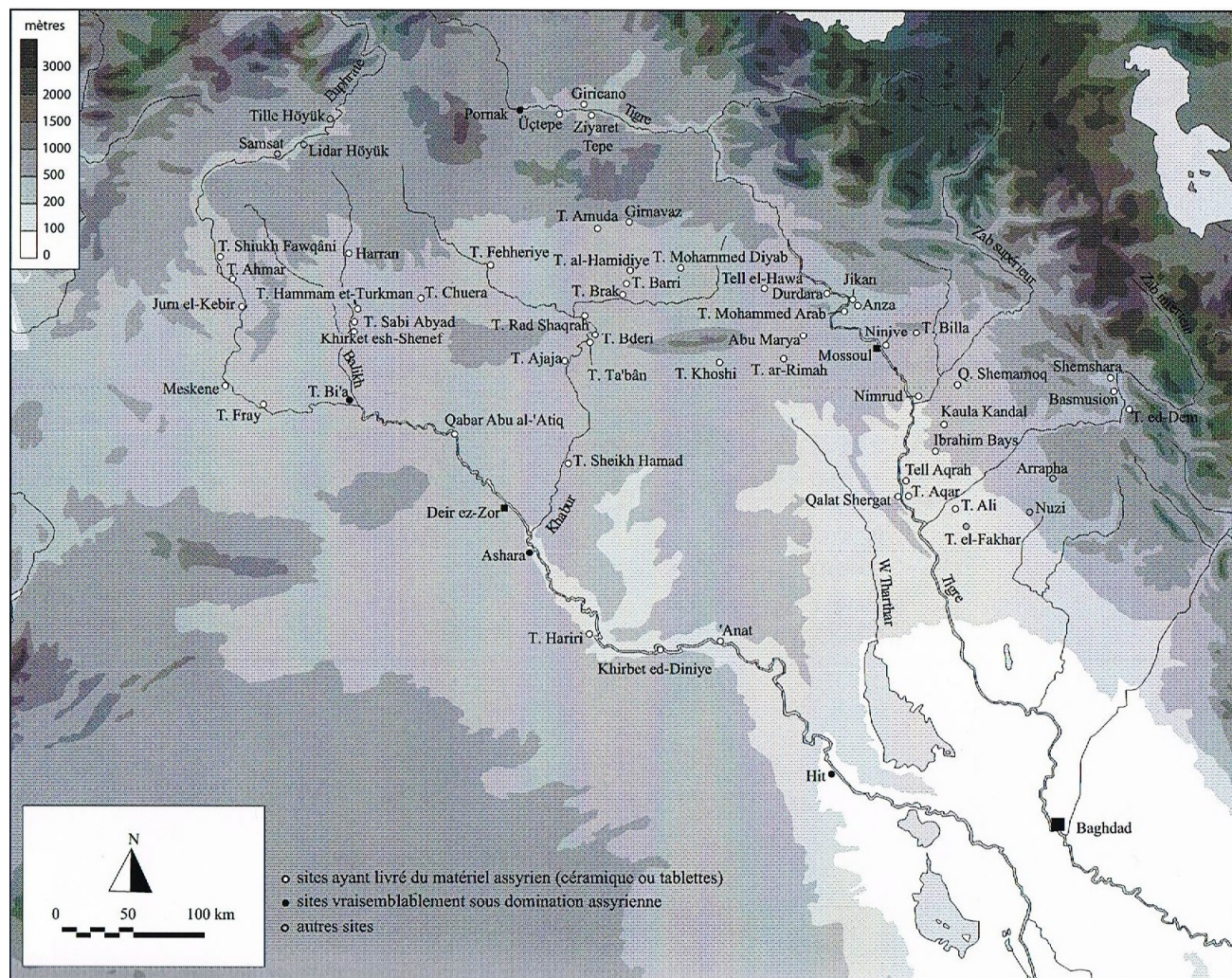


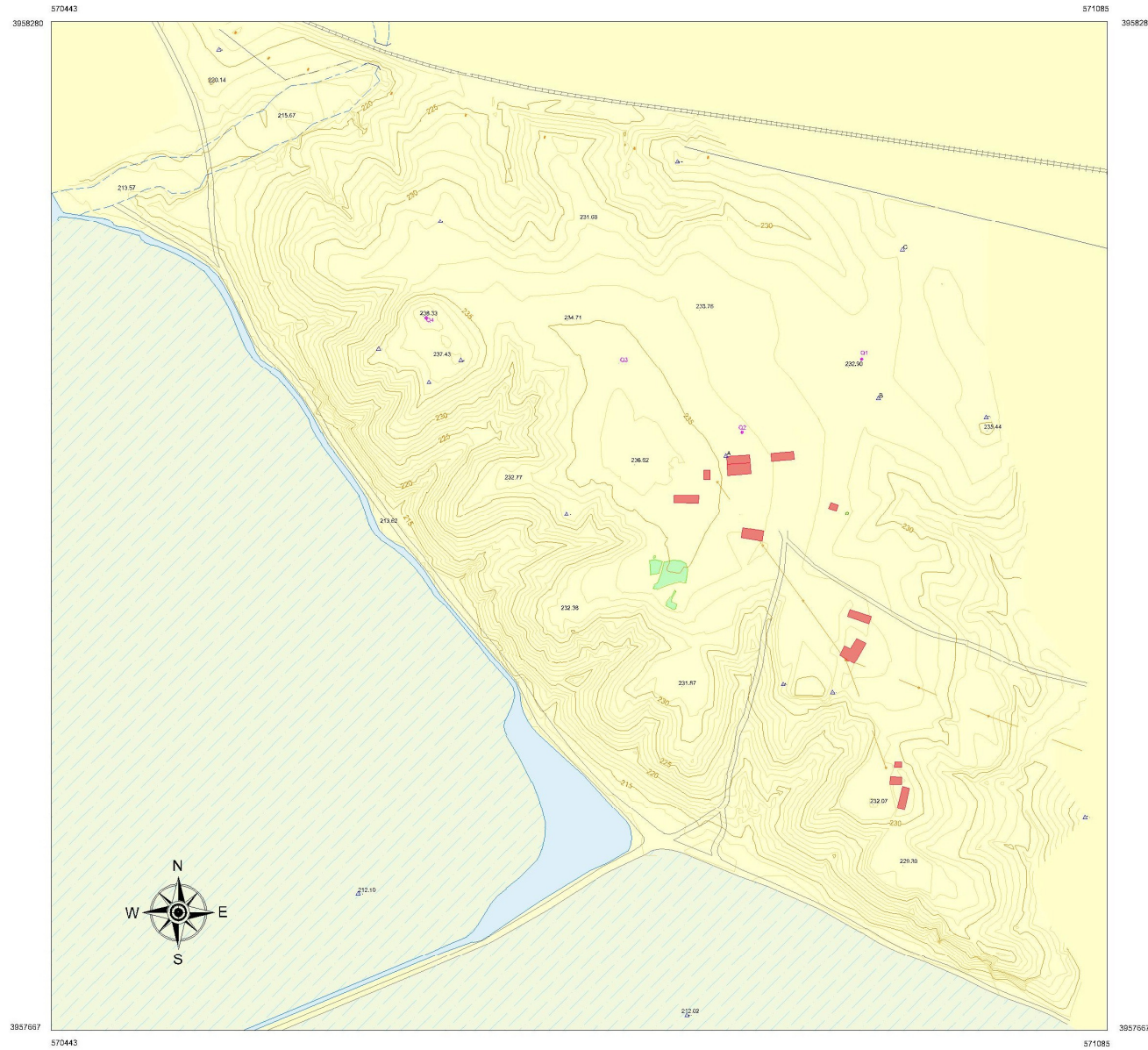
Fig. C.12 – Perfil norte da quadricula X23 mostrando sucessão estratigráfica das Salas 3 e 4 (Eva Celdrán Beltrán / PAMES 2011).

APÊNDICE D - MAPAS



Mapa D.1 – Arqueossítios da Alta Mesopotâmia na Idade do Bronze Final (seg. Tenu, 2009: 348, Mapa 2; fundo de M. Sauvage).

UBICACIÓN ESTACIONES



LEYENDA

- Poste de luz
- Torre eléctrica
- Horno
- Puente sobre wadi
- Wadi
- Línea eléctrica
- Valla
- Camino de tierra
- Vía de tren
- Casas
- Jardín-huerto
- Paleomeandro
- Canal de regadío

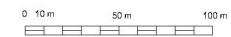
RELIEVE

- Punto de cota
- Curva de nivel
- Curva de nivel maestra
- Estaciones (clavos largos)
- Estaciones Fijas 2010

INFORMACIÓN CARTOGRÁFICA

Proyección U.T.M. Huso 37.
 Coordenadas expresadas en metros
 Elipsoide de referencia WGS84
 Coordenadas Cartesianas Geocéntricas (X,Y,Z)
 Altitudes ortométricas respecto al geode EGM96
 Equidistancia de curvas de nivel 1 m.

Escala 1:3500

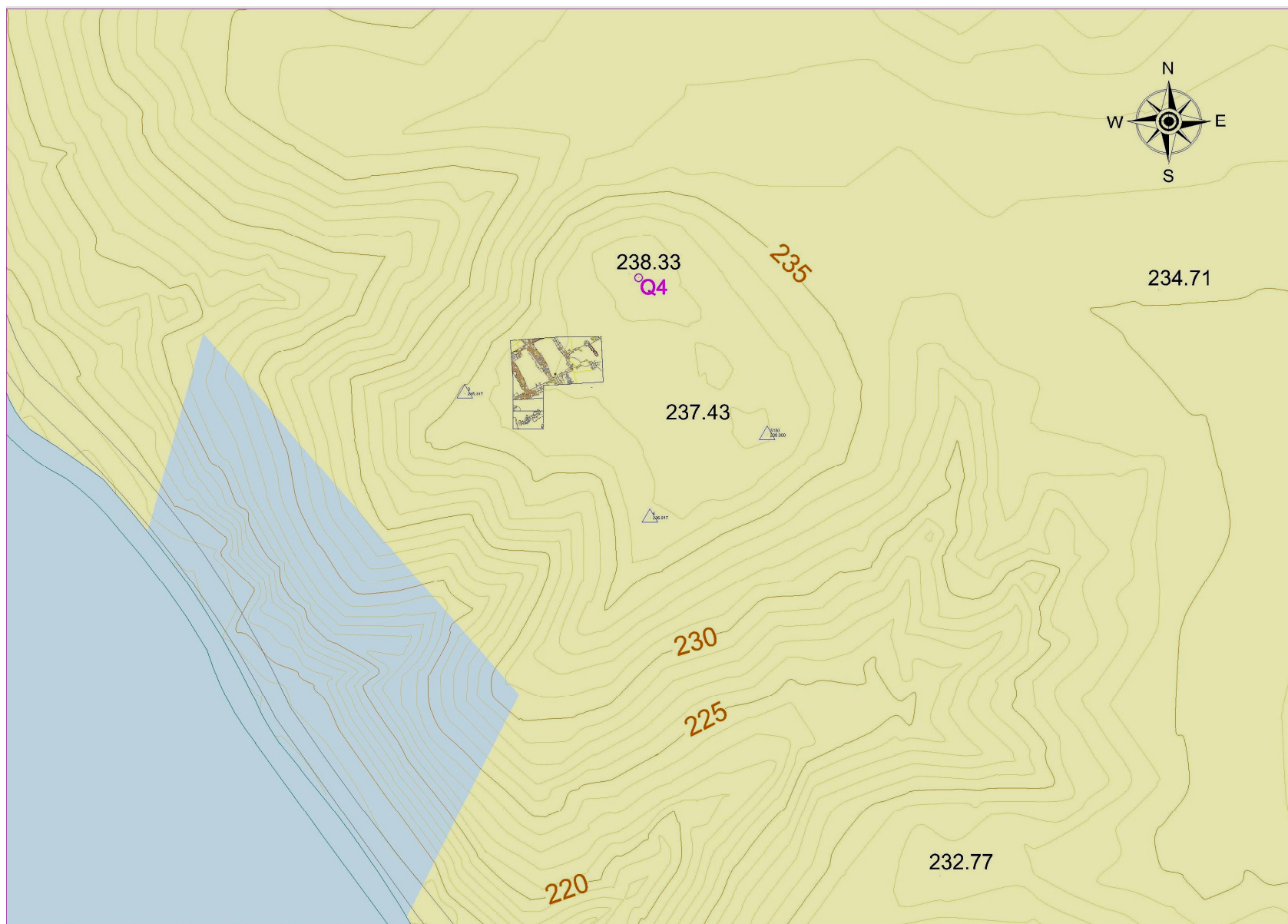


PROYECTO
 ARQUEOLÓGICO
 MEDIO ÉUFRAATES SIRIO

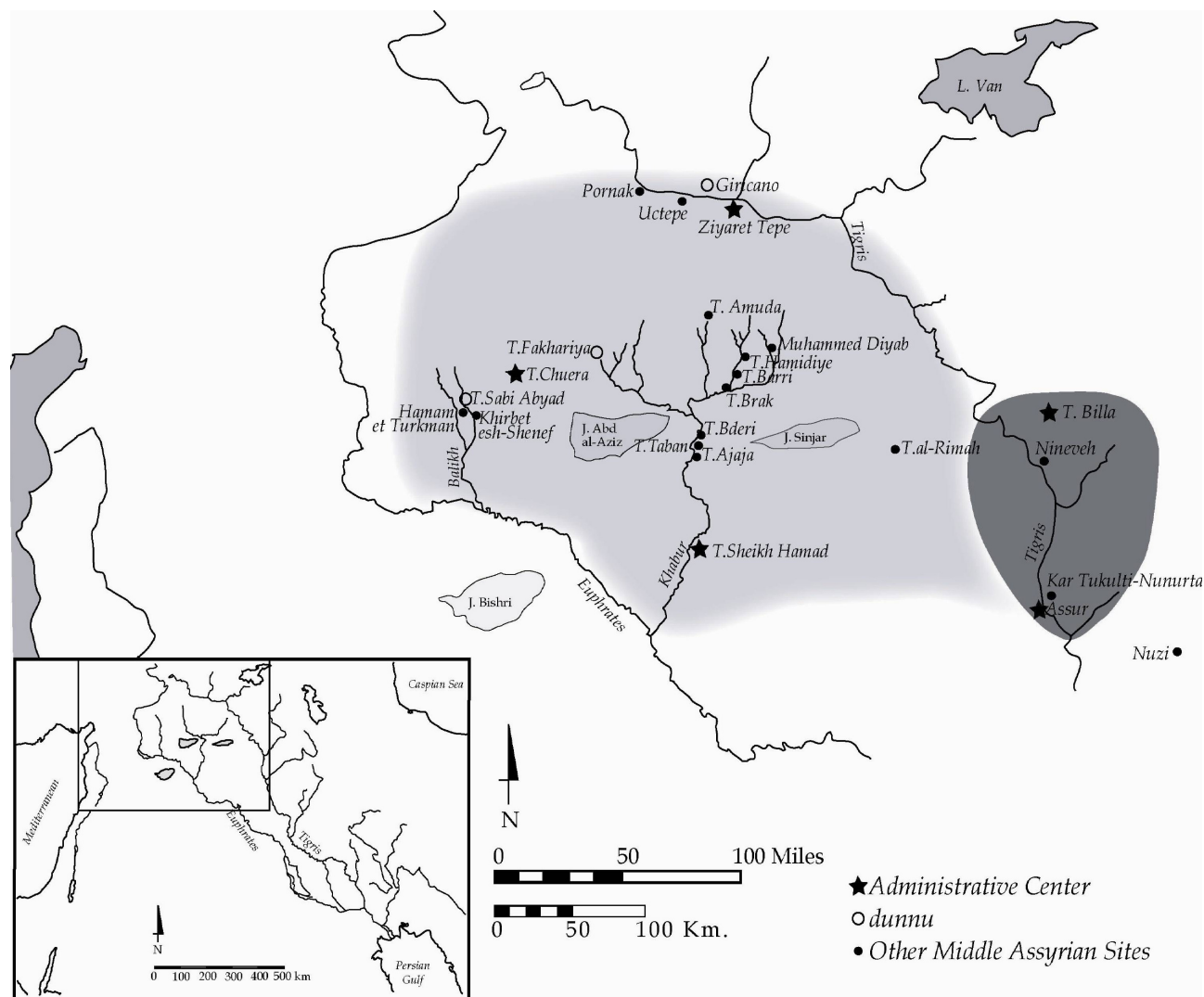
Tall Qabr Abū al-ʿAtīq

Fecha: Mayo 2010
 Topógrafos: Jon Uranga Aizpurua
 Ana Bermejo San Buenaventura

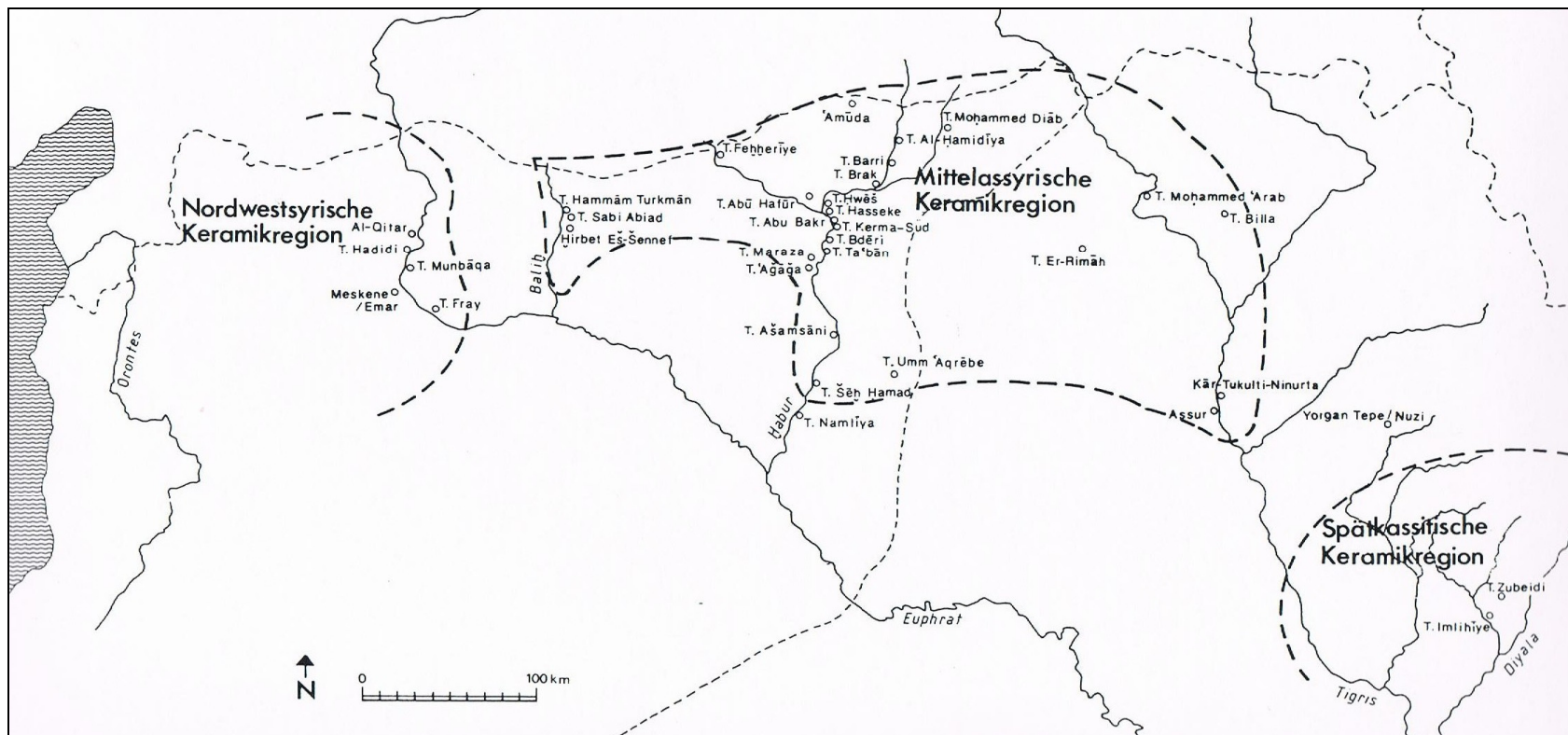
Mapa D.2 – Plano cartográfico de Tall Qabr Abū al-ʿAtīq.



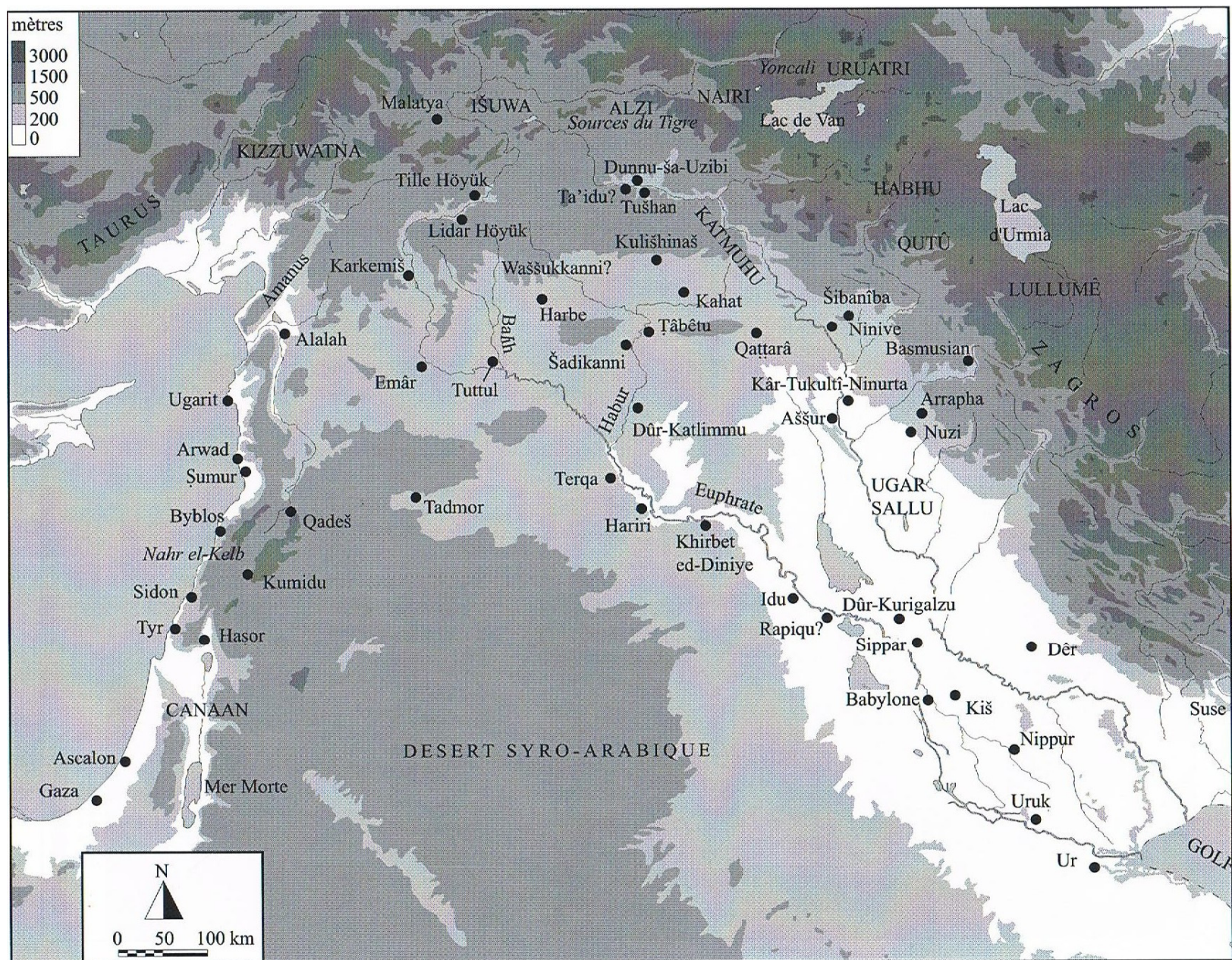
Mapa D.3 – Localização da área escavada na colina principal de Tall Qabr Abū al-ʿAtīq.



Mapa D.4 – Mapa do Reino da Assíria na segunda metade do século XIII (seg. Szchuman, 2007: 211, fig. 2).



Mapa D.5 – Distribuição da cerâmica meso-assíria nos séculos XIII-XII a.C., segundo os dados disponíveis até 1995 (seg. Pfälzner, 1995: fig. 136).



Mapa D.6 – O Próximo Oriente Antigo no período meso-assírio (seg. Tenu, 2009: 347, Mapa 1; fundo de M. Sauvage).

APÊNDICE E - LISTAS DE REINADOS

N.B.: Quando se apresentam duas datas alternativas, estas correspondem, respectivamente, aos sistemas convencionais da Cronologia Alta e da Cronologia Baixa.

Reis da Assíria (seg. TENU, 2009: 323)⁴¹.

Puzur-Aššur III	1521-1498	
Enlil-nāšir I	1497-1485	
Nûr-ili	1484-1473	
Aššur-šaduni	1473	
Aššur-rābi I	1472-1453	
Aššur-nādin-aḥḫē I	1452-1430	
Enlil-nāšir II	1430-1425	
Aššur-nērārī II	1424-1418	1414-1408
Aššur-bēl-nišēšu	1417-1408	1407-1399
Aššur-rēm-nišēšu	1408-1401	1398-1391
Aššur-nādin-aḥḫē II	1400-1391	1390-1381
Erība-Adad I	1390-1364	1380-1354

⁴¹ A normalização da transcrição dos nomes em dialecto assírio do acádio, que procura ser o mais fiel à língua original e coerente possível, é do autor. Foi consultada, quando necessário, a obra de HUEHNERGARD (2005). Em alguns casos específicos, abdicou-se forçosamente deste critério em prol do conforto de leitura, mantendo-se a forma consagrada na historiografia – é exemplo a preferência por Tiglat-Pilešar, versão em hebraico bíblico do nome do soberano Tukultī-apil-Ešarra, «A minha confiança é do filho de Esharra».

Aššur-uballiṭ I	1362-1328	1353-1318
Enlil-nērārī	1327-1318	1317-1308
Arik-dīn-ili	1317-1306	1307-1296
Adad-nērārī I	1305-1274	1295-1264
Šalmānašar (<i>Šulmānu-ašarēdu</i>) I	1273-1244	1263-1234
Tukultī-Ninurta I	1243-1207	1233-1197
Aššur-nādin-apli	1206-1203	1196-1193
Aššur-nērārī III	1202-1197	1192-1187
Enlil-kudurrī-ušur	1196-1192	1186-1182
Ninurta-apli-Ekur	1191-1179	1181-1169
Aššur-dān I	1178-1133	1168-1133
Ninurta-tukultī-Aššur	1133	
Mutakkil-Nusku	1133	
Aššur-rēša-iši I	1132-1115	
Tiglat-Pilešar (<i>Tukultī-apil-Ešarra</i>) I	1114-1076	
Ašarēd-apil-Ekur	1075-1074	
Aššur-bēl-kāla	1073-1056	
Erība-Adad II	1055-1054	
Šamši-Adad IV	1053-1050	
Aššurnāširpal (<i>Aššur-nāšir-apal</i>) I	1049-1031	
Šalmānašar (<i>Šulmānu-ašarēdu</i>) II	1031-1020	

Aššur-nērārī IV

1019-1014

Aššur-rābi II

1013-973

Reis do Mitanni (seg. TENU, 2009: 326).

Parrattarna séc. XV (c. 1480 ?) a.C.

Kirta

Šuttarna I

Parsatatar

Sauštatar

(Parattarna II ?)

Artatama I séc. XIV a.C.

Šuttarna II

Artasumara

Tušratta

Artatama II

Šuttarna III

Šattiwaza

Šattuara I séc. XIII a.C.

Wasašatta

Šattuara II

Reis do Hatti – «Império Novo» (seg. Bryce, 1998: xv)

Tudhaliya I/II

Arnuwanda I 1400–1350

Hattusili II?

Tudhaliya III

Suppiluliuma I 1350–1322

Arnuwanda II 1322–1321

Mursili II 1321–1295

Muwattalli II 1295–1272

Urhi-Teshub 1272–1267

Hattusili III 1267–1237

Tudhaliya IV 1237–1228

Kurunta 1228–1227

Tudhaliya IV 1227–1209

Arnuwanda III 1209–1207

Suppiluliuma II 1207–